UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

O SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS URUGUAIO

DA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL - URUGUAI

Silvia Etel Gutiérrez Bottaro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Neide T. Maia González

São Paulo
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Un homenaje a todas las madres
que por ser madres
se abandonan
a la vida
a la ciencia
al amor...

A mi familia
A mi hermana Chiqui
A mi hijita, mi cielo, mi sol
A mi compañero de vida

AGRADECIMENTOS

Em especial à minha querida orientadora Neide Maia González, por ter me acolhido sob sua orientação nestes dez anos de pesquisa, pela sua dedicação, paciência, disponibilidade, pelo seus comentários e sugestões e, sobre tudo, pela sua compreensão e confiança a mim dispensados.

À Profa. Mirta Groppi, pelas suas valiosas sugestões e criticas que ajudaram a construir a minha dissertação e agora a minha tese.

Às Profas Marli Quadros Leite, Regina Helena P. de Britto e Rosa Yokota, membros titulares da Banca Examinadora, muito obrigada pela colaboração neste processo.

À minha querida irmã Chiqui, pela sua luz, força e ajuda irrestrita.

À minha querida amiga e colega, Cris, pela força de sempre e preocupação para comigo, meu trabalho e minha filha, até o último momento.

À Ana e Marina, pela amizade e carinho e por terem acolhido em muitos momentos a minha filha para que eu pudesse continuar.

À minha querida amiga Luiza, pela sua amizade de sempre e força.

A meus queridos pais, pelo seu eterno amor e compreensão para comigo e, sobretudo, pelos ensinamentos de garra e luta.

A meus dois grandes amores, minha Aninha que nasceu junto com esta tese, e meu Paulo querido por acreditar sempre em mim e pela sua ajuda incondicional e, sobretudo por terem aprendido a conviver com minha ausência-presencia.

RESUMO

Na presente pesquisa estudamos o comportamento do sujeito pronominal no português uruguaio (PU) falado na região de fronteira entre Brasil e Uruguai (Santana do Livramento–Rivera). Associando alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), mais especificamente o Parâmetro do Sujeito Nulo (*pro-drop*), e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), analisamos uma amostra de língua oral composta de falas de 37 informantes, investigando as seguintes questões: (1) no português uruguaio teríamos uma mudança linguística em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo, de modo que ele venha a se tornar um sujeito pronominal pleno?; (2) quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessa produção e em que direção vai essa tendência, português brasileiro (PB) ou espanhol (E)? A análise dos fatores sociais e linguísticos selecionados permitiu observar que o PU também passa por um processo de mudança paramétrica, ainda que mais lenta, devido ao fato de estar submetido à pressão simultânea de duas línguas, e se apresenta como uma língua em que, em alguns contextos, a realização do sujeito pronominal é plena e, em outros, ainda conserva as características das línguas *pro-drop.* Confirma-se, ainda, que essa disputa não está terminada, embora haja indícios nos dados da geração mais nova de que as regras do espanhol vêm ganhando alguma força, talvez pela pressão da escola e dos meios de comunicação. Tudo indica, então, que a base do PU é o PB, porém algumas características do E estão presentes nesse aspecto da gramática. A análise realizada confirma a maior parte das hipóteses iniciais e dá indícios de que o PU e o PB poderiam configurar-se como duas línguas distintas, da mesma forma que o PB e o PE, como aponta Galves (1998), isto é, tudo parece indicar que, mesmo quando os enunciados superficialmente se parecem, a língua interna (Língua-I) seria diferente e os enunciados dos falantes teriam estatutos diferentes, algo que, no entanto, será necessário demonstrar com um outro modelo de coleta de dados, de natureza mais introspectiva.

Palavras-chave: sujeito pronominal, (parâmetro do) sujeito nulo (*pro-drop*), gramática gerativa, sociolinguística variacionista

ABSTRACT

In this research we study the behavior of the pronominal subject in the Uruguayan Portuguese language (PU) spoken in the border region between Brazil and Uruguay (Santana do Livramento-Rivera). Associating some assumptions from the Theory of Principles and Parameters (CHOMSKY, 1981), specifically the Null Subject Parameter (*pro-drop*), and from the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV and HERZOG, 1968), we analyze a sample of spoken language consisting of 37 informants, in order to investigate the following questions: (1) would we have in the Uruguayan Portuguese language a language change in progress with regard to the Null Subject Parameter, so that it will become a full pronominal subject? (2) what are the linguistic factors and social conditions of production and in which direction will this trend, Brazilian Portuguese (BP) or Spanish (E)? The analysis of social factors and selected language programs suggests that the PU is also undergoing a process of parametric change, albeit slower, due to the fact of being subjected to the pressure of two languages simultaneously, and is presented as a language that, in some contexts, the performance of the pronominal subject is full, and in others it still retains the characteristics of *pro-drop* languages. It is also confirmed that this dispute is not over, although there are indications in the data of the younger generation that the rules of Spanish are gaining some strength, maybe due to the pressure of school and the media. The analysis confirms most of our initial hypothesis and provides evidence that the PU and CP could be framed as two distinct languages, in the same way as the PB and PE, as appointed by GALVES (1998), that is, everything seems to indicate that, even when the statements superficially resemble, the internal language (Language I) would be different and the production of the speakers would have different statutes, something which, however, would just be demonstrated by means of another more introspective model of data collection.

Key-words: subject pronouns, Null subject parameter (pro-drop), generative grammar, variational sociolinguistics.

RESUMEN

En este trabajo se estudia el comportamiento del sujeto pronominal en el portugués uruguayo (PU), hablado en la región fronteriza entre Brasil y Uruguay (Santana do Livramento – Rivera). Asociando algunos presupuestos de la Teoría de Principios y Parámetros (Chomsky, 1981) y de la Sociolingüística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), analizamos una muestra de lengua oral compuesta por 37 informantes, investigando lo siguiente: (1) en el portugués uruguayo hay también un cambio lingüístico en curso en lo que se refiere al Parámetro del Sujeto Nulo, de manera tal que venga a tornarse un sujeto pronominal pleno? (2), cuáles son los factores lingüísticos y sociales condicionantes de esa producción y en qué dirección va esa tendencia: portugués brasileño (PB) o español (E)? El análisis de los factores sociales y lingüísticos seleccionados nos permitió observar que el PU también está pasando por un proceso de cambio paramétrico, aunque más lento por el hecho de que está sometido a la presión simultánea de dos lenguas, y se presenta como una lengua en la que, en algunos contextos, la realización del sujeto pronominal es plena y, en otros, conserva aún las características de las lenguas *pro-drop*. Se confirma, aún, que esta disputa no está terminada, aunque los datos de la generación joven sugieren que las reglas del español se están fortaleciendo, quizás por la presión que reciben los niños en la escuela o por el aumento de los medios de comunicación en la región en los últimos años. Todo parece indicar, que la base del PU es el PB, sin embargo, algunas características del E están presentes en ese aspecto gramatical. El análisis realizado confirma la mayor parte de las hipótesis iniciales y sugiere que PU y PB podrían configurarse como dos lenguas diferentes, de la misma manera que el PB y el PE, de acuerdo con Galves (1998), es decir, todo parece indicar que, aun cuando los enunciados superficialmente se parezcan, la lengua interna (Lengua –I) sería diferente, y los enunciados de los hablantes tendrían estatutos diferentes, algo que, deberá demostrarse con otro modelo de recolección de datos, de naturaleza más introspectiva.

Palabras –claves: sujeto pronominal, (parámetro del) sujeto nulo (*pro-drop*), gramática generativa, sociolingüística variacionista.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO 12

1. OBJETIVOS 15

2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 18

2.1. Os dados coletados 19

2.1.1. A transcrição das entrevistas 20

2.2. A seleção dos dados para análise 21

2.3. Grupos de fatores considerados para a análise dos dados lingüísticos e extralinguísticos 21

2.3.1. Fatores linguísticos 21

2.3.2. Fatores extralingüísticos 24

CAPÍTULO I

O Continuo sócio-histórico e linguístico da fronteira Brasil – Uruguai 28

1. Panorama Sócio-Histórico 28

1.2. Caracterização sociolinguística da região fronteiriça 36

CAPÍTULO II

O continuo lingüístico: mescla, DPU, interlíngua, entreberado, portunhol, brasilero ou português uruguaio? 33

1.1. Primeiras incursões no tema: afinal, o que é essa mescla linguística? 33

1.2. O nosso percurso atual no tema: o contínuo linguístico a luz do psicológico e social e a representação do sujeito pronominal no português uruguaio 37

1.2.1. Língua e dialeto 38

CAPÍTULO III

Entrelaçando o social ao psicológico 45

1.1. Variação e mudança linguística 45

1.2. O programa de investigação da Gramática Gerativa 47

1.3. A Gramática Universal 52

1.4. A teoria de Princípios e Parâmetros (TPP) 56

1.5. O Parâmetro do Sujeito nulo no Português Brasileiro 56

1.6. O Parâmetro do Sujeito Nulo no Espanhol 58

CAPÍTULO IV

Análise lingüística dos pronomes sujeito no português

Uruguaio 65

1. Os fatores linguísticos 66

1.1. A pessoa gramatical 66

1.2. O modo e o tempo verbais 88

1.3. O sujeito nulo e pleno e as desinências verbais 94

1.3.1. As desinências de morfema zero 96

1.3.2. As desinências distintivas 98

1.4. Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP) 99

1.5. A estrutura do sintagma complementizador (CP) 102

1.6. Presença de elementos entre o verbo e o especificador do sintagma flexional 105

1.7. O sujeito de traço semântico [+/- animado] 108

1.8. As condições de referência 110

1.9. Sujeitos deslocados à esquerda 113

2. Sujeitos de referência indeterminada 114

3. Discussão dos resultados 118

3.1. Os fatores extralinguísticos x os fatores linguísticos 121

4. Respostas às questões propostas 125

Considerações finais 133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 135
ANEXOS 141
1. Anexo 1: Mapa da Fronteira Brasil – Uruguai 141
2. Anexo 2: Transcrição das entrevistas 142

ÍNDICE DE QUADROS

1. Quadro 1: Grupos de informantes da cidade de Rivera 19
2. Quadro 2: Paradigmas Pronominais e Flexionais do PB 56
3. Quadro 3: Paradigma verbal e flexional do Espanhol 59
4. Quadro 4: Paradigma Pronominal e Flexional do PU 95

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

1. Tabela 1**:** Pronomes sujeito plenos e nulos 66
2. Gráfico 1: Frequência de pronomes sujeito pleno 67
3. Tabela 2: Sujeito pleno e nulo *Eu* segundo o grupo idade 71
4. Gráfico 2**:** Sujeitos nulos e plenos segundo o grupo idade 71
5. Gráfico 2.1: Sujeito *Eu* segundo grupo idade 72
6. Tabela 2.1: Sujeito *Eu* segundo o grupo sexo 73
7. Gráfico 2.2 - Sujeito *Eu* segundo grupo sexo 73
8. Tabela 3. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo idade 76
9. Tabela 3.1. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo sexo 77
10. Gráfico 3. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo.....77
11. Gráfico 3.1. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo.....78
12. Tabela 4. - Sujeito pleno e nulo de 2ª pessoa singular segundo o grupo idade 80
13. Gráfico 4.1. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo 80
14. Gráfico 5. - Freqüência de uso 1ª pessoa plural.....82
15. Tabela 5. - Sujeito pleno e nulo de 1ª pessoa plural segundo o fator idade ...83

16. Gráfico 5.1. - 1ª pessoa plural segundo fator idade 84
17. Gráfico 5.2. - 1ª pessoa plural segundo fator sexo 85
18. Tabela 6. – A expressão *A gente* segundo o fator idade 87
19. Tabela 7. – O presente e o pretérito do MI segundo o fator idade 88
20. Gráfico 7.1. – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI 91
21. Tabela 7.2. – O presente e pretérito do MI segundo o fator idade 92
22. Tabela 7.3. – O presente e pretérito do MI segundo o fator sexo 93
23. Tabela 7.4. – O presente e pretérito do MS segundo o fator sexo 93
24. Tabela 8. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero segundo o fator idade 97
25. Tabela 8.1. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero 1ª pessoa plural segundo o fator idade 98
26. Tabela 8.2. – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais segundo o fator idade 99
27. Tabela 9. – O sujeito nulo e pleno e elementos adjuntos (IP) segundo o fator idade 100
28. Tabela 9.1 – O sujeito nulo e pleno e elementos adj. (IP) segundo o fator sexo 101
29. Tabela 10. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator idade.103
30. Tabela 10.1. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator sexo segundo o fator sexo 104
31. Tabela 11. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator idade 106
32. Tabela 11.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator sexo 107
33. Tabela 12. – Os sujeitos indeterminados segundo o fator idade 116
34. Tabela 12.1 – Os sujeitos indeterminados segundo o fator sexo 116
35. Gráfico 12.3 – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI 117

INTRODUÇÃO

O contínuo linguístico observado na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai, como resultado da situação de contato entre o português brasileiro (doravante PB) e o espanhol (doravante E), deu lugar a fenômenos linguísticos que afetam as duas línguas em todos os níveis. Entre os fenômenos que derivaram dessa situação de contato, podemos citar: o bilinguismo, a diglossia, o *code switching* e, sobretudo, a formação de uma variedade híbrida, conhecida popularmente como "brasilero", "portunhol", "entreberado", "rompidiomas" ou, como é denominada cientificamente, "dialetos portugueses do Uruguai" (DPU) ou "português uruguaio" (PU). Em Gutiérrez Bottaro (2002), na análise dos aspectos gramaticais observamos que o PU apresenta o fenômeno da mescla linguística, devido à variabilidade fonético-fonologica e morfossintática como consequência do contato do PB e E. Atribuímos esta variabilidade presente no PU a diversos fatores, entre eles à situação político-social dessa variedade na comunidade e à base portuguesa que também apresenta variabilidade.

No presente trabalho, procuramos dar continuidade ao nosso estudo da mescla linguística observada no PU falado, especificamente, na cidade de Rivera (Uruguai), fronteira com a cidade de Santana do Livramento (Brasil). Dado que a variabilidade linguística se deve ao uso alternado de parâmetros de duas línguas, nosso estudo nos levou a procurar uma linha de pesquisa mentalista para entender melhor a alternância de parâmetros do PB e do E produzida pelos falantes do PU. Na análise morfossintática que realizamos em estudo anterior, podemos constatar que os falantes do PU alternam mais as formas pronominais, o que nos levou a investigar, à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), as propriedades linguísticas que elas apresentam em posição de sujeito no PU.

Como se sabe, o PB está com uma mudança paramétrica em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito nulo, uma vez que apresenta cada vez mais sujeitos preenchidos em contextos nos quais a ausência de pronomes é

obrigatória nas línguas de sujeito nulo prototípicas (como o português europeu, italiano e o espanhol). Partindo de que a base linguística do PU é o PB, nos perguntamos se o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB e investigamos se no PU há também uma mudança linguística em curso quanto à realização do Parâmetro do Sujeito.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos um panorama sócio-histórico do continuo linguístico da fronteira Brasil-Uruguai, para entender as causas sociais e políticas que propiciam e favorecem a variabilidade de paradigmas no PU. Nesse mesmo capítulo, descrevemos brevemente a situação linguística atual e o que apontam as pesquisas linguísticas e sociolinguísticas ali realizadas.

No capítulo 2, descrevemos as nossas primeiras incursões no tema, na qual apresentamos uma síntese da nossa investigação a respeito do fenômeno da mescla linguística presente na região. Também nesse capítulo, descrevemos o nosso percurso atual na investigação e adentramos na questão de como classificar a variedade falada na fronteira: trata-se de uma língua ou de um dialeto? Para responder a esta questão, fizemos um levantamento do que apontam diversos autores[1] e concluímos, conforme Carvalho (2003), que a distinção realizada pela maioria dos autores é mais social do que linguística. A partir dessa autora, passamos a classificar o português falado na região como português uruguaio.

No capítulo 3, procuramos entrelaçar o social ao psicológico, descrevendo primeiramente os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOR e HERZOG, 1968), e os conceitos de variação e mudança linguística para, depois, apresentar o programa de investigação da Gramática Gerativa, a Gramática Universal e o quadro teórico dos Princípios e Parâmetros. Em seguida, procuramos verificar como se realiza o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e no E.

No capítulo 4, partimos para a análise linguística da nossa amostra, procurando observar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes

[1] Raposo (1984), Alvar (1961), Moreno Fernández (1997), Tarallo & Alkmin (1987) e Dubois et alli (1978).

pessoais em posição de sujeito no PU. Baseados na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), analisamos o preenchimento e não preenchimento dos pronomes sujeito, determinando quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessas realizações. Na a análise quantitativa, utilizamos o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 15* (SPSS®), para calcular as porcentagens e média de uso. Para saber se algum dos fatores extralinguísticos selecionados (idade e sexo) estaria favorecendo a regra do preenchimento ou apagamento do sujeito, aplicamos o Teste ANOVA.

1. OBJETIVOS

Na presente pesquisa, pretendemos dar continuidade ao estudo do português uruguaio, especificamente a variedade falada na cidade de Rivera (Uruguai), que faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento, propondo-nos os seguintes objetivos:

1. Objetivo geral

1.1. investigar como um dos modelos da Gramática Gerativa, a Teoria de Princípios e Parâmetros, pode explicar a variabilidade de parâmetros presentes na gramática do português uruguaio (daqui em diante PU).

2. Objetivos específicos

2.2.1. À luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, investigar que propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU.

2.2.2. Associando alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOR e HERZOG, 1968), investigar se no português uruguaio está havendo também uma mudança linguística em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo, de modo a que ele venha a se tornar um sujeito pronominal preenchido.

2.2.3. Analisar, na amostra de língua oral que coletamos, composta de entrevistas feitas pela pesquisadora a 37 informantes, o preenchimento e não preenchimento do sujeito e, assim, determinar quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessa produção e em que direção vai essa tendência (PB ou E).

2.1. Perguntas e Hipótese da Pesquisa

Assumindo aqui que o E é uma língua de sujeito nulo prototípica e o PB uma língua de sujeito nulo parcial (apresenta sujeitos nulos em contextos específicos)[2], perguntamo-nos:

1. Que tipos de sujeitos apresentam os falantes do PU?
2. Qual dos dois parâmetros está mais presente no PU? Ou haveria nesse português um outro tipo de marcação paramétrica?
3. Partindo de que a base linguística do PU é o PB, e com o resultado da análise dos fatores linguísticos e sociais de que já dispomos, é possível dizer que o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB (conforme atestam estudos aos quais faremos referência mais adiante)?
4. Será que os uruguaios falantes do PU e os brasileiros falam duas línguas distintas?

A nossa hipótese fundamental é de que, mesmo que o PB e o PU apresentem estruturas linguísticas semelhantes, trata-se de duas línguas distintas, pois possuem gramáticas diferentes. Nesse sentido, defendemos que, se o PU parametriza de maneira diferente o sujeito nulo, pode ser considerado como outra língua, distinta das duas línguas (com suas variedades) que lhe deram origem: PB e E.

Galves (1998) defende a tese de que o PB e o PE são línguas diferentes a partir da distinção realizada por Chomsky (1985) de Língua-Externa (Língua-E) e Língua-Interna (Língua-I). Para Chomsky (1985, apud GALVES, 1998:80) a Língua-E é "a totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade de

[2] No capítulo teórico deste trabalho definiremos o Parâmetro de Sujeito Nulo e apresentaremos com detalhes as características de uma língua de sujeito nulo prototípica e de uma língua de sujeito nulo parcial.

fala". A Língua-I é "o saber que as pessoas têm da língua, que lhes permite não só falar e entender essa língua". Para a autora, o que diferencia uma língua de outra seria justamente a língua interna. A autora define a gramática de uma língua como "o estado do saber lingüístico dos falantes que têm essa língua como materna". O saber linguístico dos falantes é a parametrização da faculdade da linguagem, ou da gramática universal (GU). Assim, segundo Galves, **para que duas línguas internas sejam consideradas distintas**[3], na sua parametrização deve haver **pelo menos um parâmetro fixado de maneira diferente**[4]; basta que possuam duas ordens de coerência distintas e que não possam ser produzidas por um mesmo conhecimento linguístico (GALVES, 1998:91).

No caso do PU, conforme constatamos em Gutiérrez Bottaro (2002), os índices de sujeitos preenchidos na 1ª pessoa são altos, próximos aos encontrados no PB. Entretanto, acreditamos que possue uma gramática interna diferente do PB. Como os falantes dos PU são bilíngues e possuem como segunda língua o espanhol, acreditamos que muitos aspectos do parâmetro do sujeito nulo que vêm mudando no PB ainda resistem no PU pelo contato com o espanhol, língua de sujeito nulo prototípica.

[3] Grifo nosso.
[4] Grifo nosso.

2. METODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para cumprir com os objetivos propostos neste estudo, seguimos as seguintes etapas:

1. Revisão bibliográfica dos estudos de aquisição da linguagem à luz do Gerativismo, contemplando a Teoria de Princípios e Parâmetros, e a Sociolinguística Variacionista.

2. Análise quantitativa dos dados coletados, codificados segundo variáveis linguísticas e sociais e submetidos ao pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, SPSS, versão 15.0 para Windows.

3. Análise da diferenças percentuais (DP) para observar o índice de variabilidade quanto ao emprego das formas plenas e nulas junto aos fatores linguísticos analisados. Com esta técnica calculamos a diferença percentual (DP) de emprego de sujeitos nulos e plenos com um mesmo fator lingüístico. Quanto **menor for a diferença percentual (DP), maior será a variabilidade**; e quanto **maior for a DP**, **menor será a variabilidade**. Por exemplo: registramos 52% de uso de pronomes sujeito plenos e 47% de pronomes sujeito nulo, a diferença percentual será de 6 % (DP = 53 – 47 = 6%). O fator linguístico pessoa gramatical no PU apresentou uma diferença percentual 6% no emprego das formas plenas e nulas. Este índice está mostrando que há uma grande variabilidade no emprego de todas a pessoas gramaticais do paradigma PU (ELIZAINCÍN, BEHARES E BARRIOS, 1987).

4. Análise linguística qualitativa dos sujeitos nulos e plenos que aparecem na amostra de que dispomos.

2.1. Os dados coletados

Contamos com um *corpus* do PU coletado e transcrito, previamente utilizado na nossa pesquisa de Mestrado, a respeito da qual falaremos um pouco mais adiante, de modo a deixar claro de que forma chegamos a formular este trabalho. A amostra do PU, coletada na cidade uruguaia de Rivera, está composta por entrevistas feitas pela pesquisadora com 37 informantes, de ambos os sexos, que foram selecionados segundo três grupos de idade: (A) menos de 25 anos; (B) de 26 a 50 anos; e (C) de 51 anos em diante.

Essa amostra foi coletada por meio de gravações da fala de cada informante durante 15 a 20 minutos, durante os quais a pesquisadora tratou de criar situações que promovessem a narrativa de experiências pessoais e estimulassem ações intergrupais. Para tanto, nos valemos de dois questionários: o primeiro para obter os dados pessoais do informante (sua história) e o segundo para fins de conversação e obtenção de informações sobre o uso do "portuñol" e sobre atitudes que o informante tem em relação à língua que fala (no caso dos informantes de Rivera).

A seguir, apresentamos o quadro com o número de informantes da nossa amostra:

Quadro de Informantes da cidade de Rivera

Grupo A (até 25 anos) **6 mulheres** **7 homens** **(NSE* D e C)** **Total informantes: 13 GA**	**Grupo B (26 a 50 anos)** **6 mulheres** **7 homens** **(NSE* D e C)** **Total informantes: 13 GB**	**Grupo C (de 51 anos em diante)** **7 mulheres** **5 homens** **(NSE* D ,C e B)** **Total informantes: 11 GC**

2.1.1.A transcrição das entrevistas

Como o PU falado na região não tem um sistema de escrita, a transcrição dos dados foi realizada, em Gutiérrez Bottaro (2002), conforme os estudos já realizados na área por Elizaincín, Behares e Barrios (1987). Transcrevemos em uma grafia aproximada à fonética do PU e marcamos foneticamente somente aqueles sons que resultam da interferência fônica do português ou espanhol ou da articulação específica dos PU:

1. As vogais foram transcritas normalmente, somente transcreveu-se a alternância **o~u** e **e~i**.
2. A consoante **b** alterna com o **v** muitas vezes.
3. O **t** e o **d** palatizados foram transcritos respectivamente: **[tži] [dši]**.
4. As sibilantes foram transcritas somente com **[s]** (surdo ou sonoro, respectivamente). Não se transcreveu com **c** e com **z**. Por causa do fenômeno da variabilidade que apresenta o PU, o **s** pode alternar também com o som de **x**; neste caso, transcrevemos o **s** com **[š]** que é o signo fonético que representa este som (p. ex.: quase = qua**š**e).
5. As consoantes pré-palatais fricativas do português **x**, **ch** são transcritas com **š** (p. ex.: deixar = dei**š**ar, fechar = fe**š**ar) e as consoantes **j** e **g** do português e o **ll** e o **y** do espanhol foram transcritos com **[ž]**. Não aparecem o **ll** nem o **y** do espanhol, pois, como se sabe, na região do Rio da Prata (Uruguai e algumas regiões da Argentina) esses fonemas são pronunciados como **[ž]** palatal fricativa sonora.
6. Os sons palatais **[l]** e **[n]** são transcritos como **lh** e **nh**, respectivamente. Por causa do fenômeno da variabilidade, **[l]** pode também alternar com **[x]**, e **[n]** com **[ng]**.
7. A consoante **r** vibrante múltipla transcrevemos como **[r]**.

Cabe ressaltar que, como as entrevistas que realizamos se dão em nível de conversação, optamos também por seguir as normas de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC/SP). (Ver anexo 3).

2.2. A seleção dos dados para análise

Como o nosso principal objetivo é investigar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU, foram selecionados e computados todos os tipos de sujeito de referência definida que aparecem na amostra. Para saber se o PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB, optamos por analisar alguns dos fatores linguísticos que, conforme aponta Duarte (1995, 2003), estariam condicionando o emprego de sujeito pleno no PB. Para conhecer todas as propriedades deste parâmetro no PU, incluímos também os casos de sujeito nulo considerado categórico no PB, como o utilizado em expressões fixas (*sei lá*), nas respostas afirmativas, casos de pronome lexical categórico modificado por um numeral ou quantificador, os sujeitos nulos com verbos epistêmicos ((*eu*) acho), os usos contrastivos e enfáticos e também as ocorrências de sujeito nulo nas orações coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes (cf. DUARTE, 1995). Cabe ressaltar que, como no PB as pesquisas têm observado uma tendência na realização dos sujeitos indeterminados com formas pronominais, optamos por verificar se este emprego está ocorrendo também no PU

2.3. Grupo de fatores considerados para a análise dos dados: linguísticos e extralinguísticos

2.3.1. Fatores linguísticos

Dentre os fatores lingüísticos, selecionamos para a análise uma **variável dependente** que será cruzada com **nove variáveis independentes** detalhadas a seguir:

A) Variável dependente: analisamos a **presença e ausência** do pronome sujeito, ou seja, a quantidade de pronomes de referência definida ou indeterminada, nulos ou plenos.

B) Variáveis independentes: as ocorrências de pronomes plenos ou nulos serão cruzadas com os seguintes fatores linguísticos:

1) A pessoa gramatical

Neste estudo, estamos observando quais pessoas gramaticais apresentam mais sujeitos nulos ou plenos. No quadro abaixo apresentamos alguns exemplos:

A presente pesquisa dá continuidade ao estudo do português uruguaio, especificamente a variedade falada na cidade de Rivera (Uruguai), que faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento, propondo-nos os seguintes objetivos:

2) O Modo e o Tempo Verbais

O modo e o tempo do PU foram observados a fim de ver se esses fatores são determinantes quanto ao uso do sujeito nulo ou preenchido. Duarte (2003:09) observou no PB que "o presente do indicativo favorece o preenchimento do sujeito". Este fato, segundo a autora, sugere que "formas verbais com flexões menos salientes constituem um contexto favorável à implementação do uso do sujeito preenchido".

3) O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais

No paradigma verbal (tempo e modo), procuramos observar a quantidade de morfemas distintivos e verificamos se o paradigma do PU apresenta um número de oposições reduzido conforme o PB ou um sistema flexional rico como o E.

4) Presença/ausência de elementos antes do sujeito pronominal

A presença de elementos antes do sujeito pronominal, como o sintagma complementizador (pronomes relativos e interrogativos) e conjunções subordinativas, favorecem, no PB, o preenchimento do sujeito (cf. DUARTE, 2003). Neste estudo, estamos verificando se também no PU a presença de pronomes relativos e interrogativos e conjunções antes do sujeito favorece o aparecimento do sujeito pronominal.

5) Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional

No PB, a presença de elementos adjuntos ao sujeito (topicalizações e adjuntos adverbiais) favorece o preenchimento do sujeito, enquanto a ausência de elementos favorece a presença de sujeito nulo (DUARTE, 2003).

6) Condições de referencia: referente sintaticamente acessível ou não acessível

Um referente sintaticamente acessível (em função de sujeito) favorece o sujeito nulo, enquanto um referente não acessível favorece o preenchimento. A respeito da expressão do sujeito no espanhol, Luján (1999), afirma que um antecedente distante ou em outra função ocasiona o aparecimento do sujeito pronominal e a manutenção da função favorece o uso do sujeito nulo. No PB também podemos observar este mesmo condicionamento (DUARTE, 2003).

7) O traço semântico do sujeito [+/-animado]

Os estudos do português, tanto do PE quanto do PB, têm mostrado um maior percentual de preenchimento dos sujeitos animados. O mesmo acontece com E, língua de sujeito nulo prototípica. Nesse sentido, observamos se no PU se

valem de pronomes plenos com o traço [+/-animado] e se quando empregam o pronome pleno com traço [-animado] o fazem conforme o E ou PB.

8) Sujeitos deslocados à esquerda

A mudança de parâmetro no PB tem trazido algumas conseqüências para outras áreas e, nesse sentido, este tipo de construção seria uma mostra clara de encaixamento lingüístico da mudança em curso. Os sujeitos deslocados à esquerda também são construções típicas do PB e ocorrem sem restrições (DUARTE, 2003). Em línguas de sujeito nulo, esta construção não e possível de ser encontrada. Neste caso, o PB assemelha-se ao francês, língua de sujeito pleno, na qual também é frequente o emprego desta estrutura (PONTES, 1987, BRAGA e MOLLICA 1985, 1986, DUARTE,1987, DUARTE, 2003). Na nossa amostra procuramos observar se o PU produz também este tipo de construções dado que conforme Duarte, 2003 "são exclusivas das línguas não *pro-drop"*.

9) Sujeitos de referência indeterminada

O PB tem apresentado a realização de sujeitos de referencia indeterminada com formas pronominais nominativas, "você", "a gente", "eles," em detrimento do uso de "se" e o baixo emprego das formas "tu" e "nós" (DUARTE, 1995, 2000, 2003). Em relação ao PU, as formas mais usadas são a forma "um" ou "um", que provêm do espanhol *uno*; ainda se valem muito da forma *se* (índice de indeterminação do sujeito), conforme o paradigma do E, e da forma "a gente" conforme o P. Vejamos alguns exemplos:

2.3.2. Fatores Extralingüísticos

As variáveis extralinguísticas, sobretudo as sociais, são capazes de determinar a variação até onde o permite o sistema da língua. As variáveis sociais

que exercem uma maior influencia sobre a variação lingüística são o sexo, a idade, o nível de escolaridade, o nivel sócio-cultural e a etnia. (MORENO FERNANDEZ, 1997)

Para observar o comportamento linguístico dos falantes do PU em relação ao parâmetro do sujeito nulo escolhemos dois fatores sociais como possíveis condicionadores: o sexo e a idade. Com a variável sexo, segundo a sociolinguística, podemos observar o comportamento dos homens e mulheres em relação a uma mudança lingüística. As mulheres, geralmente, são mais sensíveis às normas de prestigio do que os homens. Entretanto, quando se trata de adotar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres têm uma atitude mais conservadora e os homens passam a liderar o processo de mudança. (PAIVA, 2003:36)

López Morales (1992, APUD MORENO FERNÁNDEZ, 1997:37) propôs um principio geral para interpretar a diferença entre a fala dos homens e das mulheres: "en una estratificación sociolinguística estable, los hombres usan formas que no son estándares con mayor frecuencia que las mujeres, siempre que la variación se produzca en un nivel de consciencia dentro de la comunidad de habla."

As mulheres tendem a seguir os modelos de prestigio mais do que os homens pela falta de um lugar de destaque na sociedade o que faz com que as mulheres tenham que marcar seu status social através de uma conduta específica; outra razão que alegam os autores é que a educação costuma fazer com que as mulheres desempenhem uma função social seguindo as normas de conduta aceitas pela sociedade (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, APUD MORENO FERNÁNDEZ, 1997: 38).

A variável sexo correlacionada com outros fatores extralinguísticos ajudam a elucidar muitas questões a respeito da mudança linguisitica. Assim, Kemp (1979 APUD PAIVA,2003:39), no seu estudo sobre a variação no francês de Montreal, correlaciona o fator sexo com a idade e afirma que os homens e mulheres mais jovens possuem um comportamento lingüístico semelhante, enquanto que os homens e mulheres de mais idade tendem a apresentar mais diferenças entre eles. Oliveira e Silva & Paiva (1996, APUD PAIVA: 2003) ao correlacionar o fator

sexo com a variável mercado ocupacional observaram que este fator atua mais nos homens do que nas mulheres, uma vez que na faixa etária de 15 a 25 anos, os homens apresentam um processo de ajuste sócio-dialetal mais evidente. A variável mídia (a televisão, sobretudo) influencia de maneira mais notável as mulheres (na faixa etária acima de 50 anos) do que os homens. Contudo, conforme afirma Paiva (2003:40) todas essas diferenças entre homens e mulheres devem ser relativizada em função de cada grupo social considerado. Para realizar uma análise da variável sexo, devemos levar em conta também "a dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala".

A variável idade é o fator social que melhor pode determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. A idade, conforme o tempo vai passando, vai determinando e mudando a personalidade, os hábitos sociais das pessoas, inclusive os comunicativos e os linguísticos. Nesse sentido é possível distinguir na vida linguística de uma pessoa diferentes etapas (MORENO FERNÁNDEZ,1997).

Para o nosso estudo é importante a explicação realizada por Labov (1966, apud MORENO FERNÁNDEZ,1997:43) a respeito de como ocorre a aquisição das "normas da fala" da comunidade. Assim, conforme o autor, a primeira experiência lingüística das crianças, entre os 2 e 3 anos é o exemplo dos pais. Depois, entre os 4 e 13 anos, o modelo de fala passa a ser regulado pelo grupo de pré-adolescentes a que pertence a criança. É neste período que os padrões automáticos de produção lingüística são fixados. Na adolescência, o falante começa a adquirir um conjunto de normas de avaliação até que aos 17 ou 18 anos é consciente de seu próprio modo de falar e dos demais, assim como também os usos de mais prestigio. A aquisição das formas de mais prestígio é tardia, sobretudo nos grupos sociais com baixa escolaridade, e nesse sentido que é possível encontrar falantes de 30 ou 40 anos que ainda procuram reorientar o seu estilo e norma de prestigio e aproximá-los modelo padrão.

Conforme Naro (2003) as pessoas de maior idade são as que costumam preservar as formas mais antigas. Segundo este mesmo autor, "em toda língua no seu estado atual coexistem "formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a

mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo". (p.43)

Com a variável idade, procuramos observar se realmente está havendo um **processo de mudança** nos falantes do PU (divididos em três faixas etárias) ou uma situação de **variação estável**. Segundo Sherre (1988:427) a variação estável ocorre quando "o ápice das formas de prestígio é encontrado nas faixas etárias intermediárias devido às pressões do mercado de trabalho". Nesse sentido, se o PU apresenta um **processo de mudança**, o grupo dos mais jovens (Grupo A) tendera a usar a forma mais inovadora, o grupo dos mais velhos (Grupo C) apresentará um emprego das formas mais conservadoras e o grupo intermediário (Grupo B) tenderá a usar ambas as formas as conservadoras e as inovadoras.

CAPÍTULO I

O CONTÍNUO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

1.1. Panorama Sócio-Histórico[5]

A fronteira entre Brasil e Uruguai tem uma extensão aproximada de 1.000 Km. Nessa extensão existem cinco populações integradas por: Artigas-Quaraí, Rivera-Santana do Livramento, Aceguá-Aceguá, Rio Branco – Jaguarão e Chuí-Chuí (Ver mapa no anexo 1).

Santana do Livramento e Rivera têm em conjunto uma população de 160.000 mil habitantes e estão separadas (ou unidas) somente por uma avenida. Como consequência disso, são chamadas de cidades *gemela* (gêmeas), nas quais a integração humana, cultural e linguística é uma constante.

A situação lingüística atual da região nos remonta às disputas entre os reinos de Espanha e Portugal quanto ao domínio das diferentes regiões da América do Sul, refletindo-se na constante mudança das fronteiras geopolíticas.

No ano de 1494, foi assinado o Tratado de Tordesilhas, aumentando consideravelmente o território concedido aos portugueses, mas deixando a parte

[5] Este breve panorama é uma síntese do capítulo que trata sobre as raízes históricas da mescla linguística e social realizado por nós em Gutiérrez Bottaro (2002).

correspondente aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná nas mãos dos castelhanos.

Durante os séculos XVI e XVII, as mesmas regiões brasileiras e o nordeste do Uruguai foram dominados pelos portugueses, mediante as bandeiras e invasões da região hoje pertencente ao Uruguai, e culminando com a fundação da cidade de Colônia do Sacramento.

Entre 1816 e 1825, o território uruguaio foi ocupado por portugueses e, depois, por brasileiros. Segundo José Pedro Rona (1963:07),

> (…) esto significó no solamente un temporario predominio político sino también cierto grado de colonización puesto que algunos núcleos fueron estableciéndose en estas tierras procedentes, sobre todo del Sur del Brasil.

No século XIX, na década de 20, ocorre a anexação do território uruguaio por parte da Coroa Portuguesa, que passou a ser denominado Província Cisplatina. Em 1825, os portugueses são expulsos e proclama-se a independência do Uruguai.

A região fronteiriça, após a formação da República Oriental do Uruguai (1830), ficou praticamente em mãos dos brasileiros que a povoavam e administravam até juridicamente. Segundo o primeiro censo feito no Uruguai em 1860 (DGE do Uruguai, 1863), a população desse país era de 200.000 habitantes, sendo 40.000 brasileiros, localizados ao nordeste do país.

Segundo o historiador uruguaio Mena Segarra (1977), mais de 48.000 dos aproximadamente 185.000 Km2 do Uruguai eram propriedade dos súditos do Império do Brasil, divididos em 430 fazendas localizadas ao norte do Rio Negro.

Como solução para esses fatos, o governo uruguaio decidiu fundar cidades uruguaias em frente às brasileiras já existentes na linha fronteiriça. Estas são Cuareim, atual Artigas; Villa Artigas, atual Rio Branco; e Villa Ceballos, atual Rivera[6].

[6] Ver mapa em anexo 1.

A partir disso, a população da fronteira começou a receber colonos uruguaios, italianos e de outras origens, incentivados a isso pelo governo uruguaio. Também, a partir de 1880, fundaram-se escolas públicas com o Plano Nacional de Educação.

Segundo Elizaincín, Behares e Barrios (1987), apesar desses fatos, a população atual da região fronteiriça continua sendo majoritariamente de origem lusitana, o que explica a existência atual dos chamados Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU) e o seu enraizamento.

Com relação à região fronteiriça do Brasil, esta recebeu, durante o século XIX, uma importante, embora não majoritária, influência das populações castelhanas e uruguaias. No entanto, é uma população tipicamente fronteiriça rural e fundamentalmente lusitana.

Outro fato histórico que contribuiu à mescla das populações e que devemos mencionar são os frequentes casamentos entre uruguaios e brasileiros, que criaram e continuam criando, dessa forma, laços de integração muito fortes. Também o sistema de compra e venda nessa região, atento às oscilações de câmbio, promove uma interação permanente que favorece os dois povoados e a relação entre eles.

1.2. Caracterização sociolinguística da região fronteiriça

Como podemos constatar a partir desses fatos históricos, a situação não poderia ter culminado senão nos fenômenos de línguas em contato: bilinguismo, diglossia, mescla de línguas etc.

Os estudos de dialetologia realizados no Brasil referem-se bastante ao português falado do Rio Grande do Sul, e especificamente ao português falado na fronteira com o Uruguai, como uma fala fortemente influenciada pelo espanhol. Segundo os estudos na área, a fala dessa região, chamada também de Português Gaúcho de Fronteira (PGF), não é muito diferente da existente no território uruguaio e, conforme mencionado anteriormente, ambas são denominadas por Elizaincín e Behares (1981) como Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU).

O primeiro estudo sistemático da situação sociolingüística da fronteira foi o realizado em 1959 pelo linguista uruguaio José P. Rona. Em seu trabalho, Rona delimitou quatro tipos de variedades do português falado no Uruguai, chamadas de *fronterizas*, as quais ocupariam zonas nitidamente delimitadas da região. Posteriormente, estudos realizados por Elizaincín e Behares (1981), Elizaincín e Behares e Barrios (1987) demonstraram que a descrição realizada por Rona não correspondia à realidade, pois a situação não estaria tão equilibrada e estruturalmente simétrica como pensava Rona.

De acordo com Elizaincín, Behares e Barrios (1987), o uso do termo DPU, sigla de dialetos portugueses do Uruguai, foi adotado por ser o termo "dialeto" o mais neutro. Os autores definem dialeto como a forma de falar peculiar de uma zona determinada do território nacional, justificando o uso do termo no plural, "dialetos", pela visão que têm do fenômeno como variável. A respeito da adjetivação "portugueses", esta deve-se à base portuguesa desses falares fronteiriços no marco da teoria da variabilidade lingüística.

Com relação a como se produzem os DPU, segundo Trindade, Behares e Fonseca (1995) estes:

> (...) constituem um conjunto de falares caracterizados pela variabilidade e instabilidade estrutural derivadas de dois fatos: - o afastamento do português padrão e, portanto, o desenvolvimento livre das tendências naturais do português falado; - o contato com o espanhol popular padrão, motivado, quanto ao espanhol padrão, pelo uso dessa língua nas escolas uruguaias.

Como vemos, a mescla se produz a partir do contato de uma variante do português que coexiste e se mistura com o espanhol padrão na mesma comunidade. A partir disso, podemos dizer que o bilingüismo na região fronteiriça uruguaia se estabelece com base em uma língua padrão (o espanhol) e um dialeto não padrão de outra língua (os DPU).

Elizaincín (1976),descreve a região como bilíngue e diglóssica. A diglossia pode ser entendida como uma situação de uso de duas línguas, na qual existe uma distribuição de funções para cada uma delas. Assim, o espanhol é utilizado

como “variedade alta”, para todos os fins formais, e os DPU se utilizam exclusivamente na comunicação intrafamiliar e na comunicação espontânea entre os membros de um mesmo grupo social.

As classes média e alta comunicam-se em espanhol, rejeitam os DPU e, em geral, também não lhes conferem nenhum valor de representatividade regional. Enquanto isso, nas classes baixas, o uso dos DPU é quase total e os sentimentos acerca de seu uso são ambíguos: ao mesmo tempo em que se sentem inferiorizados por falarem essas variedades, sentem-se leais a sua fala.

CAPÍTULO II

O CONTÍNUO LINGUÍSTICO: MESCLA, DPU, INTERLÍNGUA, ENTREBERADO, PORTUNHOL, BRASILERO OU PORTUGUÊS URUGUAIO?

1. Primeiras incursões no tema: afinal, o que é essa mescla linguística?

Na nossa pesquisa de Mestrado (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002) procuramos aprofundar o conhecimento do contínuo linguístico instaurado na fronteira Uruguai - Brasil, desde o século XVII, mais especificamente com relação ao fenômeno da mescla linguística observada nos dialetos falados na cidade uruguaia de Rivera, fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento. Com o objetivo de conceituar essa mescla linguística, partimos dos estudos sociolinguísticos realizados na região e do conceito adotado por Elizaincín et alli (1987), que caracterizam os dialetos portugueses do Uruguai (doravante DPU)[7] como dialetos bilíngues, isto é, como sistemas intermediários surgidos da situação de contato. Examinando as propriedades desses sistemas intermediários por meio da análise linguística, deparamo-nos com o fato de que os dialetos apresentam propriedades em comum com outros sistemas intermediários (tais como *pidgins* e crioulos) e, sobretudo, com a interlíngua de aprendizes de língua estrangeira, neste caso no que diz respeito aos mecanismos de que os aprendizes se valem para produzir em língua estrangeira, embora haja diferenças quanto ao resultado final.

[7] Em nossa pesquisa de Mestrado (2002) optamos por denominar a mescla linguística como DPU, seguindo os estudos de Elizaincín, Barrios e Behares (1987), uma vez que este é o termo técnico mais empregado pelos sociolinguistas da região. Entretanto, nos dias atuais observamos que ainda não há um consenso entre os estudiosos do tema sobre como denominar a variedade do português falada na região fronteiriça do Uruguai. Carvalho (2003:128), no seu trabalho *Rumo a uma definição do português uruguaio,* nos diz que o referido termo (DPU) passou a ser utilizado na maioria dos estudos que tratam o tema "e mantém a distinção entre dialeto falado por monolíngües de origem rural, e português falado por bilíngües das classes médias urbanas. A condição social do falante, além de seu bilingüismo, é o fator determinante na nomenclatura do dialeto que falam. Esta dicotomia entre português e DPU (ou fronteiriço) se reproduz em vários trabalhos que mencionam a situação lingüística do norte do Uruguai (Lastra 1992, Lopez Morales, 1993, Penny, 2000, Silva-Corvalán 1989, Trudgill, 1986), e perpetua a distinção mais social que lingüística entre língua e dialeto".

A análise lingüística feita permitiu observar, naquele momento, que a **instabilidade** e a **variabilidade** são propriedades que caracterizam esses dialetos. Como consequência do emprego dos sistemas fônico e morfossintático das duas línguas em contato, concluímos que a variabilidade presente em algumas áreas gramaticais dos dialetos se deve à confluência de fatores externos e internos.

Dentre os fatores externos que contribuem para que tal fenômeno ocorra, destacamos no trabalho a situação político-social dos dialetos (ausência de uma planificação linguística adequada e o *status* que eles possuem como variedade estigmatizada na sociedade em que são falados) e a sua base portuguesa, que também apresenta variabilidade.

Por outro lado, observamos que os fatores internos que promovem tal variabilidade seriam os mecanismos cognitivos que subjazem ao desenvolvimento dos DPU, como a **transferência**, que intermedeia o contato de ambos os paradigmas, e a **permeabilidade**, que estaria dando conta da variabilidade de intuições dos falantes. Além da presença dessas duas propriedades em comum com a interlíngua de aprendizes, investigamos a possibilidade de outros mecanismos estarem também associados à produção dos dialetos e das interlínguas. Para analisá-los, seguimos em parte a tipologia utilizada por Fernández (1997) no seu estudo sobre a interlíngua de aprendizes de espanhol. Os mecanismos de produção que observamos foram: a **simplificação**, a **hipergeneralização**, a **analogia**, a **mudança de códigos** e a **hipótese idiossincrática**.

Constatamos que a mescla linguística observada nos dialetos falados na região fronteiriça constitui uma espécie de interlíngua por tratar-se de um sistema intermediário que apresenta características semelhantes às da interlíngua dos aprendizes de língua estrangeira, razão pela qual a denominamos interlíngua da mescla (ILM).

Com a análise linguística dos aspectos fonético-fonológicos e

morfossintáticos[8] que apresentam variabilidade, além da quantificação dos dados, observamos a tendência de uso de algumas áreas gramaticais que apresentam variabilidade no emprego dos paradigmas de ambos os sistemas (o português e o espanhol). A análise das diferenças percentuais como índice de variabilidade (ELIZAINCÍN ET ALLI, 1987) serviu para identificar também em quais áreas há maior ou menor variabilidade.

Dessa forma, observamos que os falantes do PU podem valer-se ora do paradigma espanhol, ora do português. Tal fato pode ser exemplificado no emprego das conjunções coordenativas adversativas, cujo uso apresentou-se altamente variável: em 50,6% das ocorrências registradas os falantes usaram as conjunções adversativas do espanhol e, em 49,4% dos casos, usaram conjunções do português.

Vejamos um exemplo:

> *lá é más fácil de vivé que aqui **pero** como vivemo ao lado nós tudo que ganhemo aqui gastemo lá... não é? Entón nos facilita a nós tambéin... **mas** aqui é meio complicada a cosa (Inf. B2).*

Na análise, vimos que os falantes do PU não só transferem as formas do espanhol que são semelhantes como também transferem as formas gramaticais em que há diferenças marcantes entre ambos os sistemas. Assim, observamos que os falantes empregam formas do espanhol, como por exemplo:

- os complementos oblíquos com função de objeto indireto,
- algumas formas duplicadas,
- os pronomes reflexivos,
- a forma *se* (pronominal, passivas e impessoais),
- formas verbais irregulares no presente do Modo Indicativo, o verbo *gustar*, etc.

Como já apontamos anteriormente, os falantes alternam o uso das regras de espanhol com as do português em algumas áreas gramaticais. Além disso,

[8] Cabe ressaltar que não realizamos uma análise sintática dos diferentes tipos de orações, somente fizemos um levantamento dos itens gramaticais do português, espanhol e os que resultam da mescla de ambos.

observamos que, se por um lado os falantes se valem de algumas formas do sistema espanhol, por outro tenderam a usar mais também as formas gramaticais do sistema português que diferem muito das do espanhol, como é o caso de:

- a presença das formas pronominais sujeito,
- emprego de formas retas no lugar dos pronomes oblíquos,
- emprego do SN preposicionado, etc.

A variabilidade no emprego de ambas as gramáticas nos levou ao conceito de permeabilidade apontado por Liceras (1996). A permeabilidade, conforme essa autora, é uma propriedade presente em todas as gramáticas e é a que dá conta da variabilidade de intuições dos falantes. Baseados nesse conceito, concluímos que a gramática dos DPU apresenta um alto grau de permeabilidade, pois os falantes alternam os parâmetros fixados conforme os dois sistemas linguísticos que fazem parte da sua competência gramatical.

A análise morfossintática que realizamos permitiu conhecer como está conformada a mescla da gramática no PU. A análise das diferenças percentuais como índice de variabilidade revelou que 43 itens gramaticais analisados apresentaram diferentes graus de variabilidade, assim desses 43:

- **4 itens gramaticais** com **alto grau** de variabilidade (os falantes ora os empregam conforme o português, ora conforme o espanhol, o que corresponde a um 9%);
- **39 itens** apresentam **pouca variação.** Dos 39 itens, constatamos que **32 itens** (75%) seguem o paradigma do **português** e **7 itens** (16%) seguem o paradigma do espanhol.

Como podemos observar, esse resultado indica que, mesmo havendo variabilidade em todos os aspectos gramaticais analisados, as porcentagens registradas apontam claramente para a prevalência do sistema português na base linguística do PU.

1.2. O nosso percurso atual no tema: o contínuo linguístico a luz do psicológico e social e a representação do sujeito pronominal no português uruguaio

As conclusões de nossa pesquisa, como todo trabalho científico, apontaram que era preciso continuar, dado que muitas questões ficaram por responder.

A primeira questão que surgiu do nosso estudo anterior é a respeito da classificação desta variedade falada no norte do Uruguai como um dialeto. Por que denominá-la dialeto se compartilha um vínculo sócio-histórico[9] com a língua portuguesa falada pelos brasileiros do outro lado da linha divisória entre o Brasil e o Uruguai?

Os estudos realizados na região a conceituaram a partir de uma perspectiva sociolinguística, por esta razão sempre a classificaram como um dialeto. Desde o trabalho pioneiro realizado na região pelo linguista Pedro Rona (1965: 7) já se apresenta esta variedade como um *dialecto fronterizo*:

> Cuando empezamos a estudiar el español hablado en el Uruguay, no esperábamos en ningún momento encontrar un dialecto portugués en el territorio de nuestro país. En 1958, (...) apenas podíamos informar de la mera existencia de un **dialecto mixto**, con base **aparentemente portuguesa**.[10]

Anos mais tarde, os linguistas uruguaios Elizaincín, Barrios e Behares (1987: 20) adotam também o termo dialeto e justificam o uso do termo por de ter

[9] Lembremos que os uruguaios falantes do português são descendentes de brasileiros que por diversas razões históricas moravam ou foram morar no território uruguaio a partir do século XVIII. A respeito dessa situação sócio-historica, no ano 1845 o deputado brasileiro, Silva Ferraz relatava ao Parlamento brasileiro sobre a situação do Uruguai: "vosotros creeis que allá en la línea o divisa material del Yaguarón adonde termina el imperio de nuestras leyes, al pasar a la otra banda y a pasar al territorio que se dice República Oriental, creéis que váis a encontrar al otro lado de la divisoria material un pueblo completamente distinto de lo que se llama Imperio del Brasil; pero es preciso que sepáis que felizmente no es así! Al pasar al otro lado del río Yaguarón, señores, **el traje, el idioma, las costumbres, la moneda**, **los pesos, las medidas, todo, todo** señores, hasta la otra banda del Río Negro, todo, todo señores, hasta la tierra: todo es brasilero". (BARRIOS PINTOS 1990:112-113).

[10] Os grifos são nossos.

uma conotação mais neutra. Definem dialeto no sentido **diatópico**[11], isto é, como a forma peculiar do falar numa zona determinada do território nacional uruguaio. Os autores caracterizam também os DPU como um **dialeto bilíngue**, isto é, como "un sistema intermedio que surge como consecuencia de una situación de contacto" (ibid.: 20).

Como se observa, os estudiosos da região têm definido a variedade portuguesa da fronteira numa perspectiva social e, por conseguinte, adotam o termo dialeto. Carvalho (2003:128), a respeito dessa classificação realizada pelos autores aponta que eles fizeram uma "distinção mais social que linguística entre língua e dialeto".

1.2.1. Língua e dialeto

Para entender melhor a questão que estamos levantando, a respeito da classificação da variedade portuguesa falada na cidade de Rivera, julgamos conveniente, mesmo sabendo que não há consenso entre os linguistas, apresentar algumas definições existentes na literatura da área.

Assim, segundo o dicionário de lingüística de Dubois et alli (1978:183-184), **dialeto** provém do grego *dialektos* e "designava diferentes sistemas usados em toda Grécia, cada um para um determinado gênero literário, e considerados como a língua de uma região da Grécia em que eles deviam recobrir dialetos no sentido moderno do termo regionais ou sociais". Definem o termo **dialeto** como:

> (...) uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua, dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela (...).

[11] Conforme Tarallo & Alkmin, a definição mais leiga que se tem de dialeto é a de uma variedade linguística associada a um local específico, isto é, uma variedade geográfica de uma dada língua.

No que se refere à definição de **língua**, o dicionário de Dubois et alli (op.cit: 378) a define no primeiro verbete[12] como "no sentido mais corrente, língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos de vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade."

O lingüista espanhol Manuel Alvar (1961) define **língua** como:

> (…) el sistema lingüístico del que se vale una comunidad hablante y que se caracteriza por estar fuertemente diferenciado, por poseer un alto grado diferenciado, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos de su mismo origen.

Para este mesmo autor (op.cit: 58) **dialeto** é:

> (…) un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas simultáneas a otras, que no alcanzan la categoría de lengua.

Se analisarmos as definições que apresentamos, podemos observar que em todas prevalecem conceitos mais de cunho sócio-histórico e político do que linguístico. Os conceitos em comum que as definições apresentam em relação ao termo **língua** são:

- sistema (para Dubois et alli sistema de signos e regras e para Alvar como sistema lingüístico);
- uso ou emprego numa comunidade falante (espaço geográfico);e
- *status* social, cultural e histórico (Dubois et alli se referem aos conceitos de língua oficial, norma culta e língua sistematizada e Alvar ao alto grau e diferenciado, ao alto grau de nivelação e veículo de tradição literária).

[12] O dicionário apresenta também outras entradas com definições e conceitos proposto pela lingüística teórica como o estruturalismo, segundo F. De Saussure, H. A. Gleason, A. Martinet, etc. e o gerativismo, conforme N. Chomsky.

Quanto ao termo **dialeto**, as definições compartilham:

- sistema de signos e regras;
- uso restrito ou concreta limitação geográfica (Dubois et alli falam de dialeto regional por oposição à língua); e
- *status* social e histórico (Dubois et alli se referem ao *status* cultural e social diferente do da língua de que se desenvolveu o dialeto e Alvar alude à noção histórica)

Como podemos ver, as definições expostas ilustram, claramente, o que estamos tentando mostrar, ou seja, que a noção que está por detrás dos conceitos de língua e dialeto é, sem dúvida, histórica, social, e política. Nesse sentido, o que aponta Raposo (op.cit.:) em relação à noção de língua portuguesa, corrobora de alguma forma o que estamos observando:

> (...) as definições de língua e dialeto sempre estiveram preocupadas em **atender factores objectivos, de natureza política, ideológica e cultural, exteriores à estrutura gramatical da língua**[13], que se conjugam para favorecer «uma só língua.

Voltando a nossa questão, sobre se a variedade do português uruguaio é um dialeto ou uma língua e se podemos seguir fazendo a distinção social entre língua e dialeto que se vem fazendo na literatura da região, nos perguntamos onde fica o aspecto lingüístico, então? Em outras palavras, o que nos perguntamos é se a linguística pode ajudar a responder quando um dialeto passa a ser uma língua diferente da que lhe deu origem? Conforme Raposo (1984:02), que também se formula a mesma pergunta, nos responde de antemão que:

> (...) **a lingüística não pode resolver satisfatoriamente esta questão**[14]. E isto porque para a lingüística, não existem 'línguas'. Existem sim sistemas organizados (e extremamente complexos) de formas, regras e representações fonéticas, fonológicas,

[13] Grifo nosso.
[14] Grifo nosso.

> morfológicas e sintáticas. Cada um **desses sistemas poderá apresentar vários pontos de contacto com outro ou outros sistemas**, em áreas mais ou menos importantes da sua estrutura gramatical.

O mesmo autor afirma também que "não são as questões linguísticas, gramaticais as que decidem se um determinado sistema é língua ou simplesmente dialecto, mas sim as fronteiras políticas, os interesses culturais, a história comum". (Raposo, op.cit.:)

Moreno Fernández (1997:86) também aponta que "desde um punto de vista rigurosamente lingüístico, não existen evidencias que justifiquen la distinción entre lengua y dialecto (...)"

Como vemos, não há consenso na linguística teórica a respeito da definição desses termos. Para Tarallo & Alkmin (1987:20), o debate entre o social e o psicológico na linguagem "é uma questão envelhecida e desgastada", mesmo assim, eles retomam a questão e a estudam "à luz do fenômeno da mescla, mostrando, entre outras coisas, que é na complementaridade das duas correntes que devemos buscar a solução para os nossos problemas de análise". Assim, para esses autores, o debate entre gerativistas e pós-estruturalistas não teria surgido e se estendido se ambas as correntes tivessem respondido antes a pergunta que queriam responder, isto é, o conceito de língua, cada uma da sua perspectiva. O gerativismo, por um lado, busca responder ***o que é língua***? Da perspectiva psicológica, e conforme Chomsky, responde:

> (...) língua é um conjunto de princípios universais muito específicos, de natureza abstrata, os quais são definidos como propriedades intrínsecas à mente humana e parte do potencial e do dote genético de nossa espécie. (TARALLO & ALCKMIN, OP.CIT.:21)

Os pós-estruturalistas, por outro lado, respondem a pergunta ***O que é uma língua?*** de uma perspectiva, parcialmente,social, acerca da natureza das línguas particulares, isto é, por exemplo da língua portuguesa, espanhola, etc.

Com base no que apontam Tarallo & Alkmin, acreditamos também que o nosso estudo deve agora entrelaçar as perspectivas social e psicológica para entender essa mescla linguística observada na variante portuguesa do Uruguai.

Carvalho (2003) procura também classificar o português falado nas comunidades bilíngues do norte do Uruguai e questiona o emprego de alguns dos termos que foram utilizados em estudos anteriores para definir essa variedade, entre eles, "dialeto", "pré-pidgin", interlíngua e semi-crioulo. A autora propõe que a variedade falada na cidade de Rivera seja vista num **contínuo de difusão dialetal**[15]. Em cada extremo desse contínuo estariam duas variantes do português, de um lado do extremo estaria o **português uruguaio rural** e do outro o **português padrão**. O contato desses dois dialetos do português gera "um contínuo de variação estilística e social entre as formas locais e não locais" (CARVALHO, op.cit.:135).

A respeito da hipótese de Carvalho (op.cit.) sobre o **contínuo de difusão dialetal**, estamos de acordo em parte, uma vez que o português uruguaio apresenta, sim, características do português rural, conforme pudemos constatar em nossa análise linguistica (Gutiérrez Bottaro, 2002). Observamos, por exemplo, a ausência de marca de plural no sintagma nominal e verbal[16], emprego da desinência –emo(s) em lugar de –amo(s) na 1ª pessoa do plural do presente e pretérito perfeito simples dos verbos terminados em –ar, entre outros[17]. A seguir vejamos alguns exemplos:

*na forma de se expresá y de tratá cum **aS** pesoa... (B4-L.7-8)*

*é contada **aS** cosa que eu compro uruguaia (B1-L.14-15)*

---

[15] A autora se vale do conceito de "difusão dialetal", conforme Bortoni-Ricardo (1985) no seu estudo sobre a urbanização de dialetos rurais de Brasília. Segundo Carvalho (op.cit:134), "Bortoni-Ricardo propõe que a variedade usada em comunidades rurais e isoladas são variedades altamente focalizadas, contendo variantes não padrão que definem uma distinção clara entre variedades urbanas e rurais. A medida que estes falantes desta variedade entram em contato com a língua padrão, seu dialeto tende a tornar-se mais difuso, e a ocorrência de variantes tipicamente rurais que era categórica passa a ser variável".

[16] A ausência de marca do plural nos substantivos e adjetivos é um fenômeno também registrado no português falado no Brasil por Chaves de Melo (1975), Naro (1981), Scherre & Naro (1991), Kato & Roberts (1993).

[17] O mesmo fenômeno foi registrado por Chaves de Melo (1975), A.Amaral (1920), Elizaincín (1991) no presente e no pretérito perfeito simples no português brasileiro. Groppi e Malcuori (1992) registram também o mesmo emprego de *-emos* no pretérito simples na fala rural do nordeste da cidade uruguaia de Canelones, situada na região sul do Uruguai.

*bueno pra iso tá nós **somos**... portu/ portunhol... nós não **semo** brasilera neim **semo** uruguaia... nós **temo** acá/aqui nu portunhol" (C2-L.164-66)*

Contudo, mesmo com a presença de alguns aspectos do português rural no português urbano uruguaio, não estamos de acordo com Carvalho (op. cit) em que a variedade falada na cidade de Rivera seja classificada como um dialeto do português rural como ela assim o define:

> (...) sugiro que o português de Rivera não se encaixe nas definições anteriormente propostas de dialeto misto, interlíngua, pré-pidgin ou basileto, mas simplesmente consista em um **dialeto do português rural**[18] que como toda variedade em contato, sofre influência (sobretudo lexical) da língua com a qual coexiste." Carvalho, op.cit.:

Nesse sentido e baseados em nosso estudo morfossintático realizado em 2002, podemos afirmar que a variedade portuguesa falada na zona urbana de Rivera, que tem estado em contato com o espanhol e o português brasileiro (rural e urbano) desde, aproximadamente, uns 200 anos, deva ser vista nesse contínuo dialetal como o português uruguaio urbano e não como um dialeto do português rural. Não estamos de acordo com a idéia de que os habitantes de Rivera falam um dialeto do português rural, pois desse modo significaria dizer que a presença do português urbano brasileiro do outro lado da linha divisória, com o qual os riverenses convivem diariamente com o simples fato de atravessarem uma rua ou através dos meios de comunicação brasileiros (TV e Radio), não estão exercendo nenhum tipo de influência sobre a variedade falada do português de Rivera. A respeito desse contato com o português brasileiro, Carvalho (op.cit.:134) aponta que:

> (...) a presença constante deste modelo lingüístico monolíngüe urbano provoca convergência do português local, originalmente rural, através de acomodação lingüística a um grupo de referência ausente. A presença deste modelo tem-se fortalecido devido ao processo de urbanização nos últimos 40 anos, que possibilitou maior exposição ao PBU [português brasileiro urbano] a través da melhoria dos meios de transporte interurbanos,

[18] Grifo nosso.

maior acesso ao sistema educacional e aos meios de comunicação, e a abertura de comercio e conseqüente aumento de turismo.

A partir de Carvalho, admitimos que originalmente tratava-se de um português rural, entretanto, se temos que classificá-lo como um contínuo dialetal, ele está mais próximo do português urbano falado no Rio Grande do Sul, do que do rural. Por essa razão, sugerimos que se adote o termo português uruguaio para referir-se à variedade portuguesa falada na cidade de Rivera.

Com base no exposto até então, procuraremos, nos capítulos seguintes, ilustrar melhor esse continuo linguístico, à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), investigando os pronomes pessoais em posição de sujeito no português uruguaio.

CAPÍTULO III

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!

Fernando Tarallo (1985)

ENTRELAÇANDO O SOCIAL AO PSICOLÓGICO

1.1. Variação e mudança lingüística

A sociolinguística variacionista ou *variacionismo* surgiu nos anos 70 com W. Labov. O objetivo principal da sociolinguística variacionista é estudar a língua no seu contexto social e a mudança linguística em curso. Conforme Labov (1982, APUD MORENO FERNANDES, 1997:107) "el cambio lingüístico es variación y todo cambio implica la existencia de variación, pero no toda variación ha de desembocar necesariamente en un cambio".

A mudança linguística é um processo muito complexo, que envolve fatores de diversas ordens: sociais, geográficos, psicológicos, pragmáticos. Weinreich, Labov e Herzog (1968, APUD MORENO FERNANDEZ, 1997) elencam cinco problemas a respeito do estudo da mudança lingüística:

1. As restrições: determinar quais são os fatores condicionantes que favorecem ou restringem as mudanças.

2. A transição: explicar como se desenvolve a mudança, isto é, procurar dar conta de como se produz a variabilidade da língua numa comunidade.
3. O encaixamento e inserção: determinar como uma mudança linguística em curso se adapta ao sistema linguístico e social.
4. A atitude: descobrir quais atitudes adotam os falantes em relação à mudança e como ela influencia, no desenvolvimento posterior, a mudança.
5. A implementação: explicar por que uma mudança se produziu em espaço e tempo concretos.

Dentre todos os fatores que condicionam ou motivam as mudanças linguísticas, a sociolinguística tem demonstrado um especial interesse sobretudo nas condições sociais dos usos linuísticos.

A mudança linguística pode ser estudada de duas formas diferentes: o primeiro estudo observa os usos linguísticos de grupos de falantes em épocas diferentes e por um período de tempo determinado, neste caso denomina-se em **tempo real**, e o segundo, observa os usos linguísticos em um tempo concreto, para depois avaliar de que maneira podem evoluir as mudanças que estão em curso, este estudo se denomina em **tempo aparente**.

A partir do exposto, faremos um estudo em tempo aparente de uma amostra de língua oral em PU, para observar se também na representação do sujeito nulo dessa variedade está operando a mesma mudança que está ocorrendo no PB. Para isso, nos valemos do modelo de análise sociolinguística para descrever estatisticamente um fenômeno linguístico, neste caso o parâmetro do sujeito nulo, que também está em variação no PU. Para isso, correlacionamos fatores internos (variáveis linguísticas) e externos (variáveis sociais), calculando a influência de cada fator selecionado.

Do mesmo modo que Tarallo (1985:83) se pergunta, nós nos perguntamos "uma vez que as regras de nossa gramática serão variáveis, como então incorporar a noção de universais lingüísticos em nosso modelo de análise?" O mesmo autor responde que se deve fazer uma aproximação dos universais linguísticos às regras variáveis, uma vez que essa aproximação trará luz à

clássica dicotomia “competência e desempenho”. Para terminar, também Tarallo afirma (1985: 84) que:

> (...) uma teoria geral de mudança lingüística para ser satisfatória deverá dar conta das condições que determinaram o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término de uma determinada mudança, e, eventualmente, a partir de dados analisados de vários sistemas, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança.

Nesse sentido, nos perguntamos também: uma vez descritos os fatores sociais e linguísticos que promovem a mudança linguística em curso, uma vez implementada a mudança na comunidade linguística, o que acontece com a gramática interna do falante? Como uma mudança paramétrica se processa no cérebro? Para responder a estas questões e interpretar o comportamento do sujeito pronominal no PU, nos valeremos do quadro de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa. Assim, neste estudo em que tentamos enlaçar o social ao psicológico, Duarte (2003: 2) afirma, “essa associação tem permitido interpretar os fenômenos observados no português do Brasil dentro de uma perspectiva interlinguistica e distinguir a variação que ocorre no nível superficial daquela que sinaliza mudança na gramática da língua”.

1.2. O programa de investigação da Gramática Gerativa

Em Gutiérrez Bottaro (2002), procuramos saber o porquê da variabilidade presente no português uruguaio e concluímos que esta se deve a **fatores externos** (situação político-social do PU na região) e **a fatores internos** (a base portuguesa também apresenta variabilidade, há mecanismos cognitivos que subjazem ao seu desenvolvimento, como transferência e permeabilidade).

Quanto aos fatores externos, o modelo da sociolinguística serviu para entender melhor os fenômenos de bilinguismo, diglossia, mescla linguística e mudança de código, presentes na região e quanto a presença desses fenômenos afeta ambos os sistemas e, por conseguinte, a variabilidade no PU.

No que se refere aos fatores internos, baseados nos estudos de aquisição/aprendizagem de segundas línguas, observamos, tal como já antecipamos, que o PU[19], apresenta alguns mecanismos cognitivos semelhantes aos das interlínguas de aprendizes de língua estrangeira, como a transferência e permeabilidade.

A constatação desses mecanismos semelhantes nos levou a questionar-nos como os falantes bilíngues marcam os parâmetros quando adquirem duas línguas, sobretudo tendo uma delas as características que tem o PU. A resposta a essa questão nos levou a procurar uma teoria de natureza biológica e mentalista, uma vez que o nosso objetivo maior é entender como se desenvolve a aquisição desses dois sistemas linguísticos na mente-cérebro dos bilíngues e, mais particularmente, desses bilíngues, que possuem um tipo de bilinguismo muito particular, dado que uma das línguas é uma língua resultante do contato de duas línguas, sendo uma delas muito estigmatizada.

Nesse sentido, acreditamos que o Modelo da Gramática Gerativa e o quadro teórico dos Princípios e Parâmetros possam nos ajudar a responder as perguntas que nos formulamos neste estudo.

Segundo Kato (1997:03), o programa gerativista tem como objeto de estudo "o conhecimento inconsciente da língua". O homem usa a língua de forma inconsciente porque ele se vale do "conhecimento automático do sistema computacional da língua" e não da "internalização inconsciente de hábitos", como acreditavam os estruturalistas.

Segundo Kato (1997:03), o programa gerativista tem como objeto de estudo "o conhecimento inconsciente da língua". O homem usa a língua de forma inconsciente porque ele se vale do "conhecimento automático do sistema computacional da língua" e não da "internalização inconsciente de hábitos", como acreditavam os estruturalistas.

A gramática gerativa, de natureza mentalista, tem como objeto de estudo o sistema de regras e princípios radicados na mente humana. A preocupação com o

[19] Cabe ressaltar novamente que na nossa pesquisa de Mestrado adotamos o termo DPU, e que atualmente, a partir de Carvalho (2003) e de nossas reflexões, apontadas no capítulo anterior, passamos a denominar a variedade falada na região fronteiriça de português uruguaio (PU).

problema da aquisição da linguagem e o seu aspecto psicológico aparece desde os primeiros estudos de Chomsky (1959), no conhecido trabalho crítico e revolucionário que realiza sobre Skinner (1957). O programa de investigação da Gramática Gerativa, segundo Chomsky, (1988a, apud RAPOSO, 1992:27) pode ser definido por meio de quatro grandes questões:

1. Qual é o conteúdo do sistema de conhecimentos do falante de uma língua particular? O que existe na mente desse falante que lhe permite falar/compreender expressões nessa língua particular e ter intuições de natureza sintática e semântica sobre a sua língua?
2. Como esse sistema de conhecimento se desenvolve na mente do falante? E que tipo de conhecimentos a criança traz para o processo de aquisição?
3. Como o falante usa em situações discursivas concretas o sistema de conhecimentos adquirido?
4. Quais são os sistemas físicos no cérebro do falante que servem de base ao sistema de conhecimentos lingüísticos?

Segundo Raposo (op.cit.: 28:30), a respeito da questão (1) – o que existe na mente do falante que lhe permite falar, compreender e ter intuições de natureza sintática e semântica sobre a sua língua? –, as pesquisas gerativistas, nos últimos vinte anos, têm apontado que a gramática interiorizada possui um **dicionário mental** das formas da língua e um **sistema de princípios e regras** que atuam de uma forma **computacional** sobre essas formas. O sistema de princípios e regras vai construindo representações mentais constituídas por combinações categóricas das formas linguísticas. Essa gramática é considerada como um sistema **autônomo**, uma vez que os seus princípios e representações lhe são próprios. Também é **independente** de outros sistemas conceituais da mente humana, como por exemplo, princípios de conversação, de formação de conceitos, etc. Denomina-se esta forma de organização da mente humana de **modular**, pois esta formada por módulos autônomos com características e representações

específicos. Os módulos comunicam-se e interagem entre eles. Desse modo, a mente humana possuiria diversos módulos: o módulo linguístico, o matemático, o musical, o de formação de conceitos, etc.

Para Fodor (1983, apud, LICERAS, 1996), a gramática gerativa representa a linguagem como um módulo autônomo da mente. Para ele, os módulos são sistemas cognitivos especificados a nível inato, com uma informação não intercambiável com outros sistemas. Essa estrutura neuronal está associada com a percepção e com a linguagem, mas não com o pensamento. O pensamento está ligado aos sistemas do cérebro, nos quais os neurônios conectam-se livremente, sem que exista uma associação entre a forma e a função. Karmiloff-Smith (1992, 1994, apud LICERAS, op.cit), ao contrário de Fodor, propõe que a modularidade é uma consequência do desenvolvimento cognitivo e não um *a priori*, isto é, sistemas especificados em nível inato.

A resposta à questão três, conforme Raposo (op. cit.), está relacionada com a distinção que Chomsky (1965) realiza entre **competência** e **performance.** Por competência, entende-se a gramática internalizada, ou seja, o conhecimento mental puro que o sujeito possui de uma língua particular; por performance (ou desempenho), entende-se o uso concreto da linguagem em situações de fala determinadas. O que o programa procura responder com a questão 3 é descrever como os falantes usam a competência em situações de performance por meio da interação com fenômenos de natureza social, psicológica e discursiva. Raposo (op.cit.:31) exemplifica essa interação dizendo que: "...a atenção e a memória podem provocar *erros* de competência...." Assim como também "...as mudanças de plano discursivo, as hesitações, o gaguejar, etc., são outros fatores que afetam o resultado gramatical das expressões enquanto reflexo da competência."

No que se refere à questão 4, o programa tem se preocupado em investigar sobre a relação existente entre língua e cérebro, isto é, a relação entre os mecanismos neuronais e o conhecimento gramatical. O estudo das afasias faz parte desta área de investigação. Conforme Raposo (op. cit.), os estudos da mente e do cérebro sem dúvida se complementam, porém estão em planos diferentes e nenhum pode se reduzir ao outro. Nesse sentido nos diz (op. cit: 34):

> A mente, nesta perspectiva, é o conjunto de propriedades abstractas dos sistemas físicos do cérebro, e a compreensão destas propriedades passa necessariamente pelo uso de conceitos (em particular o conceito de *representação*) independente dos mecanismos materiais postulados ao nível do cérebro.

A questão 2, conforme Raposo, é fundamental para o programa de investigação gerativista, tanto do ponto vista filosófico/epistemológico como do da teoria gramatical.

Na história do pensamento linguístico, os estudiosos da língua têm se preocupado em responder uma grande questão: em que consiste a aquisição da linguagem e qual é o papel específico da mente e do meio nesse processo? Por um lado, temos a tradição empirista e o behaviorismo norte-americano que entendem que a aquisição é determinada por causas externas, isto é, pelas experiências e interações que as crianças têm com os adultos no seu meio ambiente. O defensor máximo dessa corrente de pensamento é o psicólogo americano Skinner (apud, RAPOSO, 1992:35), para quem a aquisição de uma língua consiste na **"**aprendizagem de hábitos de **comportamento verbal** através de processos de observação, memorização, generalização indutiva, associação, etc." Para essa corrente, a linguagem é um processo de aprendizagem, adquirida pela mente, por meio de práticas externas. O ensino explícito e a prática são essenciais para a fixação dos conhecimentos adquiridos. A mente humana teria um papel secundário no processo de aquisição e possui somente princípios de inteligência gerais que sustentam a capacidade de fazer generalizações e associações; não se acredita que na mente existam estruturas especificamente dirigidas para a aprendizagem das línguas.(RAPOSO, 1992:35).

A corrente racionalista é a que defende o papel central da mente no processo de aquisição da linguagem, cujo representante máximo é N. Chomsky. Segundo Raposo (1992: 35-36), esta perspectiva acredita que:

> As propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente lingüístico, as quais funcionam

> como uma espécie de 'planta arquitetônica' no processo de aquisição, dirigindo o desenvolvimento lingüístico num sentido predeterminado. Estas estruturas mentais pertencem exclusivamente à espécie humana e são geneticamente determinadas, ou seja radicam na organização biológica da espécie.

A aquisição depende mais da maturação e desenvolvimento de um órgão mental do que da aprendizagem de hábitos através de práticas externas. Em 1966, Chomsky denominou este conjunto de princípios e estruturas mentais de **Dispositivo de Aquisição da Linguagem** (LAD, *Language Acquisition Device*). Esta seria a base biológica da linguagem; através dela o ser humano se apropria do meio e o representa no cérebro, isto é, na mente.

Como podemos observar, a corrente racionalista propõe uma explicação biológica para aquisição da linguagem, entretanto, não nega a importância do meio ambiente em todo o processo. A fala dos adultos e as interações verbais são determinantes para iniciar o funcionamento do LAD, no entanto, estas, sozinhas, não determinam a direção do desenvolvimento final.

1.3. A Gramática Universal

O Programa Gerativista iniciou-se em 1957 e passou por diversas etapas até chegar ao Modelo de Princípios e Parâmetros (1981, 1982, 1986) e, posteriormente, ao Programa denominado Minimalismo. A Gramática Universal (GU são os princípios linguísticos específicos do ser humano falante que estão geneticamente determinados. A GU é um órgão biológico que evolui como qualquer outro órgão. Para Chomsky (apud RAPOSO, 1992), a GU "é o estado inicial da faculdade da linguagem (S_o), e a gramática do individuo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável (S_s) (do inglês *stable sta*ge).

Conforme Mioto (2005), a GU reflete de forma universal a estrutura e organização da mente humana. Desse modo, como os princípios são universais, não necessitam ser adquiridos, uma vez que estão geneticamente codificados.

1.4. A teoria de Princípios e Parâmetros (TPP)

Chomsky (1981), valendo-se dos resultados teóricos obtidos na TSA e da noção de organização da gramática em módulos autônomos (princípios independentes), propõe uma nova teoria que denomina **Princípios e Parâmetros** (doravante TPP). Neste novo modelo, eliminam-se as regras e prevalecem somente os princípios gerais. A GU está constituída por dois tipos de princípios:

> (...) os **princípios rígidos e invariáveis** que qualquer gramática final terá que incorporar, como por exemplo: o princípio que diz que as orações das línguas humanas possuem necessariamente um Sintagma Nominal (NP, do inglês *Noum Phrase*) sujeito e um Sintagma Verbal (VP do inglês *Verbal Phrase*) predicado, etc. e os **princípios abertos**, denominados **parâmetros,** atingem o seu valor definitivo somente no processo de aquisição através de sua fixação em uma de duas posições possíveis**,** tendo como base a informação obtida no meio. (RAPOSO, 1992: 54)

Através das noções de **princípios** e **parâmetros**, o programa propõe uma solução para o seguinte paradoxo: como explicar a diversidade das línguas se todas resultam do código genético humano, que é o mesmo em toda a espécie? Os princípios são leis gerais presentes em todas as línguas; os parâmetros são propriedades que as línguas podem ou não ter e são os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Segundo o mesmo autor, quando se formula uma sentença que viola um princípio, nenhuma língua a aceita, quiçá isso se deve à forma como a mente funciona; por outro lado, quando uma sentença não está de acordo com uma propriedade paramétrica, a mesma pode ser agramatical em uma língua, mas gramatical em outra. (MIOTO, 2005).

No que se refere à aquisição, a criança adquire a gramática final da sua língua através da aprendizagem do léxico, com as suas propriedades fonológicas e semânticas determinadas pelo dicionário mental e faz a atribuição aos vários parâmetros da GU do valor que possuem nessa língua. As opções possíveis na

GU são dadas pelos parâmetros, por esta razão estas são muito limitadas, uma vez que os parâmetros são finitos e possuem por hipótese dois valores, como veremos mais adiante. Após a criança ter fixado todos os parâmetros, ela adquire o que se denomina *gramática nuclear*. Segundo Raposo (op.cit.:55) esta seria "um sistema complexo de conexões entre os princípios universais rígidos e os parâmetros, o qual determina de um modo altamente específico as propriedades de cada língua particular." Da associação dos princípios da GU com os parâmetros surge, então, uma gramática particular, ou seja uma língua dada.

Como vemos, a criança não é tida mais como um "pequeno linguista" que analisa os dados, pois o processo é inconsciente, conforme Mioto (op.cit.). Para ele **(**op. cit: 34) o processo "seria mais uma acomodação do sistema aos dados do que qualquer outra coisa, já que o sistema inicial é capaz de dar conta de todo e qualquer dado pertencente às línguas naturais."

A fixação dos parâmetros em uma dada posição está determinada pelos dados linguísticos primários simples a que uma criança está exposta. Isto significa que a informação dos dados linguísticos vai permitir que a criança opte pela posição que deve atribuir a cada parâmetro.

Nesse sentido, de acordo com Mioto (op.cit.:33), o processo de aquisição é tido como a "formatação" da Faculdade da Linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na GU." Assim, primeiramente temos, a "filtragem" do *input* por intermédio da GU e depois a "formatação"**,** através da marcação de cada parâmetro**,** de um determinado valor. A marcação dos parâmetros não é casual, ela está determinada pelas evidencias do *input*, e, também, da estrutura interna da GU.

Quanto aos parâmetros, como dissemos, num primeiro momento da teoria são considerados binários e possuem dois valores: ou positivo ou negativo. Quando uma criança aciona um determinado parâmetro, ela está fixando um dos dois valores, ou positivo ou negativo, por intermédio das evidencias positivas do *input*.

Para ilustrar e entender melhor como ocorre, no processo de aquisição, a fixação dos parâmetros, vejamos alguns exemplos através da aquisição do

Parâmetro do Sujeito Nulo, um dos parâmetros mais discutidos entre os gerativistas, e, evidentemente, central para o nosso estudo.

A GU contém um principio "rígido" denominado **Principio da Projeção Estendido** (EPP - *Extended Projection Principle*), que determina que todas as sentenças devem ter sujeito; entretanto, ela não determina que a posição do sujeito deva ser preenchida com um NP (Sintagma Nominal). Nesse sentido, existem línguas que preenchem foneticamente o sujeito, como inglês e o francês:

(1) a. **Ils** sont déjà arrivés de l`école.
b. **They** already arrived from school.

Existem outras línguas, como o espanhol, o italiano, o português europeu e, em parte, o português brasileiro, que podem deixar essa posição vazia. Vejamos alguns exemplos:

(2) a. ___ já chegaram do trabalho.
b. ___ ya han llegado del trabajo.

A GU disponibiliza duas opções: a criança tem a possibilidade de escolher entre a **realização fonética obrigatória** ou a **opcional** do sujeito. A criança fixará uma das duas posições, de acordo com o *input* que recebe. Esta é a variação entre as línguas, ou seja, a possibilidade de fixar o parâmetro em uma ou outra posição. Este parâmetro é denominado **Parâmetro do Sujeito Nulo**.

Vimos, também, que os parâmetros são**,** até um dado momento**,** tidos como binários e cada uma das opções possui um valor positivo ou negativo. Nas línguas que têm o sujeito obrigatório, como o inglês e o francês, segundo a teoria**,** o valor é **negativo**, e nas línguas como o espanhol, o português e o italiano, o valor é **positivo**.

1.5. O Parâmetro do Sujeito nulo no Português Brasileiro

Anteriormente, vimos que o parâmetro do sujeito nulo (doravante PSN) no PB, conforme comprovam alguns estudos, está passando por algumas mudanças (DUARTE, 1993, 1995; KATO, 1999). Nesse sentido, atualmente é considerada uma língua *pro-drop* parcial, por apresentar um elevado número de sujeitos preenchidos e um reduzido número de sujeitos nulos na língua falada.

Duarte (1993, 1996) aponta que as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX modificaram-se em função da simplificação do sistema flexivo verbal. Segundo a mesma autora, o percentual de sujeitos pronominais preenchidos no século XIX era de 20% e no final do século XX aumentou para 74%.

No quadro que apresentamos abaixo, conforme Duarte (2004:01), podemos observar as mudanças que o sistema flexivo do PB vem apresentando:

Pess./Nº	**Pronomes**	**Paradigma 1**	**Paradigma 2**	**Paradigma 3**
1st. sing.	**Eu**	am **o**	am **o**	am **o**
2nd. sing.	**Tu**	am a**s**	-	-
	Você/Tu	am a	am a	am a
3rd. sing.	**Ele/Ela**	am a	am a	am a
1st. plur.	**Nós**	am a**mos**	am a**mos**	-
	A gente	-	am a	am a
2nd. plur.	**Vós**	am a**is**	-	-
	Vocês	am a**m**	am a**m**	am a**m**
3rd. plur.	**Eles/Elas**	am a**m**	am a**m**	am a**m**

Quadro 2. Paradigmas Pronominais e Flexionais do PB

Como podemos observar no quadro acima, o paradigma 1 apresentava seis formas distintivas, no paradigma 2, quatro formas, e o paradigma 3 apresenta apenas três formas de concordância. Observamos também que as formas "você" e "tu" passaram a ter a mesma desinência, já que a presença de formas em que o "tu" tem concordância de segunda pessoa é mínima, e a forma "a gente" ocupou o lugar da forma "nós".

A respeito do emprego das formas “você”/”vocês”, Duarte (1995) aponta que o emprego da segunda pessoa “direta” (“tu” e “vós”) pela segunda pessoa “indireta” (“você”, “vocês”), que usa as formas verbais de terceira pessoa, é considerado como a causa principal da perda do sujeito nulo do PB. Cabe frisar aqui, que esta perda no paradigma pronominal, conforme aponta Duarte ocorreu em “quase todo o território nacional”, dado que na região Sul, a segunda pessoa direta ainda é utilizada. (DUARTE, 1995: 32)

Para a mesma autora (1995), o sujeito nulo aparece somente com a 3ª pessoa na língua escrita. Com o paradigma flexional reduzido, não há mais a possibilidade de identificação do pronome nulo *pro* em posição de sujeito. Como consequência disso, o sujeito nulo na 3ª pessoa não é livre, uma vez que no contexto deve haver um referente que possa identificar o *pro* (DUARTE, 1995).

Galves (1993) considera que a mudança no sistema de concordância no PB levará à reestruturação da oração, que está na base de todas as mudanças superficiais desta língua. O que diferencia o sujeito nulo do PB das outras línguas românicas é o fato de que PB apresenta estruturas oracionais típicas das línguas de organização Tópico-Comentário.

O PB perdeu o sujeito nulo referencial e a inversão com verbos de mais de dois argumentos, segundo Kato (1999). A perda do sujeito nulo referencial, para a mesma autora, deve-se ao empobrecimento das distinções de pessoa em seu sistema de concordância e à emergência de um paradigma de pronomes fracos.

A seguir, resumimos algumas das principais mudanças em relação ao emprego do parâmetro de sujeito nulo no PB, conforme mostram as pesquisas:

1. perda do principio *Evite o pronome* (formulado por Chomsky em 1981) que regula a alternância de uso do pronome nulo e lexical nas línguas [+ *pro-drop*] (DUARTE, 1995);
2. emprego de pronomes plenos em contextos de correferência com o sujeito da oração matriz, mesmo com antecedente [- humano]:
   ex.: **[A casa]**$_i$ virou um filme quando **ela**$_i$ teve de ir abaixo.
   (DUARTE, 1993,1995);
3. construções com sujeitos duplos em que se retoma um referente esperado

e próximo;

ex: **A Clarinha**$_i$ **ela**$_i$ cozinha que é uma maravilha.

4. perda de sujeito nulo referencial:

   ex.: **Eu** não estou conseguindo.

   (DUARTE, 1993, 1995, GALVES,1993, FIGUEIREDO SILVA, 1996);

4. manutenção do licenciamento de sujeitos nulos de terceira pessoa, mas não os de primeira e segunda:

   ex: **(Ɵ)**já **saiu** de casa**.** (DUARTE, 1993, 1995; KATO, 1999).

O trabalho de Duarte (1995:98) revelou o que aconteceu e de certa forma também prediz o que continua acontecendo com a representação do sujeito pronominal no PB a respeito da perda das principais características de sujeito nulo como conseqüência da perda do **Principio Evite o Pronome**. Nesse sentido, apresentamos aqui as conclusões a que chegou a autora no final do seu estudo a respeito da análise dos condicionamentos realizada:

> Seguimos o caminho recente da perda progressiva do sujeito nulo obrigatório, passando pelas estruturas que mais rapidamente cederam terreno ao sujeito pronominal pleno, como as que têm material em Spec de CP, e buscando identificar os mais fortes contextos de resistência ao avanço do sujeito, entre os quais estão a terceira pessoa, as sentenças com o pretérito perfeito, a presença de um referente bem estabelecido no contexto discursivo e a correferência entre sujeitos de estruturas subordinadas. A maior resistência por parte desses dois últimos não surpreende, uma vez que se trata de contextos em o sujeito nulo é obrigatório nas línguas *pro-drop*.

1.6. O Parâmetro do Sujeito Nulo no Espanhol

No quadro abaixo, podemos observar o paradigma verbal do espanhol (E), constituído pelos sete pronomes sujeitos e sete desinências.

1ª sing.	**Yo**	Cant - **o**
2ª sing.	**Tú**	Cant - **as**
	Vos	Cant - **ás**
3ª sing.	**Él/Ella/Usted**	Cant - **a**
1ª plur.	**Nosotros**	Cant - **amos**
2ª plur.	**Vosotros**	Cant - **áis**
3ª plur.	**Ellos/Ellas/Ustedes**	Cant - **an**

Quadro 3. Paradigma verbal e flexional do Espanhol

Devemos destacar que a segunda pessoa *vos* + a sua flexão verbal é uma característica de algumas variedades do espanhol da América e também sofre variações nas diferentes falas, inclusive no que se refere a prestígio. O fenômeno, denominado *voseo*, pode ser encontrado especialmente no Rio da Prata (Argentina, Uruguai e partes do Paraguai), em alguns países do Caribe e América Central e no Chile, com uma extensão de uso bastante diferenciada e aceitabilidade relativa em alguns casos. Em relação ao paradigma verbal do espanhol uruguaio, devemos destacar que no Uruguai, se usa o denominado ***voseo híbrido***[20], que significa o emprego alternado de duas formas:

1. pronome sujeito ***tú*** + o ***verbo voseado***
   tú sos una persona bárbara***.***

---

2. pronome sujeito **vos** + ***verbo voseado***
   Vos sos una persona bárbara.

A língua espanhola licencia a ausência de pronomes sujeitos devido a que possui um sistema flexivo "rico", isto é, as desinências do verbo permitem

[20] Cabe lembrar, que este chamado *voseo híbrido* deve-se ao fato que no Uruguai o voseo foi muito combatido e reprimido. Nesse sentido, se explica em parte o *voseo híbrido*. Por outro lado, acreditamos que na região fronteiriça, este voseo "tuteante", como poderíamos também denominá-lo, deve-se atualmente ao contato com a forma *Tu* do PU. Ou seja, que aqui teríamos um hibridismo como conseqüência do contato de línguas.

distinguir as diferentes pessoas do seu paradigma verbal.

Fernández Soriano (1999:1224) afirma que:

> El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una oración como ***Ella ha venido*** existe la posibilidad de la paralela sin pronombre, ***Ha venido.*** Así, nuestra lengua difiere de otras, como el inglés, que sólo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece expresado (***He saw her***). Esta posibilidad, que se da también en italiano y en otras lenguas no emparentadas, se ha puesto en relación con la riqueza que presenta el paradigma verbal, es decir, con el hecho de que la desinencia flexiva del verbo permita, por sí sola, distinguir entre las distintas personas gramaticales.

A ideia. compartilhada pela gramática tradicional[21], conforme a mesma autora (1999:1225), é que "(…) en estas oraciones la flexión 'contiene en sí' al sujeto, posee sus rasgos. [...]. La naturaleza pronominal de la flexión verbal de persona hace, así, que la aparición de un sujeto expreso no sea necesaria en ciertos casos." A autora apresenta exemplos de sujeito nulo em todas as pessoas do paradigma verbal espanhol e ressalta que as frases não são impessoais, dado que o sujeito nulo é o argumento predicado pela ação verbal e que possui um conteúdo semântico concreto. Vejamos os exemplos apresentados pela autora (1999: 1224):

Trabaj<u>o</u> de nueve a cinco todos los días.
Trabaja<u>s</u> de nueve a cinco todos los días.
Trabajaø de nueve a cinco todos los días.
Trabaja<u>mos</u> de nueve a cinco todos los días.
Trabajá<u>is</u> de nueve a cinco todos los días
Trabaja<u>n</u> de nueve a cinco todos los días.

A respeito do parâmetro *pro-drop*, Fernández Soriano (1999:1225) diz:

[21] Fernández Soriano refere-se a autores que também compartilham a mesma idéia, como Seco (1988), Gili Gaya (1943), RAE (1973) e Fernández Ramírez (1951).

> En lenguas como el español existen pronombres fonéticamente nulos, cuyo contenido se recupera a través de su relación con un elemento, en este caso afijado al verbo, que contiene rasgos de personas (y quizá otros). Ciertas lenguas permitirán la aparición en posición de sujeto de pronombres vacíos, siempre que se cumplan ciertos requisitos, entre los que está su adecuada identificación. (p.1225)

O espanhol apresenta três tipos de **sujeitos não explícitos** (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999: 1225):

1. **Argumentais.** Sujeitos elididos + um verbo não impessoal; a referencia pode ser indefinida e de quantificação existencial; contrastam com as construções com pronomes expressos (são os mais frequentes):

   Llaman a la puerta. / # [22] ***Ellos*** *llaman a la puerta*

2. **Quase–argumentais.** São os verbos meteorológicos e outros de terceira pessoa (*terciopersonales*); o sujeito pode materializar-se em expressões idiomáticas, porém nunca aparece como pronome:

   Llovieron piedras
   Llueve una lluvia finita.

3. **Expletivos ou sem nenhum conteúdo**. São os sujeitos das orações impessoais não meteorológicas. O espanhol não tem pronomes explícitos que funcionam como expletivos tal como o inglês (*it/there*) ou francês (*il*), por esse motivo, não aparece jamais um pronome nessas construções.

   Ɵ *hay moscas en el jardín.*
   Ɵ *es necesario trabajar más.*
   Ɵ *parece que estamos cansados.*

[22] O signo **[#]** está indicando que não é existencial.

Outra característica dos sujeitos pronominais do espanhol a que se refere a mesma autora é que a flexão verbal de pessoa tem a propriedade de não excluir a referencia de objetos [- animados]. Cabe ressaltar aqui, que **os sujeitos pronominais plenos do espanhol remetem exclusivamente a pessoas**, por esta razão, nesses casos, o pronome sujeito está ausente. No inglês, essa referencia é realizada através de um pronome neutro *it*. Conforme vimos antes, o PB também apresenta este uso**,** fazendo a referencia a objetos [– animados] por meio de um pronome pleno:

*He visto el coche de Juan**. Ø** tiene un color muy bonito**.***
*I have seen John´s car. **It has** a very nice color.*
*Vi o carro do João**. Ele** tem uma cor muito bonita**.***

Em espanhol, há contextos em que o sujeito pronominal deve estar presente:

a. quando o **sujeito é foco oracional** e, por conseguinte, deve ter um **acento contrastivo** e não pode recair sobre morfemas flexivos:

- Quién ha sido?
*– He sido **yo./ ***[23]__ He sido.*

b. não pode haver um sujeito elíptico se há complementos apositivos, adjetivais ou oracionais, neste caso, em que o sujeito pleno é obrigatório, também se aceita como referente um objeto inanimado.

***Tú** solo lo hiciste/*__ Solo lo hiciste.*
***Él mismo** lo ha resuelto./*__ Mismo lo ha resuelto.*
***Tú,** que tienes dinero/*__, que tienes dinero, podrás venir.*
*Tus **observaciones** son todas **ellas** falsas.*

A maioria dos gramáticos tradicionais coincide em que a presença de um pronome explícito na posição de sujeito é "supérflua" e considera que ela deriva

[23] O asterisco indica que o pronome não pode faltar.

de três fatores: a redundância, a ênfase e a ambigüidade (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999).

Vimos algumas das restrições de aparecimento dos pronomes expressos e, em relação a isso, Fernández Soriano (1999:1227), afirma que "no hay alternancia entre el uso y la omisión de los pronombres sujeto. Pero, además, todo parece indicar que un pronombre tónico no es 'redundante', sino totalmente imposible en algunos casos." Algumas orações que são perfeitas no inglês ou no francês, no espanhol, um falante nativo não as aceitaria:

Yo *me vestí y después* ***yo*** *fui a recoger a mi hijo, pero* ***yo*** *llegué tarde.*

Para essa autora, não podemos falar de uma livre alternância nem de uma opcionalidade, uma vez que o pronome aparece quando é necessário e essa necessidade deriva muitas vezes da configuração sintática. Ela sugere que os dados devem ser analisados minuciosamente e devem existir fatores estritamente gramaticais que determinem a sua presença. No entanto, quando aparece um pronome tônico em espanhol costuma-se atribuir a sua presença a fatores de natureza mais discursiva, tais como o contraste ou a inviduação:

Tú *lo sabías.*
Yo *ya lo he terminado*.

A respeito das propriedades do parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981), tratadas na seção anterior, elas também se aplicam ao espanhol. Vejamos algumas delas, com os seus respectivos exemplos, (LICERAS,1992):

1. **Presença de sujeitos nulos:**
   ___ *salieron por aqui.*

2. **Não requer a presença de expletivos como *él,* tal como ocorre com *il* ou *it* do francês e do inglês, respectivamente:**
   ___ *llueve.*

3. **Ausência de efeito *that-t:* permite relativizar e enfocar como perguntas os sujeitos das orações subordinadas:**
   ¿Quién has dicho que va a ganar?

4. **Inversão livre do sujeito em orações simples:**
   Ha llegado Juan.

5. **Possibilidade de mover um elemento através de uma cadeia de subordinação (extração do sujeito a distancia):**

   El hombre que me preguntó quien (le) había visto.

CAPÍTULO IV

a žente *se expresa cum* ***us dois idiomas*** *žunto ... y tein cosas que se entenden y pode falá ao mesmo tempo os dois idiomas... por ejemplo...* ***cv*** *voy no mercado y digo así me dé un quilo de choriso... en bes de disé quilo de salsiša... en bes de* disé un quilo de masa ***eu*** *digo* me dé un quilo de fideú

ANÁLISE LINGUÍSTICA DOS PRONOMES SUJEITO NO PORTUGUÊS URUGUAIO

Por meio da análise linguística da amostra em estudo, procuramos observar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU. Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), passamos a analisar o preenchimento e não preenchimento dos pronomes sujeito, assim como determinar quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessas realizações. Cabe ressaltar que para a seleção dos fatores linguísticos condicionantes nos baseamos fundamentalmente nas pesquisas realizadas a respeito do Sujeito Nulo do PB e PE realizadas por Duarte (1995, 2003).

Para recordar o já dito na parte dedicada neste trabalho à metodologia, para a quantificação dos dados, realizamos a contagem das ocorrências dos sujeitos nulos e preenchidos. Para o cálculo das porcentagens e média de uso, utilizamos o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 15* (SPSS®). Para saber se algum dos fatores extralinguísticos selecionados (idade e sexo) estaria favorecendo a regra do preenchimento ou apagamento do sujeito, aplicamos o Teste ANOVA. Este teste estatístico realiza uma análise de variância,

isto é, compara as médias dos grupos em análise, de um fator para uma variável dependente quantitativa em relação a outra variável de fator independente. Com a análise da variância, procuramos observar se as diferenças entre as médias das amostras são estatisticamente significativas.

1. OS FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

1.1. A pessoa gramatical

Os falantes do PU apresentaram, na amostra coletada, um total de 869 (53%) ocorrências de pronomes de sujeitos plenos, frente a 774 (47%) ocorrências de sujeito nulo. Na tabela 1, a seguir, podemos observar a distribuição desses sujeitos plenos e nulos de acordo com a pessoa gramatical.

PRONOMES SUJEITO PLENOS	***SOMA***	***%***	***PRONOMES SUJEITO NULOS***	***SOMA***	***%***
EU	441	51	EU	357	46,0
TU	56	6,5	TU	25	3,2
ELE	49	5,6	ELE	35	4,5
ELA	44	5,1	ELA	37	4,8
NÓS	104	12	NÓS	114	15,0
ELES	81	9,3	ELES	149	19,2
ELAS	12	1,4	ELAS	18	2,3
A GENTE	26	3	A GENTE	39	5,0
UM-UN	56	6,5	UM/UM		
TOTAL	***869***	***100%***	***TOTAL***	***774***	***100%***

Tabela 1. Pronomes Sujeito Plenos e Nulos

Como podemos observar, esse resultado está indicando que no PU há uma grande variabilidade no emprego desse parâmetro. A diferença percentual (DP) entre ambos os usos (plenos e nulos) é de apenas de 7%, com uma pequena tendência a favor do preenchimento dos sujeitos. Esse resultado pode estar indicando que o PU estaria também passando, ainda que mais lentamente, pelo mesmo processo de mudança que o PB, ou apontando também que, mesmo apresentando as mesmas estruturas do PB que favorecem o preenchimento do

sujeito, o PU mantém, ainda, algumas propriedades das línguas *pro-drop*, que estariam resistindo à mudança pelo contato com o E. Mas veremos mais adiante o que os dados nós revelam após uma análise mais detalhada e quais fatores linguísticos e sociais são os que estariam favorecendo ou desfavorecendo o processo de mudança.

Iniciando a análise pelos sujeitos plenos, no gráfico a seguir, podemos visualizar a frequência com que eles aparecem na amostra, de acordo também com a pessoa gramatical em jogo:

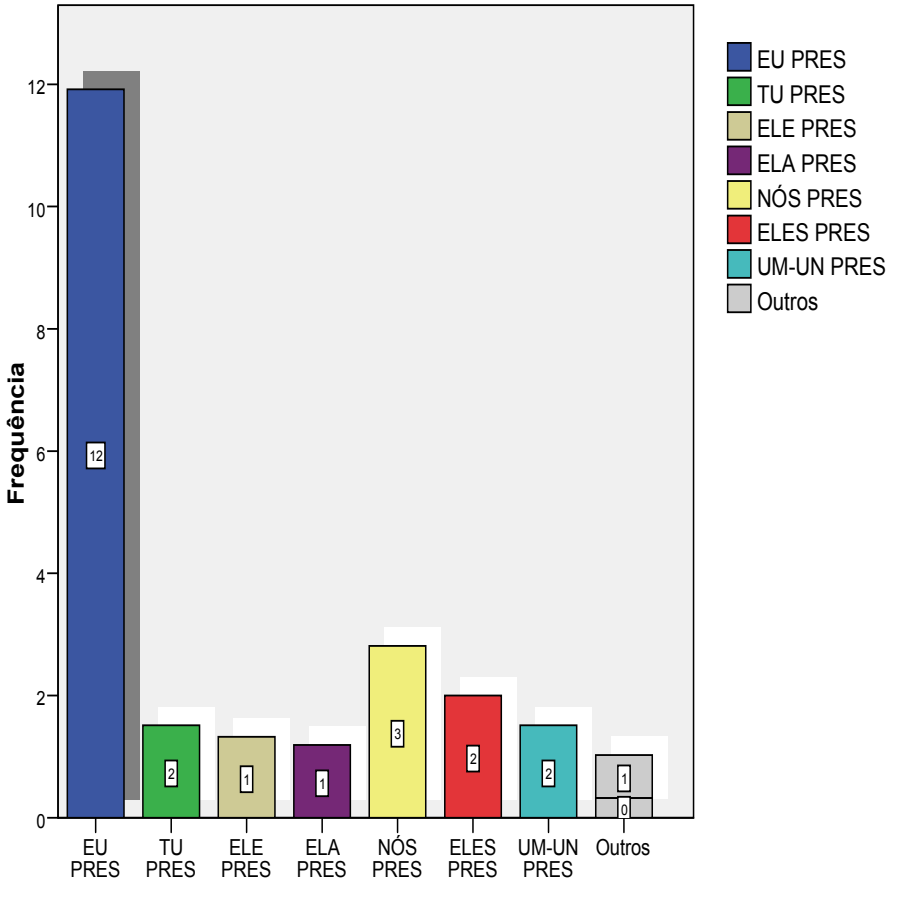

Gráfico 1. - Frequência de pronomes sujeito pleno

A pessoa gramatical de sujeito pleno mais utilizada pelos falantes do PU foi o pronome *Eu*, com uma média de uso 12 (441 ocorrências). Este resultado revela a tendência do PU em preencher o sujeito, mesmo junto a uma desinência

distintiva, como é o caso da primeira pessoa do singular:

(1) ***eu*** trato de me correží pero cuando ***eu*** falu cum otra persona que fala beim o espanhol ***eu*** vežo que to:: tremendamente mal...

(2) sim não é em tudo não é en todas as palabra porque hay cosas que ***eu*** falo beim pero... cuando ***eu*** fui trabaiá en Punta del Este mesmo ***eu... eu*** tinha vergonha ***eu*** ficaba queta y não quiria falá porque ***eu*** via que ***eu*** falaba ...(B1- L56-61)

Como podemos observar nos exemplos acima, a mesma informante emprega o sujeito lexical com sujeitos referentes acessíveis. A respeito disso, Duarte (2003:08) aponta que este tipo de sujeito ainda favorece o emprego do sujeito nulo, entretanto, o resultado de dois estudos Painel e Tendência[24] realizados pela mesma autora, revelou que "os índices percentuais já se igualam aos obtidos nos casos de referente não acessível". Se compararmos este resultado com o PB, estudos indicam que as primeiras e segundas pessoas também apresentam um baixo índice de sujeito nulo (cf. DUARTE, 1993,1995). Este dado nos remete também à hierarquia da referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). As autoras propõem uma escala em que a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas com os traços [+referencial], [+específico] e [+humano] ocupam a posição mais elevada na hierarquia e, por outro lado, o não-argumento (expletivo), cujos traços são [-referencial], [-específico], ocupa a posição mais baixa; vejamos a escala abaixo:

Hierarquia referencial
não-argumento proposição [-humano] [+humano] 3p. 3p. 2p. 1p -específico + específico [-ref] < ---------- > [+referencial]

Escala extraída de Cyrino, Duarte e Kato (2000)

[24] O estudo do tipo 'tendência' se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos de tempo, enquanto o estudo de 'painel' consiste no re-contato e na obtenção de uma amostra de fala dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo. (Paiva & Duarte, 2003. p.186)

Como podemos observar, as primeiras pessoas estão ocupando, nessa hierarquia, o primeiro lugar, por conter os traços mais [+ humano] e [+ específico]. Quanto maior for a referencialidade (humana e específica), maior será número de sujeitos preenchidos. Por outro lado, a 3ª pessoa com traços [+ humano] e [- humano] e [+ específico] e [- específico] está no extremo esquerdo da escala, por conseguinte, menor a referencialidade e menor o número de sujeitos preenchidos.

Se por um lado o PU apresentou um número um elevado de sujeitos de primeira pessoa preenchidos, com 55%, por outro, computamos também um índice de sujeitos nulos de primeira pessoa muito próximo ao de sujeitos plenos, com um 45%, o que significa uma diferença percentual de 10% (ver tabela acima). A respeito desse número elevado, cabe lembrar que para esta análise dos dados não excluímos os nulos categóricos (as expressões típicas [*sei lá*], as respostas afirmativas, os verbos epistêmicos e as coordenadas iniciais com sujeitos com referencia acessível), por acharmos que seria importante computar o universo total de sujeitos preenchidos e nulos no PU. Nesse sentido, se tivéssemos excluído o nulo categórico das estruturas mencionadas anteriormente o sujeito nulo seria um pouco menor do que computamos. Entretanto, mesmo sem haver computado o nulo categórico exclusivamente para poder indicar a frequência de uso, pudemos observar que em muitos casos os falantes empregaram também os sujeitos plenos com nulo categórico:

(3) claro tras...bue/ falabam muito que teim que us as criansas este::: tinham dificultade na escritura por por falar u dialeto... mas ***eu ašo*** que não... (C15-L271-273)

(4) não sei porque ***eu ašo***:: qui sei ***eu eu ašo*** que é uma manera más educada de conversá (A-L40-41)

(5) mas que sei ***žo*** y aprendí lá nu campo (C3-L36)

(6) *Doc.:já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam?*
[25]***cv*** não

[25] ***CV= categoria vazia.***

cv não (A4 – L32-35)

(7) *Doc.: e como é a forma de vida dos brasileiros e dos uruguaios... o que vocês acham? existem diferenças?*

Cv ašo que não... não (C1-L12)

O estudo de Duarte (1995:09) a respeito do PE revelou também um baixo índice de sujeitos nulos de primeira pessoa e também um equilibrado uso de sujeitos nulos e plenos. Ochs & Duranti (1979, apud DUARTE, 1995: 09), no seu estudo sobre o italiano oral, afirmam também que os falantes, numa conversação utilizam geralmente sujeitos de primeira pessoa plenos e não somente o mecanismo de concordância verbo + sujeito. Como observamos, o PU, no emprego da primeira pessoa, apresenta algumas características mais próximas ao PE do que ao PB.

Quanto aos fatores extralinguísticos, o fator idade revelou que os grupos C (41%) e A (32%) empregam mais sujeitos nulos do que plenos, e o grupo de idade B é o que utiliza mais sujeitos plenos (49%) do que nulos (27,2%). No que se refere aos sujeitos plenos, destaca-se o grupo B, com uma média de uso 16 em segundo lugar, vem o grupo C, com uma média de uso de 11; e, por último, o grupo A, com uma média de uso de 7,5. O teste estatístico ANOVA aplicado não revelou nenhuma diferença significativa entre os três grupos analisados. Este resultado sugere que no grupo dos mais velhos ainda prevalece o emprego do sujeito nulo, embora a diferença percentual seja de 12%. No grupo A, isto é, dos mais jovens, os sujeitos plenos e nulos estão quase que equilibrados, pois a diferença percentual é apenas de 1,1%. Neste caso, podemos dizer que o grupo A é altamente variável em relação ao emprego da primeira pessoa plena e nula. Na tabela a seguir, podemos observar o comportamento do grupo idade em relação ao emprego das formas plenas e nulas do pronome *Eu*.

GRUPO IDADE		EU PLENO	EU CV
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	97	114,0
	Média	7,46	8,769
	%	22,0%	31,9%
GRUPO B (26 - 50 anos)	Soma	217	97,0
	Média	16,69	7,462
	%	49,2%	27,2%
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	127	146,0
	Média	11,55	13,273
	%	28,8%	40,9%
Total	Soma	441	357,0
	Média	11,92	9,649
	%	100,0%	100,0%

Tabela 2. Sujeito pleno e nulo *Eu* segundo o grupo idade

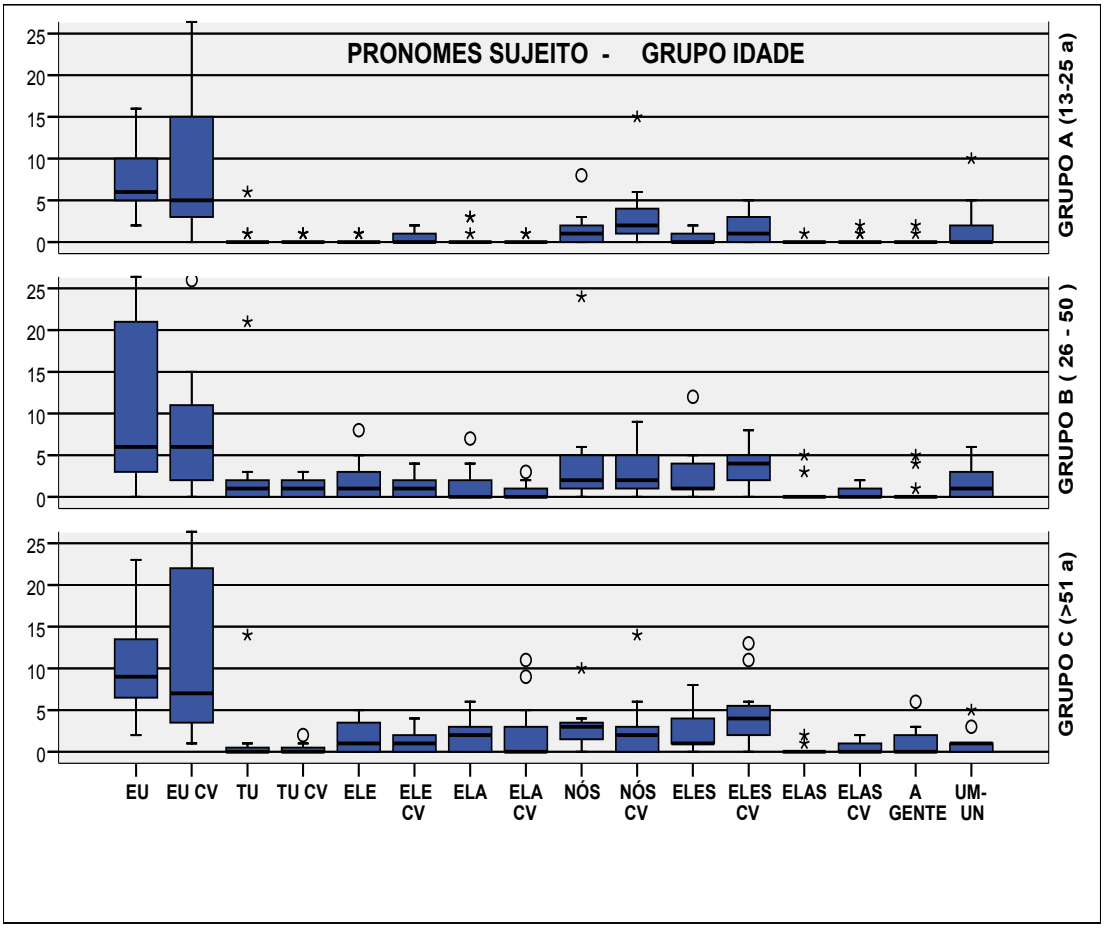

Gráfico 2 - Sujeitos nulos e plenos segundo o grupo idade

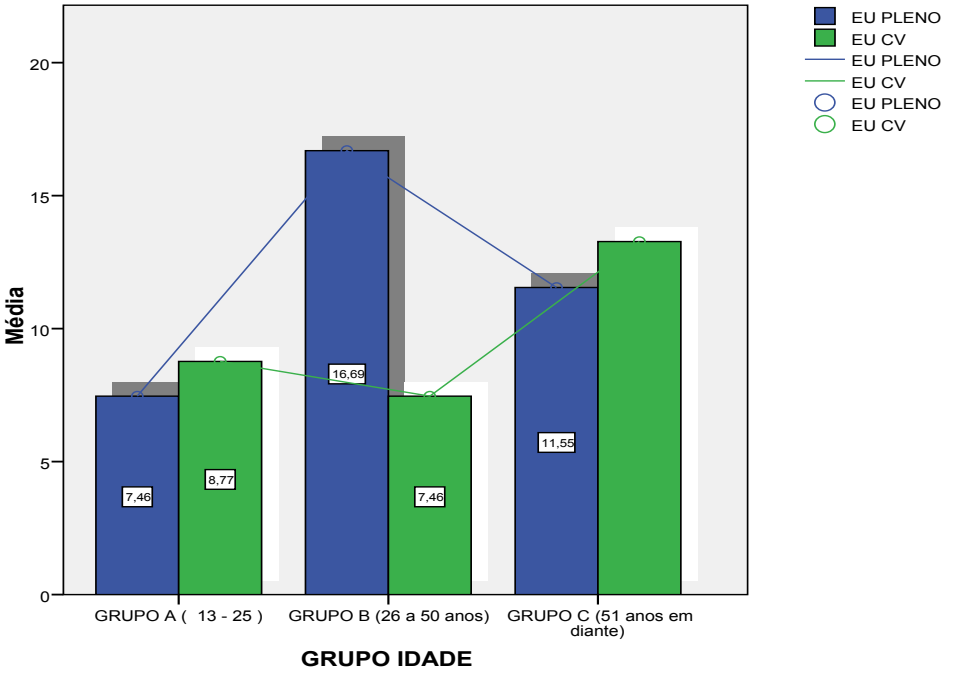

Gráfico 2.1 - Sujeito *Eu* segundo grupo idade

Quanto ao fator sexo, como podemos observar na tabela abaixo, o grupo masculino apresenta mais sujeitos plenos (58,5%) do que o grupo feminino (41,5%). Este último, ao contrario, apresentou mais sujeitos nulos (43,7 %) do que plenos (41,5%). Entretanto, ambos os grupos apresentaram uma ocorrência equilibrada de sujeitos plenos e nulos, com uma diferença percentual de 2,2%. O teste estatístico da variância também não revelou nenhuma diferença significativa entre estes dois grupos. O fator gênero foi selecionado para observar se está havendo também uma mudança no PU, dado que, conforme os estudos da sociolinguística de variação e mudança, as mulheres são as que utilizam menos variantes estigmatizadas e mais variantes de prestígio do que os homens (LABOV, 1972). No caso do PU, lembremos que esta variedade falada na região é muito estigmatizada, até pelos próprios usuários, isto é, eles sentem muita vergonha da sua própria língua materna. Por essa razão, poderíamos dizer que as mulheres tenderam a empregar menos formas plenas do que os homens, uma vez que, como o espanhol é a variedade de prestigio de que se valem tanto as mulheres quanto os homens em contextos mais formais, poderíamos afirmar que as

mulheres estariam sendo mais conservadoras em relação ao emprego do sujeito nulo do que os homens. Contudo, vimos que ambos os sexos empregam mais sujeitos plenos do que nulos. A tabela e o gráfico a seguir apresentam e ilustram claramente o desempenho dos homens e mulheres em relação ao pronome sujeito EU.

GRUPO SEXO		EU PRES	EU AUS CV
MASCULINO	Soma	258	201,0
	Média	12,90	10,050
	% da soma total	58,5%	56,3%
FEMININO	Soma	183	156,0
	Média	10,76	9,176
	% da soma total	41,5%	43,7%
Total	Soma	441	357,0
	Média	11,92	9,649
	% da soma total	100,0%	100,0%

Tabela 2.1. Sujeito *Eu* segundo o grupo sexo

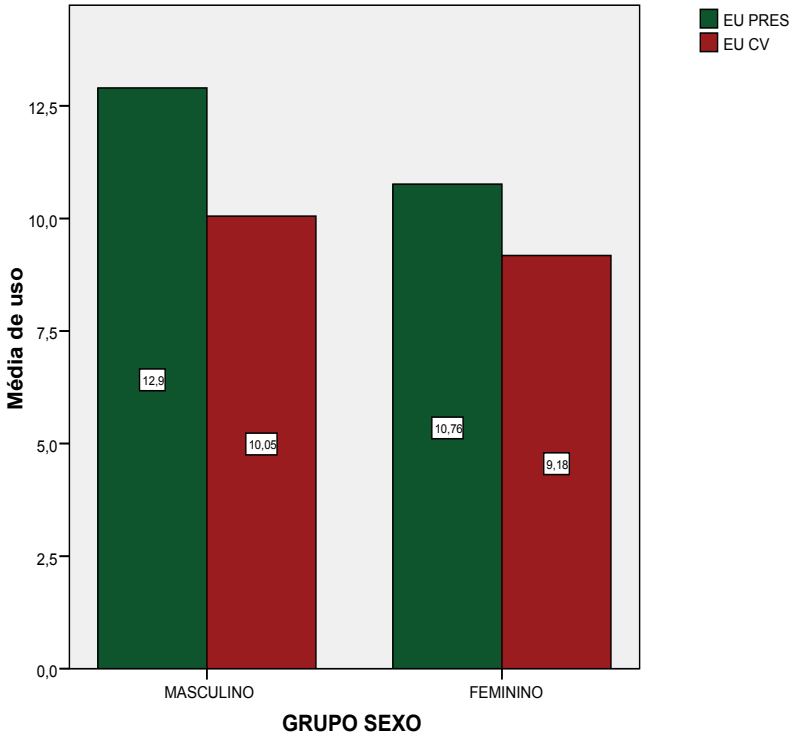

Gráfico 2.2 - Sujeito *Eu* segundo grupo sexo

A 3ª pessoa apresentou um **56% de formas plenas** (93 ocorrências para as formas *Ele* e *Ela,* 77 ocorrências para *Eles* e *Elas* e 16 ocorrências para as

forma *Eles* plena indeterminada[26]*)* frente a um 44**% de formas nulas** (72 ocorrências para *Ele* e *Ela* e 114 para *Eles* e *Elas* e 54 para a forma *Eles* indeterminada). Uma vez mais, constatamos uma diferença baixa entre sujeitos plenos e nulos (12%). Ainda assim, de todas as formas nulas da amostra, a terceira pessoa apresentou um índice alto de sujeitos nulos (31%) depois da forma *Eu* (47%). Comparando este resultado com o PB, conforme o estudo de Duarte (1995), a 3ª pessoa é a forma que apresenta o índice mais alto de sujeitos nulos e, também, é a mais resistente à mudança. Apesar disso, a autora observa que "embora mais lentamente, o sujeito nulo de 3ª pessoa também "vai cedendo espaço ao sujeito pronominal lexical" (p.54).

A quantidade de sujeitos plenos de 3ª pessoa na nossa amostra estaria relacionada às condições de referência. Quando o referente não é sintaticamente acessível, como nos casos de contraste ou ênfase, este favorece o preenchimento do sujeito. Esse tipo de sujeito preenchido, numa língua de sujeito nulo, é funcionalmente motivado, afirma Duarte (2003). Registramos muitos casos de contraste utilizando a 3ª pessoa, como se observa nos exemplos (1), (2) e (3):

(1) *Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em Livramento com o que tu falas?*
ah eu ašo qui teim... não sei porque ***eles*** pronun/pronunsíam palabras asim mais por esemplo *nós* disemo más e ***eles*** mais eu qui sei né? ***Eles*** teim ... uma coisa que/una cosa que ***eles*** não combina muito bem cum o daqui (L.90-93 -INF.A7)

(2) é ruim é a mesma cosa ansim que *nós* temo te dišendo como uruguaio, ***eles*** vão te diše a mesma cosa (L142-43 – INF.A14)

(3) ah sim hay diferensias sí hay muinta diferensia porque ***eles*** se espresam corretamente y *nós* não... nós entreberemo us idioma (L.59-60- B5)

[26] A forma indeterminada ***Eles*** (plena ou nula) foi acrescentada ao cômputo do índice total para observar melhor qual é frequência de uso desta forma em comparação com as formas de referência definida. Entretanto, ela será analisada à parte, conjuntamente com as outras formas de sujeito indeterminado presentes na nossa amostra.

Quando temos um antecedente expresso em função de sujeito e não se encontram elementos que obstaculizem a sua identificação, a preferência é o sujeito nulo. Nas línguas *pro-drop*, esse tipo de sujeito é considerado quase um nulo categórico. O estudo de Duarte (2003) revelou que o PB ainda apresenta resistência em preencher esse tipo sujeito, entretanto, índices elevados de sujeitos plenos nesse contexto demonstram que essa parece ser uma opção natural no PB[27]. Do mesmo modo, O PU também apresentou casos de sujeitos nulos e plenos com um antecedente expresso em função de sujeito, o que indicaria que também o PU estaria no processo de mudança.

(4) Al meno foi o que o ***Presidente*** dise... que ***ele*** ia tomá medida cuando estabilisasen us presio

(5) porque aquí nu Uruguay te ensinan en espanhol y ***esa criansa*** entra falando en portugués y sabe que... ***ela*** ža fica pa atrás ža (B7- L61-62)

(6) ***u uruguaio*** é tão ansim que ***ele*** é... nu: numa partida de fútibol ***ele*** pode grita no dialecto... mais ***ele*** é uruGUAIO... (B14-L120-21)

(7) ***us žornal uruguaio eles*** teim levantado muito u nivel u nível entons entonses eu tenho agora pasado a olhar muito ***us uruguaios*** y tenho visto que ***eles*** im muita coisa as ves ža não tão tão lonže du:: por esemplo em materia žornalística du brasilero mas tambéim veim aí otra coisa que ta eu ašo que tá influindo tambéim poquinho mais eles (...) que é por exemplo... ***a CNN*** através da teve a cabo ***ela*** ta entrando... y a CNN fala us us este us:::... ***us periodistas*** da da teve ***eles*** falam u:: espanhol cum sotaque americano y aí tambéim de a poquinho a žente vai pegando algumas coisinhas que não tão no esquema né? (B14-L241-249)

Quanto aos casos de sujeitos nulos em que há um correferente accessível em função de sujeito, observamos um número elevado de nulos de 3ª pessoa:

(8) *Doc: e as "**maestras**" como eram?*
ah:: bueNIsimas ... ***cv*** forom ensinando ansim falá ejemplo ... eso de ta gaguežando falá tudo ( ) respirá y ahí fala as palabra (L61-63-A8)

[27] Como exemplo do PB, em que o referente está sintaticamente acessível, Paiva & Duarte (2003) apresentam (...) ***Aí meu marido*** *i* não gostou porque ***ele*** gosta *i* muito de bicho. (Lei 00)

(9) ***algum algum parente*** que moraba aquí que mora por lá puede ser...eses ža falam un poco pero ža cum os anos lá ža ***cv*** vão perdendo ža esa ese estilo fronteriso (L85-87-A8)

(10) o uruguaio é más formal que o brasilero... ***brasilero*** é más ...música ***cv*** festeža tudo ***cv*** veve na na alegria... nei que ***cv*** težem morrendo de pobresa ***eles*** tão sempre na alegria (L79-81- B4)

Em relação aos fatores sociais, o grupo idade que mais emprega sujeitos nulos de 3ª pessoa é o grupo C (44%), depois vem o grupo B (37%) e por último o grupo mais jovem (19%), conforme podemos ver na tabela, a seguir:

GRUPO IDADE		ELE/ELA ELES/ELAS	ELE/ELA ELES/ELAS CV	ELES INDET	ELES INDET CV
GRUPO A (13- 25)	Soma	19	36	2,0	16,0
	%	11%	19%	12,5%	29,6%
GRUPO B (26 -50)	Soma	85	69	8,0	19,0
	%	50%	37%	50,0%	35,2%
GRUPO C (51 anos)	Soma	66	81	6,0	19,0
	%	39%	44%	37,5%	35,2%
Total	Soma	170,0	186,0	16,0	54,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,00%

Tabela 3. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo idade

Sobre os sujeitos preenchidos, o grupo B (50%) e o grupo C (39%) são os que mais se valem dos pronomes plenos e o grupo A é o que menos os emprega, com apenas 11%. Os três grupos apresentaram um comportamento equilibrado de uso entre as formas plenas e nulas. O grupo dos mais velhos é o que lidera, pois apresentou uma diferença percentual de 4%, o grupo A 8 % e o grupo B 13%. Como vemos, os três grupos de idade apresentam índices de preenchimento de 3ª pessoa que estariam indicando que também no PU está ocorrendo o que Duarte (2003:115) denomina a "implementação da mudança em direção ao sujeito foneticamente realizado".

No que se refere ao fator sexo, os índices revelam que as mulheres tenderam a usar mais do que os homens as formas plenas ***Ele*** e ***Ela***. No emprego das mesmas formas nulas, tanto os homens (54%) quanto as mulheres (46%) apresentaram um número de ocorrências equilibrado. As formas do plural

apresentaram um comportamento diferente, ambos os sexos empregam mais as formas nulas, entretanto, os homens apresentaram um número maior de formas nulas e plenas do que as mulheres. (cf. tabela e gráfico abaixo). O teste estatístico ANOVA foi aplicado tanto no fator idade quanto sexo, entretanto nenhuma diferença significativa foi registrada.

GRUPO SEXO		ELE	ELE CV	ELA	ELA CV	ELES	ELES CV	ELAS	ELAS CV
MASCULINO	Soma	22,0	19,0	15,0	20,0	40,0	49,0	5,0	9,0
	%	44,9%	54,3%	34,1%	54,1%	71,4%	65,3%	41,7%	50,0%
	Média	1,100	,950	,750	1,000	2,000	2,450	,250	,450
FEMININO	Soma	27,0	16,0	29,0	17,0	16,0	26,0	7,0	9,0
	%	55,1%	45,7%	65,9%	45,9%	28,6%	34,7%	58,3%	50,0%
	Média	1,588	,941	1,706	1,000	,941	1,529	,412	,529
Total	Soma	49,0	35,0	44,0	37,0	56,0	75,0	12,0	18,0
	%	100,0%	100,0 %	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,324	,946	1,189	1,000	1,514	2,027	,324	,486

Tabela 3.1. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo sexo

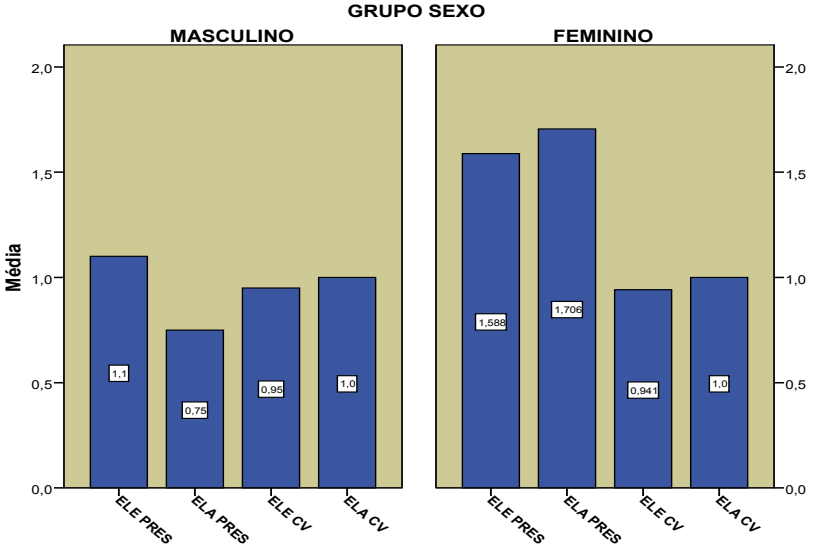

Gráfico 3 - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

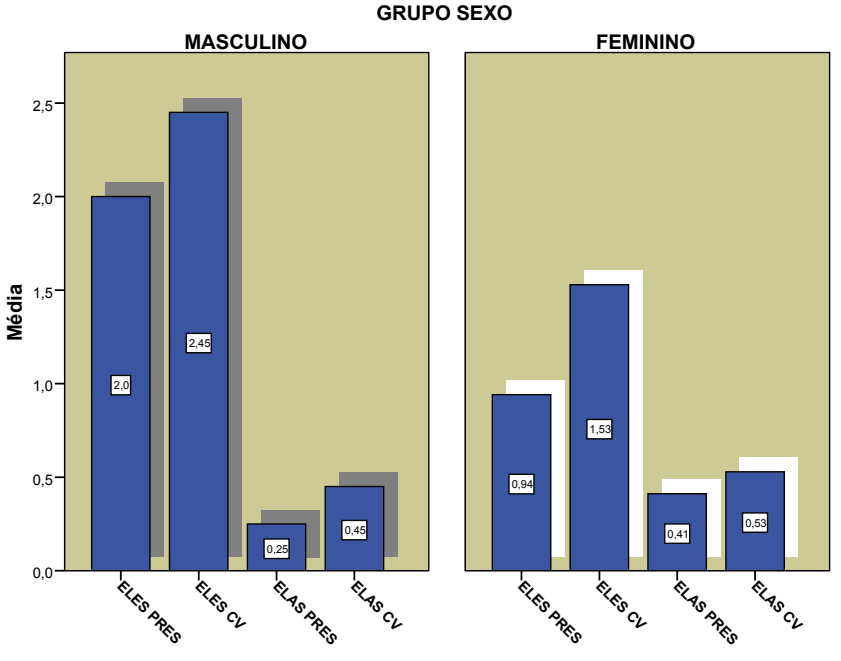

Gráfico 3.1 - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

A segunda pessoa do singular ***Tu***[28] e a forma menos utilizada da amostra, fato que pode ter sido condicionado pelo tipo de respostas solicitadas pela entrevistadora, que estimulou mais o aparecimento de narrativas e menos a interlocução. Por um lado, computamos todas as formas plenas e nulas que, na sua grande maioria, aparecem condicionadas pelo contexto discursivo, ou seja, quando o falante realiza perguntas buscando aprovação no contexto da argumentação e interação, e, por outro, computamos as ocorrências da forma ***Tu*** com valor indeterminado plena. Este último ***Tu*** não será tratado aqui, pois será analisado junto com as outras formas de sujeito arbitrário, como a forma *se*, *a gente, eles* e *uno/um/um*.

Das 88 ocorrências registradas da segunda pessoa ***Tu***, 68% foram plenas e 32% nulas. Das formas plenas, 18% delas foram formas que apareceram junto aos marcadores conversacionais que podem funcionar como marcador de teste ou

[28] Cabe observar que optamos por transcrever a forma ***Tu*** sem acento conforme o português, dado que no português do Rio Grande do Sul esta é a forma de tratamento de segunda pessoa mais utilizada. Outras das razões que nos levou a optar por usar a forma ***Tu*** conforme o PB é que no espanhol uruguaio a forma ***Tú*** é utilizada muito pouco e, quando é utilizada alterna com a forma ***Vos.*** Nesse sentido, acreditamos que o ***Tu*** no PU deve-se mais ao emprego do ***Tu*** no português gaúcho do que ao seu emprego no espanhol uruguaio.

busca de apoio para conseguir o assentimento do ouvinte como: *tu sabe, tu sabe que, tu viste que, tu te da conta* etc.:

(11) y **tu sabe** qui eles faseim di tudo pra tratá de escondé que eles são daqui (B7)

(12) ***tu* viste** a volta dus coche brasilero que dus coche uruguažo que cv venderon na frontera? (L112-B4)

(13) ***tu sabe*** o que que eu compro uruguaio? (L14-B1)

As formas nulas registradas também se apresentam junto a esse tipo de construções, o que corrobora a variabilidade do PU nesse aspecto:

(14) eu tambéim o portunhol... porque um tá más acostumado a falá asim ***cv biste***? pasa falando todo día ahí asim (L86-A4)

(15) eu tó em milhor situação de que muitas que teim uma carrera...***cv entendeste***? (L35-36-C13)

(16) mas mentras esté::: eh eles pasem iso para um sigundo plano este::: y nós este::: na teoria y na dialéctica nós teža integrado/nos estéžamos integrado iso não existe realmente... ***cv sabe*** por quê? (L278-279-B14)

(17) eu me sinto más brasilera que uruguaia ... **cv entende**? (B7-L.136-137)

(18) ...porque um tá más acostumado a falá asim **cv biste**?(A4-L.85)

No que se refere aos fatores sociais, na tabela a seguir, podemos observar que o grupo A não emprega nenhuma forma plena junto aos marcadores conversacionais, como as apresentadas nos exemplos (12), (13) e (14). O grupo B é o que mais as emprega, com 64% de ocorrências, seguido pelo grupo C, com 36%. O grupo B também apresentou mais ocorrências nulas nesse mesmo contexto (53,6%), seguido pelo grupo A (32%) e pelo grupo C (14%). Como se observa, neste tipo de estrutura prevalece o emprego da forma nula sobre a plena nos grupos A e B e encontramos um equilíbrio das plenas e nulas no grupo C (ver gráfico abaixo). Acreditamos que, conforme vimos, o nulo se faz más presente nessas estruturas pela desinência distintiva de segunda pessoa, que na maioria

dos casos é utilizada com o Pretérito Perfeito (-*ste*), já seja com verbos do português ou do espanhol. Além disso, independentemente da desinência distintiva, cabe ressaltar que o nulo também se apresentou junto a verbos no Presente do Indicativo com a desinência zero, emprego esse típico da fala do Rio Grande do Sul, que também faz parte do paradigma do PU.

GRUPO IDADE		TU	TU INDETER.	TU CV
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	,0	8,0	9,0
	%	,0%	16,3%	32,1%
	Média	,000	,615	,692
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	7,0	25,0	15,0
	%	63,6%	51,0%	53,6%
	Média	,538	1,923	1,154
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	4,0	16,0	4,0
	%	36,4%	32,7%	14,3%
	Média	,364	1,455	,364
Total	Soma	11,0	49,0	28,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	,297	1,324	,757

Tabela 4. - Sujeito pleno e nulo de 2ª pessoa singular segundo o grupo idade

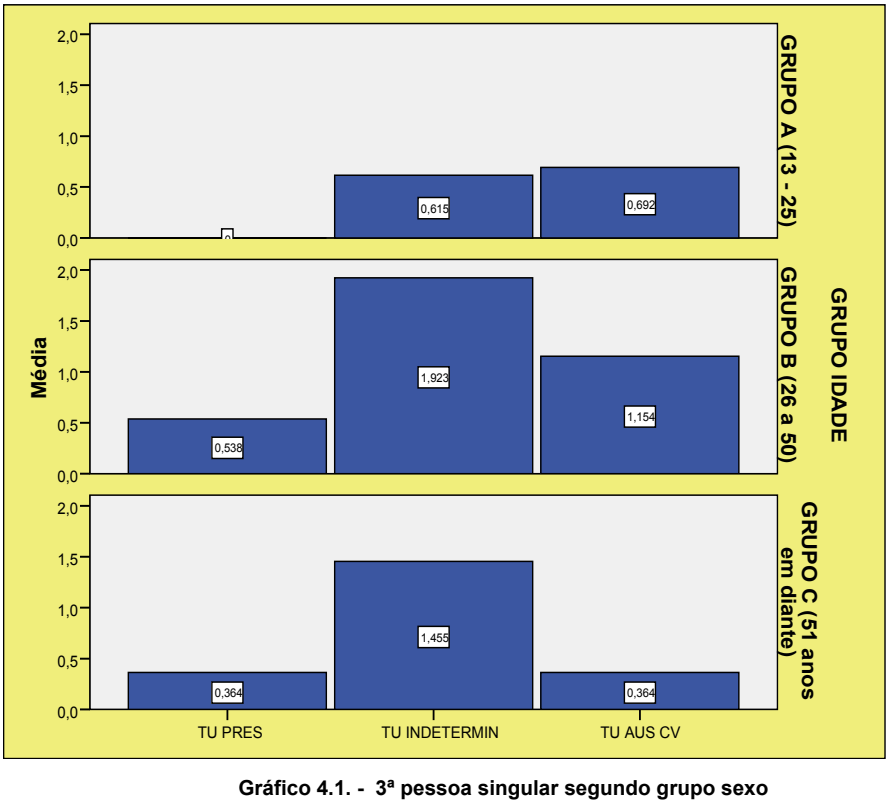

Gráfico 4.1. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

Em relação à segunda pessoa do plural, não foi observado nenhum tipo de ocorrência, nem da forma *vocês* ou de *ustedes*, do espanhol. Isso provavelmente

também se deveu ao tipo de entrevista realizado e às narrativas decorrentes.

Outras formas de tratamento de segunda pessoa, que esperávamos que fizessem parte do paradigma do PU, mesmo em um número reduzido, como as formas ***vos, usted, ustedes*** do espanhol, e ***você*** e ***vocês*** do português, foram descartadas da análise[29], em alguns casos por ausência total dessas formas (*usted e ustedes*, *você)*, e em outros por apresentarem um número muito baixo como foi o caso da forma *vos* do espanhol e *vocês* do português.

A forma ***Nós*** foi a forma mais preenchida pelos falantes do PU depois do pronome ***Eu*****,** com 12% de ocorrências registradas. Registramos um 52% de formas nulas frente a um 48% de formas plenas, com uma diferença percentual muito baixa de apenas 4 %. Este número elevado de preenchimento chama muito a atenção dado que a forma ***Nós*** no PU ainda mantém a sua desinência distintiva, apesar de que registramos também alguns casos de desinência zero junto ao pronome ***Nós***.

(20) porque desde que se conhesemo ***cv*** falemo em espanhol (L133-A2)

(21) ***cv*** somo namorado (L136- A1)

(22) as ves ***nos*** olhemo as ves não de noite da o Ratinho da ... as ves da Filo qui é "o coitado" teim un monte de programa bom no treše (L95-99- A7)

(23) *Doc: e pra se divertirem o que vocês fazem?*

(24) ***cv*** saimo cum us amigo ***cv*** **saimo** coa ... **cv** vamo num baile... (L67-68-A11)

Outro fato relevante é que no momento de fazer o computo das ocorrências, observamos um índice muito alto do pronome ***Nós*** com referência arbitrária o que nos levou a fazer o levantamento das ocorrências separadamente. Cabe salientar, uma vez mais, que a analise deste tipo de ocorrências não é o objetivo principal do nosso trabalho, no entanto, optamos em codificá-las dado que a representação do sujeito indeterminado também é realizada por uma forma pronominal, seja plena ou nula. Como o objetivo principal deste estudo é elencar

[29] Registramos dois casos para a forma *vos*, numa paráfrase e outra como marcador conversacional (*vos ves que)* e duas ocorrências para forma vocês no plural, também empregada no discurso indireto. Como exemplo de emprego da forma *vos* apresentamos: "temo acostumado a falá y y en espanhol é asada ... e ahí a maestra me dis "inchada tas *vos*" vo y salto "inšada maestra" y a maestra "no inchada estás *vos*"... porque não era inchada" (L.108 - A14) e como exemplo de emprego de você citamos: " nos somos de la frontera con Brasil ... y si viajamos a Brasil vamos a San Pablo por ejemplo "y ***voses*** de onde são... são este de:::... baiano...v***oses*** são baiano"... nós somos uruguaios... (L147-48- C11)

as propriedades do sujeito do PU, não podemos deixar de descrever também qual é a forma pronominal que o PU mais emprega para representar o sujeito de referência arbitrário. Duarte (1995, 2000) demonstra que o PB também preenche o sujeito nas construções indeterminadas. As formas mais utilizadas são ***Você*** e ***A gente*** e as menos**,** utilizadas são as formas ***Se* e *Nós***. O PU, conforme vimos anteriormente, emprega ***Tu***, ***Nós***, e também, como veremos mais adiante a forma ***A Gente*** e a forma indeterminada ***Um/Un*** do espanhol. Este tipo de ocorrências serão analisadas conjuntamente no item (2.0). No gráfico abaixo podemos visualizar bem a frequência de uso das formas plenas e nulas da forma ***Nós***:

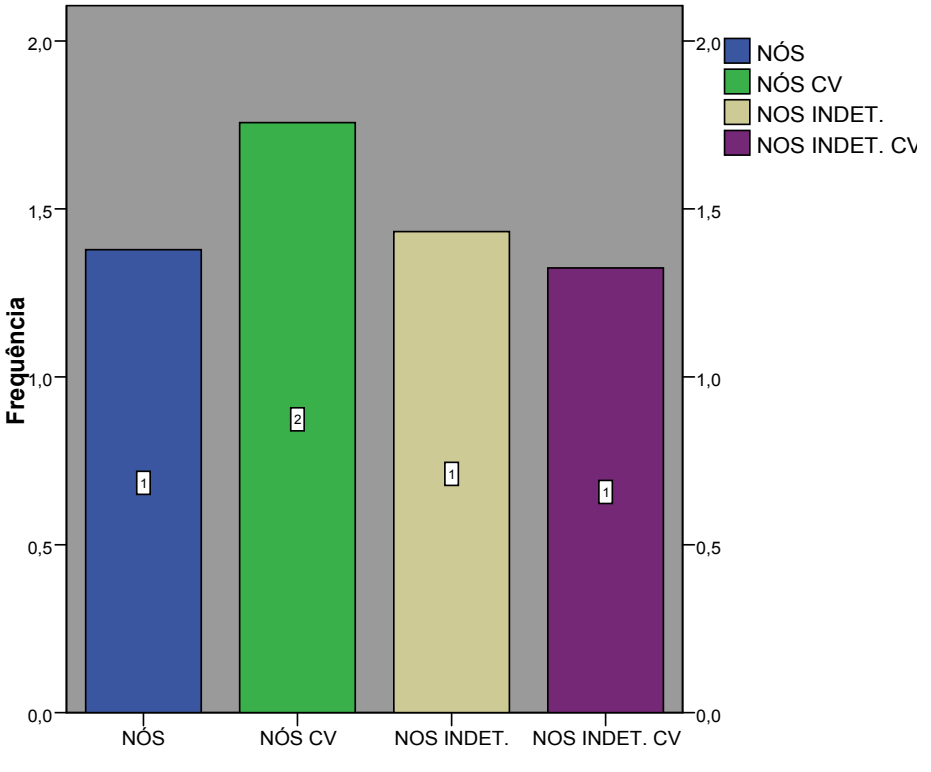

Gráfico 5. - Freqüência de uso 1ª pessoa plural

O fator idade não revelou nenhuma diferença significativa inter-grupos e intra-grupos. Os três grupos tenderam a usar mais as formas nulas dos que as plenas. Os grupos C e B apresentaram um uso mais equilibrado de formas plenas e nulas e o grupo A é o que tendeu a empregar mais sujeitos nulos do que os mais

velhos. Acreditamos que o grupo dos mais jovens emprega mais o sujeito nulo devido ao contato que têm com o paradigma espanhol nas Instituições de Ensino, lembremos que os falantes dos PU são alfabetizados na língua espanhola e jamais aprenderam a ler e escrever a sua língua materna que é o PU. Na tabela 2.5 e gráfico 1.7, a seguir, podemos visualizar os índices obtidos conforme o fator idade:

GRUPO IDADE		NÓS	NÓS CV	NOS INDET.	NOS INDET. CV
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	13,0	21,0	10,0	15,0
	%	25,5%	32,3%	18,9%	30,6%
	Média	1,000	1,615	,769	1,154
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	19,0	24,0	28,0	20,0
	%	37,3%	36,9%	52,8%	40,8%
	Media	1,462	1,846	2,154	1,538
GRUPO C (51 anos -----)	Soma	19,0	20,0	15,0	14,0
	%	37,3%	30,8%	28,3%	28,6%
	Média	1,727	1,818	1,364	1,273
Total	Soma	51,0	65,0	53,0	49,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,378	1,757	1,432	1,324

Tabela 5. - Sujeito pleno e nulo de 1ª pessoa plural segundo o fator idade

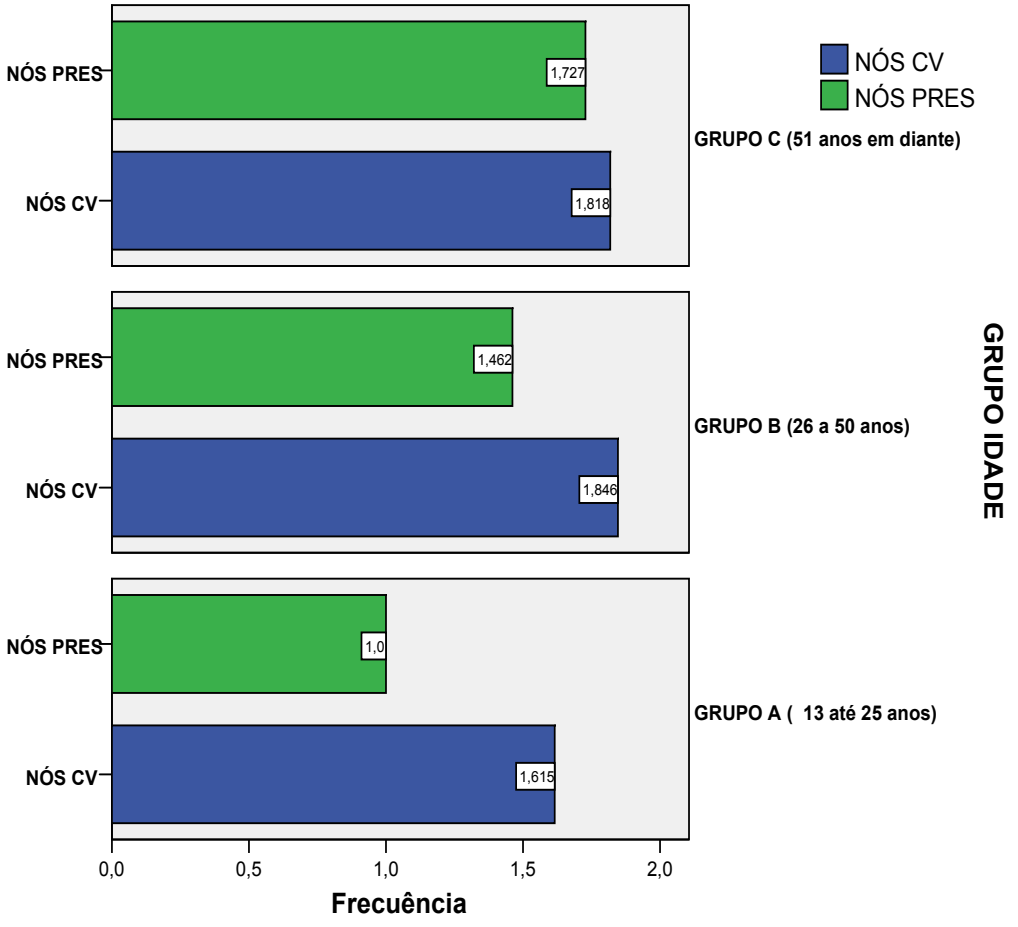

Gráfico 5.1 - 1ª pessoa plural segundo fator idade

Quanto a variável sexo, o grupo masculino tendeu a usar mais as formas nulas do que as plenas e o feminino apresentou um equilíbrio de emprego das formas nulas e plenas (cf. tabela e gráfico abaixo). Uma vez mais, podemos dizer que as mulheres estão na liderança e tenderam a usar mais do que os homens as formas preenchidas, embora haja uma diferença percentual muito baixa entre as mulheres e os homens.

GRUPO SEXO		NÓS	NÓS CV
MASCULINO	Soma	28,0	41,0
	%	54,9%	63,1%
	Média	1,400	2,050
FEMININO	Soma	23,0	24,0
	%	45,1%	36,9%
	Média	1,353	1,412
Total	Soma	51,0	65,0
	%	100,0%	100,0%
	Média	1,378	1,757

Tabela 6. - Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa plural segundo o fator idade

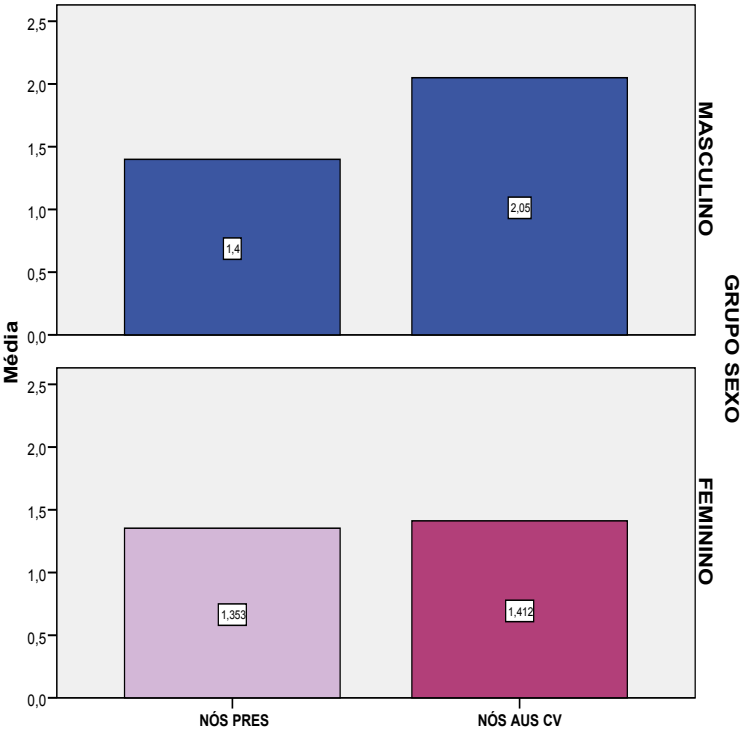

Gráfico 5.2. - 1ª pessoa plural segundo fator sexo

Nos exemplos, a seguir, podemos observar algumas ocorrências de sujeito pleno em casos de contraste como em (25) e (26):

(25) existe sim diferensias porque eles ža falam o idioma deles né? e ***nós*** ža entreberemo...(L54-55 - B2)

(26) bueno pra iso tá ***nós*** somos... portu/ portunhol... ***nós*** não semo brasilera neim semo uruguaia... ***nós t***emo acá/aquí nu portunhol (L165-167 –C2)

A maioria das ocorrências registradas de sujeitos plenos apareceu junto a verbos com a desinência distintiva como observamos nos exemplos anteriores. Também constatamos a redução paradigma verbal da 1ª pessoa plural em que os falantes empregaram as formas plenas junto a verbos com desinência zero, comum à primeira e terceira pessoa do singular. No total, registramos 15 ocorrências com desinência zero das quais, somente 2 apareceram com pronomes nulos e 13 com os pronomes preenchidos. O tempo e modo verbal mais utilizado foi o Pretérito Imperfeito do Modo Indicativo, porém registramos 2 ocorrências desse tipo no Presente do Modo Subjuntivo. Foi observado também que este tipo de construção foi produzido pelos grupos de maior idade, B e C, no grupo A não registramos nenhuma ocorrência. Vejamos alguns exemplos:

Com o Presente do Modo Subjuntivo com em (27):

(27) que querem fasé que ***nós compre*** o gas... uruguaio e sai carlsimo...(L32-33 - B1)

Com o Pretérito Imperfeito do Modo Indicativo como em (28) e (29):

(28) y tinha sonas pra saí a trabalhar recorré e ***nós ficaba*** im casa com a:: a nosa mãe... com a mãe... ela falava só:: im portunhol (L7-9-C14)

(29) eu fui fas beim poquinho oiá um jogo Brasil y Uruguai y foi muita žente de Rivera por esemplo entonse a žente de Rivera falaba u dialeto... em Montevideu... entonse a žente/***nós gritaba*** pru Uruguai y as pesoas de Montevidéu pensabam que ***nós era*** brasilero... (L121-124- B14)

No PU a forma ***Nós*** alterna com a expressão ***A gente***, embora prevaleça a preferência pelo emprego da forma ***Nós.*** Na tabela, a seguir, podemos observar os índices de emprego conforme o fator idade:

GRUPO IDADE	Soma	%	Média
GRUPO A (13 até 25 anos)	3,0	11,5%	,231
GRUPO B (26 a 50 anos)	10,0	38,5%	,769
GRUPO C (51 anos)	13,0	50 ,0%	1,182
Total	26,0	100,0%	,703

Tabela 6. – A expressão *A gente* segundo o fator idade

Ao contrário do que está acontecendo no PB, em que a expressão ***A gente*** é a mais utilizada, sobre tudo pelo grupo jovem, no PU são os mais velhos que empregam mais expressão ***A gente*** do que os mais novos. Cabe ressaltar que os índices apresentados na tabela 2,7 se referem a todas as ocorrências registradas para a expressão ***A gente***, entretanto, dessas 26 somente três são de referencia definida, as outras são de referencia indeterminada que, conforme apontamos anteriormente serão tratadas, mais adiante.

(30) ***a žente*** pasaba lindo tranQUIlo ... agora un veio pra perto é uma correría de loco (L. 6-7 - C12)

(31) fiquei ... loca de vergonha capás que digam que é ***a žente*** pero no...me robaron nomás (67-68 – C12)

(32) ... ele não quiria que nós **os filhos** falase o portunhol mas ele falaba o portunhol y: este pra nós taba como que proibido... y eu ašo que como mais proibia mais ***a žente falaba***... porque a nesesidade de se comunicar era muito más fásil este cum o dialeto (L23-27- B14)

1.2. O modo e o tempo verbais

Na tabela a seguir apresentamos os modos e tempos mais utilizados pelos falantes do PU e o seu emprego junto às formas pronominais plenas e nulas:

Informe

GRUPO IDADE		PRESENTE MI	CV PRESENTE MI	PRETÉRITO MI	CV PRETÉRITO MI	PRESENTE ESP. MI	CV PRESENTE ESP MI	PRETERITO ESP.MI	CV PRETÉRITO ESP.MI
GRUPO A (13- 25 anos)	Média	12,000	9,300	2,231	1,846	,231	,231	,154	,231
	Soma	157,0	122,0	29,0	24,0	3,0	3,0	2,0	3,0
	%	24,8%	28,6%	14,1%	11,5%	30,0%	17,6%	50,0%	23,1%
GRUPO B (26 - 50 anos)	Média	24,308	10,769	6,154	5,692	,462	,846	,154	,231
	Soma	316,0	140,0	80,0	74,0	6,0	11,0	2,0	3,0
	%	49,9%	32,9%	39,0%	35,4%	60,0%	64,7%	50,0%	23,1%
GRUPO C (51 anos)	Média	14,545	14,909	8,727	10,091	,091	,273	,000	,636
	Soma	160,0	164,0	96,0	111,0	1,0	3,0	,0	7,0
	%	25,3%	38,5%	46,8%	53,1%	10,0%	17,6%	,0%	53,8%
Total	Média	17,108	11,514	5,541	5,649	,270	,459	,108	,351
	Soma	633,0	426,0	205,0	209,0	10,0	17,0	4,0	13,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7. – O presente e o pretérito do MI segundo o fator idade

Como se pode observar na tabela acima, correlacionamos o modo e o tempo verbais com o grupo idade e também com todos os tempos verbais presentes na amostra e apresentamos aqui somente aqueles que foram mais utilizados. De todas as formas verbais computadas do Modo Indicativo (1517 no Presente e Pretéritos Perfeito e Imperfeito), 56% apresentaram formas plenas, contra um 44% de formas nulas. Mesmo com uma baixa diferença percentual, de 12%, este índice está revelando, por um lado, a tendência do PU em tornar-se uma língua de sujeitos preenchidos e, por outro, a grande variabilidade no emprego de ambas as formas como consequência do contato permanente com outra variedade de sujeito nulo, o espanhol.

O presente do Modo Indicativo (doravante MI) é o tempo mais utilizado pelos falantes do PU na nossa amostra. Registramos um total de 1059 formas no presente do MI. Em 60% dos casos, os falantes apresentaram o sujeito pleno e em 40% o sujeito nulo. Nos pretéritos perfeito e imperfeito do MI o índice registrado foi de 205 formas plenas e 209 formas nulas, isso significa que os falantes utilizaram 49,5% de formas plenas frente a um 50,5% de formas nulas, com diferença percentual de 1%. Acreditamos que esse resultado se deve a dois fatores: por um lado, o preenchimento estaria sendo favorecido pelo elevado número de verbos no pretérito imperfeito[30] presente na nossa amostra, uma vez que o pretérito imperfeito apresenta a desinência zero para as 1ª, 2ª, 3ª pessoas do singular e a 1ª pessoa do plural ***(eu falava, tu falava, ele/ela falava, nós falava)***; por outro lado, o elevado número de pronomes nulos estaria sendo favorecido pelo emprego do pretérito perfeito, dado que as desinências deste pretérito não têm sofrido nenhum tipo de redução, como consequência da redução do paradigma flexional do PB.

Os falantes do PU empregam também as formas verbais do E pronunciadas conforme a fonética do PB. Trata-se de construções que consideramos idiossincráticas por serem produto da mescla de ambos os sistemas. No presente do MI registramos um 37% (10 ocorrências) de verbos com sujeito pleno frente a um 63% (17 ocorrências) com sujeito nulo. O pretérito apresentou um 23% (4 ocorrências) de verbos com sujeito pleno e 76% (13 ocorrências) de verbos com pronome sujeito nulo. Acreditamos que este resultado está indicando que o paradigma do sujeito nulo do espanhol estaria condicionando o emprego do sujeito nulo com esse tipo de verbos:

(1) ...era sábado... ***cv agarrei*** y šamei, daí da casa do lado, ***cv*** šamei a Marta" (C12-L.69)

(2) *cv* to sim ***cv me jubilei*** da manera qui eu taba" (C3-L.26)

[30] Na presente pesquisa não computamos o total de ocorrências do pretérito imperfeito nem do pretérito perfeito simples do espanhol, dado que esperávamos utilizar os índices que registramos na nossa pesquisa anterior (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002). Entretanto, como tivemos que eliminar seis entrevistas pelo fato de que os falantes não empregavam os pronomes sujeito (nulos ou plenos), não podemos nos valer atualmente dos índices registrados na nossa pesquisa de Mestrado. Mesmo assim, podemos observar que na mesma amostra, porém composta por 43 informantes, o pretérito perfeito simples foi utilizado em 325 ocorrências e o pretérito imperfeito em 377 ocorrências.

(3) y vão cortá pra lá pro otro lado porque aqui... ***nós crusemo*** a caže y tá... a non sé ***que ele*** mande serrá a frontera" (A7-L.114-115)

(4) ***cuando eu impesei*** a ir nu colé/ na escola o nu coléžio (C10-L.49)

Quanto ao fator condicionador idade, observamos um equilíbrio no emprego do sujeito nulo e pleno com verbos no presente de MI, nos grupo A e C, e o grupo B apresentou mais formas de sujeito preenchidas do que nulas. No emprego do pretérito do MI, os grupos A e B se valeram mais das formas plenas do que das nulas, com uma diferença percentual muito baixa (o grupo B 4% e o grupo A, 9,7%). O grupo C foi o grupo que empregou mais formas nulas dos três, porém, da mesma forma que os outros grupos, também apresentou uma baixa diferença percentual de 7,6%. Com as formas verbais do espanhol, observamos que os grupos de maior idade, C e B, empregaram mais formas nulas do que plenas junto a verbos no presente e pretérito do MI; o grupo A, por sua vez, apresentou um número equilibrado de ocorrências das formas plenas e nulas, tanto no presente como no pretérito. No gráfico a seguir, podemos visualizar o emprego dos pronomes sujeito plenos e nulos junto a verbos no presente e pretérito do MI, e a frequência de uso total por todos os informantes da amostra.

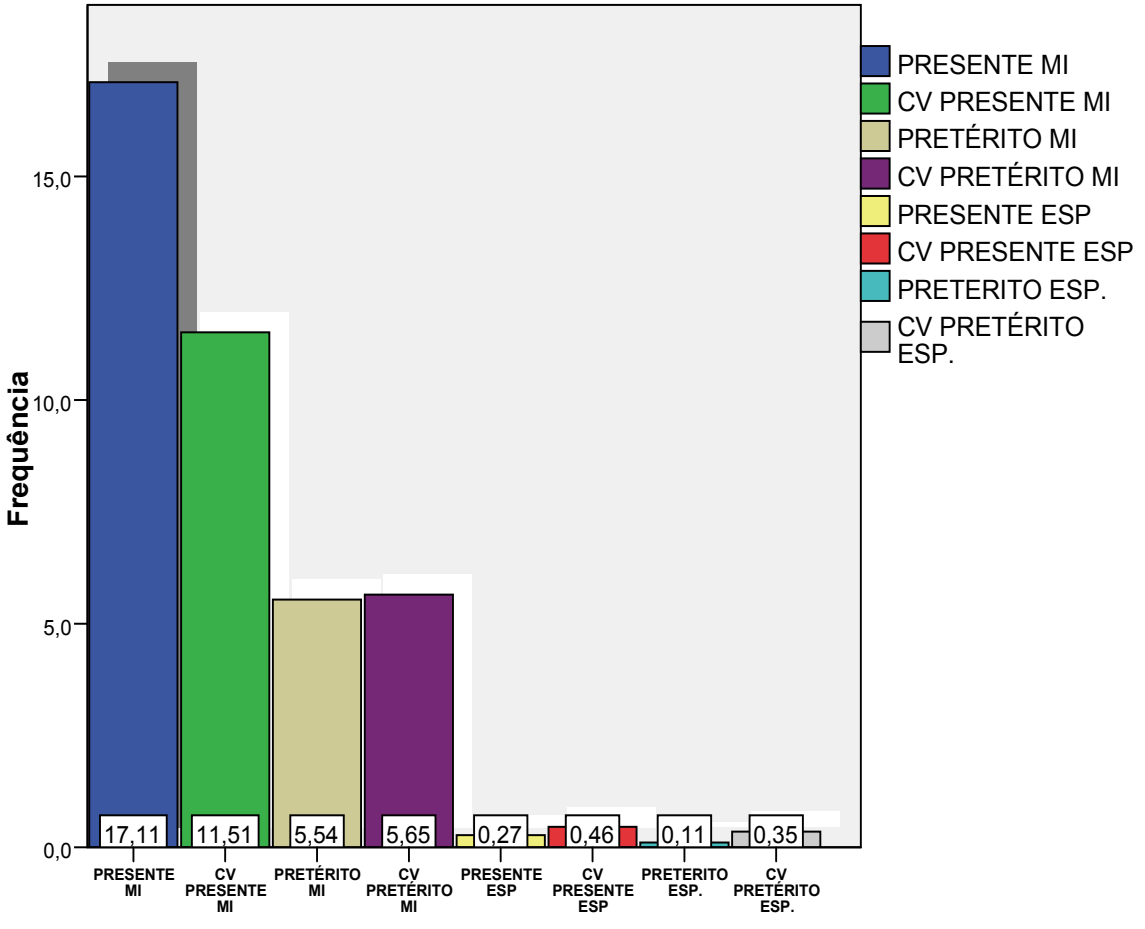

Gráfico 7.1. – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI

Os tempos do modo subjuntivo (doravante MS) foram pouco utilizados na nossa amostra, acreditamos que os falantes usaram poucas formas no subjuntivo em parte como consequência do tipo de temas tratados nas entrevistas (vida na fronteira, o contrabando etc., os quais não exigiram muitas argumentações no subjuntivo por parte dos falantes. Entretanto, das 41 ocorrências registradas, observamos que os falantes do PU tenderam a usar mais as formas nulas do que as plenas no tempo presente, e mais as formas preenchidas junto ao pretérito do MS. (Cf. tabela abaixo). Os grupo de idade C e B apresentaram um maior uso de formas nulas (5 ocorrências ambos os grupos) do que plenas (3 e 2 ocorrências respectivamente) no tempo presente e o grupo dos mais jovens, que vinha

apresentando mais formas nulas do que os outros grupos, e curiosamente, apresentou mais formas preenchidas (3 ocorrências) do que nulas (1 ocorrência) .

No pretérito, os grupos A e B usaram mais formas plenas e o grupo dos mais idosos apresentou um emprego maior de formas nulas. Como vemos, novamente o grupo C tendeu a usar mais as formas nulas do que as plenas no MS. Neste caso, poderíamos dizer que a geração dos mais velhos, como era de se esperar, mesmo apresentando ocorrências com sujeito pleno, resiste ao total preenchimento e continua apresentando as marcas do parâmetro do sujeito nulo.

Quanto às formas do E registradas, o sujeito nulo, novamente, foi a forma que prevaleceu no presente (5 ocorrências) e no pretérito do MS registramos somente uma ocorrência.

GRUPO IDADE		PRESENTE SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT.	PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT. ESP.	PRETÉRITO SUBJUNT. ESP.
GRUPO A (13 até 25 anos)	Média	,231	,077	,154	,000	,077	,000
	Soma	3,0	1,0	2,0	,0	1,0	,0
	%	37,5%	9,1%	22,2%	,0%	20,0%	,0%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Média	,231	,385	,385	,154	,308	,077
	Soma	3,0	5,0	5,0	2,0	4,0	1,0
	%	37,5%	45,5%	55,6%	28,6%	80,0%	100,0%
GRUPO C (51 anos em diante)	Média	,182	,455	,182	,455	,000	,000
	Soma	2,0	5,0	2,0	5,0	,0	,0
	%	25,0%	45,5%	22,2%	71,4%	,0%	%
Total	Média	,216	,297	,243	,189	,135	,027
	Soma	8,0	11,0	9,0	7,0	5,0	1,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.2. – O presente e pretérito do MI segundo o fator idade

O fator sexo no emprego das formas verbais do MI revelou que tanto o grupo dos homens quanto o das mulheres emprega mais as formas plenas do que as nulas no Presente do MI. Em relação ao pretérito, o índice de ocorrências de sujeitos nulos e preenchidos é muito equilibrado em ambos os grupos. Quanto às formas do E, no presente do MI as mulheres apresentaram um índice de emprego de formas plenas e nulas equilibrado e os homens utilizaram mais as formas nulas. No pretérito, também observamos que ambos os grupos tenderam a usar mais formas com sujeitos nulos. No MS, os dois grupos usaram mais as formas

nulas no tempo presente; no pretérito, o grupo dos homens empregou mais as formas plenas e as mulheres apresentaram o mesmo número de ocorrências de formas nulas e plenas. Com os verbos em espanhol, ambos os grupos usaram mais o sujeito nulo no presente e no pretérito, os homens apresentaram somente uma ocorrência com sujeito pleno.

Como vemos, o emprego do sujeito nulo ou preenchido não estaria condicionado pelo fator sexo, uma vez que comportamento de homens e mulheres é muito equilibrado. Nas tabelas, a seguir, podemos observar os índices registrados segundo o fator sexo.

GRUPO SEXO		PRESENTE MI	CV PRESENTE MI	PRETÉRITO MI	CV PRETÉRITO MI	PRETERITO ESP.	CV PRETÉRITO ESP.	PRESENTE ESP	CV PRESENTE ESP
MASCULINO	Média	14	11,	6,5	6,6	,100	,500	,100	,450
	Soma	292	234	130	132	2,0	10,	2	9
	%	46,1%	54,9%	63,4%	63,2%	50,0%	76,9%	20,0%	52,9%
FEMININO	Média	20,059	11,294	4,412	4,529	,118	,176	,471	,471
	Soma	341,0	192,0	75,0	77,0	2,0	3,0	8,0	8,0
	%	53,9%	45,1%	36,6%	36,8%	50,0%	23,1%	80,0%	47,1%
Total	Média	17,108	11,514	5,541	5,649	,108	,351	,270	,459
	Soma	633,0	426,0	205,0	209,0	4,0	13,0	10,0	17,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.3. – O presente e pretérito do MI segundo o fator sexo

GRUPO SEXO		PRESENTE SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT.	PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT. ESP.	PRETÉRITO SUBJUNT. ESP.
MASCULINO	Média	,150	,200	,300	,200	,200	,050
	Soma	3,0	4,0	6,0	4,0	4,0	1,0
	%	37,5%	36,4%	66,7%	57,1%	80,0%	100,0%
FEMININO	Média	,294	,412	,176	,176	,059	,000
	Soma	5,0	7,0	3,0	3,0	1,0	,0
	%	62,5%	63,6%	33,3%	42,9%	20,0%	,0%
Total	Média	,216	,297	,243	,189	,135	,027
	Soma	8,0	11,0	9,0	7,0	5,0	1,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.4. – O presente e pretérito do MS segundo o fator sexo

Em relação a outras formas verbais do MI**,** registramos poucas formas no futuro, apenas onze ocorrências conforme o PB e uma ocorrência conforme o E. No Pretérito M-Q-perfeito composto**,** registramos três ocorrências, das quais duas

apareceram com sujeito pleno e uma com sujeito nulo. Em relação às perífrases verbais, cabe observar que registramos as ocorrências de sujeito nulo ou pleno dependendo de como se apresentava o tempo do verbo auxiliar.

1.3. O sujeito nulo e pleno e as desinências verbais

Duarte (1995), a respeito da mudança do parâmetro do sujeito nulo no PB, alega que a perda gradual dessa propriedade deve-se ao enfraquecimento do sistema flexional verbal que, segundo a autora "chega a permitir a desinência zero em todas as pessoas" (p.56). Entretanto, o trabalho de Huang (1984) revelou que e a relação flexão rica e sujeito nulo não seria a única causa, uma vez que línguas como o chinês, que tem um paradigma verbal sem flexões, também apresenta sujeitos nulos. A respeito desta questão que se instaurou sobre o que estaria licenciando o sujeito nulo, Jaeggli e Zaffir (1989) apresentam a hipótese de que o que estaria autorizando o sujeito nulo não seria uma morfologia (*Agr)* rica, mas sim o paradigma verbal da língua que apresenta uniformidade morfológica. Roberts (1993, apud DUARTE, 1995) contribui com a questão dizendo que do mesmo modo que um **paradigma**[31] **morfologicamente uniforme** atua com formas derivadas (com desinências de número, pessoa, tempo, modo etc.) ou não derivadas (somente com radical), um **paradigma funcionalmente rico** atuaria admitindo a **desinência zero** e um **sincretismo** (presença de formas iguais para diferentes pessoas verbais) que licenciaria e identificaria um sujeito nulo.

No PB, "a perda do Princípio "Evite Pronome" tem como causa última a redução do paradigma pronominal, com a consequente simplificação do paradigma flexional"[32], aponta Duarte (1995:32). Esta redução pronominal aconteceu na mudança do emprego da **segunda pessoa direta**[33], com os pronomes ***Tu*** e ***Vós***, pela **segunda pessoa indireta**, que usa formas de **terceira pessoa.** Outra mudança ocorrida no paradigma verbal do PB é o lento

[31] Grifo nosso.
[32] Esta redução do paradigma pronominal ocorreu em quase todas as regiões do Brasil. Entretanto, o estudo de Menon (1996) confirma que na região do Sul, ainda coexistem a pessoa direta e a indireta.
[33] Os grifos são nossos.

desaparecimento do pronome ***Nós*** pelo emprego da expressão ***A gente*****,** usada também na terceira pessoa do singular. Como vemos, todas essas mudanças que ocorreram no paradigma pronominal do PB, provocaram também uma simplificação no sistema flexional. Em relação ao PU, podemos dizer que apresenta um sistema flexional reduzido, igual ao PB quanto ao emprego da 2ª pessoa indireta ***Tu***, empregada na 3ª pessoa singular. Entretanto, registramos que a desinência ***-ste(s***) da 2ª pessoa direta, do pretérito perfeito simples, ainda faz parte do paradigma flexional do PU e o seu uso alterna com a desinência da terceira pessoa (morfema zero) e é utilizada independentemente da idade, conforme veremos mais adiante. Outra simplificação, que já mencionamos anteriormente, é o emprego da 1ª pessoa plural ***Nós*** com a forma de 3ª pessoa (morfema zero); conforme já apontamos, registramos um baixo número de ocorrências dessa forma e somente nos grupos B e C. No quadro abaixo podemos visualizar o paradigma flexional do PU:

PARADIGMA FLEXIONAL PORTUGUÊS URUGUAIO		FLEXÃO PRESENTE PRETÉRITO	FLEXÃO MODO SUBJUNTIVO
PESSOA/N° -	PRONOME		
1ª. SING.	EU	-o / - i	-e
2ª SING.	TU * (VOCÊ)	-a / -aste (s) -a / -o (u)	-e (s)
3ª SING.	ELE/ELA	- a / -o (u)	-e -e
1ª. PLUR.	NÓS A GENTE UM/UN/ UNO	-mo (s) -a -a	- mo(s) -e
2ª PLUR.	VOCÊS	-m	-m
3ª PLUR.	ELES/ELAS		

Quadro 4. - Paradigma Pronominal e Flexional do PU

Baseados nos nossos dados e nas pesquisas sociolinguísticas realizadas na região sobre o PU (HENSEY, 1972, ELIZAINCÍN, 1992, ELIZAINCÍN et alii, 1987), elaboramos o quadro anterior com o paradigma pronominal e flexional do PU.

Como se observa, o sistema apresenta um paradigma com cinco formas distintivas (***Eu***, ***Tu*** forma indireta no presente e direta no pretérito, ***Ele/Ela-(Você)***[34], ***Nós***(-mos e -a) alterna com ***A gente*** e ***Um/Un/Uno***, e ***Eles/Elas – Vocês***). Optamos por incluir a flexão do pretérito perfeito, dado que, como já dissemos, os falantes do PU empregam a 2ª pessoa indireta no presente do Modo Indicativo e a direta no pretérito perfeito do MI.

1.3.1. As desinências de morfema zero

Quanto à correlação entre as desinências e o sujeito nulo no PU, registramos todas as ocorrências das formas verbais com a sua desinência distintiva ou se apresentava morfema zero.

Nas tabelas abaixo (3.3. e 3.4) podemos ver que os falantes do PU tenderam a usar mais as formas plenas (57,3%) do que as nulas (43%) junto às desinências de morfema zero, ou formas homógrafas (de 1ª e 3ª pessoa singular utilizadas no Imperfeito do Modo Indicativo ou Modo Subjuntivo, no Presente do Modo Subjuntivo e o Futuro do Pretérito[35]), com uma diferença percentual não muito alta de 14,3%. Dos três grupos de idade, o grupo C e B apresentaram mais formas plenas do que o grupo A, que por sua vez, apresentou um emprego maior de formas nulas do que preenchidas. No que se refere a forma ***Tu*** indireta, também prevaleceu o emprego das formas plenas com 54% frente as formas plenas com 46%, com uma diferença percentual de 7,7%. Como esperávamos as formas ***Um/Un/Uno*** e ***A gente***, apresentaram um 72% de ocorrências junto às formas plenas e um 28% de ocorrências com formas nulas. Para a forma ***Nós*** utilizada com o morfema zero registramos 16 ocorrências de sujeitos plenos contra 5 ocorrências com sujeito nulo. Dos três grupos de idade, o grupo B se destaca com um 81,3% (13 ocorrências), o grupo C usou um 18,8 % (com 3 ocorrências

[34] O pronome ***você***, conforme pudemos constatar na nossa amostra apenas é utilizado. Pesquisas sobre o Português Gaúcho também revelam que na região do Rio Grande do Sul, a forma ***Tu*** prevalece sobre ***Você***, embora em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o emprego de ***Você*** alterne com a forma ***Tu*** (cf. MENON, 2002, AMARAL, 2003).

[35] No Futuro do Pretérito registramos somente quatro ocorrências.

apenas) e o grupo A não apresentou nenhuma ocorrência. Como podemos observar, estes índices estão revelando que no emprego de desinências verbais com morfema zero, prevalece o emprego das formas plenas sobre as nulas, embora o índice de formas plenas também seja elevado. Com base neste resultado, podemos lançar a seguinte hipótese: que também no PU assim como no PB o preenchimento do sujeito deve-se a redução do paradigma flexional no emprego da 2ª pessoa ***Tu*** indireta e também, no emprego da forma ***Nós*** com a desinência morfema zero.

O SUJEITO NULO E PLENO E AS DESINÊNCIAS VERBAIS

GRUPO IDADE		MORFEMA ZERO (1a - 3a sing) IMPF.MI/MS - PR.MS - FUT.PRET.	CV MORFEMA ZERO (1a - 3a sing) IMPF. (MI/MS) PR(MS) FUT.PRET.	MORFEMA ZERO (TU+desin 3a + sing.) PRMI	CV MORFEMA ZERO (TU+desin 3a sing.) PRMI	MORFEMA ZERO (UM/UNO/A GENTE) PRMI	CV MORFEMA ZERO (UM//UNO/A GENTE) PRMI
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	14,0	16,0	8,0	2,0	29,0	21,0
	%	14,3%	21,9%	21,6%	6,3%	31,5%	58,3%
	Média	1,077	1,231	,615	,154	2,231	1,615
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	42,0	26,0	10,0	28,0	43,0	15,0
	%	42,9%	35,6%	27,0%	87,5%	46,7%	41,7%
	Média	3,231	2,000	,769	2,154	3,308	1,154
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	42,0	31,0	19,0	2,0	20,0	,0
	%	42,9%	42,5%	51,4%	6,3%	21,7%	,0%
	Média	3,818	2,818	1,727	,182	1,818	,000
Total	Soma	98,0	73,0	37,0	32,0	92,0	36,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	2,649	1,973	1,000	,865	2,486	,973

Tabela 8. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero segundo o fator idade

GRUPO IDADE		NÓS MORFEMA ZERO	CV NÓS MORFEMA ZERO
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	,0	,0
	%	,0%	,0%
	Média	,000	,000
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	13,0	5,0
	%	81,3%	100,0%
	Média	1,000	,385
GRUPO C (51 anos---)	Soma	3,0	,0
	%	18,8%	,0%
	Média	,273	,000
Total	Soma	16,0	5,0
	%	100,0%	100,0%
	Média	,432	,135

Tabela 8.1. – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais 1ª pessoa plural segundo o fator idade

1.3.2. As desinências distintivas

No paradigma verbal do PU registramos também as ocorrências de sujeito nulo ou pleno junto a formas verbais que apresentam a sua desinência distintiva. Desse modo, registramos que no emprego da desinência de 2ª pessoa ***–ste***, prevalece o emprego do sujeito nulo (13 ocorrências) frente ao sujeito pleno (4 ocorrências). Este baixo índice de emprego da desinência –***ste***, como vemos, está revelando a tendência do PU em empregar mais as formas de 2ª pessoa indireta, inclusive com o pretérito perfeito do MI. Quanto ao emprego da desinência ***–mo(s)*** da 1ª pessoa plural, registramos que os falantes tenderam a usar mais as formas nulas, com 56%, do que as plenas, com 44%. Mesmo assim, uma vez mais a diferença percentual no emprego das formas plenas e nulas é baixa, com apenas 12%. Por último, registramos o emprego da desinência distintiva da 3ª pessoa plural ***–m/n*** *,* que aparece com duas formas, como no PB e no E. Registramos que os falantes tenderam a usar mais as formas nulas, com 64% de ocorrências, frente a um 35% de ocorrências com sujeito pleno.

Dos três grupos idade, o que emprega mais as formas nulas é o grupo A, seguido pelo grupo C e, por último, do grupo B, que apresenta um comportamento mais equilibrado no emprego de ambas as formas. A seguir, apresentamos a tabela com todos os índices registrados segundo o fator idade:

GRUPO IDADE		DESIN. -STE 2a. PESSOA	DESIN. CV -STE 2a. PESSOA	DESIN. -MO(S) 1a. PESSOA PL. (PRES-PRET)	CV DESIN. -MO(S) 1a. PESSOA PL (PRES-PRET)	DESIN. -M/N 3a PESSOA PLURAL	CV DESIN.-M/-N 3a PESSOA PLURAL
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	,0	7,0	15,0	31,0	5,0	28,0
	%	,0%	53,8%	18,8%	30,1%	7,2%	22,6%
	Média	,000	,538	1,154	2,385	,385	2,154
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	4,0	4,0	41,0	42,0	35,0	41,0
	%	100,0%	30,8%	51,3%	40,8%	50,7%	33,1%
	Média	,308	,308	3,154	3,231	2,692	3,154
GRUPO C (51 anos--)	Soma	,0	2,0	24,0	30,0	29,0	55,0
	%	,0%	15,4%	30,0%	29,1%	42,0%	44,4%
	Média	,000	,182	2,182	2,727	2,636	5,000
Total	Soma	4,0	13,0	80,0	103,0	69,0	124,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	,108	,351	2,162	2,784	1,865	3,351

Tabela 8.2 – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais segundo o fator idade

Os índices expostos revelam e confirmam a tese de Duarte (1995) de que a redução do sistema flexional conduz ao preenchimento do sujeito, e este seria um dos fatores que estaria licenciando o sujeito nulo. Resta saber, agora, que outro fator estaria condicionando os casos de sujeitos plenos que são licenciados por uma desinência? Procuraremos responder esta pergunta observando os outros fatores condicionantes que veremos a seguir.

1.4. Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP)[36]

A presença e ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), tais como topicalizações e adjuntos adverbiais, conforme as pesquisas realizadas por Duarte (1995) e Paiva &Duarte (2003) favorece o preenchimento de sujeitos pronominais. Com base nesse resultado, procuramos observar também se esse mesmo tipo de contexto sintático condiciona a realização do sujeito pleno ou não

[36] IP: do inglês *inflectional phrase.*

no PU. Conforme podemos observar na tabela abaixo, os falantes do PU apresentaram um índice de 58% de sujeitos plenos frente a um 42% de sujeitos nulos junto a adjuntos adverbiais presentes na amostra.

GRUPO I DADE		ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL	CV ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	13,0	4,0
	Média	1,000	,308
	%	27,7%	11,8%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	19,0	9,0
	Média	1,462	,692
	%	40,4%	26,5%
GRUPO C (51 anos)	Soma	15,0	21,0
	Média	1,364	1,909
	%	31,9%	61,8%
Total	Soma	47,0	34,0
	Média	1,270	,919
	%	100,0%	100,0%

Tabela 9. – O sujeito nulo e pleno e elementos adjuntos (IP) segundo o fator idade

Como vemos, os falantes do PU tenderam a usar uma vez mais o sujeito pleno, porém com uma diferença percentual baixa, de 16%, entre as formas plenas e nulas. Cabe observar que a maior parte das ocorrências registradas de elementos adjuntos ao IP foram os adjuntos adverbiais, uma vez que no momento de fazer o levantamento das ocorrências registramos um número muito pequeno de topicalizações (5 ocorrências no total, sendo 4 delas de um mesmo informante); por essa razão, optamos por não incluí-las no computo total. Quanto ao fator idade, na tabela abaixo podemos ver que os grupos B e A tenderam a usar mais sujeitos plenos junto ao sintagma flexional do que o grupo C, o qual apresentou mais formas nulas (58%) do que plenas (42%). Nesse sentido, vemos que o grupo dos mais velhos apresentou um comportamento mais conservador do que os outros grupos, porém com uma diferença percentual de apenas 16%. Em relação ao fator sexo, observamos na tabela 5.1 que ambos os sexos apresentam um emprego de mais formas plenas do que nulas. As mulheres (53%) tenderam a usar um pouco mais do que os homens (46,8%) as formas plenas. Nesse sentido, o fator sexo não mostrou nenhuma diferença significativa, dado que o índice de emprego é quase o mesmo entre homens e mulheres da amostra.

GRUPO SEXO		ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL	CV ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL
MASCULINO	Soma	22,0	18,0
	Média	1,100	,900
	%	46,8%	52,9%
FEMININO	Soma	25,0	16,0
	Média	1,471	,941
	%	53,2%	47,1%
Total	Soma	47,0	34,0
	Média	1,270	,919
	%	100,0%	100,0%

Tabela 9.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos adj. (IP) segundo o fator sexo

Vejamos alguns exemplos de emprego de pronomes plenos e nulos junto ao sintagma flexional:

Exemplos de sujeito pleno

(1) pero no sur do país tu vai falá por ***ahí tu*** teim que ficá meio reprimida en falá porque tu teim medo de mete a pata viste?... (L – A14)

(2) si tu, vamo suponer ***agora tu*** veim falando espanhol cumigo, *eu* falo... (L – B12)

(3) sim y ***as vese eles*** até pidiam *pra que eu* falase pra vé u::... u entrebero... (L- B1)

(4) eu tenho colegas alí que são amigos que ***antes de de nós*** sé profesores nós ža era amigos y falaba em dialeto y cada ves que nos vemos siguimo falando dialeto.(L -C14)

Exemplos de sujeito nulo

(5) é a língua materna não é? du du lugar é a língua que nós aprEndemos a falar ***desde que cv*** nasemos... (L26-29-C11)

(6) ***entonses cv*** asosiaba a bandeira uruguaia a iscola a túnica a maio/uniforme todo cv **ia** falando nu nu dialeto o u portugués que elas disiam... (L – B14)

Exemplos de Topicalizações

(7) ***a mía mãe, ela*** era uruguaia mas ela falava brasilero... portugués (C4- L9-10)

(8) Agora, ***us žornal uruguaio, eles*** teim levantado muito u nivel u nível... (L- B-14)

1.5. A estrutura do sintagma complementizador (CP)

Outro fator condicionante muito importante para a nossa pesquisa e que, com base no estudo de Duarte (1995), selecionamos como um fator que favorece o preenchimento do sujeito no PB é a estrutura do sintagma complementizador (CP)[37]. Conforme a gramática gerativa, o sintagma complementizador é uma categoria funcional em que se encontram as conjunções, os pronomes relativos e interrogativos. Segundo Duarte (1995:60), "este é o contexto sintático em que a mudança está mais avançada no português brasileiro: era este o ponto mais vulnerável no sistema e, por ele, o sujeito pronominal pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo". Por outro lado, se esse contexto sintático encontra-se vazio, isto é, sem elementos nessa posição, conforme Duarte (2003), no PB favorece o sujeito nulo. O mesmo comportamento foi observado no português europeu, em que as orações relativas, interrogativas indiretas e interrogativas qu- também favorecem o preenchimento do sujeito (cf. DUARTE, 1995).

Quanto ao PU, observamos que os falantes tenderam a usar mais o sujeito pleno quando o sintagma complementizador (CP) estava preenchido por pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Registramos 79% de ocorrências de sujeitos plenos com pronomes relativos e interrogativos contra um 19% de sujeitos nulos. No que se refere às conjunções subordinativas,

[37] CP: do inglês *complementizer Phrase.* Na estrutura do sintagma complementizador (CP) o seu especificador (Spec) pode estar ocupado por pronomes relativos ou interrogativos e o seu núcleo por conjunções subordinativas.

registramos 71% de ocorrências com sujeitos plenos e 29% de sujeitos nulos (cf. tabela 4. e 4.1). Como vemos, no PU da mesma forma que no PB, esse fator estrutural está sem duvida condicionando o preenchimento do sujeito. Na tabela a seguir, podemos conferir esse emprego correlacionado com o fator idade:

PRESENÇA / AUSÊNCIA DE ELEMENTOS E A ESTRUTURA DO SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR (CP)

		PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CV PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CONJUNÇÕES. SUBORDINATIVAS	CV CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	16,0	2,0	28,0	11,0
	%	22,5%	10,5%	20,7%	20,0%
	Média	1,231	,154	2,154	,846
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	28,0	9,0	63,0	22,0
	%	39,4%	47,4%	46,7%	40,0%
	Média	2,154	,692	4,846	1,692
GRUPO C (51 anos)	Soma	27,0	8,0	44,0	22,0
	%	38,0%	42,1%	32,6%	40,0%
	Média	2,455	,727	4,000	2,000
Total	Soma	71,0	19,0	135,0	55,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,919	,514	3,649	1,486

Tabela 10. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator idade

Como se observa na tabela acima, o fator idade revela que os três grupos tenderam a empregar mais os sujeitos plenos do que os nulos nesse contexto sintático e as diferenças percentuais revelam uma clara preferência pelo emprego do sujeito pleno nos três grupos.

Quanto ao fator sexo, ambos os gêneros empregaram mais as formas plenas do que as nulas na estrutura de CP. Entretanto, os homens tenderam a usar mais do que as mulheres os sujeitos plenos com pronomes relativos e interrogativos, com uma diferença percentual de 15,4%, e as mulheres valeram-se mais das formas plenas junto às conjunções subordinativas do que os homens, porém a diferença percentual foi de apenas 5,2%. No que se refere às formas nulas, as mulheres tenderam a omitir mais o sujeito do que os homens na posição preenchida pelos relativos e interrogativos, com uma diferença percentual de 47,4%.

PRESENÇA / AUSÊNCIA DE ELEMENTOS E A ESTRUTURA DO SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR (CP)

GRUPO SEXO		PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CV PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CONJUNÇÔES SUBORDINATIVAS	CV CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
MASCULINO	Soma	41,0	5,0	64,0	26,0
	%	57,7%	26,3%	47,4%	47,3%
	Média	2,050	,250	3,200	1,300
FEMININO	Soma	30,0	14,0	71,0	29,0
	%	42,3%	73,7%	52,6%	52,7%
	Média	1,765	,824	4,176	1,706
Total	Soma	71,0	19,0	135,0	55,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,919	,514	3,649	1,486

Tabela 10.1. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator sexo

Exemplos de sujeitos preenchidos com pronomes relativos e interrogativos:

(1) u otro día vieron us da inspesão sacaron y levaron oito požo asado ***que ela*** tinha e žegaron y levaron nomás os oito požo asado porque eran požo brasilero (L136-141- C9)

(2) *eu* não prefiro que meu país se funda por seguí comprando en brasilero a nesesidade ***que nós*** temo du salario *nós* leva a comprá lá (L- A14)

(3) sim não é em tudo não é en todas as palabra porque hay cosas ***que eu*** falo nós falemo mal porque hay cosas que que palabras ***que un*** este:: ve que tá horrible... de mal (L-B1)

Exemplos de sujeitos nulos com pronomes relativos e interrogativos:

(4) Eu tinha uns trinta e pocos ano cuando eu vim pra cá, pra este lugar ***que cv*** compremo aquí,viemo pra cá (L4-C4)

(5) y *tu* biste que agora o ***que cv*** querem fasé não? (L- B1)

(6) este *eu* tenho... *eu* tenho familiar meu ***qui cv*** são brasilero né? meus avo eram brasilero.. (L12-17 – C10)

Exemplos de sujeitos preenchidos com conjunções subordinativas:

(7) não sei, ***porque eu*:::** as ves cruso pelas pesoa tão conver/falando en português vežo alguem conversando en português, qui sei eu... (L -A7)

(8) žustamente o que taba te falando...***quando tu*** presisa comprá uma coisa brasilera tu vai alí y compra... (L.33- C13)

(9) si fose más barato aquí não te digo ***que eu*** não compraria, biste? (L - B1)

(10) sim y *as vese eles* até pidiam ***pra que eu*** falase pra vé u::... u entrebero**…** (L - B1)

Exemplos de sujeitos nulos com conjunções subordinativas:

(11) cuando *eu* falu cum otra persona que fala beim o espanhol *eu* vežo ***que cv*** to:: tremendamente mal...mas não creio ***que cv*** vaša a podé... ***eu*** não creio

(12) *eu* separava *eu* separava este seim muito esforso y seim me dar conta *eu* este:: falava u espanhol na escola porque sabia ***que cv*** tinha que falá na escola u espanhol (L - B14)

(13) não *eu... eu* pensaba ***que cv*** falaba u português (L95-100 – C11)

1.6. Presença de elementos entre o verbo e o especificador do sintagma flexional

Outro fator também observado no PB por Duarte (1995) e que também selecionamos para observar no PU é a presença de elementos internos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo tais como: **a negação** (não, nunca), **os advérbios** (já, ainda, só, também) e os **pronomes clíticos**. No PB, a presença desses elementos ainda favorece o sujeito nulo. Mesmo assim, e de acordo com o observado por Duarte (1995) para o PB, também o PU apresentou resistência ao preenchimento nessa posição, entretanto, da mesma forma que no PB, observamos também um número expressivo de sujeitos plenos com elementos

nesse mesmo contexto sintático. Como podemos observar na tabela abaixo, registramos um 65% de sujeitos nulos contra 34% de sujeitos plenos nessa posição.

A correlação disso com o fator idade revelou que nos três grupos prevalece o emprego do sujeito nulo sobre o pleno. Dos três, o grupo B foi o que empregou mais sujeitos plenos (60%) e o grupo C foi o que mais empregou sujeito nulo (70%), seguido pelo grupo A (68%). No que se refere ao fator sexo, observamos que ambos os gêneros também empregam mais as formas nulas, porém, neste caso, as mulheres lideram o grupo a favor do preenchimento e, por conseguinte, da mudança linguística. Os homens apresentaram um total de 77% de formas nulas, contra 23% de formas plenas, com uma diferença percentual de 54%. As mulheres, 54% de formas nulas, contra 46% de plenas, com uma diferença percentual de apenas 8%. Nas tabelas a seguir, podemos observar as ocorrências registradas para os fatores idade e sexo:

GRUPO IDADE		ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	CV ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	16,0	34,0
	Média	1,231	2,615
	%	24,6%	27,4%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	28,0	41,0
	Média	2,154	3,154
	%	43,1%	33,1%
GRUPO C (51 anos--)	Soma	21,0	49,0
	Média	1,909	4,455
	%	32,3%	39,5%
Total	Soma	65,0	124,0
	Média	1,757	3,351
	%	100,0%	100,0%

Tabela 11. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator idade

GRUPO SEXO		ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	CV ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO
MASCULINO	Soma	22,0	74,0
	Média	1,100	3,700
	%	33,8%	59,7%
FEMININO	Soma	43,0	50,0
	Média	2,529	2,941
	%	66,2%	40,3%
Total	Soma	65,0	124,0
	Média	1,757	3,351
	%	100,0%	100,0%

Tabela 11.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator sexo

De acordo com Duarte (1995:74), a presença de elementos nessa posição numa oração de sujeito nulo constituiria "um condicionamento prosódico", isto é, os elementos e o sujeito pronominal atuariam com se fossem intercambiáveis: *Por exemplo,* ***nós*** *éramos meninas;* ***cv não*** *éramos casada*[38]*.*

Vejamos alguns exemplos de ausência e presença de sujeitos no PU:

(1) si fose más barato aquí ***cv não*** te digo que ***eu não*** compraria, biste?..(B1)

(2) ***Cv não****,* pero **cv *ža*** *tuve .... muinto tempo lá,* ***cv ža*** fiquei... (L10-A1)

(3) porque:: tein Santana do Livramento ahí oferese muinta eh::... como ***cv te*** vo disé... u prEsio de comprá o comestible ropa tudo é más barato lá que aquí... entón para nós nos fasilita más B2

(4) Doc: já teve algúm problema na escola por falar o dialeto?
cv no cv nunca nunca (L33-34-B9)

(5) ***cv ža*** temo habituada ***cv ža*** temo acostumada no no idioma (C2)

(6) Doc: conocés alguna familia que impida el uso del portugués en la casa?
asim que tenha esa regla aquí ***cv nunca***... ***cv não*** vi... ***cv não*** sei (L119-120-B13)

(7) porque é milhor é de muin boa cualidade o de lá não... ***cv*** me acostumei cum o daqui e não poso trabaiá más... (L20-21-B1)

(8) eu ažudo muito meus neto esconómicamente que disé que ***eu me*** sinto uma pesoa que

[38] Exemplo extraído de Duarte (1995:74).

(9) ahí medio entreberado no? pra aprendé... depos um ano dois anos treis anos ***un ža*** domina ža (L40-41-A9)

(10) sim não pero ***eu ža*** to acostumada ***eu ža*** to acostumada (L151-B7)

(11) *O que é de Livramento,* ***ele só*** fala em portugués memo. **Cv *não*** fala o portunhol... é aquí em Rivera que *cv* falam o portunhol ese.. pero em Livramento ***cv só*** falam em português (L105-106- B11)

1.7. O sujeito de traço semântico [+/- animado]

O português europeu e o PB, conforme as pesquisas têm demonstrado, apresentam altos índices preenchimento dos sujeitos animados. Duarte (1995) registrou na amostra do português europeu coloquial um aumento no emprego de sujeitos pronominais plenos com traço [-animado]. No que se refere ao PB, também Duarte afirma que:

> o traço [-animado] é um importante fator quando estão em jogo categorias vazias. Foi ele um importante fator na origem e implementação do objeto nulo no português brasileiro (...); no caso do sujeito, ele se mostra como **um importante contexto de resistência, que começa a ceder**,[39] numa clara evidência de perda gradual importante propriedade *pro-drop*. (p.77).

No que se refere ao PU, os dados da nossa amostra revelaram uma ampla preferência pelo emprego dos sujeitos plenos quando se trata de traço [+animado] e uma clara resistência no preenchimento do sujeito quando é [-animado]. Este resultado corrobora a hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), uma vez que, conforme vimos anteriormente, na escala da referencialidade, quando o traço é [-animado/-humano] os sujeitos tenderam a ser sempre nulos com esse tipo de antecedente, como podemos observar nos

[39] Grifo nosso.

exemplos (1) e (2). Por outro lado, o resultado do emprego traço [+humano/+ animado] também confirma a escala, dado que nesse contexto a realização do sujeito será sempre plena:

(1) *Doc:* ***o portunhol*** *por quê?*

porque ***cv*** se identifica conmigo no? hay um/existe uma identificasão conmigo com esa língua... a minha infansia a minha adolesensia u u a escola u liseo tudo tudo iso pur iso (L B15)

(2) O ***contrabando***... la verdad *como eu* le diše ... ***cv*** foi bom pru país, foi bom né? (L B11)

Contudo, registramos 11 ocorrências com sujeito [-animado], 7 delas pertencentes a um mesmo informante, como ilustramos nos exemplos (3) e (4):

(3) *eu* ašo que ***u portugués*** beim falado ***ele*** é muito lindo inclusive de::: de ouvir das pesoas... u espanhol tambéim y, prinsipalmente, eu:: este tomo como referensia iso este... ***a música... a música*** brasileira, este, cantada não importa *que cv* sea du Nordeste, não importa *que cv* sea gaúša, não importa *que cv sea* carioca mais a música regionais no importa ***ela*** é::: é tão lindo, tão rica como a que se... hay cansão muito lindas aqui de Rivera como teim de Tacuarembó como teim de Montevidéu y por ejemplo de:: Treinta y Tres como é, os Olimareños *que eles* teim orižem de Treinta y Tres tambéim... entonses *eu* vo muito, este, si ***ela*** é beim falada, pronto, eu eu ašo ***elas*** linda, ašo bunita (L-B14)

(4) Doc: *o que acha do* ***dialeto*** *falado na fronteira?*
bom bom... iso neim não não da pa disé que é bom o ruim é é ***ele*** *esiste* ***ele*** é y portanto não é bom neim é ruim no é nada **ele** é (L- B15)

Quanto ao fator idade, registramos que o grupo B foi o que empregou mais sujeitos plenos com traço [-animado], com um total de 10 ocorrências, e uma ocorrência foi registrada no grupo C. No que se refere ao fator sexo, todas as ocorrências registradas foram produzidas pelo grupo masculino, o que significa que as mulheres, neste caso, se mantiveram mais conservadoras em relação ao emprego dessa estrutura, devido ao fato de que no paradigma espanhol, língua de mais prestígio, este uso não é aceito.

1.8. As condições de referência

Conforme expusemos anteriormente, o PU apresenta um paradigma verbal reduzido, de cinco e quatro flexões. Temos cinco quando os falantes empregam a segunda pessoa direta com a sua desinência distintiva, e quatro quando os falantes empregam mais a desinência zero, isto é, a 2ª pessoa indireta conjugada na 3ª pessoa singular. Da mesma forma que no PB, acreditamos que esse número reduzido de flexões também levou o PU a valer-se mais das formas de sujeito preenchidas. Como consequência disso, Duarte (2003: 120) afirma que "é compreensível que o licenciamento do sujeito nulo passe a depender das condições de referência, ou seja, quanto mais acessível o referente, mais facilmente se licencia e se identifica o sujeito nulo". Nesse sentido, conforme vimos anteriormente, quando não há um referente acessível, há um favorecimento do preenchimento do sujeito e, ao contrário, quando temos um sujeito sintaticamente acessível, o sujeito nulo é a opção realizada.

Para Calabrese (1986, apud DUARTE, 1995:), que trata das condições de referencias do italiano, para que o sujeito nulo se realize nessa língua, deve ter um referente esperado, por outro lado, a realização do pleno "implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença".

De acordo com Duarte (2003), no seu estudo da fala popular carioca, a realização do sujeito nulo ou pleno vai depender das condições estruturais de referência, isto é:

1. o referente **sintaticamente acessível** favorece o sujeito nulo se o antecedente está em função de sujeito, sem elementos intervenientes que ameacem a identificação do sujeito, com o qual mantém identidade de referência;

2. o referente **não sintaticamente acessível** favorece o sujeito pleno se o antecedente está em outra função sintática que não seja a de sujeito ou há elementos intervenientes entre o sujeito e seu antecedente ou nos casos de contraste ou ênfase.

Como podemos observar, os contextos de referência são muito importantes para observar a realização ou não do sujeito. Cabe observar, antes de prosseguir, que dadas as características do tipo de amostra com que contamos não pudemos realizar a análise quantitativa que esperávamos fazer em relação ao fator condições de referência. Como se trata de um texto de língua falada, que foi transcrito seguindo as normas de transcrição de Análise da Conversação, no momento de realizar a análise sintática tivemos sérias dificuldades pela sua estrutura que poderíamos classificar de fragmentada em termos de uma sintaxe mais adequada à análise da escrita; o texto apresenta muitas frases truncadas, elipses, inclusive do sujeito, em especial quando se trata da resposta a uma pergunta feita imediatamente antes pela entrevistadora. Nesse sentido, Corrêa Dias (1999:187), falando a respeito das condições do texto da língua falada, aponta que "a simultaneidade entre o planejamento e a produção do texto deixa suas marcas na sintaxe: desvios, construções fracassadas, interrompidas, excesso de intromissão de elementos extra-estruturais e assim por diante". Com base no que aponta Corrêa Dias, e pelas dificuldade que enfrentamos no momento de realizar a análise sintática nas 37 entrevistas que compõem a nossa amostra, optamos por não codificar as condições de referência e somente apresentar alguns exemplos de como elas ocorrem no PU.

A seguir, ilustramos alguns exemplos das condições de referência no PU, de acordo com o que aponta Duarte (2003) para o PB.

- **Exemplos nos quais o referente é sintaticamente acessível e o antecedente está em função de sujeito, sem elementos intervenientes:**

(1) *Eu* oio é *o SBT* que dišem... É o que ***cv*** más oio, as novela, filme. (A 13)

(2) porque.... *nós* trabaiemos no Uruguay se ***cv*** vamo trabaia y se ***cv*** vamo contrabandeá y ***cv*** compremo lá y ***cv*** deišemo o dinhero lá não tein nenhuma grasa... entonse ***cv*** compremo lá e ***cv*** deišemo o dinhero lá nunca **cv** deišemo aqui... (L.79-83- A1)

(3) a ***tu*** te priva de de entrá numa conversa por ***cv*** não sabe te expresá beim ...(L125-A14)

(4) y ***as pesoas*** se não contrabandeiam... de que ***cv*** veven

Conforme Duarte (2003), no PB já se observam ocorrências de pronomes plenos também quando o referente está sintaticamente acessível; também no PU registramos alguns casos desse tipo, como em:

(5) as ves eu sinto até vergonha porque ***eu*** gostaria de falá /asim qui sei eu que nós falase tudo em espanhol (L-A7)

(6) si fose más barato aquí ***cv*** não te digo que ***eu*** não compraria biste?..(B1)

(7) Al meno foi o que o **Presidente** dise... que ***ele*** ia tomá medida cuando estabilisasen us presio (B4)

(8) é brabo é como te digo **uma profesora de espanhol** daqui de Rivera que:: sigue a carrera de profesora de idioma espanhol... *ela* erra, numa proba ***que ela*** erra *ela ža* perde u ano... por qué? por o maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (B7)

- **Exemplos em que o referente não é sintaticamente acessível, pois o antecedente está em outra função sintática que não a de sujeito:**

(9) *eu* tenho ***uns conhesidos*** qui moram en Montevidéu né? que agora ***cv*** estão na situasão económica... beim não? y *tu* sabe qui ***eles f***aseim di tudo pratratá de escondé que **eles** são daqui (B7)

(10) *eu* tenho uma amiga que não deiša que ***a gurisinha*** fale. Reta ela *cuando* ***ela*** tá falando...(B12)

- **Exemplos em que o referente não é sintaticamente acessível, pois há elementos intervenientes entre ele e seu antecedente:**

(11) ***Brasilero*** é más ...música *cv* festeža tudo. *cv* veve na na alegria... nei que *cv* težem morrendo de pobresa, ***eles*** tão sempre na alegria (B4)

(12) Uma ***profesora*** de espanhol daqui de Rivera que:: sigue a carrera de profesora de idioma espanhol... ***ela*** erra, numa proba que ***ela*** erra, ***ela*** *ža* perde u ano... por qué? por o maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (B7)

(13) *Doc: claro e:: a tua **mãe** falava contigo em em dialeto... sempre falou?*
Em dialeto... sempre sempre *cv* faló em dialeto... tanto é asim que era na:: dificuldade de ***ela*** falá espanhol **ela** imediatamente voltaba a falá o dialeto porque era a manera de nós entender .

- **Exemplos de referente não sintaticamente acessível, casos de contraste ou ênfase:**

(14) Doc: tu gosta da tua lingua? Não sei ***eu*** gosto, mas **eu** gostaria de falá espanhol né?
Ah ***eu*** ašo qui teim ... *cv não* sei, *porque* ***eles*** pronun/pronunsiam palabras assim, mais por exemplo, ***nos*** disemo "*más"* e **eles** " *mais,* eu qui sei né? (A7)

(15) é ruim é a mesma cosa ansim que **nós temo** te dišendo como uruguaio **eles vão te diše** a mesma cosa (L142-43-A14)

(16) bueno pra iso tá ***nós*** somos... portu/ portunhol... ***nós*** não semo brasilera neim semo uruguaia... ***nós*** temo acá/aquí nu portunhol este:: ***nós*** somos portunhol (C2)

(17) ah **eu penso** que:: **eu me sinto** más a vontade cum o dialeto no? cum u dialeto más a vontade (L123-C14)

1.9. Sujeitos deslocados à esquerda

Outro fator linguístico que escolhemos para observar se também no PU favorece o preenchimento do sujeito, são as denominadas construções de sujeitos deslocados à esquerda. Conforme Duarte (2003:11) este tipo de estrutura não é aceita em línguas de sujeito nulo, porém em línguas de sujeito pleno como o francês é muito frecuente. O PB apresenta este tipo de construções e, conforme os estudos de alguns pesquisadores brasileiros representam uma evidencia importante de encaixamento de mudança (PONTES ,1987; BRAGA E MOLLICA, 1985,1986, BRAGA, 1987 APUD DUARTE, 2003) .

Em relação à presença deste tipo de estruturas na nossa amostra, podemos registramos somente 4 ocorrências e todas pertencem ao mesmo informante. Portanto, podemos dizer que neste contexto o PU ainda resiste a

preencher o sujeito e se comporta como uma língua de sujeito nulo prototípica. A seguir apresentamos as ocorrências registradas na fala do informante:

(1) eu ašo que u ***português,*** beim falado, ***ele*** é muito lindo inclusive de::: de ouvir das pesoas... (B14)

(2) Agora, ***us žornal uruguaio****,* ***eles*** teim levantado muito u nivel u nível...(B14)

(3) ***us periodistas da da teve, eles*** falam u:: espanhol cum sotaque americano y aí também de a poquinho *a žente* vai pegando algumas coisinhas que não tão no esquema né? (B14)

(4) *eu* ašo que ta faltando muito nu aspecto mais que otra cosa é pulítico porque si si se solusionara u problema pulítico como resultado *nós* vamo ter eh *nós* vamo solusioná u problema cultural também... porque... porque si as cabesas que tão a frente dus Ministerios por esemplo de Educasão y Cultural nu Brasil y du Uruguai ašam que debe haber realmente ***uma integrasão, ela*** vai existí... de hecho y de derecho tá? (B14)

2. Sujeitos de referência indeterminada

Conforme Duarte (2003: 09), a mudança no PB dos sujeitos de referência definida não se realizaria "sem deixar vestígios" ou "efeitos colaterais". Nesse sentido, a autora aponta que uma das consequências é o aumento do uso de formas pronominais nominativas de referência indeterminada, plenas, em lugar do ***Se*** indeterminado e passivador, como é utilizado no português europeu. Baseados nessa constatação das autoras, optamos por verificar se também no PU tem aumentado o número de sujeitos preenchidos indeterminados.

Os sujeitos indeterminados plenos prevalecem na amostra e apresentaram um índice de 63%, frente aos nulos, cujo índice foi de 37%. Quanto às formas utilizadas, há uma grande variabilidade no emprego das construções

indeterminadas do paradigma espanhol e do PB. A seguir apresentamos os exemplos das formas mais utilizadas na nossa amostra:

(1) ***um*** šega y as criansas as veses cv não não falam, cv não te intendem y te tão olhando... (C15)

(2) si ***um*** *vai pedí trabaio en Santana, não tein trabaio..* (A1)

(3) ***nós*** šamamos portunhol porque::: é uma mistura de::: portugués com espanhol... entonses **cv** šamamos portunhol (C15)

(4) Quando ***tu*** presisa comprá uma coisa brasilera **tu** vai alí y compra... (L133 –C13)

(5) pa na frontera no hay problema porque ***se*** fala geralmente us tres idiomas aquí ... cualquer um se entenderia (B10)

(6) bueno hay cosas que lá que lá não é como aqui, ***a žente*** inbentó, hay palabras que ***uno*** inbentó, não é ? (B11)

De todas as formas utilizadas, a forma impessoal do espanhol ***Um/un/uno*** **(25%)** e ***Nós*** **(23%)** aparecem em 1º lugar; em segundo lugar vem a forma ***Tu*** **(21,5%)**, em terceiro lugar vem a forma ***Se*** **(19%)** e, por último, vem a forma ***A gente*** **(11.4%)**. Na correlação com o fator idade, podemos observar que o grupo A prefere usar a forma ***Um/Um/Uno*** e os grupos B e C apresentam uma variabilidade muito grande, dado que as diferenças percentuais são mínimas. Entretanto, o grupo B tendeu a usar mais ***Nós*** (média de 2,1) e ***Se*** (média de 2,0 e o grupo C tendeu a usar ***Tu*** (média de 1,4) **e** ***Nós*** (média de 1,3. Este resultado indica que os falantes do PU, mesmo preenchendo os sujeitos plenos conforme o PB,empregam mais as formas pronominais sujeito conforme o paradigma espanhol.

GRUPO IDADE		TU	NOS	NOS CV	ELES	ELES CV	SE	A GENTE	UM-UN-UN0	INDET-sing.CV
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	8,0	10,0	15,0	2,0	16,0	11,0	3,0	22,0	21,0
	Média	,615	,769	1,154	,154	1,231	,846	,231	1,692	1,615
	%	16,3%	18,9%	30,6%	12,5%	29,6%	25,6%	11,5%	39,3%	53,8%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	25,0	28,0	20,0	8,0	19,0	27,0	10,0	22,0	18,0
	Média	1,923	2,154	1,538	,615	1,462	2,077	,769	1,692	1,385
	%	51,0%	52,8%	40,8%	50,0%	35,2%	62,8%	38,5%	39,3%	46,2%
GRUPO C (51 anos---)	Soma	16,0	15,0	14,0	6,0	19,0	5,0	13,0	12,0	,0
	Média	1,455	1,364	1,273	,545	1,727	,455	1,182	1,091	,000
	%	32,7%	28,3%	28,6%	37,5%	35,2%	11,6%	50,0%	21,4%	,0%
Total	Soma	49,0	53,0	49,0	16,0	54,0	43,0	26,0	56,0	39,0
	Média	1,324	1,432	1,324	,432	1,459	1,162	,703	1,514	1,054
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 12. – Os sujeitos indeterminados segundo o fator idade

No que se refere ao fator sexo, podemos observar na tabela 7.1 que o grupo masculino tendeu a usar mais a forma ***Nós*** e ***Se*** e as mulheres tenderam a usar mais a forma ***Tu*** e ***Um/Un***.

GRUPO SEXO		TU	NOS	NOS CV	ELES	ELES CV	SE	A GENTE	UM-UN-UNO	INDET. CV
MASCULINO	Soma	7,0	35,0	27,0	9,0	35,0	32,0	12,0	29,0	29,0
	Média	,350	1,750	1,350	,450	1,750	1,600	,600	1,450	1,450
	%	14,3%	66,0%	55,1%	56,3%	64,8%	74,4%	46,2%	51,8%	74,4%
FEMININO	Soma	42,0	18,0	22,0	7,0	19,0	11,0	14,0	27,0	10,0
	Média	2,471	1,059	1,294	,412	1,118	,647	,824	1,588	,588
	%	85,7%	34,0%	44,9%	43,8%	35,2%	25,6%	53,8%	48,2%	25,6%
Total	Soma	49,0	53,0	49,0	16,0	54,0	43,0	26,0	56,0	39,0
	Média	1,324	1,432	1,324	,432	1,459	1,162	,703	1,514	1,054
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 12.1 – Os sujeitos indeterminados segundo o fator sexo

No gráfico a seguir, podemos visualizar a grande variabilidade de ocorrências no emprego do sujeito indeterminado no PU segundo o fator idade:

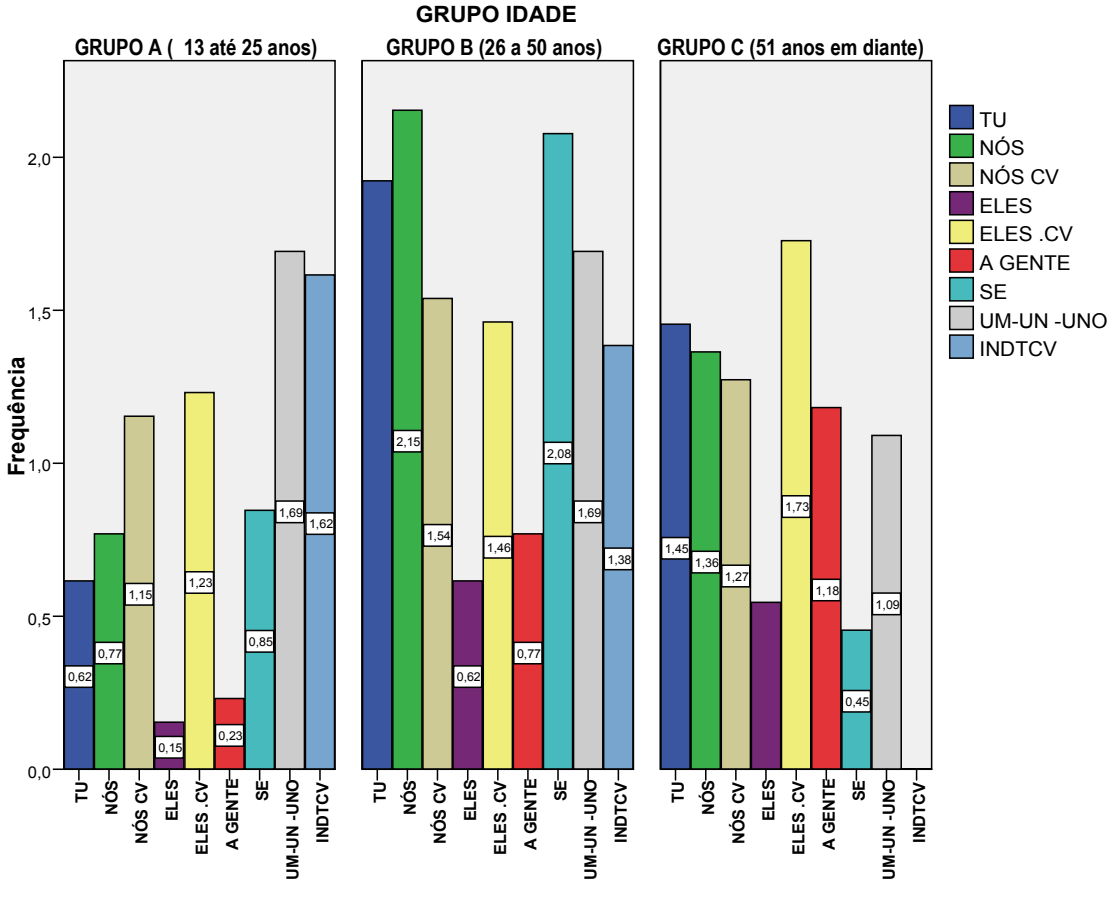

Gráfico 12.3 – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI

3. Discussão dos resultados

Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), procuramos investigar no PU, através da análise de um conjunto de fatores linguísticos e sociais, o seguinte: 1. a variabilidade de parâmetros presente na gramática do PU; 2. as propriedades dos pronomes pessoais em posição de sujeito e 3. se há uma mudança linguística em curso quanto ao parâmetro do sujeito nulo, no mesmo sentido em que essa está ocorrendo no PB.

Na tabela a seguir apresentamos o índice de porcentagens dos 16 condicionantes estruturais analisados, que quantificamos, e o cálculo da DP:

FATORES LINGUÍSTICOS	*SUJEITOS PLENOS%*	*SUJEITOS NULOS%*	*DIFERENÇA PERCENTUAL (DP)*
A PESSOA GRAMATICAL	53%	47,1%	6% (+)*
MODO VERBAL INDICATIVO	56%	44%	20% (+)
MODO VERBAL SUBJUNTIVO	44%	57%	13% (-)
PRESENTE MI	60%	40%	20% (+)
PRETÉRITOS MI	49.5%	50,5%	1% (-)
PRESENTE MI E	37%	63%	26% (-)
PRETÉRITO MI E	23%	76%	53% (-)
PRESENTE MS	58%	42%	16% (+)
PRETERITO MS	56%	44%	12% (+)
DESINENCIAS VERBAIS MORFEMA ZERO	63%	37%	26% (+)
DESINENCIAS DISTINTIVAS	61%	39%	22% (+)
ELEMENTOS ADJ. SINTAGMA FLEXIONAL (IP)	58%	42%	16% (+)
ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	34,4%	65,6%	31,2 % (-)
PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS ESTRUTURA CP	79%	21%	58% (+)
CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (CP)	71%	29%	42% (+)
SUJEITOS DE REFERENCIA INDETERMINADA	63%	37%	26% (+)
(*) O signo (+) está indicando tendência suj. pleno e (-) tendência sujeito nulo			

Tabela 8 - Índice de porcentagens e cálculo da DP

Conforme podemos observar na tabela acima, os fatores linguísticos que mais apresentaram variabilidade em relação a preenchimento ou não do sujeito no PU, com um índice DP[40] inferior a 20%, foram: **os pretéritos do MI (1%)**, **a pessoa gramatical (6%), o modo verbal (MI 12% e MS 13%) o presente do MS (16%), elementos adjuntos ao sintagma flexional (16%) e o presente do MI (20%).** Como se observa, este resultado está mostrando que onde há um maior índice de variabilidade é no paradigma verbal, isto é, os fatores que apresentam maior variabilidade são os mais afetados pela perda da "riqueza funcional", conforme Roberts (1993, APUD DUARTE, 1995). Nesse sentido, este resultado corrobora a tese de Duarte (1995) da perda do *Principio "Evite Pronome"* e a de Roberts (1993:126), para quem "a perda da uniformidade funcional de um paradigma verbal atua na possibilidade de expressão do sujeito nulo como um todo, ou seja, não só as formas que perdem a sua desinência distintiva são atingidas por essa perda; ele afeta todo o paradigma". Essa perda de "uniformidade funcional" se deve ao fato de que o PU também reduziu o seu paradigma flexional, perdendo, ainda que parcialmente, a segunda pessoa direta[41] do MI, substituída pela segunda pessoa indireta, que emprega as formais verbais da terceira pessoa (*Tu sabe o que ele qué*). Além disso, observamos que o PU também está reduzindo gradualmente o emprego da 1ª pessoa ***Nós*** com a sua desinência distintiva ***(-mos***), usando-a também com as formas verbais da terceira pessoa (*Nós falava em brasilero*). Outro fato é que os falantes também alternam o emprego da forma ***Nós*** com outras expressões ***um/um/uno*** e ***A gente***, utilizadas também na 3ª pessoa do singular. Contudo, através do índice da variabilidade, vimos que ainda no PU temos um *pro* licenciado com as mesmas características das línguas *pro-drop* românicas. Isto é, os contextos onde também observamos categorias vazias são os mesmos em que o sujeito nulo é obrigatório nas línguas *pro-drop*, neste caso o espanhol. E. A variabilidade vem a confirmar o que estamos mostrando, dado que os itens gramaticais que mais apresentam

[40] Com esta técnica calculamos a diferença percentual (DP) de emprego de sujeitos nulos e plenos com um mesmo fator linguístico. Quanto menor for a DP, maior será a variabilidade; e quanto maior for a DP, menor será a variabilidade.

[41] Lembremos que mesmo que tenhamos um número reduzido de dados desse tipo, ainda prevalece o emprego da segunda pessoa direta no pretérito perfeito do MI e este alterna com a segunda indireta.

variabilidade são aqueles em que o PB apresenta também o maior índice de preenchimento de sujeito. Ou seja, podemos dizer que no PU, segundo o que afirma Duarte (1995:33) para o PB, temos também "um sistema defectivo de sujeitos nulos, em que sujeitos pronominais nulos e plenos perdem a complementaridade característica das línguas *pro-drop*, passando a ser intercambiáveis."

A variabilidade também pode ser observada nos outros fatores linguísticos (cf.tabela 8.) com índices de DP acima de 20%. Os condicionamentos estruturais que apresentaram uma menor DP são os elementos à esquerda da oração, isto é, os pronomes relativos e interrogativos na estrutura CP, com uma DP de 58% e as conjunções subordinativas na estrutura de CP, com uma DP de 29%. Esses índices estão mostrando que no PU, da mesma forma que no PB e no PE, no caso das relativas, o contexto favorece o preenchimento do sujeito. Esse resultado confirma, então, o que Duarte (2003: 07) observou: que a presença de elementos à esquerda do sujeito pode dificultar essa acessibilidade ao referente presente no contexto precedente, por essa razão, é favorecido o preenchimento do sujeito.

Em relação ao fator elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), observamos uma variabilidade maior quanto à presença e ausência de pronomes sujeitos, com uma DP de 16%. Esse resultado está indicando que esse contexto também favorece o preenchimento, porém, não podemos afirmar se essa variabilidade se deve ou não ao que Duarte (1995) aponta em relação à perda da "complementaridade", em que a presença e ausência dos pronomes são intercambiáveis, ou se está realmente operando um mecanismo *pro-drop* do E.

Quanto aos outros condicionantes, que apresentaram um índice de variabilidade menor, como era de se esperar, figuram as formas verbais do E, o presente do MI, com uma DP de 26%, e o pretérito do E, com uma DP de 53%. Mesmo assim, conforme podemos observar, também nesses contextos em que o paradigma verbal do E estaria condicionando,sente-se a lenta implementação da mudança no PU.

Outro contexto que apresentou um índice de variabilidade menor é o fator elementos entre especificador do sintagma flexional e verbo, com uma DP de

31,2% a favor do sujeito nulo. Esse contexto, conforme vimos, também desfavorece o preenchimento do sujeito, porém, tal como no PB, registramos a ocorrência de alguns casos em que o sujeito estava preenchido.

Um fator estrutural que mostrou um índice de variabilidade a favor do preenchimento são os sujeitos de referencia indeterminada, com uma DP de 26%. Esse resultado é importante, dado que, conforme Duarte (2003:09), "uma mudança em direção aos sujeitos de referência definida lexicalmente expressos não se efetivaria no sistema lingüístico sem deixar vestígios". A partir dessa afirmação, observamos que também no PU há uma tendência a preencher os sujeitos de referência indeterminada. Conforme mostramos na análise, o PU apresenta uma variabilidade também quanto ao emprego das diferentes formas de indeterminação, dado que a preferência é o emprego da forma ***um/um/uno***, própria do E, que alterna com a forma ***Nós***. Esse resultado revela o que Duarte (2003) aponta como uma evidência do ***encaixamento da mudança*** e que se manifesta na mesma estrutura que o PB.

Outro fator que também é uma importante evidencia de encaixamento no PB, e que no PU registramos também, porém com um índice muito baixo, são as construções com sujeitos deslocados à esquerda. Mesmo assim, queremos deixar registrado, que alguns falantes do PU fizeram também uso dessas construções, o que estaria sinalizando uma leve tendência desse uso no PU.

3.1. Os fatores extralinguísticos x os fatores linguísticos

Em relação ao cruzamento das variáveis sociais, isto é, o fator idade e sexo, com as variáveis linguísticas escolhidas que puderam ser quantificadas, o Teste estatístico ANOVA aplicado não revelou nenhum grau de significância no cruzamento entre os grupos.

No emprego da pessoa gramatical, o cruzamento com o **fator idade** revelou que, dos três grupos, **o grupo B** foi o que concentrou o maior emprego das **formas plenas** em quase todas as pessoas analisadas, menos no emprego

da expressão ***A gente***, forma mais utilizada pelo **grupo C** (cf. tabelas e gráficos correspondentes). Nesse sentido, podemos dizer que, no emprego dos pronomes sujeito plenos no PU, está havendo uma variação estável, uma vez que o grupo B, o intermediário, concentrou o maior número de emprego da forma inovadora, neste caso o preenchimento do sujeito. Lembremos que conforme Scherre(1988) este é o grupo que representa a idade que está em plena atividade e no mercado de trabalho, por conseguinte, poderíamos dizer que é o que tem mais contato com a forma inovadora. Por outro lado, no que se refere ao emprego das **formas nulas**, o grupo C se destaca por empregar as formas nulas na primeira pessoa ***Eu*** e na **terceira pessoa** do singular e plural; o grupo B concentrou um maior emprego das formas nulas ***Tu*** e ***Nós***. Em relação ao **grupo A**, ou seja, ao grupo dos mais jovens, cabe observar que no emprego das formas plenas sempre apresentou o menor número de preenchimento dos três e, no que se refere às formas nulas, sempre ocupou o segundo lugar, atrás dos grupos C e B. Este resultado esta sugerindo que o grupo dos mais jovens tendeu mais ao emprego das formas nulas do que das plenas. Neste caso, nos perguntamos o que está acontecendo no PU? Será que no PU está começando a haver uma mudança contrária?

Vimos até agora que os resultados indicam que os falantes do PU apresentam uma variação estável, dado que uma das variáveis se concentrou no grupo intermediário, entretanto, vemos que o grupo dos mais jovens também apresentou o emprego das formas plenas, porém tendeu a usar mais as formas nulas. A nossa interpretação desse resultado é de que o grupo dos mais jovens do PU, nessa fase, ainda está exposto à norma padrão da escola, neste caso a língua espanhola[42], uma vez que muitos deles ainda estavam cursando o 2º grau.

[42] Cabe lembrar que os falantes do PU não são alfabetizados na sua língua materna, eles entram na escola e são alfabetizados numa L2, neste caso o espanhol, que é a língua oficial do país. Além disso, quando entram na escola, essas crianças sofrem um estigma muito grande por parte de alguns professores que não aceitam que elas falem o chamado dialeto "portunhol". Nesse sentido, as crianças crescem sentindo o rechaço pela sua própria língua materna e são alfabetizadas na língua de prestigio da região. Outro fato social e político a destacar é que nos últimos 20 anos houve um incremento dos meios de comunicação (TV e rádios FM) na região, isto é, com a TV a cabo, os jovens da cidade de Rivera passaram a ter mais contato com a cultura uruguaia por meio dos canais uruguaios e argentinos que antes não chegavam até a fronteira. A fronteira riverense sempre recebeu muita influência dos meios de comunicação brasileiros, da poderosa televisão brasileira, com as suas novelas, programas de *Talk show* etc. Nesse sentido, os jovens fronteiriços tinham uma carência muito grande de identidade, dado que os jovens que eles viam na televisão não falavam nem tinham a mesma cultura que a deles. Por tudo isso, acreditamos que, com a vinda das TVs uruguaias, os jovens como que recuperaram a sua identidade através da língua espanhola e, na atualidade, procuram falar mais essa língua de prestigio que lhes trouxe a

Mas vejamos o que indicam os outros fatores linguísticos que correlacionamos como o fator idade.

No que se refere ao **fator sexo**, observamos no geral um **comportamento equilibrado**. As mulheres tenderam a usar mais a forma plena ***Tu*** do que os homens e estes, mais a forma plena ***Nós*** do que as mulheres.

No **modo e tempos verbais**, observamos que o **grupo B**, novamente lidera o emprego das formas plenas, desta vez, apresentando um maior índice no emprego das formas plenas no presente do MI (com o paradigma verbal de P e de E), no presente do MS, conjuntamente com o grupo A, no pretérito do MI, também conjuntamente com o grupo A, e no pretérito do MS (com o paradigma verbal do P e do E). Quanto às **formas nulas**, quem lidera novamente é o **grupo C**, que apresentou um maior numero de ocorrências no presente e pretérito do MI (paradigma verbal de P e E), no presente do MS, conjuntamente com o grupo B, e no pretérito do MS. Como vemos, esse resultado continua revelando que no PU há uma variação estável, dado que a variável inovadora está concentrando-se no grupo B. O grupo C é o mais conservador dos três grupos, como deveria ser, uma vez que, conforme vimos, segundo Naro (2003), as pessoas de maior idade são as que costumam preservar as formas mais antigas. Em relação ao grupo A, neste fator podemos dizer que a tendência foi a de empregar mais as formas plenas do que as nulas. No que se refere ao **fator sexo**, conforme apontamos na análise, não observamos nenhuma diferença significativa, ou seja, ambos os grupos apresentaram um **comportamento equilibrado**.

Quanto às desinências verbais com morfema zero, o **grupo B** lidera novamente no emprego das formas plenas e apresentou, conjuntamente com o **grupo C**, formas plenas junto ao morfema zero empregado nas 1ª e 3ª pessoas do singular do imperfeito do MI e MS, no presente do MS e no futuro do pretérito e utilizou também formas plenas junto ao morfema zero com uma forma indeterminada ***Um/Un/Uno*** e ***A gente*** e também com a forma ***Nós.*** O grupo C apresentou mais formas plenas no emprego da forma ***Tu.*** Em relação às formas nulas, o grupo B se destaca também neste fator, dado que apresentou mais

---

identidade, e, por essa razão, quiçá, se resistem a empregar as formas de sujeito pleno. Esse resultado será visto também nos próximos fatores condicionantes linguísticos que analisamos.

formas nulas no emprego da forma ***Tu***, conjuntamente com o **grupo A,** e no emprego da forma ***Nós*** com morfema zero.

No emprego das desinências distintivas, observamos o mesmo padrão que viemos vendo até agora, ou seja, se destaca o grupo B quanto à presença das formas plenas com todas as desinências distintivas. No emprego das formas nulas o comportamento entre os grupos é variado. No que se refere ao fator sexo, novamente não observamos nenhuma diferença significativa no emprego das desinências distintivas e de morfema zero.

Em relação aos **fatores elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP) e na estrutura do sintagma complementizador (CP)**, prevalece novamente o **grupo B** no emprego das **formas plenas** e o **grupo C e B** no emprego das **formas nulas** no mesmo contexto. Em relação ao **grupo A**, cabe salientar que, nestes dois fatores, também apresentou um **maior número de formas plenas do que nulas**. Quanto ao **fator sexo**, ambos os gêneros empregaram mais as formas plenas do que as nulas em ambos os contextos.

Como podemos observar até aqui, em todos os condicionantes linguísticos que correlacionamos com o fator idade, o **grupo B** lidera no emprego das **formas plenas**. Nesse sentido, podemos dizer que no PU há uma situação de **variação estável,** uma vez que, como já apontamos anteriormente, **quando**, **na correlação das variáveis**, **o ápice de uma variante, neste caso a forma plena, se localiza em um grupo intermediário o processo de mudança se estabiliza.** Vimos que o grupo A tendeu a usar mais a formas nulas do que plenas em alguns contextos e, em outros, mais as plenas do que as nulas, por conseguinte, este resultado não confirma o que expusemos anteriormente, de que talvez no PU se estivesse instaurando um processo de mudança inverso, ou seja, que os mais jovens estivessem liderando uma mudança a favor do sujeito nulo.

4. Respostas às questões propostas

Com base nos pressupostos teóricos, na análise linguística e na discussão dos resultados realizada até agora, a seguir, retomamos a hipótese inicial que inspirou nosso estudo e passamos a responder as perguntas de pesquisa que nos fizemos no início deste estudo.

A primeira delas dizia: **Que tipos de sujeitos apresentam os falantes do PU?** Nossa análise permitiu observar que o PU, conforme vimos até agora, apresenta-se, por um lado, como uma língua que ainda conserva as características das línguas *pro-drop*, do mesmo modo que o E, o PE e, por outro, apresenta características das línguas de sujeito nulo parcial, neste caso conforme a sua própria base linguística o PB.

As propriedades ou características das línguas *pro-drop* que apresenta são:

1. O referente do sujeito de terceira pessoa com traço [+ animado] favorece sempre o sujeito pleno, como em (1) e, ainda, o sujeito nulo é obrigatório com referente com traço [- animado] como em (2):

(1) Algumas vês, ***algumas amiga*** u algo, ***elas*** sempre ri de mim... (A5)

(2) O ***contrabando***... la verdad *como eu* le diše ... ***cv*** foi bom pru país, foi bom né? (L B11)

2. O sujeito pleno é obrigatório nos casos de contraste ou ênfase, como em (3) e (4):

(3) ah porque ***nós*** temos uma costumbre ***eles*** ein otra né? são diferentes as nosas

(4) costumbres das deles...***nós*** semo más seco y ***eles*** são más alegres ***cv*** são más ativos asim ***cv*** são más como é que se dis comunicativos ***cv*** son (L5-9-B5)

Quanto às propriedades observadas de **sujeito nulo parcial** que verificamos na nossa análise são:

1. Presença/ausência de sujeitos pronominais com desinências de morfema zero, como em (5) e (6):

(5) pra falá cum ***o marido*** dela sim ža nós não falemo en espanhol porque ***ele*** ha cosas ***ele*** não entende agora fas rato que ***ele*** tá radicado aquí pero... ***ele*** muintas cosa ***ele*** não entende... (L242-247-C2)

(6) teim sona de frontera como Tacuarembó este::: parte de Salto...que ***tu*** **ašа** lugares que falam só dialeto (L163-C14)

2. Perda de sujeito nulo referencial, como em (7) e (8):

(7) cuando ***eu*** vou falar cum a maestra ahí sim ***eu*** falo ... espanhol ..biste? (L84-85 -B12)

(8) ***eu*** taba falando entonses ***nós*** falabamos escondido nu horario du que ***nós*** žamábamos u recreio que é u horario entre uma aula y a otra ***nós*** tinha sinco minutos pra conversá...entonse ningueim ningueim conversaba im:: espanhol (B14)

3. Licenciamento de sujeitos nulos de terceira pessoa (9):

(9) porque cuando nós taba na escola entonse *a maestra* ficaba braba e ***cv*** disia "niños no hablen en portugués" (L25-26-B8)

4. Presença/ausencia de pronomes com elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), tais como adjuntos adverbiais e topicalizações, como em (10):

(10) Não ... de ves en cuando lá olham o deš ... que ***agora eu*** to parando na casa da mía tia né? ***então ela*** agarra e olha, as ves, né? (A5)

5. Presença/ausência elementos no sintagma complementizador (CP) com pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas, como em (11):

(11) por causa que *eu::: **cuando eu*** cunhesí eles eles ža eram... ***cuando eu*** tive cunhesimento de *eles eles* ža eram veinhos (L-C10)

6. Presença de sujeitos de referência indeterminada com: *Tu/Nós/Um/Un/Se/A Gente* como em (12), (13), (14) e (15)*:*

(12) claro as criansa teim pero si ***um..***. toma o problema como uma cosa que não pode sé que teim que deiša de lado...então não pode té oportunidade de correží (L51-C11)

(13) ah muintos erros por ejemplo... palabras que eu confundía...( ) por... por u portunhol... porque en casa **se falaba** y *cv* šegaba na escola falaba espanhol... y:: **se falaba** mal ... (L15-17 – B10)

(14) pra trabaiá? según o trabaio no... por ejemplo ***nós*** aquí não temo problema pero... se fose trabaiá.nu:: Free Shoop o nu comersio ahí nu sentro debería falá beim espanhol... depende da profisão (L43-45-B10)

(15) pero *eu* žá so acostumada a falá em portunhol na minha casa entonse cv falo em portunhol com ela ***a šente*** entende espanhol normalmente (A12- L57-58- A)

7. O sujeito nulo não se apresenta como obrigatório e é opcional mesmo com a flexão distintiva, como no caso da primeira pessoa do singular *Eu*, e a primeira do plural *Nós*:

(16) cuando ***eu*** vou falar cum a maestra ahí sim ***eu*** falo ... espanhol ..biste? (L84-85 -B12)

(17) ***eu*** taba falando entonses ***nós*** falabamos escondido nu horario du que ***nós*** žamábamos u recreio que é u horario entre uma aula y a otra ***nós*** tinha sinco minutos pra conversá...entonse ningueim ningueim conversaba im:: espanhol (B14)

Todas as propriedades elencadas são os contextos em que observamos realizar-se o sujeito pronominal no PU por meio da nossa análise dos condicionamentos. O PU apresentou também outras construções que já fazem parte do paradigma do PB e que foram de baixa frequência na nossa amostra, como os sujeitos deslocados à esquerda (DE), e o mesmo poderíamos dizer do

sujeito com traço semântico [-animado], uma vez que também registramos um baixíssimo índice de ocorrências.

Para entender melhor a variabilidade de parâmetros que observamos no PU, nos perguntávamos **qual dos dois parâmetros está mais presente no PU? Ou se haveria nesse português um outro tipo de marcação paramétrica.** Conforme observamos, podemos dizer que, por um lado, o PU apresenta ainda algumas das propriedades das línguas *pro-drop* em que o sujeito nulo é obrigatório da mesma forma que em E, e, por outro, apresenta algumas das propriedades em que da mesma forma que no PB, a preferência é pelo uso da forma pronominal plena. Acreditamos que o PU continua caminhando lentamente em direção ao preenchimento do sujeito nulo, apesar de a análise sociolinguística, através do cruzamento com o fator idade, ter revelado que há uma variação estável. Conforme este resultado, a mudança estaria estabilizada, dado que a geração dos mais jovens (grupo A) apresentou alguns índices menores do que a geração intermediária (grupo B) e muitas vezes igual ou menor ao de maior idade. Contudo, acreditamos que esse resultado é parcial, uma vez que, para concluir alguma coisa, devemos levar em conta também o índice de variabilidade no emprego do sujeito nulo que, conforme constatamos na nossa análise é bastante elevado. Nesse sentido, o grupo dos mais jovens também apresentou um alto índice de variabilidade em alguns dos fatores linguísticos analisados. Além da variabilidade, cabe salientar, que registramos no grupo dos mais jovens um elevado índice de preenchimento, igual ao dos outros grupos, nas mesmas estruturas em que o PB cedeu espaço ao sujeito pleno. O que respondemos até agora responde também à outra pergunta que nos fizemos no inicio da nossa pesquisa:

Partindo de que a base linguística do PU é o PB, e com o resultado da análise dos fatores linguísticos e sociais de que já dispomos, é possível dizer que o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB?

A análise que fizemos corrobora uma vez mais que o PU tem como base linguística o PB e o sujeito nulo do PU segue quase os mesmos padrões do PB.

Conforme vimos, dada a proximidade do E e dadas as circunstâncias sócio-políticas em que esta língua vive – ou, para ser mais precisos, tenta sobreviver na região – essa caminhada rumo à mudança termina sendo mais lenta. Mesmo assim, conforme vimos na nossa análise, o sujeito pleno do PB pode ser encontrado também no PU, salvo algumas poucas construções que ainda resistem, como é o caso do sujeito nulo com traço semântico [-animado] e as estruturas com sujeitos deslocados à esquerda.

Resta-nos agora responder a última pergunta, **será que os uruguaios falantes do PU e os brasileiros falam a mesma língua ou falam duas línguas distintas?**

Na nossa hipótese fundamental no inicio desta pesquisa, apontávamos de que o PB e o PU seriam línguas distintas, pois as gramáticas que possuem ambas variedades são diferentes. Após ter realizado este estudo e as análises que ele demandou, continuamos acreditando que sim. Claro que, conforme vimos nas propriedades do parâmetro do sujeito nulo, apresentam muitas semelhanças, mas conforme Galves (1998), com "frequências diferentes". Conforme apontamos anteriormente, segundo Galves (1998), que, a partir da distinção realizada por Chomsky (1985) sobre Língua-E e Língua-I, procura também responder se o PB e o PE são línguas diferentes, a diferencia de uma língua para outra seria a língua interna (Língua-I) isto é, "o saber que as pessoas têm da língua que lhes permite não só falar e entender essa língua, mas (...) atribuir estatutos diferentes". (CHOMSKY, 1985 apud GALVES, 1998). Segundo Galves (1998: 80), a gramática de uma língua é

> (...) o estado de saber lingüístico dos falantes que têm essa língua como língua materna. (...) esse saber corresponde a parametrização da faculdade de linguagem, ou Gramática Universal (GU). É dentro dessa visão da gramática que se coloca na Teoria da Gramática Gerativa a questão das diferenças das línguas. Duas línguas-I serão consideradas diferentes se contêm na sua parametrização pelo menos um parâmetro fixado diferentemente.

Neste caso, sabemos, pelos fatos históricos, que o PU provém do PB e, por

esta razão, foi denominado primeiramente como um dialeto *fronterizo* que, anos mais tarde e dada a existência de variedades, passou a ser chamado de dialetos portugueses do Uruguai (DPU). Conforme demonstram os fatos históricos, podemos dizer que esta(s) variedade(s) é/são falada(s) na região há quase mais de 200 anos, e que o PU falado na região sempre esteve mais em contato com o E do que com o PB; apesar de que, cabe lembrar, na cidade de Rivera, o PU também convive com o PB, na variedade desta língua que é falada do outro lado da linha divisória (lembremos que somente uma rua os separa), cujas características, talvez muito particulares em relação às afirmações genéricas sobre o PB, também precisam ser levadas em conta num outro momento de análise deste fenômeno lingüístico, algo que não foi possível fazer neste trabalho.

Mesmo assim, conforme pudemos observar na análise morfossintática que realizamos em Gutiérrez Bottaro (2002), a base linguística continua sendo o PB, isto é, PU e PB apresentam muitas propriedades gramaticais em comum, porém cada uma atribui estatutos diferentes a essas propriedades. Poderíamos elencar, aqui, muitas das áreas gramaticais a que o PB e o PU atribuem estatutos diferentes. Em Gutiérrez Bottaro (2002), registramos que no PU, ao contrario do que ocorre no PB, ainda se conserva o emprego de algumas formas pronominais, como é o caso dos reflexivos ou da forma *se* com valor pronominal. Como se pode ver, esse fato demonstra que essas formas são parametrizadas conforme o modelo E ou como a mescla de E e PB:

(17) y a piquena ***se me*** vai os viernes pa lá (C12-L.18)

(18) sim ... a maioria das cosa sempre más en espanhol que en portunhol né? é que de bes en quando se vai e ***se me*** escapa o portunhol" (B2-L.10-11)

(19) o contrabando... la verdad como eu ***le*** dise... foi bom pru país... (B12-L.112)

Quanto à realização do sujeito pronominal no PU, vimos que, no que se refere aos sujeitos indeterminados plenos, os falantes se valem de várias formas, porém a preferência é pelo emprego das formas ***Um/Un/Uno***, seguida das formas ***Tu*** e ***Nós***, ***A gente***. Também persiste no PU o uso de construções indeterminadas ou impessoais com ***Se***. Vimos também que o PB é considerado uma língua

“orientada para o tópico” (PONTES, 1981, apud GALVES 1998), como se pode ver no exemplo de Duarte (1995) *A clarinha **ela** cozinha que é uma maravilha*. Na nossa amostra, somente registramos 4 casos desse tipo, sendo que três deles são de um mesmo informante, razão pela qual ainda não podemos dizer que o PU também está caminhando para língua de tópico; o baixo número de ocorrências que registramos não permite concluir nada ainda.

Com base nas reflexões de Galves (1998), tudo parece indicar que, mesmo quando os enunciados superficialmente se parecem, a língua interna (Língua-I) seria diferente e os enunciados dos falantes teriam estatutos diferentes. Nesse sentido, (1998) quisemos mostrar que se o PU e o PB possuem Língua-I diferente, por conseguinte, suas gramáticas são diferentes, então poderíamos dizer que o PU é hoje em dia uma língua diferente da que a lhe deu origem, o PB. Entretanto, dadas as características da nossa amostra, pois se trata de uma amostra de produção e não de julgamento, no presente estudo não podemos afirmar categoricamente ainda as diferenças do ponto de vista da Língua-I das quais, no entanto, temos fortes indícios. Acreditamos que com outro modelo de coleta de dados, de natureza mais introspectiva, possamos vir a demonstrar as diferenças de estatuto e de interpretação.

Através de tudo que foi apontado até aqui, e das analises que realizamos até agora, já seja a morfossintática (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002) ou a da realização do sujeito pronominal, feita no presente estudo, procuramos aprofundar mais na gramática do PU para observar o que está acontecendo com um parâmetro característico das línguas românicas, como é o do sujeito nulo, numa língua que faz parte de um continuo linguístico[43] onde convive, ou entrecruzando-se ou combatendo-se, com outras duas línguas: o E (língua nacional, cada vez mais fomentada pelas políticas linguísticas e pela escola) e o PB (presença forte, pela proximidade física, pelas relações sociais e comerciais, pelos meios de comunicação). A análise dos fatores extralinguísticos permitiu observar que a variabilidade no emprego dos dois parâmetros (PB e E) no PU no que se refere ao sujeito nulo encontra-se em todas as faixas etárias, Entretanto, conforme vimos, o

[43] Adotamos a noção de continuo linguístico conforme o sociolinguista uruguaio P. Rona (1963:04), que define o contínuo como “dos lenguas que avanzan desde puntos distintos hasta encontrarse”.

processo de mudança em direção às modalidades de realização do sujeito encontra-se estável, dado que, conforme vimos, o ápice das frequências encontra-se no grupo intermediário, isto é, o grupo de menor idade e maior idade empregam menos o sujeito pleno do que o grupo intermediário. Esse resultado, como vimos, está indicando que a geração dos mais jovens falantes do PU apresentaram maiores índices a favor do sujeito nulo, conforme o parâmetro vigente no E, mesmo apresentando variabilidade. Ou seja, o que estamos querendo dizer com tudo isso é que o PU ainda apresenta marcas das duas línguas, o que reflete que a disputa não está terminada ainda. O isolamento em que o Uruguai manteve essa região por muitos anos trabalhou a favor de manter esse português, uma vez que é e continua sendo a língua materna de uma boa parte da população fronteiriça, fez com que o PU seja hoje uma língua de mescla. A política lingüística para a região, se é que é possível falar que houve alguma política lingüística para essa região, ou pelo menos a intenção dos sucessivos governos sempre foi a de fortalecer a língua nacional, ou seja, fazer prevalecer o espanhol ante o avanço do português, que sempre se apresentou como uma ameaça para o país e, nesse sentido o PU, ou *portunhol*, como é chamado pela maioria da população, sempre foi reprimido nas escolas. O resultado da nossa análise está revelando que a política linguística a favor do E, possivelmente mais clara, intensa e efetiva no momento atual, está refletindo-se no PU, sobretudo na geração mais nova. Contudo, cabe ressaltar que, conforme o último diagnóstico da situação linguística da fronteira (BRIAN et alii, 2004), a partir de 2003 se implementou um projeto educativo[44] de educação bilíngue, em que o português começou a ser ensinado em algumas escolas de período integral na fronteira. Como vemos, esta nova situação trará, talvez, novas consequências para a conformação do PU.

[44] Conforme o último diagnostico da situação lingüística da fronteira (BRIAN ET ALI, 2004) o projeto educativo com o nome *Programa de Inmersión Dual Español-Portugués* foi implantado em duas escolas no começo e em 2004 se estendeu a 5 escolas. A metodologia de ensino é a imersão, em que o português é ensinado como segunda língua (L2) através dos conteúdos curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo damos seguimento à pesquisa prévia que teve como objeto a mescla linguística presente no PU, especificamente a variedade falada na cidade de Rivera (Uruguai), que faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento.

Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), envolvendo mais especificamente a teoria do Parâmetro do Sujeito Nulo, conjuntamente com a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOR e HERZOG, 1968), a análise dos fatores linguísticos permitiu observar que na realização do sujeito o PU apresenta-se como uma língua que ainda conserva as características das línguas *pro-drop*, do mesmo modo que o E. Por outro lado, o PU também apresenta características das línguas de sujeito nulo parcial, neste caso conforme a sua própria base linguística, o PB.

A análise permitiu observar que os contextos que mais favorecem o preenchimento do sujeito, do mesmo modo que no PB, foram as estruturas que têm um elemento no sintagma complementizador (CP), os pronomes relativos e interrogativos e conjunções subordinativas. As pessoas gramaticais que mais apresentaram preenchimento foram a 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural, mesmo com uma desinência distintiva. Por outro lado, no modo e tempos verbais, vimos que em primeiro lugar a preferência é o presente do MI, seguido pelo pretérito do MI, este último relacionado com a desinência de morfema zero que apresenta o pretérito imperfeito do MI. Em relação à flexão verbal, observamos a tendência de emprego de formas plenas junto a verbos com morfema zero. Este resultado mostra que assim como no PB o PU também poderia estar perdendo a propriedade do sujeito nulo por causa da redução do paradigma flexional.

Dentre as estruturas linguísticas que mais resistem ao preenchimento no PU estão o sujeito nulo de referente [-animado], a presença de elementos entre especificador do sintagma flexional e verbo e os sujeitos deslocados à esquerda.

Com a análise dos fatores extralinguísticos constatamos que também no PU o parâmetro do sujeito nulo está passando por uma mudança linguística. Entretanto, a análise do fator idade revelou que o grupo intermediário (grupo B) concentrou um número elevado de frequências em relação ao preenchimento do sujeito. O fato de os jovens falantes do PU e as gerações mais velhas usarem menos formas preenchidas sugere que a variação seja estável. Contudo, a análise das DP evidenciou um alto grau de variabilidade nos três grupos, o que significa que o PU ainda apresenta marcas das duas línguas. Quanto ao fator sexo, a análise não apontou nenhuma diferença significativa; no geral, observamos um comportamento equilibrado entre ambos.

A análise realizada serviu também para corroborar, na sua maior parte, o estudo de Duarte (1995, 2003) no que tem a ver com os condicionadores lingüísticos.

Conforme vimos até então, e para fechar este trabalho, reiteramos que a análise realizada confirma a maior parte das hipóteses propostas no presente trabalho. Com relação à nossa hipótese principal, a análise indica que PU e PB poderiam configurar-se como línguas diferentes, da mesma forma que o PB e o PE, como aponta Galves (1998). Porém, como visto anteriormente, essa hipótese necessita ser corroborada através da análise de outros tipos de dados, de natureza mais introspectiva, o que esperamos fazer em estudos futuros. Da mesma forma, estudos posteriores serão necessários para avaliar o impacto das novas políticas educacionais e de integração da questão linguística para a região, tanto por parte do Uruguai quanto por parte do bloco do Mercosul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, M Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. Otra ed.: *Nueva* **Revista de Filología Hispánica***,* Año 15 (1961), pp. 51-60.
Disponível em:
http://www.cervantesvirtual.com/bib_autor/manuelalvar/include/digital.jsp
Acesso em: Janeiro de 2008.

BARRIOS PINTOS, A. **Rivera, Una Historia Diferente***.* Tomo I. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1985.

BARRIOS PINTOS, A. **Rivera, Una Historia Diferente***.*Tomo II. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1990.

BEHARES, L. (1985) Planificación Lingüística y Educación en la Frontera Uruguaya con Brasil. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño (OEA), 1985.

BEHARES, L. e DÍAZ, C. **Os som de nossa terra**, Productos artístico-verbales fronterizos*.* Montevideo: AUGM e Universidad de la República, 1998.

CARVALHO, Ana Maria (2003). Rumo a uma definição do português uruguaio*.* **Revista internacional de lingüística iberoamericana *2****:*** *125-150*

CAGGIANI, I. **Sant'Ana do Livramento, 150 Anos de História.** 1º Volume. Santana do Livramento: ASPES, 1983.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira., 2001.

CHOMKSY, N. **Sobre Natureza e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHOMSKY N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Mass: The MIT

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding***.* Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Reglas y Representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

CHOMSKY N. **Knowledge of Language**. New York, Praeger, 1985.

DEMONTE, V. **Teoría sintáctica: de las estructuras a la rección.** Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

DUARTE, M. L A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. Em: Paiva, M. C. & Duarte, M. E. L **Mudança Lingüística em Tempo Real.** Rio de Janeiro: ContraCapa, 2003, 115-128 Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/posver**na**/**do**centes/61022-1.pdf Acesso em: Janeiro de 2008.

DUARTE, M. L. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. Em: Roberts e Kato (orgs), **Português Brasileiro: uma viagem Diacrônica.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p.107-25.

DUARTE, M. L. **Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

ELIZAINCÍN, A **Dialectos en contacto, Español y Portugués en España y América**. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A. & BEHARES, L. Variabilidad Morfosintáctica de los Dialectos Portugueses del Uruguay. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, XXXI, n.1. 198,1 p.401-417.

ELIZAINCÍN, A. Algunos aspectos de la Sociolingüística del Dialecto Fronterizo. **Temas de Lingüística n. 3**. Montevideo: Universidad de la República (mímeo).

ELIZAINCIN, A. El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña. In: **Letras de Hoje,** n. 20 p. 65-75. Porto Alegre, 1975.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L., BARRIOS, G. **Nos Falemo Brasilero. Dialectos portugueses del Uruguay.** Montevideo: Amesur, 1987.

ERVIN, S. & OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, n.49, 1954, p.139-146.

FERNÁNDEZ, S. O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. In: BOSQUE M. I. & DEMONTE B. V. (org.): **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**: Vol. 1, p.1209-1273, Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitas.** Campinas: Editora da Unicamp,1996.

GALVES, C. **Ensaios sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. M. C. A gramática do português brasileiro**. Línguas e Instrumentos Linguísticos 1,** 1998, p. 79-96.

GALVES, C. Princípios, Parâmetros e Aquisição da Linguagem. **Caderno de**

Estudos Lingüísticos, n.29 p.137-152,1995.

GONZÁLEZ, N. T. M. **Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos.** Tese de Doutorado. DL/FFLCH-USP,1994.

GROPPI, M. **Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai**. Tese de Doutorado. Depto. de Filologia e Língua Portuguesa/FFLCH-USP, 1997.

GUTIÉRREZ, B.S.E. **O entreberado esa língua que inbentemo aqui: O contínuo lingüístico na região fronteiriça Brasil – Uruguai**. Dissertação de Mestrado. DLM/FFLCH-USP, 2002.

HENSEY, F.G. O sócio-lingüismo da Fronteira Sul." In: **Letras de Hoje,** 3: 107-117. Porto Alegre, 1969.

HENSEY, F. **The Sociolinguistics of the Brazilian -Uruguayan Border**. Mouton: The Hague, 1972.

HUANG, C. T. J. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*,15: 531-574,1984.

JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. *In:____ The Null Subject Parameter.* Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 1-44.

KATO, M.A. ; NEGRÃO, E. V. (eds) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.** Vervuert- Iberoamericana, 2000.

KATO, M.A Raízes não Finitas na Criança e a Construção do Sujeito. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, n.29 p.119-136,1995.

KATO, M.A. Teoria Sintática: de uma perspectiva de "-Ismos" para uma perspectiva de programas. **DELTA** – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, vol. 13, n.2 p.275-299, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: Janeiro de 2007.

KATO, M.A Sintaxe e aquisição na teoria de Princípios e Parâmetros. Porto Alegre: In: **Letras de Hoje***,* n.30: p. 57-74, 1995.

KATO, M.A. A evolução da noção de parâmetros. **DELTA** – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, n.19.2, p. 309-337, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br> Acesso em: Março de 2007.

KATO, M.A. Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.36 p.11-16, 1999.

LABOV, W. **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

LICERAS, J. M. **La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal.** Madrid, Síntesis, 1996.

LOBATO, M.L. **Sintaxe gerativa do português**. Belo Horizonte:Vigília.,1986.

LOPES, R. E. V. Aquisição da Linguagem: novas perspectivas a partir do Programa Minimalista, **DELTA** – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, vol.17 n.2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: Junho de 2007.

LUJÁN, M. Expresión y omisión del pronombre persona. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica delas clases de palabras (vol. 1).** Madrid: Espasa, 1999. P. 1276-315.

MIOTO, C.; FIGUEIREIDO, M. C. & LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2005.

MORAES, L. Correa Dias de. A sintaxe da língua falada. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 5ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Metodología Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1990.

NARO, A. J. **e** SCHERRE, M. M. P. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. Tradução de NARO, A .J **e** SCHERRE, M. M. P. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MC WORTER, JOHN., ed. **Language change and Language contact in pidgins and creoles.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 235-255, 2000. Disponível em: <http;//www.cvl.net/sociolinguistica/textos.htm>. Acesso em abril, 2002.

PORTO DAPENA, J. A. **Los pronombres**. Madrid: Edi6. ,1986.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho,1992. Disponível em: <www.instituto- camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/observlingport.pdf> Acesso em: Junho de 2009.

RAPOSO, E. Algumas observações sobre a noção de língua portuguesa.In: **Boletim de Filologia**, Lisboa, 29, 1984,pp.585-592.

ROBERTS, Ian. **Verbs and Diachronic Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

RONA, J. P. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. In: **Presente y Futuro de la Lengua Española**. Vol. 1. p.215-226, 1964.

RONA, J. P. **El dialecto fronterizo del Norte del Uruguay. Montevideo:** Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias. Publicaciones del Departamento de Lingüística. 45 p. (1ª edición: 1959), 1965.

RONA, J.P. La frontera lingüística entre el español y el portugués en el norte del Uruguay. In: **Suplemento da Revista VERITAS**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1963.

Rizzi, L. **Issues in Italian Syntax**, Foris Publications, Dordrecht, 1982.

SIMÕES, L. (1999) Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.36: p.105-130.

SIGURðSSON, Halldór. Argument-drop in Old Icelandic. **Lingua***,* 1993,89:247-280.

TARALLO, F. **A Pesquisa socioligüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. e ALKMIN, T. **Falares Crioulos, Línguas em contato***.* São Paulo: Ática, 1987.

TORIBIO, A.J. "Dialectal Variation in the Licensing of Null Referential and Expletive Subjects", PARODI, C., C. QUICOLI, M. SALTARELLI y M.L.

ZUBIZARRETA (eds.): **Aspects of Romance Linguistics. Selected Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV. March 10-13, 1994**. Washington, D.C.:Georgetown University Press. 1996, 409-432.

WEINREICH, U., LABOV, W & HERZOG, M. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.) **Directions for historical linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

CALDEIRA, J. *et alii* **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras,1997.

CHAVES DE MELO, G. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

ELIZAINCÍN, A. As pesquisas nas áreas de fronteira: Brasil-Uruguai. Histórico. In: KANY, Ch. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1976.

HENSEY, F. Spanish, Portuguese, and Fronteiriço: languages in contact in northern Uruguay. In: **International Journal of the Sociology of Language** 34, pags. 9-23, 1982.

MAGALHAES, T. M. V. (2006) **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro**. Tese de doutorado.Unicamp, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TRINDADE, A. e BEHARES, L.,orgs**. Fronteiras, Educação, Integração**. Santa Maria-RS,1996.

ANEXOS

1. ANEXO: Mapa da Fronteira Brasil-Uruguai

2. ANEXO: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

A seguir trancrevemos as entrevistas que, conforme já apontamos anteriormente, foram guiadas por dois questionários: o primeiro para obter os dados pessoais do informante (sua história) e o segundo para fins de conversação e obtenção de informações sobre o uso e atitudes que o informante tem em relação à língua que fala (questionários anexos 1 e 2). Também utilizamos um roteiro com alguns temas para provocar um registro de conversa livre:

* a integração na fronteira através do trabalho, diversão, arte, educação, esportes, etc.;
* o que significa ser fronteiriço, vantagens e desvantagens;
* forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros;
* contrabando na fronteira.

A transcrição das entrevistas para este trabalho foi realizada com base nas normas de transcrição do Projeto NURC/SP (ver anexo 3).

Entrevista No 1

Grupo A
INF. A1
Nome: L1 (H.D)
Idade: 18 anos
Sexo: maculino
Profissão: estudante
NSE: C
Escolaridade: 2o grau completo

Grupo A
INF. A2
Nome: L2 (C.C.)
Idade: 18 anos
Sexo: feminino
Profissão: estudante
NSE:C
Escolaridade: 2o grau completo

Local da entrevista: Rivera
Tipo de entrevista: diálogo entre dois informantes e a entrevistadora.

1	Doc:	o que vocês acham morar de aqui na fronteira? vocês gostam?
2	L1:	sí
3	L2:	sim eu sim
		[
4	L1:	é muinto mior que morá... é muinto mior morá na frontera que
5		morá por ejemplo em Montidéu... Montidéu... BUEno pa morá
6		aqui é muinto mior porque Montidéu... ašo que eu cunheso
7		Montidéu como é pa morá lá é brabísimo... muinto más brabo que
8		morá aqui...
9	Doc:	tu já morou em Montevidéu?
10	L1:	não pero ža tuve... muinto tempo lá ža fiquei...
11	Doc:	e aí como é que era?
12	L1:	pa muy brabo é...
13	Doc:	e bravo em que sentido?
14	L1:	no y que::... por esemplo pra se alimentá aquí é muinto mior que
15		comprá as cosa aquí como em Santana...
		[
16	L2:	clAro as cosa aquí é muinto más barata que em Monteidéu...
17	L1:	muinto más barato que em Monteidéu... em Monteidéu é más
18		ažitado que aquí...
19	Doc:	é né?
20	L2:	claro aquí en Rivera tambéim é más caro pero vai do otro lado y
21		compra
22	Doc:	aha... e vocês então por isso preferem morar aqui?
23	L2:	SÍ::
24	L1:	SÍ muinto mior morá aquí

Doc: e como é a integração com os brasileiros?
L1: não habendo partido de fúbol...
L2: tamo beim
[
L1: tamo beim... ah ahí sí ža termina a frontera ((risos))
Doc: então o que vocês acham o que significa ser fronteiriço? quais são as vantagens de morar aqui?
L1: as vantaže que::... que son ...
L2: y na compra das cosa pode comprá aquí como pode comprá lá não tein problema (...)
[
L1: não tein ese problema de frontera de que... tein que pagá imposto pa entrá en esta frontera como hay en otros países aquí un:: un pasa de lado ža pasa do lado brasilero un entra pa aquí entra do lado uruguaio... não tein problema... claro iso é uma cosa que é única no mundo porque no mundo no hay una frontera así
Doc: isso.. e vocês gostam do Brasil?
L2: não... eu não gosto du Brasil
L1: não sei porque lado tomar pero...po/ para morá em Brasil eu não gosto... para morá/pa vivé não não gosto du Brasil no
Doc: por que vocês não gostam de morar no Brasil?
L1: pa... esa é braba... no sé... porque eu me acostumbré a morá nu Uruguai y... não sabría vivir em otro país y Brasil...
L2: sí encuentro raro ir pra... pra otro país
L1: Montidéu qui é Uruguay não me acostumo menos Brasil
Doc: é o que achas de diferente em Montevidéu?
L1: hay ta lo que taba disendo al principio que... Montidéu é todo día ažitado não para nunca de corré... todo u movimento de sidadi grande... como debe sé como São Paulo otra sidadi de de Brasil Montidéu é capital é sempre tá ašitada todo dia...y tá tein que tá sempre... correndo
Doc: e em Livramento vocês morariam?
L1: ahí puede sé... en Livramento... tá porque não hay cuaše esa diferensia é aquí...
[
L2: no hay muinta diferensia porque é aqui... pero pa otra parte du Brasil não... ža é diferente es más diferente
Doc: vocês acham que são parecidos os brasileiros do outro lado?
L1: ah sí porque ža é uma sidade pra mim ža é uma sidade só não hay frontera
[
L2: claro porque tão žuntos...
Doc: e o que vocês acham do contrabando?
L1: eu ašo que ta mal (...)
L2: sim ta mal porque muintas personas não pode que vão sempre comprá lá por más barato y tudo... agora não podein... levá nada así ... mesmo mesmo en campanha que não se pode levá nada...
Doc: não da pra levar mais nada?
L2: não dá pa levá nada
Doc: e vocês acham correta essa atitude do Presidente?
L2: não... eu não ašo
L1: eu ašo correto... sinseramente eu ašo
L2: eu não ašo... tá não digo im grandes cantidade que levein pero::.. pocos... pero não muinta cantidade
L1: eu ašo correto porque::... contrabando se fose só de contrabando de

77		produtos uruguaios todavía puede sé como vai sé agora... que vão
78		botá preso frontera aquí pra não competí cum us brasilero... pero
79		comprá cosa brasilera e vim vendé aquí ža... pa iso somo brasilero
80		y não somo uruguaio porque.... nós trabaiemo no Uruguay se
81		vamo trabaiá y si vamo contrabandeá y compremo lá e deišemo o
82		dinhero lá não tein nenhuma grasa... entonse compremo lá e
83		deišemo o dinhero lá nunca deišemo aquí... y Rivera hože ta sim
84		trabaio por iso memo... um não consegue trabaio en Rivera
85		porque... não tein... não tão vendendo nada (...)
		[
86	L2:	claro aquí en Rivera não se vende nada...
87	L1:	os Free Shoop memo os Free Shoop não vende nada
88	L2:	todo mundo vai a Santana
		[
89	L1:	todo mundo vai a Santana e se tá terminando u trabaio aquí en
90		Rivera y si um vai pedí trabaio en Santana não tein trabaio...
91		porque nós somo uruguaio impesan a pedí iso e aq/... não dá...
92	Doc:	não tem indústrias aqui
93	L1:	claro não tein industria tá morrendo Rivera y cada ves... Santana
94		cada ves que baiša u o real... vai liquidando Rivera de a poco...
95		aí que eu so contra/por eso so contra o contrabando
96	Doc:	e vocês gostam de morar aqui então?
97	L1:	gostamo de morá sim
98	L2:	aquí sim
99	Doc:	vocês acham que existem muitas diferenças na forma de vida dos
100		brasileiros e uruguaios?
101	L1:	não forma de vivir... como vive o uruguaio... aquí nu Uruguay por
102		lo meno valoram más o trabalhadó que trabaia Brasil eu vežo
103		que no hay eles tien um salário mínimo ganham poco y se pasam
104		trabaiando todo o día igual...
		[
105	L2:	ah sim muinto horario
106	L1:	y não šega o dinhero a fim de mes igual pagan muy poco... en
107		Brasil pero aquí en Uruguay todavía dá:: dá pa se levá igual y
108		vivé... cunheso muinta žente Brasil que ganha salário mínimo y não
109		dá pa...
110	L2:	clAro aquí pagam mior... o salário aquí é mior... que:: en Livramento
111	Doc:	e quanto está o salário mínimo aqui vocês sabem?
112	L1:	o salário mínimo debe tar aquí por mil tresentos mil quinhentos
113		peso debe tá
114	Doc:	e com esse salário podem viver aqui as pessoas?
115	L1:	vIvé::: ašo que...
		[
116	L2:	vivé... o mínimo porque não dá muinto
117	L1:	sim porque vivé munito mior porque... o mínimo no Brasil é sento...
118		cuarenta debe sé como oitosentos novesentos peso daqui y aquí é
119		mil e algo mil quinientos debe sé aquí
120	L2:	sim pero aquí sai tudo más caro
121	L1:	claro ese é o problema biste?
122	L2:	sim não dá pra vivé cum... só co ese salário não dá
123	L1:	pero si se termina u contrabando termina tudo Rivera crese más y
124		hay más lugar pra trabaiá
125	Doc:	e entre vocês em que língua falam?
126	L2:	espanhol
127	L1:	espanhol nomá
128	Doc:	não falam assim como tamo falando?

129	L1:	não portugués no nunca
130	Doc:	por que vocês não falam entre vocês?
131	L2:	porque desde que se conhesemo falemo im espanhol
132	L1:	em espanhol nomás
133	Doc:	vocês são namorados?
134	L1:	somo namorado
135	Doc:	e nunca falaram em português
136	L1:	não portugués
		[
137	L2:	lá de ves em c... pero muin difísil
138	L1:	muy difísil es debe sé contado
139	Doc:	se conheceram falando em espanhol?
140	L2:	em espanhol sim... eu falo ansim porque meus pais me
141		acostumaron pero não me encuentro raro falando ansim...
142		porque sempre falei ansim desde chiquita pero... encuentro raro falá
143		ansim
144	Doc:	está beim... ótimo mUito obrigada
145	L1:	bueno

Entrevista No 2

Grupo C
INF. C1
Nome: L1 (M.C.)
Idade: 53 anos
Profissão: Do lar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo A
INF. A3
Nome: L2 (M.F.)
Idade: 21 anos
Profissão: Do lar
NSE:C
Escolaridade: 2o grau incompleto

Local da entrevista: Rivera
Tipo de entrevista: diálogo entre dois informantes e entrevistadora

1	Doc:	o que significa pra vocês ser fronteiriço... viver aqui na
2		fronteira... quais são as vantagens em morar aqui?
3	L1:	a sim... muinta y por... la::
4	L2:	as compra brasilera
		[
5	L1:	y::... por todo... por todo... por tudo
6	Doc:	por tudo o quê?
7	L1:	y la ropa la comida... el calzado...
8	Doc:	para fazer as compras então?
9	L1:	claro para as compra... tudo brasilero( )
10	Doc:	e como é a forma de vida dos brasileiros e dos uruguaios... o que
11		vocês acham? existem diferenças?
12	L1:	ašo que não... não
13	L2:	igual normal
14	Doc:	e o contrabando? vamos falar um pouquinho sobre o contrabando
15		daqui da fronteira?
16	L1 e L2:	((risos))
17	Doc:	como está agora... atualmente?
18	L1:	agora atualmente tá difísil né? tá muin difísil porque não se pode
19		pasá nada... según parese la radio não dá pra pasá nada... que hay
20		muinto contrabando hay...
21	Doc:	e o que vocês acham das novas disposições do Presidente?
22	L1:	im não deišá pasá? ah:: ta mal

23	L2:	tá prežudicando muinta pesoa porque hay pesoa que vebein
24		du contrabando... as pesoa que moram... en otros departamentos
25		vebein diso y agora tudo escondido...porque si no...
26	L1:	tá prežudicando muinta žente... aquí cantidá de žente mesmo qui
27		vebe diso...
28	Doc:	não estão passando nada?
29	L1:	no pueden
30	Doc:	e vocês que acham dessa atitude?
31	L1:	ah que tá mal... para mí tá mal... porque la gente vive deso... no hay
32		trabaio (...)
		[
33	L2:	acá en Rivera es muy cara las cosa y el trabajo tá mal...
34	L1:	no hay trabaio... o trabaio desa žente é o contrabando... y seim podé
35		pasá como veben? no pueden sobrevivir...
36	Doc:	e vocês compram tudo do outro lado?
37	L1:	ah::... cuaše tudo a mažoría
		[
38	L2:	la mažoría de las cosa son ažá... la ropa... el comestible es más
39		barato... todo aža
40	Doc:	tudo lá e aqui não compram nada?
41	L1:	muy poca cosa... el pan
42	L2:	aquí se compra pero muy poca cosa a no ser en los almacenes acá

Entrevista No 3

Grupo B

INF.B1
Nome: L1 (L.A)
Idade: 42 anos
Sexo: feminino
Profissão: Auxiliar de serviços
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto
Local da entrevista: Rivera
Tipo de entrevista: diálogo entre a informante e entrevistadora.

1	Doc:	o que achas da forma de vida dos brasileiros e uruguaios?
2	L1:	a forma de vida?... não sei eu ašo lá más tranquilo é...
3		aquí parese que é más agitado sim
4	Doc:	é?
5	L1:	porque claro eu tibe a oportunidade de morá lá e aquí e
6		agora to morando aquí... pero lá eu ašo qui é más tranquilo lá
7	Doc:	e o que tu podes falar sobre o contrabando daqui da fronteira?
8	L1:	bom o que eu ašo do contrabando é que si não fose o contrabando
9		não sei porque nós contrabandiemo... nós vivimo do contrabando...
10		imažina que:: eu mesmo cuando vo fasé surtido eu a cada rato to
11		alí en Santana a cada rato... eu compro tudu lá tudu tudu tudu ...
12		cuaše tudu compro lá... prácticamente tudu... aquí eu não sei não
13		me pregunta por produto uruguaio porque eu não sei ... tu sabe o
14		que que eu compro uruguaio? é contada as cosa que eu compro
15		uruguaia é::... como eu trabaio en bolo... eu compro o asúcar de
16		reposteria eu compro o asúcar uruguaio y o dose::... durasno que
17		disen o pesego né? é que é de muin boa qualidade o daqui ... é um
18		poquinho más caro o asúcar también ... é más caro sim
19	Doc:	e por quê o açúcar uruguaio? é melhor?

20	L1:	porque é milhor é de muin boa cualidade o de lá não... me acostumei
21		cum o daqui e não poso trabaiá más...
22	Doc:	só isso tu compra aqui?
23	L1:	é só iso... não sei que otra cosa... neim ropa a ropa que eu antes
24		compraba aquí eu agora non compro más é MUIN difísil... nós
25		temo comprando... ropa brasilera o aršentina porque hay žente que
26		tras a ropa aržentina o paraguaia y a ropa nosa aquí temo deižando de
27		ver... tudo... si fose más barato aquí não te digo que eu não
28		compraria biste?... si FOse más barato aquí... mas como é tudu
29		caro aquí ... tudu tudu caro até o gas da cusinha tudu compremo
30		tudu lá... y tu biste que agora o que querem fasé não?
31	Doc:	o que querem fazer?
32	L1:	que querem fasé que nós compre o gas... uruguaio e sai carlsimo
33		sai carlsimo... si fose más barato até que nós podia comprá (...)
34		querein nos... querein nos matá
35	Doc:	querem acabar com isso...né?
36	L1:	agora ele qué... que nenhum dos Presidente inbentó iso no? Pero
37		ahora...mas não creio que vaša a podé... eu não creio
38	Doc:	aqui nessa fronteira é difícil
39	L1:	dis qui in Artigas cortaron... dis que cortaron... pero (...)
40	Doc:	é que lá eles têm que atravessar a ponte eles podem fazer barreira
41		mas aqui ...
42	L1:	a ponti é... pero a žente igual se mete pur os campos pur por a pobresa fas
43		cualqué cosa
44	Doc:	sim de algum jeito né?
45	L1:	y aquí não porque tú viste que aquí é... a frontera é tão grande que
46		não... não podi
47	Doc:	é não dá não...
48	Doc:	*((A continuação a mesma informante responde ao questionário*
49		*sobre a língua que fala))*
50	Doc:	o que tu acha do dialeto falado na fronteira?
51	L1:	ah eu não gosto... não gosto porque::... cuandu un sai pra fora por
52		ejemplo pro Uruguay é que um pasa trabaio y ve que un fala mAL
53		nós falemo mal porque hay cosas que que palabras que un este:: ve
54		que tá horrible... de mal ...
55	Doc:	mas quando tu sai tu fala o espanhol ou o dialeto?
56	L1:	eu falo:: espanhol pero falo o espanhol mal... eu trato de me correží
57		pero cuando eu falu cum otra persona que fala beim o espanhol eu
58		vežo que to:: tremendamente mal... sim não é em tudo não é en todas
59		as palabra porque hay cosas que eu falo beim pero... cuando eu fui
60		trabaiá en Punta del Este mesmo eu... eu tinha vergonha eu ficaba
61		queta y não quiria falá porque eu via que eu falaba ...
62	Doc:	mas tu falavas em espanhol com eles?
63	L1:	sim y as vese eles até pidiam pra que eu falase pra vé u::...
64		u entrebero... pidiam me pidiam que eu falase...sí... porque via que::
65		não é neim uma neim otra... eu não falo beim neim a uma neim a
66		otra...é um entrebero
67	Doc:	então tem dificuldade pra te expressar só em espanhol?
68	L1:	ah sí sí... é
69	Doc:	e em português tu te sente bem falando o dialeto?
70	L1:	eu falo:: u u asim comum... ma não é uma cosa que se diga qui é
71		correto
72	Doc:	e já te sentiu mal falando com pessoas que não o falam?
73	L1:	sim... cuando un sai pra fora daqui da da frontera é qui un ve que
74		fala mal
75	Doc:	e que nome tu da a essa forma de falar... tu chama de português?

76	L1:	não é portugués... não é é um entrebero é o entrebero...é
77	Doc:	com quem tu aprendeu a falar assim?
78	L1:	porque a mía mãe falaba in... portugués tambéim entreberado
79		este... e toda a mía žente toda a mía žente... mía vó meus tíos tudu
80		falam asim...

Entrevista No 4

Grupo B

INF. B2

Nome: L1 (M.S)
Idade: 31 anos
Sexo: feminino
Profissão: Auxiliar de serviços
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto
Local da entrevista: Rivera

1	Doc:	que língua tu fala mais em casa?
2	L1:	portunhol
3	Doc:	e o espanhol tu fala?
4	L1:	falo meio entreberado né?
5	Doc:	é?
6	L1:	é meia entreberada a cosa
7	Doc:	com quem tu fala... o espanhol?
8	L1:	bueno tanto cum as criansas como cum o meu marido
9	Doc:	com as crianças tu fala só em espanhol com elas?
10	L1:	sim... a maioria das cosa sempre más en espanhol que en portunhol
11		né? é que de bes en cuando se vai y se me escapa o portunhol
12	Doc:	e por que tu não fala com as crianças em portunhol?
13	L1:	non sé é a costume ža me acostumei ža cum meus pais biste? ža
14		falando o portunhol y:: meu pai falaba muito espanhol né? a mía
15		mãe entón se entreberó entón siguimo ansim y::... eu to sempre
16		falando cum eles... no portunhol né?... asim
17	Doc:	e tu aprendeu com teus pais a falar em portunhol?
18	L1:	sim... é qui en casa meu pai era qui falaba en espanhol y a mía
19		mãe entreberaba ahí biste? então foi por ahí y despós na escola né?
20		na escola tambéin tein muinto portunhol
21	Doc:	é? com quem tu falavas?
22	L1:	cum os companhero... de clase biste?
23	Doc:	ah tá ...e com as "maestras" ?
24	L1:	cum as maestra não ... as maestra não
25	Doc:	e tu teve alguma dificuldade para aprender o espanhol quando
26		entrou na escola?
27	L1:	não dificuldade não tive mas as ves de... conversá co algueim
28		asim ... cun/conversá cum os daqui por esemplo de Rivera... qui un
29		entra num lugar ansim un banco algo as ves se te escapa algo
30		portunhol né?
31	Doc:	e tu sente vergonha? como tu te sente falando em potunhol?
32	L1:	BUENO fico meio sein žeito né? porque as ves se escapa algo
33		que... não é o espanhol
34	Doc:	e tu gosta de falar em portunhol?
35	L1:	me acostumei... ža me acostumei
36	Doc:	e como chamas a esta forma de falar?

L1: de portunhol
Doc: por quê tu chama portunhol?
L1: porque::: é un:: idioma que aquí na frontera se fala muinto não é?... entreberado de espanhol com o portunhol... com o brasilero biste? do otro lado da frontera
Doc: claro... e o espanhol onde o aprendeu?
L1: na escola y en casa cum... desde piquena cum meu pai no es?... depós cuan a mía mãe se separó ža:: fiquemo só cum ela então ža foi diferente
Doc: aí só o portunhol
L1: só o potunhol ahí foi que se entreberemo más
Doc: claro... tá bem e no liceu?
L1: ahí siguiu o portunhol né? a non ser cum os maes/cum os profesor que algum u otro fala d'ves en portunhol cum nós... sempre siguimo ansim cum os companhero
Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em Livramento e o portunhol?
L1: existe sim diferensias porque eles ža falam o idioma deles né? e nós ža entreberemo...
Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou uruguaios?
L1: o canal cuatro... qui é o canal brasilero... u des daqui é muin poco muin poco se ve
Doc: olham mais os brasileiros então?
L1: claro pur as novela iso tudo se oia más os de lá
Doc: olha muito as novelas?
L1: sim ((risos)) beim sempre que é posible qui não não caia nu horario daqui... a das oito sempre vežo
Doc: o que tu achas da forma de vida dos brasileiros e uruguaios?
L1: aquí na frontera ašo que se veve bein não? porque:: tein Santana do Livramento ahí oferese muinta eh::... como te vo disé... u prEsio de comprá o comestible ropa tudo é más barato lá que aquí... entón para nós nos fasilita más
Doc: gosta de morar aqui na fronteira?
L1: gosto
Doc: acha que os uruguaios vivem igual que os brasileiros?
L1: não no creio... ašo que não
Doc: por quê não?
L1: ašo que lá se fasilita más a vida pra vivé... lá é más fásil de vivé que aquí... pero como vivemo ao lado nós tudo que ganhemo aquí gastemo lá... não é? entón nos fasilita a nós tambéin... mas aquí é meio complicada a cosa
Doc: é ? tá complicada aqui ... por quê?
L1: y... pra vivé y pra tudo não é? aquí sai más caro as cosa lá sai más barato... nos fasilita u... a economía daí que tá ao lado né? é só crusá a caže y temo do otro lado
Doc: o que tu achas do contrabando aqui na fronteira?
L1: oia dus contrabando piqueno não não não tenho o que disé porque a žente::... contrabandeia más pa dá cumida prus fio né? eu falo más dus contrabando grande... da žente grande
Doc: e o que tu acha dos contrabandos grandes?
L1: não sei eu ašo qui debia de... de terminá não? (...) esa žente se como é da... dus contrabando grande são us que más se... como é qui vo te disé... BUENO é žente qui TEin posabilidade de vivé bein y qué sempre más y us piqueno sempre são os qui más se prežudican né?

Entrevista No 5

Grupo A
INF. A
Nome: L1 (G.A)
Idade:15 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo A
INF. A4
Nome: L2 (C.L)
Idade:17 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau incompleto

Grupo A
INF.A5
Nome: L3 (J.LR)
Idade 14 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

1	Doc:	como você chama a essa forma de falar que estamos falando?
2	L1:	portunhOl
3	Doc:	com quem aprendeu o portunhol?
4	L1:	com a žente daí do cerro
5	Doc:	e na tua casa falam o portunhol?
6	L1:	mía mãe y meu padrasto
7	Doc:	e você C. também chama de portunhol a essa forma de falar?
8	L2:	sim... šaman brasilero taméim
9	Doc:	com quem aprendeu o dialeto?
10	L2:	eu me acostumé asim todo mundo fala asim... aquí en Rivera
11	Doc:	e na tua casa falam?
12	L2:	tambéim falam sim... todos
13	Doc:	e você JL ... como chama ao dialeto?
14	L3:	este:::... brasilero y como é?...
15	L2:	portunhol
		[
16	L1:	portunhol
17	L3	portunhol
18	Doc:	e com quem aprendeu?
19	L3:	cum meu padrasto... é brasilero
20	Doc:	teu padrasto fala em brasilero ou em português contigo?
21	L3:	ah não ele é brasilero... mora ahí en Santana
22	Doc:	e a tua mãe fala?
23	L3:	fala brasilero taméim ... cuaše toda a mía familia fala brasilero
24	Doc:	que língua vocês falavam quando eram pequenos?
25	L1:	uruguaio
26	L2:	eu aprendí asim esa forma asim ... desde piqueno ža falaba iso
27	L3:	eu aprendí a falá portunhol agora... fas um ano más ou menos
28		cuando mía mãe... se žuntó con meu padrasto
29	Doc:	antes não falava? o que falava antes?
30	L3:	falaba meio poco né? pero... agora sei más brasilero por... aprendí
31		cum ele
32	Doc:	já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que
33		não o falam?
34	L1:	não
35	L2:	não

L3: eu tampoco por agora não
Doc: vocês lembram de alguma situação onde tiveram problemas por estar falando o dialeto?
L2: eu ža
Doc: já? como foi?
L2: cuando fui pa Montividéu lá... ninguéim entendía ...
Doc: e aí?
L2: e ahí tive que falá asim nomás no uruguaio asim nomás
Doc: foi muito difícil falar em espanhol?
L2: é porque un não tá acostumado... fala sólo el portugués nomás
Doc: e com que pessoas tu falavas lá?
L2: falaba cum... mías... familia lá
Doc: e tu JL?
L3: eu não... não tibe... cum ninguéim que eu lembre não
Doc: onde aprenderam o espanhol?
L1: aquí... Rivera... en el Cerro del Estado
Doc: e em que língua falavas com as maestras?
L1: uruguaio
L2: aprendí na escola que as maestra ensinaban y... no CA tambéin...
L3: eu aprendí más co a mía vó lá em Corrales y:: y com as maestra ... y bueno y ahí/y aquí no Centro Abierto
Doc: tiveram alguma dificuldade na escola quando estavam aprendendo o espanhol por falar o dialeto?
L1: as ves sim
L2: eu tuve alguma dificuldade ahí... para as letra... por falá muito asim... portunhol
Doc: e as maestras que faziam?
L2: as maestra tentaba intendé asim que eu falaba... despois a žente vai aprendendo um poco más... agora ( )
Doc: e com você... aconteceu alguma coisa?
L3: eu tive:: pa escrevé que eu hay veses escribía seim sé uruguaio escribía em brasilero y confundía ahí... falta de ortografia
Doc: aha confundia então
L3: confundía us dois idioma
Doc: isso foi quando entrou na escola?
L3: cuando era piqueno y depois de grande fui me acostumando y ža ža no erraba tanto
Doc: vocês têm problemas para se expressar somente em espanhol ?
L1: sim
L2: eu no... eu me entrebero asim un poco pero falo beim... asim el espanhol falo beim... não me entrebero muito
L3: eu não eu tenho/eu:: falo beim uruguaio o beim brasilero cualquer dos dois eu não me confundo
Doc: não mistura?
L3: não misturo... se to falando uruguaio sigo en uruguaio si entra en trema brasilero eu falo só brasilero
Doc: qual das línguas vocês acham que falam melhor... o espanhol o português ou o dialeto?
L1: o portunhol
L2: eu tambéim o portunhol... porque um tá más acostumado a falá asim biste? pasa falando todo día ahí asim
L3: eu uruguaio... espanhol
Doc: por quê o espanhol?
L3: BUENO... porque aquí hay/si un mora aquí im/nu Uruguay teim que se acostumá a falá más o espanhol porque... si um dia um vai...
L2: [(...)

L3: CLAro un día sai por ahí... teim que falá espanhol o idioma daqui da/du noso país né? y si sai pa ahí pru Brasil... si un sabe algo brasilero fala pero... pa mí espanhol é meior

Doc: claro... que língua vocês acham que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?

L1: o espanhol é más lindo falá

L2: tambéim é... o espanhol es más fásil falá cum as pesoa asim... conseguí emprego o algo

Doc: pra conseguir emprego é mais útil?

L2: sim em Rivera

Doc: e em Livramento?

L2: ahí ...

L3: é mais difísil u espanhol... pa conseguí emprego lá... teim que falá mais brasilero lá pa... que te entendam beim

Doc: e pra ti qual é mais útil?

L3: espanhol... aquí na frontera dependendo... CLAro o lugar que for

Doc: com que língua vocês se identificam mais... com o português o espanhol ou o dialeto?

L1: o portunhol

Doc: é por quê?

L1: todo/todo mundo alí fala o memo

Doc: no bairro?

L1: sim

L2: pa mí é... o espanhol

Doc: por quê?

L2: porque aquí falam más espanhol... más o menos la mitad das... da žente aquí... em Rivera más o meno a mitade asim...é espanhol

L3: eu cu as duas...

Doc: por quê com as duas?

L3: porque moro aquí y aprendí esa língua aquí... y a brasilera este aprendí cum meu padrasto pero... bueno as duas dá pa identificar depende o lugar que for... si for lá fala brasilero y si for aquí fala uruguaio...

Doc: o que vocês acham de morar aqui na fronteira? como vivem os brasileiros e os uruguaios? acham que existem diferenças na forma de vida dos brasileiros e uruguaios?

L2: pra mí é tudo igual porque as pesoa... ninguéim é meior que ninguéim

Doc: mas na forma de vida o Uruguai é um país e o Brasil é outro têm culturas diferentes...

L2: sí eh que pasa que en Brasil... teim más dinhero as pesoa capás que vivem meior... que aquí... é um país más grande as pesoa... teim más trabalho e cosa

Doc: e pra ti JL? acreditas que existem diferenças?

L3: não pa mí son tudo o memo... só::: diferensa na na forma de falá que um aquí fala uruguaio y lá fala:: portunhol... pero en cosa de trabaio en sim é tudo memo só que lá teim más... más coisas que aquí de de trabaio y fábricas y co/ y lá é más grande aquí não... aquí teim poco...

Doc: vocês olham televisão? que programas olham mais brasileiros ou uruguaios?

L2: eu gosto más é de canal brasileros más eu oio Ratinho..novela ... y é um lugar é::: é meior é intende más a língua asim brasilero

Doc: e o canal dez?

L2: não no olio

Doc: e tu?

145 L3: eu gosto de oliá más todos os canal brasilero... porque us uruguaio
146 non dá tanto como dá os brasilero us brasilero dá muita cosa
147 interesante usuruguaio não... dá formativo cosa de fúbol iso us
148 brasilero dá novela filme y de tudo eu oio más us brasilero
149 Doc: tem mais variedade
150 L3: teim más variedade... esportes esas cosas
151 Doc: tem mais canal
152 L3: teim más canal y us uruguaio não teim... muito
153 Doc: tem só o canal dez
154 L3: sinco só queim tenha cable o ...
155 Doc: e o cinco que tal é?
156 L3: ah... desastre só žornal y u des tambéim não dá as novela não son 157
muy linda iso como as brasilera...
158 Doc: então olha novela
159 L3: sim y us filme iso tudo im brasilero
160 Doc: e a rádio? que rádios escutam?
161 L2: escuto a H.
162 Doc: escuta mais uruguaias?
163 L2: sim más uruguaia
164 Doc: por quê mais uruguais?
165 L2: porque eu gosto más das... que dá kumbia e iso que kumbia
166 uruguaias son... porque...
167 L3: as música daqui son meior que as brasilera porque expresan más
168 Doc: é expressam mais o quê?
169 L3: ah:: o modo de cantá
170 L2: é más batida ahí en Santana ahí é Samba nomás asim
171 Doc: não gosta de samba de axé de pagodes?
172 L2: no não é muito
173 Doc: a moda aqui é:::
174 L2: é kumbia discoteca
175 L3: eu tambéim é só radio uruguaia só uruguaia pelo mesmo motivo que ele...
176 gosto más de kumbia y y não gosto muito de pagode y esas cosa brasilera
177 en sí a kumbia é meior pra cá pra us uruguaio
178 Doc: o que vocês acham de morar aqui na fronteira? vocês gostam de morar
179 aqui?
180 L2: sim tamo acostumado ža... tamo acostumado aquí ža... teim menos
181 violensia e iso
(...)
182 L3: y aquí é más piqueno que Montividéu é uma coisa grande uma
183 sidade aquí ža é um departamento ža aquí é más piqueno é más perto de
184 ir nos lugares asim
185 L2: não não prisisa tomar onimus... se vai a pé igual
186 L3: claro
187 Doc: o que vocês acham do que está acontecendo com o contrabando
188 aqui na fronteira?
189 L2: o contrabando eh::: bueno a žente trabaia asim pa... é o tipo de
190 trabaio deles ahí
191 L3: depos teim o contrabando de comestible porque aquí hay
192 vese pasaba na aduana lá us comestible brasilero y::: y sacaban...
193 y depos sacan de lá y bueno... a maioria ia pa/po lišo lá tiraban tudo...
194 L1: u šušurero ((risos))
195 Doc: como é?
196 L1: šušurero
198 L3: é o memo basurero... onde tiram o lišo
199 Doc: o que é "xuxurero"
200 L3: é o memo basurero

L1: ((risos))
Doc: é chamado assim?
L3: não iso é por nós nomás
Doc: é onde fica esse "basurero"?
L3: fica lá perto du Paso de Castro... lá pa saida da carretera
Doc: e as pessoas aproveitam essas coisas?
L3: pero vai más a žente que ža fica lá que vai todo dia buscá algo lá
Doc: e vocês já foram?
L2: eu fui só... duas veses
[
L3: eu ža fui...
Doc: e pegaram muita coisa?
L3: não ma não é tudo dia é cuando pEgam us us contrabando... claro que ha cosa/ que cuando vense tiran
Doc: ah::: quando estão vencidos os produtos...
L3: claro que vense el mes u algo na otra volta tiraron como dois o tres camión de Coca lá...
Doc: ah é? e a Coca tava vencida?
L3: taba sim... pero todo mundo levo
[
L2: taba sim pero as pesoa levaban igual
Doc: e que outra coisa mais eles... jogavam?
L3: POžo
L1: žogur... a Conaprole žoga lá
Doc: e por quê a Conaprole...
L3: porque hay ves ta vasando
[
L1: cigarro tambéin tiran bastante lá... cartera de cigarro
L3: tudo que não sai... ža pa vendé que sai e teim algún defeito
Doc: vocês gostam de::... estudar no CA?
L3: sim no Centro Abierto sim
Doc: o que vocês fazem lá?
L3: estudiemo herrería com E.... depois de tarde eletricidad o carpintería e ahí cada un se dživide uns pa una clase y otros pa otra... según a que prefirí
L2: según la que te guste más... que tu ve que vai aprendé algo
Doc: e qual tu gosta mais G.?
L1: a mí me gusta más este:: herrería
Doc: "herrería"? e o que tu faz em "herrería"?
L1: soldá
L3: y bueno en herrería nós fisemo... mesa de dibujo... fisemo us taburete... tudu cum:: cum E. profesor de lá y despo...bueno... agora temo por fasé uns žogo pa/pas criansa ahí nu... numa guardería aquí... na Mandubí alí ...
Doc: aha... que legal
L3: y temo fundindo aluminio... temo fundindo
L2: fundición... aluminio
L3: temo fundición
Doc: e tu C. o que gosta de fazer?
L2: eu gosto de fundí eh:: herrería y de eletricidad no es?
Doc: e eletricidade não é difícil?
L2: no
[
L3: no
Doc: o que vocês aprendem em eletricidade?

253 L1: instalá
254 L2: fasé instalasão asim nas casa... na pared...
255 Doc: e o que vocês pensam em fazer com isso depois?
256 L2: iso vai serví pa muinta cosa... vai serví pa fasé uma instalasão na tua
257 casa...
258 L3: dá pa arranžá un trabaio tambéim lá
[
259 L1: o pa algueim que não sabe... dá pa fasé...
260 L3: dá pa saí daí ža cum... más o meno sabendo... ža como pa entrá...
261 um tipo de empleado ža
262 L2: sabendo levá... levá as cosa
263 Doc: aha... conseguir um emprego né?
264 L3: um emprego ža
265 Doc: e o que vocês querem fazer depois?
266 L3: eu herrería
267 L2: eu quero aprendé um poco de cada cosa porque vai me serví pa
268 algo
269 Doc: e tu G.?
270 L1: eu tambéim
271 Doc: tá bem ... e entre vocês como falam? falam assim como tamo
272 falando agora?
273 L3: sim
[
274 L2: sim portunhol
275 L1: sim
276 Doc: y en español? vamos a hablar un poquito en español?
277 con quién hablan en español ustedes?
278 L1: con los profesores
279 L2: con los profesores y con las maestras
280 Doc: y en los comercios hablan en español?
281 L3: en español porque entienden más español acá que el brasilero
282 Doc: y en el barrio?
283 L3: bueno allá portuñol ... cualquier forma entienden porque son
284 medio... medio cruzado hablan los dos idiomas ((risos))
285 Doc: a dónde?
286 L3: ahí en el Cerro... acá en Rivera casi unos cuantos hablan portuñol
287 también pero todos se entienden
288 Doc: todo el mundo se entiende ... muy bien

Entrevista No 6
Grupo A
INF.A7
Nome: L1 (C.C)
Idade 14 anos
Sexo: feminino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: que língua tu falas mais na tua casa?
2 L1: falo o português
3 Doc: como é esse português? misturado ou na tua casa são brasileiros?
4 L1: não misturado
5 Doc: sempre fala em português? e em espanhol?
6 L1: não sempre o português

Doc: que língua aprendeu primeiro o português o espanhol ou as duas?
L1: português
Doc: e o espanhol?
L1: não
Doc: e na escola ... que língua tu fala na escola?
L1: em espanhol ... com a profesora e tudo
Doc: e com a tua mãe?
L1: em português
Doc: e no bairro com as pessoas?
L1: português
Doc: e os vizinhos contigo?
L1: português também
Doc: e nas lojas com os empregados?
L1: espanhol
Doc: em Santana também?
L1: em Santana ... também eu falo
Doc: e aqui na oficina de costura com os colegas?
L1: em:: português
Doc: e com os professores?
L1: espanhol
Doc: nunca fala em português?
L1: de ves en cuando sim
Doc: tu sabe que aqui na fronteira se fala um dialeto né? que nome tu da a essa forma de falar?
L1: português eu ašo
Doc: tu gosta da tua lingua?
L1: não sei eu gosto mas eu gostaria de falá espanhol né?
Doc: como tu te sente falando a tua língua?
L1: eu me sinto beim porque eu me do beim com as pesoas asim...eu me entendo beim com algumas pesoa eu me entendo beim cum us amigo parente
Doc: mas tu gostaria de falar o espanhol ... por quê tu gostaria de falar o espanhol?
L1: não sei porque eu ašo:: qui sei eu eu ašo que é uma manera más educada de conversá
Doc: aha e aprendeu o espanhol?
L1: só nu:: na escola
Doc: e atualmente tu falas o espanhol corretamente?
L1: eu falo mais ou menos
Doc: e por quê? tu não falas o espanhol?
L1: não porque que adianta eu não não me adato bem cum meus parente é só aquí que eu falo em espanhol mas cum meus parente e tudo asim não( ) as ves eu sinto até vergonha porque eu gostaria de falá /asim qui sei eu que nós falase tudo em espanhol
Doc: aha a mesma língua ... com que tu aprendeu a falar o dialeto?
L1: cum meus pais
Doc: já sentiu algum tipo de discriminação por falar o dialeto ou português?
L1: ah não só cuando to falando em:: em espanhol
Doc: por quê?
L1: algumas ves algumas amiga u algo elas sempre ri de mim
Doc: por quê elas rim de ti?
L1: porque eu to falando em espanhol e sai em português o sempre misturo ... mas em português não
Doc: em português tu achas que não misturas?
L1: não ... só em espanhol

Doc: onde aprendeu o espanhol?
L1: na escola
Doc: teve alguma dificuldade na escola para aprender o espanhol?
L1: não me lembro
Doc: qual das línguas você acha que fala melhor?
L1: ah ... eu ašo que eu falo melhor en português
Doc: por quê?
L1: por que em português eu não me atrapaio não ... eu não entrebero uma coisa cum a outra mas em espanhol sim
Doc: que língua acha mais útil aqui na fronteira?
L1 ah eu ašo que é português ... aquí en Rivera?
Doc: aha na fronteira
L1: não ašo qui ... MÁS en português eu ašo... pra mim né? na mía opinión mas eu não sei
Doc: por quê tu achas que é mais útil?
L1: não sei porque eu::: as ves cruso pelas pesoa tão conver/falando em português vežo alguem conversando em português qui sei eu pocas pessoa se ve... falando em espanhol
Doc: isso no teu bairro?
L1: sim todo mundo português
Doc: e qual das línguas tu achas mais bonita?
L1: o espanhol
Doc: por quê?
L1: não sei porque parese uma forma más educada más bonita asim que eu ašo tão bunito
Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em Livramento com o que tu falas?
L1: ah eu ašo qui teim ... não sei porque eles pronun/pronunsíam palabras asim mais por esemplo nós disemo más e eles mais eu qui sei né? eles teim ... uma coisa que/una cosa que eles não combina muito beim cum o daqui
Doc: que programas de televisão você olha mais?
L1: brasilero... eu olho canal trese eu oio é o SBT que disem é o que más oio... as novela... filme cuando dá oio desenho de manhã ... mas de manha não olho más porque eu venho aquí né? asim tudo as ves nós olhemo as ves não de noite dá o Ratinho dá ... as ves dá Filo qui é "o coitado" teim un monte de programa bom no trese
Doc: e os uruguaios?
L1: não ... de ves en cuando lá olham o des... que agora eu to parando na casa da mía tia né? então ela agarra e olha as vês né? o des pra escutá o informativo algo que dá né? mas de ves en cuando
Doc e que programas de radio tu escutas mais ... brasileiros ou uruguaios?
L1: ah programa espanhol... uruguaios... escuto kumbia samba ...

Entrevista No 7

Grupo B
INF.B3
Nome: L1(E.M)
Idade: 33 anos
Escolaridade: 2o grau incompleto
Sexo: masculino
Profissão: serralheiro
NSE: C

Grupo B
INF.B4
Nome: L2 (M.)
Idade: 45 anos
Escolaridade: 1o grau completo
Sexo: feminino
Profissão: empregada doméstica
NSE: C

1	Doc:	como vocês chamam ao dialeto falado aqui na fronteira?
2	L2:	portunhol
3	L1:	sí... portunhol
4	Doc:	por quê potunhol?
5	L2:	porque é um brasilero entreberado com um castiano
6	Doc:	e faz tempo que tu fala esse dialeto?
7	L2:	desde que nasí ... desde que aprendí a falá
8	Doc:	com quem tu aprendeu a falar o dialeto?
9	L2:	cum meus pai com mía mãe cum meus avô
10	Doc:	e tu E. com quem aprendeu a falar o dialeto?
11	L1:	com meus pais... meu pai fala algo
12	Doc:	e na tua casa falam o dialeto
13	L1:	no no
14	Doc:	com quem tu falas mais o dialeto?
15	L1:	no meu trabalho
		[
16	L2:	cum os de casa falemo... cum os gurí cum os da caže... compania de
17		estudio
18	Doc:	e tu falavas quando era pequena?
19	L2:	sim sempre falemo ansim nunca nos ensinaron a falá em castiano
20	Doc:	em castelheano nunca?
21	L2:	no
22	Doc:	e na escola?
23	L2:	ah... na escola sim era obrigatório
24	Doc:	o que tu falalavas nas escola?
25	L2:	na escola falaba uruguažo este:: espanhol
26	Doc:	teve alguma dificuldade quando aprendeu o espanhol na
27		escola?
28	L2:	ah... sim bastante
29	Doc:	é tu?
30	L1:	não porque não moraba aquí moraba en Tacuarembó... pertinho
31		daqui
32	Doc:	e quando aprendeu o dialeto?
33	L1:	aquí cuando vim pra Rivera
34	Doc:	bem vocês lembran de alguma situação em que tiveram problemas
35		por falar o dialeto?
36	L2:	ah não
37	Doc:	e com as crianças em que língua você fala?
38	L2:	en espanhol
39	Doc:	e com as "maestras" na escola?
40	L2:	y com as maestra en espanhol
41	Doc:	você sabe falar o português ?
42	L2:	más o menos... é entreberado nomás... falo só o espanhol ou
43		si não o portunhol
44	Doc:	e você?
45	L1:	no portugués no... portunhol sí
46	Doc:	vocês se consideram bilíngües?

L2: não... o entreberado sim é bilíngüe porque é o entreberado
L1: eu ašo o mesmo também... que falo as duas línguas
Doc: quais línguas?
L1: este:::... el entreberado y u o espanhol... un portugués perfeito no
L2: eu também... a mesma coisa
Doc: e qual das duas línguas vocês acham que falam melhor?
L2: ah pra mí o dialeto... é más fásil más cómodo más práctico
L1: não eu ža sou mais do espanhol porque como venho de lá de dentro do Uruguay não so daqui da frontera
Doc: e em Tacuarembó falam dialeto?
L1: no... Tacuarembó no... ža teim seu... este::... su característica ža u... a partir de Tacuarembó pra dentro ža ...
[
L2: Tacuarembó é a parte más más castiana que hay
L1: sí
L2: ( ) depois de Tacuarembó... os de Tacuarembó são tudo beim castiano
Doc: que língua vocês acham que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
L1: pra mí é este:: el entreberado ese... portunhol... sí
Doc: por quê?
L1: porque::... me parese que:: é más... práctico...
L2: é más práctico en todo momento é más práctico o portunhol
Doc: por quê é mais prático?
L1: como que tá mais al alcanse... de todos... dos dois países
Doc: e que língua vocês acham mais bonita?
L1: ah o espanhol
L2: eu gosto do espanhol também
Doc: o que vocês acham da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros... acreditam que existem diferenças na forma de vida?
L1: este... a prinsipal característica a diferensa é a alegria do povo brasilero... o uruguaio ža es más este::...
[
L2: más formal
L1: más formal mais aprendido mais rígido
L2: o uruguaio é más formal que o brasilero... brasilero é más ... música festeža tudo veve na na alegria... nei que težem morrendo de pobresa eles tão sempre na alegria
Doc: e vocês como fronteiriços acham bom isso?
L2: é bom
L1: é bom sí
Doc: quais são as vantagens e desvantangens de morar numa fronteira?
L1: y é:::... esta frontera particularmente teim a ... us presos ... teim la gran ventaja de los presos ( )
L1: a economia é a diferensia
Doc: e isso é bom?
L2: iso é bom... porque nu/ tu pasa numa frontera numa cažе pra otra y compra en Santana
L1: y::...puede darse também à inversa que cuando a veses ta/teim produtos que posan estar mais baratos aquí no Uruguay se pasa se compra do lado uruguaio
L2: sim veim brasilero a comprá
Doc: os brasileiros vêm a comprar aqui atualmente?
L1: si eles compram... muinto produto do Free Shoop
L2: do Free Shoop... espesialmente a lãu...ah no inverno a lãu as mercaderia de lãu
L1: compram vinhos... queižos... este::... algum dose... uisqui

Doc: ah tá... é o que vocês podem falar sobre o problema atual do contrabando aqui na fronteira?

L1: tá acontesendo más cum o novo este::..o novo governo um dus prinsipales metas pra/ a combatir es žustamente u ...

L2: a economia du Uruguay

L1: a economia du Uruguay

L2: sim a economia du uruguažo porque si un uruguažo vai nu Brasil u brasilero corre u uruguaio de lá

Doc: ah é?

L2: claro

Doc: corre como?

L2: co/este:: u uruguažo não pode/tu viste a volta dus coche brasilero que dus coche uruguažo que venderon na frontera?

Doc: aha

L2: y que... mandaron tudo de volta deram não sé trinta dias o sesenta dias pa/ pra devolveren todo pro Uruguay... y u brasilero y o uruguaio aquí veve dus auto brasilero entonse... u uruguaio agora... quer fasé... que haiga uma lei que aquí/lá hay ley aquí no hay... aquí non se cumple a ley y eso pasa cum contrabando

L1: eh:: o Uruguay é um país muinto muinto aberto as frontera du Uruguay ao ingreso de todo tipo de producto de todos us países es una frontera é um país muito este::... muinto aberto a todo tipo de ingreso así ilegal...

L2: y u Brasil não é... u Brasil as leis pra eles são ley y pronto

Doc: e com relação as novas medidas que o Presidente adotou para acabar com o contrabando... vocês estão de acordo?

L2: por parte está beim y por parte... está más o meno ahí não... porque perjudica a munito piqueno viste?... a muinto piqueno industrial que veve diso... pero ele dis que favoresendo iso que cortando u contrabando ele pode trasé/podem trasé trabaio pra us uruguaio... que na atualidá no hay trabaio pros uruguažo ta todo muin parado y ao não deišá entrar mercaderia de lá de Santana de lá du Brasil todo este é o que pode trasé trabaio pro Uruguay

L1: claro porque o contrabando aqui ža tá como uma forma de vida de de entrada económica não é?

L2: nós aquí en Rivera não temo ese problema

Doc: e vocês acham que ele vai conseguir erradicar o contrabando?

L2: ah na frontera não porque ele ža dise que as frontera...
[

L1: difísil

L2: mientras não estabilisen us presio que não sežen os presio de de que težen más o meno os presios ahí ...

Doc: os precio de Rivera e de Livramento?

L2: ah sí... ele é o que ele quer é botá más o meno que fique más o meno igual us presios o que sežе más asesible ao siudadano de Rivera no é?

L1: que não teim separasión por uma ponte nada... é so uma rua uma linhaimaginaria... tá todo el día este... el/ la pasažeim de žente tudo

Doc: é uma fronteira aberta

L1: é muinto difísil controlar... não teim como controlar

Entrevista No 8
Grupo B
INF.B5
Nome: L1 (MCV)
Idade: 40 anos
Sexo: feminino
Profissão: do lar
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros são iguais ou existem diferenças?
L1: ah não são diferentes
Doc: quais seriam as diferenças?
L1: ah porque nós temos uma costumbre eles tein otra né? são diferentes as nosas costumbres das deles... na forma de este... atuá de/na comida em tudo... na forma de se expresá y de tratá cum as pesoa... nós semo más seco y eles são más alegres são más ativos asim são más como é que se dis comunicativos son
Doc: você se identifica mais com os brasileiros ou com os uruguios?
L1: eu gosto más das pesoas brasilera pra tratá
Doc: tem muitos amigos brasileiros?
L1: tenho sim... eu tenho uma irmã qui mora lá no Prado y tenho uns amigos lá sí
Doc: e o que acha do contrabando aqui na fronteira?
L1: ((risos)) mas oia eu pra mim tanto me fas porque é um meio de trabaio que tein pero yo que sei... as pesoa tein que se defender como podem pero... eu ašo que:: pra sacá o contrabando que nós temo aquí que tinham que té feito uma fábrica de trabaio pa as pesoas que fasem ese trabaio
Doc: e atualmente não tem nada
L1: y as pesoas se não contrabandeiam... de que veven... si não tein trabaio... imposible... tinham que té feito un meio de trabaio pra eles pa depós sacaren ese trabaio deles
Doc: e você tá de acordo com as novas medidas do Presidente?
L1: eu tó de acordo y não tó de acordo como te dise tein que primero/ ele tinha primero que fasé uma fábrica porque ele prežudica o contrabando prežudica muinto o país né?... prinsipalmente nu nu sentro do país... porque a mercadería lá us comestible y tudo iso lá não sai... sai tudo brasilero pra nós aquí não porque nós temo numa frontera né?... pero ahí nu sentro du país eu ašo que tinha que té uma fábrica grandes fábricas pra as pesoa podé... trabalAREN y si não tein nada ...
Doc: gerar emprego primero pra...
L1: claro... pra depós sacá o contrabando
Doc: ((*A continuação transcrevemos algumas respostas da informante ao questionário aplicado sobre a língua que usa*))
Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira
L1: ah:: o portunhol
Doc: por quê?
L1: porque a žente se expresa cum us dois idiomas žunto
Doc: aha
L1: y tein cosas que se entenden y pode falá ao mesmo tempo os dois idiomas... por ejemplo... voy no mercado y digo así me dé un quilo de choriso... en bes de disé quilo de salsiša... en bes de disé un quilo de masa eu digo me dé un quilo de fideú

Doc: e entendem?
L1: entendem
Doc: eles falam espanhol?
L1: alguns sabem otros no... senão temo qui esplicá o que qui é... mas dificultá más pra eles que pra nós aquí nós sabemos muito más que eles ašo
Doc: eles não falam?
L1: eles nunca falarom noso idioma neim sabem falá direito ašo
Doc: e portunhol eles falam?
L1: tampoco não... é só o idioma deles
Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em Livramento e o dialeto falado na fronteira?
L1: ah sim hay diferensias sí hay muinta diferensia porque eles se espresam corretamente y nós não... nós entreberemo us idioma

Entrevista No 9

Grupo A	Grupo A
INF.A8	INF.A9
Nome: L1 (SC)	Nome: L2 (YC)
Idade: 23 anos	Idade: 20 anos
Sexo: feminino	Sexo: maculino
Profissão: empregada doméstica	Profissão: desempregado
NSE: D	NSE: D
Escolaridade: 1º grau completo	Escolaridade: 1º grau incompleto

1	Doc:	o que tu achas do dialeto falado aqui na fronteira?
2	L1:	é bom un se integra un pode tratá cum muintas pesoas
3	Doc:	e tu te sente bem falando?
4	L1:	beim ningún problema no pasa nada
5	Doc:	como vocês chamam ao dialeto falado na fronteira e por quê?
6	L2:	rompidioma ((risos))
7	Doc:	como?
8	L1:	en Montideo se žama de portinhol ... portugueis espanhol ah ( )
9	Doc:	mas você chama como?
10	L2:	no no ((risos)) rompidioma
11	Doc:	por quê?
12	L1:	sí porque fala meio tudo entreberado un de cada lado
		[
13	L2:	meio entreberado
14	Doc:	interessante nunca tinha ouvido esse nome e com quem vocês
15		aprenderam essa forma de falar?
16	L2:	solito... sai ahí pa Santana y se fala en televisão y en tudo
17	L1:	é un poco também a parte dus pais né? que ža falaban ansim ese
18		portugueis que ža vein... que é mia vó que é (...) entonse un vai
19		pegando... y depós cuando un crese un ve que tein o espanhol pa ...
20		de/ pa pa pa:: ... dominá y ahí un vai aprendendo vai na escola
21		aprendé vai... todo un... fica meio raro o idioma pero ((risos)) dá
22		pa se entendé
23	Doc:	dá... mas vocês continuam falando esse idioma que aprenderam
24		quando eram crianças?
25	L1:	ah sí ... claro claro
26	Doc:	em que língua a mãe de vocês falava com vocês quando eram
27		pequenos?
28	L1:	EM portugués no? porque... en espanhol eu não me lembro
29	Doc:	ela não falava nunca em espanhol com vocês?
30	L2:	no
31	L1:	ah qui eu me lembre... nós aprendemo ansim né? depos o espanhol
32		dominemo cuando (...)
		[
33	L2:	cuando piqueno não me lembro
34	L1:	só ((risos))
35	Doc:	sim mas (...)
36	L2:	cla::... isto aprendemo ža veim de familia un vai/ falemo brasilero
37		brasilero brasiLElro portuguéis
38	Doc:	claro... tiveram problemas para se expressa em espanhol quando
39		entraram na escola?
40	L1:	ahí medio entreberado no? ((risos)) pra aprendé... depos um ano
41		dois anos treis anos un ža domina ža
42	Doc:	qual das duas línguas é mais fácil para falar?
43	L1:	ah... as duas cosa não porque... ašo que portugués... que un vai
44		ahí no no super mercado e dis voy a ževar... ah me da tal cosa é más

fásil ((risos))
Doc: claro porque vocês compram lá em Santana né?
L1: claro
Doc: e aqui em Rivera nos "almacén"?
L2: aquí? ah nos almasén depende pero::...
melhormente é en espanhol... vai na padaria vai no buliše dame tal cosa voy a ževar tal cosa... portugués eles entendem pero en espanhol fica... más ... más cómodo
Doc: tiveram problemas pra se expressar em espanhol quando entraram na escola?
L1: eu tibe un poco... tibe un poco
Doc: que problema?
L1: eu gaguežaba ((risos))
Doc: ah é? no início gaguejava?
L1: eu gaguežaba no inisio sí agora no pero antes sí... eu ia falá algo e ficaba g g y bueno... y deišemo ahí ( ) ((risos))
Doc: e as "maestras" como eram?
L1: ah:: bueNIsimas... forom ensinando ansim falá ejemplo... eso de tá gaguežando falá tudo ( ) respirá y ahí fala as palabra ( )
Doc: mas hoje está tudo bem?
L1: ah não hože tá tudo beim hože até falo... inglés digamos ((risos))
Doc: e tu J. teve algum problema pra falar quando entrou na escola?
L2: no
Doc: que língua acham que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?
L1: mais útil?... hože en día ah ... hože en dia ašo que a maioria fala tudo en portugués tudo en brasilero... falam espanhol cuando vão ...en algún comersio alguma ... não sei ... eu qui sei algún local munisipal alguma cosa pero...
Doc: é mais útil o português então?
L1: ah por un lado seria bom
L2: tambéim... pero é más útil aquí nomás né? en Rivera porque pra fora ža no
Doc: já tiveram alguma experiência de vigem na qual as pessoas não entendiam vocês?
L2: ža y no entendian nada
L1: é algún (...)
[
L2: a šente de ahí de Tacuarembó ( ) ža não te entende
Doc: não tem gente que fale o dialeto lá?
L2: es difísil é
L1: algum algum parente que moraba aquí que mora por lá puede ser ... eses ža falam un poco pero ža cum os anos lá ža vão perdendo ža esa ese estilo... fronteriso ((risos))
Doc: claro... é o que vocês acham de viver aqui na fronteira?
L1: pa legal... a nosa forma de frontera é muito muito mior ah beim de beim
Doc: por quê é melhor?
L1: y::... qué disé un crusa a caže y tein un ( ) é mais barato ((risos))
L2: es bueno tambéim
Doc: o que vocês acham dos brasileiros? O que vocês mais gostam do Brasil?
L2: que eu gosto más dos brasileros?... carnaval
L1: ay tá ... carnaval
Doc: pula muito carnaval?
L2: eu sim... saia lá sempre... nu escola de samba nus bloco ahí

100	Doc:	e como é que é?
101	L2:	y é lindo é
102	Doc:	é bom sair... qual era a escola?
103	L2:	bloco manša verde... Imperio Imperio da Sona Asul
104	Doc:	e ganharam algum prêmio?
105	L2:	não concorremo a premio
106	Doc:	não têm prêmios aqui em Livramento?
107	L1:	ter teim pero que pasa que as ves u::: carnaval tá meio pobre
108		tá ( ) entonse faseim bloco ahí pa pa pa non pasá en branco u
109		carnaval
110	L2:	claro pa se divertí
111	L1:	entonse faseim bloco y a bagasera vai ahí ... no pasa nada é
112		CARnaval
113	Doc:	o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
114	L1:	y vão cortá pra la pro otro lado porque aquí ... nós
115		crusemo a caže y tá... a non sé que ele mande serrá a frontera
116		((risos)) sí levante un muro ... vai cortá pra lá pra aquele lado
117	Doc:	e como está a vida aqui em Rivera?
118	L1:	ah ... tá ahí ahí no?
119	L2:	depende si cortan us/de trasé as cosa de lá vamo vivé (...)
		[
120	L1:	ahí sim vamo rabiá... pero tá
121	Doc:	e pra ti está difícil conseguir emprego?
122	L2:	sim pero tá... agora fas poquinho que deišemo aquí no hay nada en
123		Rivera
124	Doc:	que tipo de trabalho tu faz com a "changa"?
125	L2:	ah... agora ahí pa campanha nomás... pero aquí no hay nada

Entrevista No 10

Grupo A
INF.A9
Nome: L1 (WC)
Idade: 13 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo A
INF.A10
Nome: L2 (LC)
Idade: 15 anos
Sexo: feminino
Profissão: estudante
NSE:D
Escolaridade: 2o grau incompleto

1	Doc:	o que vocês acham do dialeto falado aqui na fronteira?
2	L1:	é bom... sim es más fásil
3	L2:	sim más fásil
4	Doc:	que nome vocês dão a essa forma de falar... chamam de português?
5	L2:	sim... não é beim un portugués fešado que pero:: ahí ahí
6	L1:	não falemo beim portugués... falemo meio... entreberado ((risos))
7	L2:	falta muinto todavía pra falá en portugués
8	Doc:	como vocês o chamam então?
9	L2:	portugués
10	Doc:	com quem vocês aprenderam esse português?
11	L2:	cum meus pai
12	L1:	eu cum meus pai também
13	Doc:	e atualmente os pais de vocês falam com vocês em que língua?
14	L1:	portugués
		[

L2: português
Doc: e na escola tiveram alguma dificuldade para aprender o espanhol?
L1: não eu não
L2: não
Doc: vocês têm problemas para se expressar somente em espanhol?
L1: não
L2: não... ningún problema
Doc: que língua vocês acham mais bonita?
L1: português
[
L2: português
Doc: e que programas de TV vocês olham mais?
L1: brasilero
Doc: por quê os brasileiros?
L1: pur as novela y pur us filme que dão
L2: sim pur as novela... eu olho más pur as novela
Doc: olham muito novelas?
L1: sim todas
Doc: qual vocês gostam mais?
L2: ah... Malhasão
L1: eu gosto mais de oiá Malhasão
Doc: tu me falou que estava indo ao Centro de Línguas... que língua aprendeu lá?
L2: francés
Doc: em que ano tu estava?
L2: primero nomás
Doc: e gostou?
L1: sim um poco
Doc: por quê só um pouco... é difícil?
L2: não no era tão difísil porque a mim me daba casi o mesmo ... algumas palabra que eram... ža diferente
Doc: e parou por quê?
L2: porque como tinha que ir de manhã lá y tinha tinha clase no liseu y gimnasia entonse non me daba pa tudo... pero eu gostaba ...
Doc: e vocês gostam de morar aqui na fronteira?
L1: sim eu gosto... eu gosto
L2: sí
Doc: o que vocês gostam mais daqui?
L1: tudo... eu gosto tudo
Doc: o que vocês acham da forma de vida dos brasileiros e dos uruguaios... somos iguais? acreditam que existem diferenças?
L1: não não somo igual... porque nós tentemo falá portugués y não sabemo falá beim y eles sabeim falá y ahí tá uma diferensa
Doc: e eles vivem como a gente?
L1: não... porque lá teim más asalto que aquí... as cosa lá são más cara que aquí
L2: algumas cosa
L1 algumas cosa
Doc: lá são mais caras?
L1: más caras que aquí
Doc: mas e a gente não compra lá?
L1: compra ((risos))
L2: ah... pero são más bunitas
Doc: e pra se divertirem o que vocês fazem?
L2: saimo cum us amigo saimo coa... vamo num baile...
L1: al baile

70 Doc: vão aos bailes daqui?
71 L1: sim aquí

Entrevista No 11

Grupo A
Nome: L1 ( )
Sexo: feminino
Idade: 15 anos
Profissão: estudante 2o grau
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

INF. A12
Nome: L2 (IR)
Sexo: feminino
Idade: 15 anos
Profissão: estudante 2o grau
NSD: C
Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: qué estudios tenés?
2 L1:. primaria completa el ciclo básico y el primero de bachillerato
3 Doc: qué otras cosas hacés además de estudiar?
4 L1: eh... otro estudio afuera así... por ahora no... este ya había hecho
5 un curso de computación... pero había ganado una beca para irme
6 al Pomoli pero eso fue en segundo...y por ahora no...no toy
7 estudiando además del liceo no estudio eh... no hago curso así...
8 Doc: solamente estudiás... y en tus horas libres qué hacés?
9 L1: hum...ayudo en mi casa
10 Doc: a parte de ayudar... qué te gusta hacer?
11 L1: eh::...no sé
12 Doc: qué hacés mirás la tele?
13 L1: sí
14 Doc: qué programas mirás más en la televisión brasileños o uruguayos?
15 L1: eh...depende a veces yo miro las novelas brasileñas y las novelas
16 argentinas
17 Doc: pero qué se mira más en tu casa la tele brasileña o uruguaya?
18 L1: e::s mixto... las dos cosas
19 Doc: y la radio? qué ... escuchás?
20 [
21 L1: la radio... uruguaya... mi madre escucha la I. yo escucho C.eh...
22 qué otra?.... H. o sino I.
23 o sino as veces la L. y RCC pero muy pocas veces
24 Doc: en qué lengua hablás en tu casa? ... en español, en portugués o en
25 portuñol?
26 L1: en en así en castellano
27 Doc: y hablan "portuñol" en tu casa?
28 L1: a veces mi madre pero muy pocas veces
29 Doc: nunca hablás portuñol?
30 L1: eh... muy pocas veces a veces cuando... tamo las gurisas y tamo
31 en grupo...
32 Doc: qué te parece a ti esa forma de hablar? Cómo la llaman ustedes a
33 esa forma de hablar?
34 L1: entreberado
35 Doc: le dicen "brasilero"o "portuñol"?
36 L1: sería lo correcto decir "portuñol" no? porque es una mezcla de dos
37 idiomas
38 Doc: y cómo lo encontrás bonito o feo?
39 L1: depende la ocasión
40 Doc: por qué depende de la ocasión?
41 L1: porque si vos estás en el liceo hablando con el profesor y te sale

cualquier cosa ya ya es incorrecto ahora si vos estás hablando así con tus amigos... ya no queda tan feo

Doc: ((a partir deste momento entrevistamos também a sua colega e ambas respondem às perguntas)) cómo te llamás?

L2: I.R.

Doc: en qué lengua hablás con ella?

L2: en portuñol

Doc: venían hablando entre ustedes en portuñol?

L2: sí

Doc: ((A continuação mudamos de código para induzir à entrevistada falar em D.P.U)) e como é esse portunhol poderia falar comigo um pouquinho?

L2: bem asim como to falando agora

Doc: e como é ? é mais cómodo do que o espanhol?

L1: a mí me resulta más fácil el español

L2: pero eu ža so acostumada a falá em portunhol na minha casa entonse falo em portunhol com ela a šente entende espanhol normalmente

Doc: e no liceu?

L2: no liseu ... falo meio entreberado porque falo em portunhol na minha casa y šego ahí no liseu y tão falando em espanhol não sei fica quela mescla

Doc: e tu tem problemas na escrita? en la clase de Idioma español cuando escriben?

L2: pero falta no

Doc: y con los profesores en qué lengua hablás?

L2: en español pero hay veces que yo hablo en portuñol

Doc: en qué lengua hablás con L.?

L1: sí yo entiendo y a veces de vez en cuando me sale alguna (...)

L2: pero a mí ... pra mim eu não gosto que ela fale em portunhol porque fica diferente porque eu ža to acostumada...
[

L1: yo hablo más en mi casa...

L2: y ela falo sempre em espanhol cumigo entonse cuando ela ... fala em portunhol eu oio pra ela e digo não fala ... fala em espanhol porque si não fica uma cosa diferente

Doc: tem muita gente que fala aqui em portunhol?

L2: prácticamente todo el liceo

L1: no ::

L2: sí ::
[

L1: bien deci r... como hablan entreberado ...

Doc: pero en el recreo en el patio del liceo ... en qué hablan?

L1: ah ... en el recreo sí pero adentro así ... de la clase

Doc: y los profesores en qué hablan?

L1: en español

Doc: y hay profesores que hablan en portuñol?

L1: sólo cuando hacen chistes

L2: sí el de dibujo

Doc: se acuerdan de algún chiste en portuñol?

L1: no
[

L2: no

Doc: cuando van a Santana a hacer alguna compra hablan en portugués?

L2: en portuñol

L1: no

L2: si pero ahora en Santana vos llegás y te dicen así ... hola que querés? y te ofrecen una cosa y dicen ... vamo supor ochenta pesos todo a pesos ... así ... antes llegabas a real y ahora a pesos ... mi madre taba comentando

Doc: ah sí ... creen ustedes qué existen diferencias entre la forma de vida de un brasileño y de uruguayo?

L1: sí
[

L2: sí

Doc: por qué?

L1: no sé porque ... eh::... como ahí en Brasil... como la gente tiene que pagar para estudiar y acá nosotro tenemo como ... la la escuela y la educación secundaria gratuita y la universidad que es lo que uno gasta más ... pero nosotros tenemo ... como ... tenemos que agradecer que tenemos una escuela y secundaria gratuita ... y muchos no valoran eso y los brasileros ... que son pocos los que pueden estudiar éh ... muchos vienen de ahí de Santana para estudiar acá

Doc: hay alumnos brasileros acá?

L1: sí desde la escuela ( ) son brasileros pero siempre estudiaron acá

Doc: y a ti qué te parece?

L2: no sé ...

Doc: eso con relación a la educación y con relación a la forma de vida ... a la diversión

L2: muy diferente

Doc: sí ¿por qué?

L2: no sé porque ... a mí:: ... allá en casa vamos a supor ... que juega Brasil y Uruguay mismo ... ta jugando tá el país quer ir por Uruguay pero no pero yo estoy siempre para Brasil

Doc: aha hinchas por Brasil entonces?

L2: sí ...y ese último juego dependia que el ganara pero yo sabía que iba a ganar Brasil porque Uruguay llegó a la final no sé como ... o YO entiendo así pero ... Brasil mismo le gusta el samba ... le encanta así ... porque yo siempre le dije a mí madre me gustaría de salir eh ...así... nu escola de samba brasilera porque es más divertido aquí non teim esas cosa y:: además não sei... porque brasilero ašo que sabe mais se divertí do que o uruguaio mas depende tambéim que diversão sea

Doc: claro ... qué hacen los fines de semana?

L1: a veces... yo voy a la casa de mis amigas ... pero otras veces quedo en casa

L2: me quedo en casa y salgo con mi madre

Doc: y qué piensan hacer en el futuro?

L2: yo::... PREtendía pero ahora no sé ser Oficial de Policía ir a estudiar a Montevideo pero ahora no sé...

Doc: y por qué ahora no sabes?

L2: no sé porque... tenés que ver si pasás de cuarto pasas quinto y sexto... porque ahora ta difícil tengo materias bajas entonce (?)

Doc: hay que estudiar más ahora no?

L1: ahora aprieta más la cosa...

Doc: y tú ... que pensás hacer?

L1: ah ... yo ... en el fin del año pasado taba pensando en estudiar abogacía pero ahora no sé ... me gusta el inglés y informática

L2: y ... mi tía habló que si sigo hablando así en portuñol... llego allá en Montevideo hablando en portuñol no van a entenderme nada pero ... yo le dije a mi tía que a mí me gusta ... que voy hacer ...

151 Doc: claro aprendés
152 L2: sí pero hablar en español ta:: pero me gusta más el portuñol no sé porque estoy acostumbrada en mi casa

Entrevista No 12

INF.A13
Grupo A
Nome: L1 (W.M)
Sexo: masculino
Idade 16 anos
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo
Local da entrevista: Rivera
Tipo de entrevista: diálogo entre uma informante e entrevistador.

1 L1: bueno soy nasido ... e:: ... no Brasil
2 Doc: no Brasil... y vivís?
3 L1: em Rivera
4 Doc: vivís en Rivera... y dónde trabajan tus padres?
5 L1: mi padre es fažecido
6 Doc: y tú madre?
7 L1: mi madre es... empleada doméstica
8 Doc: es empleada doméstica e tu trabalhas?
9 L1: trabalhava ... agora sim tou trabalhando
10 Doc: sí:: dónde estás trabajando?
11 L1: no:: Boticário
12 Doc: ah:: é o que tu faz lá?
13 L1: estou fasendu pintura cum... o profesor E.
14 Doc: ah:: tão pintando lá e o que estão pintando?
15 L1 tamo pintando uma luminária... eu ža
16 trabalhei ža vendendo suco
17 Doc: aha... vendendo que suco?
18 L1: suco de laranža ... dese suco que teim... uns
19 carrinhos que parese uns laranžinhas
20 Doc: e foi bom...vender suco?
21 L1: foi... muito bom
22 Doc: me conta como era esse trabalho vendendo suco?
23 L1: ERA ... bastante bom era
24 Doc: caminhava muito ... éh?
25 L1: ah... sim né? teim que caminhá
26 Doc: alguna vez pasó alguna cosa?
27 L1: no
28 Doc: vendías bastante?
29 L1: ( )
30 Doc: cuánto ganabas más o menos?
31 L1: eu sacava uns vinte... trinta real por semana
32 Doc: tá bien ... en qué lengua hablás en tu casa?
33 L1: portunhol
34 Doc: con tus padres?
35 L1: sí
36 Doc: y... y tu madre contigo?
37 L1: también
38 Doc: y con tus vecinos?
39 L1: también

Doc: también portuñol ... la llamás portuñol a esa lengua?
L1: sí
Doc: por qué es portuñol
L1: porque é::... o entreberado uruguaio cum brasilero española... con portugués
Doc: y en la escuela... cómo hablabas?
L1: en la escuela sí hablaba... hablaba español
Doc: con quién? con la maestra?
L1: con la MAEstra y (...)
Doc: y con tus compañeros?
L1: con alGUnos compañeros ... con otros ya no era tanto
Doc: y en el trabajo en qué lengua hablas?
L1: en el trabajo?
Doc: aha
L1: y hablo::... hablo español porque mi profesor es español y yo hablo español con él ... en el otro trabajo sí yo hablaba ... o sea... el portuñol también
Doc: y con la gente... cuando vendías naranjita ... cómo hablabas?
L1: brasileño... con algunos né?... si era en español español... si eran brasileños portugués
Doc: y el portuñol?
L1: ah ... el portuñol de vez en cuando
Doc: qué lengua es más cómoda para ti?
L1: portuñol
Doc: por quê é mais comoda?
L1: porque no hay muito entrebero biste? não teim muito entrebero
Doc: em portunhol não tem muito entrevero?
L1: não... ža me acostumei ža a falá esa língua ... é mais cómoda
Doc: e em português e em espanhol por quê? tu achas (...)
L1: cuando é necesario eu falo en espanhol biste? em brasilero a mema cosa... me sinto mior falando em portunhol... nasí falando as duas línguas porque meu pai é brasi/ meu pai é uruguaio y a minha mãe é brasilera
Doc: tu achas que existem diferenças na forma de vida dos brasileiros em comparação com a dos uruguaios?
L1: bueno... en primero lugar como le tinha le dito que o real ... a economia do real que tá baša... a forma de vivé dos brasilero em relasão aos uruguaios é:: que teim muita žente morando embašo de viaduto o Brasil né?... y no Uruguay não sei si é por causa qui é um país piqueno... mas... não teim... não existe muito esas cosa biste?... por otro lado é a violensia que teim no Brasil...biste? em relasão a Uruguay ža é mais calmo a violensia ... não sei
Doc: te gusta más la forma de vida uruguaya o brasileña?
L1: uruguaia toda vida uruguaia
Doc: sí ... tú sos uruguayo?
L1: soy uruguayo
Doc: aha ... qué hacés en tus horas libres?
L1: y bueno... salgo... voy a casa de unos amigos vou na casa dus amigos žogo bola ... žogo bulita converso... gosto bastante de conversá cum us amigos
Doc: e ... tu olhas televisão?
L1: de ves en cuando... cuando olhio más televisão é de noite ... sim de noite nomás... as ves que eu oio na casa dus

96 amigos de tarde asim biste?
97 Doc: e que programas olhas?
98 L1: que eu olhio? eu olhio... bom... a maioria ...é:: os canal
99 brasilero ((risos)) bueno... de ves en cuando que eu olio o
100 des biste? mas poca coisa ...
101 Doc: e o dez... que tal é?
102 L1: bueno... o des é um canal... só que as ves cuando tá dando algum filme
103 que eu me esquento por causa de... cuando tá dando um filme
104 asim enseguidinha corta asim... muita propaganda... y bueno
105 que eu olhio más é a Globo a SBT... canal brasilero biste? que da
106 filme novela ... minha mãe oia a Globo más por causa das novelas
107 e cosa ...
108 Doc: e tu olhas novela?
109 L1: de ves en cuando para não perdé o costume ((risos))
110 Doc: tá bom ... y tu têm amigos brasileiros?
111 L1: uhm... eu ašo que não... a pesar que toda a familia da minha
113 mãe mora nu Brasil
114 Doc: ah é ...mora onde?
115 L1: Porto Alegre
116 Doc: em Porto Alegre... já viajou pra lá?
117 L1: o lugar mais lonže que eu saí daqui ... foi pa ... Tran...queras
118 Doc: em que língua falavas em Tranqueras?
119 L1: em Tranqueras? em Tranqueras ža não é:: não pušo muito pa
120 língua espanhola por causa que é uma sidadi muito perto biste? ...
121 bueno falam mas a maioria são os que falam espanhol mas
122 tu encontra como fui na casa de uns primo meu ahí ža falam
123 a mesma língua nosa
124 Doc: teus primos falavam portunhol?
125 L1: não não... falavam espanhol
126 Doc: qué te parece esa forma de hablar en portuñol?
127 L1: me parece que:: no sé... a mí me gustaría o saber hablar en
128 portugués o en español ... el lenguaje portuñol ... no ... no sé?
129 no no... es sólo acá que hablan nomás... en las fronteras ahí
130 que hablan nomás... por causa que en otros países o hablan
131 o español o portugués o inglés

Entrevista No 13

Grupo B

INF.B6

Nome: L1(WM)
Idade: 39 anos
Escolaridade: 2o grau incompleto
Sexo: masculino
Profissão: mecânico
NSE: C

1 Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
2 L1: portunhol
3 Doc: e por quê tu chama portunhol?
4 L1: porque são duas língua ... uruguaia e portuguesa
5 Doc: as pessoas o chamam aqui de portunhol?
6 L1: sim se costuma sim se costuma šamá o portunhol
7 Doc: com quem tu aprendeu a falar o portunhol?
8 L1: eh:: cum cum us brasilero

Doc: em que língua tu falava quando era pequeno?
L1: nu espanhol... mesclado portunhol
Doc: e quem te ensinou?
L1: o portunhol se aprende conversando na/cum us brasilero
Doc: em que língua a tua mãe falava contigo?
L1: ah no... en espanhol
Doc: onde aprendeu o espanhol?
L1: na escola
Doc: tem problemas para se expressar somente em espanhol ?
L1: no... não
Doc: fala bem o espanhol?
L1: sí sim ... se fala bem o espanhol
Doc: e o português?
L1: ah não... com um poco de dificuldade não?
Doc: tu te considera uma pessoa bilíngüe?
L1: ah não porque pa sé bilíngüe teim que estudá más no?... teim que se perfeccioná más
Doc: qual das línguas tu acha que fala melhor o espanhol o português ou o dialeto?
L1: ah o espanhol
Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?
L1: as duas no?... as duas
Doc: por quê as duas?
L1: y:: pra se manežá meior né? si tu entra pru Brasil conversa beim o portugueis e viaža pru Uruguay conversa beim o espanhol
Doc: que língua acha mais bonita o espanhol o português ou o dialeto ?
L1: não o espanhol
Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência... brasileiros ou uruguaios?
L1: ah us brasilero
Doc: e os uruguaios?
L1: muinto pocos
Doc: por quê?
L1: bueno... una que non había tanta frecuencia de de canal uruguaio não? temo tendo reséin agora temo/que teim... que temo que temo cable não? pero... antes no había só o canal brasilero
Doc: e programas de rádio quais escuta mais?
L1: ah ... não é neium espesífico
Doc: o que tu achas da forma de vida dos brasileiros e dos uruguaios?
L1: ah são beim diferente... são beim diferente
Doc: por quê são?
L1: ah a cultura brasilera é uma y a cultura uruguaia é otra não teim nada que vé
Doc: e tu te identifica com qual?
L1: ah cum us uruguaio não?... cum us uruguaio sim
Doc: e que acha do contrabando agora na fronteira?
L1: y BUEN... é um problema non... e pra uns é bom para otros é mau né? pero... não sei... pra queim é bom e pra queim é mau
Doc: e as medidas que o presidente adotou?
L1: ah é muinto forte não?... muinto forte são
Doc: ele está deixando passar coisas?
L1: não... não tá deišando não... não deša não
Doc: e o comercio aqui... como está?
L1: ah... aqui se vai trabaiando meio cum cum cuidado pero se trabaia non? pero...

65	Doc:	tem vindo alguem pra fiscalizar?
66	L1:	BUEno todavía non pero andam éh... andam sim
67	Doc:	tem só coisas brasileiras ou (...)
68	L1:	não não ža teim cosa uruguaia tambéim ža teim sim
69	Doc:	tu gosta de morar aqui na fronteira?
70	L1:	gosto
71	Doc:	e como está o trabalho atualmente?
72	L1:	ah tá pobre... tá pobre
73	Doc:	pouca coisa?
74	L1:	tá poca cosa

Entrevista No 14

Grupo C
INF.C 2
Nome: L1 (EM)
Idade: 54 anos
Sexo: feminino
Profissão: do lar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo B
INF.B 7
Nome: L2 (SO)
Idade:28 anos
Sexo: feminino
Profissão: do lar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo A
INF.A 14
Nome: L3 (AO)
Idade 24 anos
Profissão: do lar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

1	Doc:	que língua fala mais en casa o português oespanhol ou ambas?
2	L1:	portunhol
3	Doc:	que língua aprendeu primeiro português espanhol...
4	L1:	desde que me conhesi falando este::... portunhol
5	Doc:	e em que língua fala com seus filhos?
6	L1:	portunhol
7	Doc:	e seus filhos com a senhora?
8	L1:	portunhol
9	Doc:	e com seu esposo?
10	L1:	portunhol
11	Doc:	seus filhos com seu esposo?
12	L1:	portunhol
13	Doc:	tudo portunhol ...com outros parentes?
14	L1:	depende os parente porque hay uns que falam em uruguaio e
15		otros falam em portunhol
16	Doc:	e seus parentes também
17	L1:	tambéim
18	Doc:	cum us visinhos?
19	L1:	depende tambéim o visinho porque ( ) portunhol e otros em...
20	Doc:	e nas lojas?
21	L1:	depende a loža tambéim... si é em Livramento em portunhol y
22		aqui espanhol
23	L2:	mas a mažoria é em portunhol
24	L3:	a maioria compremo lá
25	Doc:	claro...e com os professores do seus filhos?

L1: ah en uruguažo
Doc: uruguažo
L1: espanhol
Doc: o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira? O que a senhora acha... dessa forma de falar daqui... é bom é ruim?
L1: bueno eu desde que me conhesi com cincuenta e cuatro ano sempre falei en en portunhol que é o idioma que temo na na frontera né?... no país irmão ahí ...
L2: pero pras criansa é pEsimo
L1: claro pras criansa sim
L2: porque elas sofre... hože de manhã elas vão da/eh... faseim primaria secundaria siguen u estudo na faculdade ahí ža é pésimo pas prova pra tudo não? porque teim que sabe escrevé espanhol e teim que sabe pronunsiá o espanhol e se tu erra tu pode perdé todo o ano de estudo só por errá uma palabra nomás...
Doc: aha...
L2: é pésimo o idioma ... é uma costume de anos e anos tradisional pero... pra o futuro pra o nosos filios é::...
Doc: atualmente não não (...)
L2: y pra nós mesmo pra mim mesmo quando viažo pro sur du país... é pésimo... primero que tu šega lá ah baianinha ah ((risos))
Doc: ah baianinha?
L2: claro é uma cosa... qui não é neim espanhol neim portugués é um inbentado não?
Doc: claro
L2: uma cadera mesmo é:: pra nós aquí fica uma cosa até rural... uma sia... tá é pésimo é?
Doc: ah... e falam sia?
L2: clAro... cadera é sia... é pésimo pru pru uma criansa futuramente estudá ža cuando impesa en primaria primer ano e tu não trata de ensiná o que tu sabe en espanhol esa criansa vai sofré cuando entre en primaria
Doc: uhn
L2: porque aquí nu Uruguay te ensinan en espanhol y esa criansa entra falando en portugués y sabe que... ela ža fica pa atrás ža
Doc: claro
L2: claro porque tu tá nu Uruguay teim que te ensiná us profesores en espanhol y a criansa entra falando en portugués sabe como sofre...
[
L1 sofre ela y sofre a maestra y os companhero...
L2: claro y todos... y a criansa ža perde ža:: meio ano de de clase un ano igual... é pésimo é cómodo é cómodo pra nós que ža temo ža...
[
L1: ža temo habituada ža temo acostumada no no idioma...
L2: pero pra... pra este vivé aquí qui é o futuro do Uruguay ža é...
L1: desde que... nasemo ža y ža se criemo ža na frontera (...)
L2: ah eu eu pra mí mesmo eu cuando vo falá en espanhol eu me sinto ridícula... parese que mía vos é inventada é uma vos grosa é uma vos rural... eu sinto até vergonha de falá en espanhol cu uma pesoa que sabe mesmo... uma pesoa delicada que teim estudo e tudo eu vou falá en espanhol eu sinto até vergonha de me expresá porque eu sei qui en algo

vo... vo errá
[
L1: eu si tenho que falá en uruguažo eu falo beim uruguažo cum sutaque não u sutaque mesmo do sur noso né? pero:: termino falando en... port (...)
Doc: em português
L1: en portunhol en portunhol portugués é um não é?
Doc: claro
L1: portunhol é otro... porque portunhol é o noso uruguaio cum...
Doc: claro português
L1: claro con português
Doc: e tu ža tiveste algum problema na escola?
L2: ah sim y muintas pesoas que eu conheso maiores que a minha mãe de oitenta y pico de anos que cuando iam/empesaron na escola... que a maestra preguntaba eh::... sapažo y tu vai y toca uma abóbora ((risos)) ahí tudo mundo ri né?... é brabo é como te digo uma profesora de espanhol daqui de Rivera que:: sigue a carrera de profesora de idioma espanhol... ela erra numa proba que ela erra ela ža perde u ano... por qué? por o maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (...)
L3: ( )son diferentes as a::...us costume que nós temo de disé... uma pesa... por ejemplo... um:: uma ferramenta ... vo da um esemplo porque pra mim me pasó en quinto de clase ( ) a maestra preguntó que nombrasen as ferramentas y nós temo acostumado a di/inšada pra nós... de carpí.. é inŠAda nós temo acostumado a falá y y en espanhol é asada ... e ahí a maestra me dis “inchada tas vos” vo y salto “inšada maestra” y a maestra "no inchada estás vos"... porque não era inchada
Doc: a maestra falou assim?
L3: claro... "no inchada estás vos" no existe inchada lo que es asada ... y ela ela en ves de me explicá ela primero me tomó o pelo primero viste?
Doc: não poderia
L3: ma como nós temo acostumada en falá asim viste?
L2: y otra cosa aqui nu Uruguay agora saiu a ley que uma maestra cuando uma criansa entra en primero antes elas tinhan exigido ...elas ensiná aquela criansa a falá u espanhol beim... agora não se a criansa sabe sabe não é obligasão desa maestra... ensiná eles... ža não é como antes que elas tinham obrigasão de correží aquela criansa ...
Doc: agora elas não corrigem?
L2: agora não não teim esa ley ža não (...)
L1: agora mías fias ža trataron de correží as filia piquena delas ža ža falando en:: espanhol não é? claro pra ažudá nu coléžio
L2: sim pero nunca nunca vai sé un espanhol do sur du país tu entende? (...) a frontera nós atrapalha sabe?
L3: a televisão
L2: a televisão biste? a radio...
L3: eu tou acostumada a oiá a televisão brasilera
L2: tudo tudo... tá eu prefiro mil veses asistí un canal brasilero que un canal uruguaio ((risos)) sein por sento... eu me sinto más brasilera que uruguaia
Doc: todas aqui também sentem a mesma coisa e vocês?
L1: uhn
L2: eu me sinto... pra comprá as cosa pra comé... a bebida pa

bebé... a ropa pa vestí... us mueble pra usá... tUdo eu me sinto más brasilera que uruguaia ... entende? agora mesmo hay ese lío du sero quilo... mas eu eu prefiro mil veses que meu país se funda... mas seguí comprando as cosa lá en Livramento... eu me sinto más é::: brasilera que uruguaia

L1: más brasilera porque semo (...)

L3: ah eu ža não me sinto asim (...)

L2: AH eu me sinto

L3: eu não prefiro que meu país se funda por seguí comprando en brasilero a nesesidade que nós temo du salario nós leva a comprá lá

Doc: claro

L3: mas não levá a queré a falensia du país por mercadoria lá... eu não

L2: sim não pero eu ža to acostumada eu ža to acostumada

L3: y no Uruguay si no Uruguay fose o memo preso as cosa daqui que lá... eu...tranquilamente compraría as mercadoria uruguaia mas o problema é que::.. as mercaderia uruguaia comparada com a brasilera cum o preso da brasilera é o doble u triplo

Doc: claro

L2: ah mas eu ža me acostumei com tudo de Livramento tudo tudo mercadería tudo é um visio que tu pega né?... é desde que tu naseste

Doc: é a cultura do fronteriço né?

L2: mas nu idioma te digo francamente pra mí...eu vou falá en espanhol e ža ža todo mundo ve que é uma cosa que não é que tu não sabe falá u espanhol...y vo falá brasilero o portugués mesmo tampoco sei ...

L1: bueno pra iso tá nós somos... portu/ portunhol... nós não semo brasilera neim semo uruguaia... nós temo acá/aquí nu portunhol

Doc: na linha

L1: claro na linha é portunhol

Doc: mas tu acha ruim então o dialeto falado?

L2: eu ašo

Doc: todas acham ruim

L3: tu te priva tu te priva de de entrá numa conversa por não sabe te expresá (...)

L2: te expresá...beim

L3 porque tu tá acostumada cum as palabra que lá não são...as mesma... no sur du país

Doc: mas tu te priva de falar com pessoas que não falam o dialeto

L3: que não falam o dialeto daqui... claro no sur du país... nós temo nu norte... nu norte cuaše todo é ansim portunhol... pero no sur do país tu vai falá por ahí tu teim que ficá meio reprimida en falá porque tu teim medo de meté a pata viste?

L2: porque eles sabeim falá beim espanhol e nós não

L3: claro

L2: eles te te enrolam no espanhol tu vai por ejemplo eh:: em porto Alegre em Porto Alegre te falam beim o portugués expresam beim como teim que sé as palabra y:: un aquí... un é rural prácticamente un é rural un é um ignorante porque não sabe un tá entre nu meio ahí eu ašo ruim até pra mía filia eu ašo ruim... pésimo ( ) que vai na escola... eu trato de ensiná o espanhol pra ela (...)

L3 y pru brasilero dis que tambéim é ansim não é? os de ahí de Livramento

Doc: como é?

L3: é ruim é a mesma cosa ansim que nós temo te disendo como uruguaio eles vão te disé a mesma cosa

Doc: quando eles vão para Porto Alegre?

L3: não não Livramento te digo... porque na televisão se escuta que eles estão... querem ensiná o espanhol e o portugués beim para não ( )ese entrebero

L2: otra cosa cuando tu asiste un canal de Montevidéu y tu ve un informativo de Montevidéu tu ve como esa pesoa se expresa beim y tu asiste un informativo daqui de un canal de aquí de Rivera tu ve que esa persona é daqui de Rivera... o žeito de ela se expresa

L4: y aqui casi todos son brasilero

L2: portugués... tu nota a diferensia lonže...
[

L1: este:: nós somos portunhol

L2: y te digo por experiensia cuando viažo cum meu marido qui é de Soriano y cuando eu vo cum ele... todo mundo enseguida ve... y no fim até no fundo no fundo eles gosam un poquinho tu sabe?

Doc: tu sente que tem um poquinho de (...)

L2: sim hay gosasão y noutra cosa... eu tenho uns conhesidos qui moram en Montevidéu né? que agora estão na situasão económica... beim não? y y tu sabe qui eles faseim di tudo pra tratá de escondé que eles são daqui... trata de escondé o portunhol deles que as pesoa não se deim conta que eles são de Rivera ... tu entende? por u idiOma...( )eles tratam de esconde tudo eu ašo ruim não sei? tu te reprime

Doc: entendo... e a senhora como se sente na sua idade porque elas estão numa idade que estão sentindo tudo isso? e a senhora como se sente hoje?

L1: eu me sinto beim perfeta eu ža to acostumada ža nu nu ambiente da da du portunhol y so portunhol y ašo qui vo morre portunhol né?

Doc: e para as netas... as meninas?

L1: as menina teim muito estudio por diante ainda né? ela por ejemplo esta que i no liseu ela teim u (...)

L4: ((fala a neta)) as ves na escola me equivoco y a maestra ža pa diresão... ela não deiša (...)

L1: ela corrize ela ...

L2: eu tenho uma subrinha qui teim tres ano y a ela ensinaron/ a minha filia teim tres ano u ano qui veim ela vai pru jardín y esa mía subrinha tambéim no próximo ano vai pru jardín... a mía eu tratei de ensiná ela falá espanhol o poco qui eu sei não? pra al menos que ela ža važa... y esa mía subrinha ensinaron a ela falá só o portugués o portunhol y tu ve que esa criansa vai patiná na escola... tu ve de lonže

Doc: e o portunhol da senhora como é em comparação com o delas?

L1: igual é todo o mesmo aqui... semo todas familia elas são todas mias filias as cuatro são filia mía... entonse tudo aquí temo o mesmo idioma... agora pra falá cum o marido dela sim ža nós não falemo en espanhol porque ele ha cosas ele não entende agora fas rato que ele tá radicado aquí pero... ele muintas cosa ele não

247		entende...
248	L2:	ah... mas é brabo eu ašo qui é brabo u portunhol...
249	L1:	eu me sinto orguiosa cum meu idioma ... eu sou portunhola y
250		estudié aqui nu colegio daqui mas eu me sinto orguiosa como
251		eu falo en portunhol

Entrevista No 15

Grupo C

INF. C 3

Nome: L1 (PSB)
Idade: 81 anos
Profissão: peão aposentado
NSE: D
Escolaridade: 0

1	Doc:	como era seu trabalho em campanha?
2	L1:	era pião... era meu serviso que eu tinha depois tinha um capatás ...
3		u patrón andaba alí... mandaba sacá u coro de um animal y eu ia ...
4		mandaba cortá espinha du cardo ( ) eu ia cualquier serviso...
5		completo era tranqüilo nomás...
6	Doc:	e onde era?
7	L1:	era aquí en Cerro Trindade ali trabaiei desoito ano com um com u
8		otro... porque u cerro Trindade ( ) u López venderon... venderon
9		pro ( ) y ( ) entonse um dia mi encontró y me dijo "no querés
10		trabajar conmigo"... digo bueno toy con trabajo... mas... gano poco
11		vamos ver su precio... por un peso o dos no dejo lo que toy porque
12		estoy acostumbrado con él... y el dice: " no yo te pago tanto... te
13		doy tanto te doy la carne"... y me gustó "te doy casa también pa
14		vivir" pero era lejos uno del otro ...
15	Doc:	nesse lugar trabalhou por quanto tempo?
16	L1:	ali trabaiei dieciocho años... bueno ahora después me enfermé ...
17		me quebré el brazo éste aquí ...
18	Doc:	mas foi lá fora?
19	L1:	aquí... ža vim cuando eu vim o ( ) ža não pude ir más... y esta
20		perna quebró aquí quebró aquí y aquí tres pedaso y o braso aquí...
21		tres pedaso y o braso aquí... caiu de uns escalón ali saí...sempre
22		loco medio nervoso... medio acostumado a bruto nomás... saia
23		porta fora nomás ... me resbalei nua casca de banana... parese qui
24		era...
25	Doc:	e hoje está aposentado?
26	L1:	to sim me jubilei da manera qui eu taba ( ) falei cum u patrão
27		( ) "por un año no vas a servir pa nada ... te vamo a jubilar"...
28		yo tenía dieciocho años ... el me dio ocho años sólo que tenía en
29		caja ... ( )
30	Doc:	e o senhor onde nasceu?
31	L1:	nasi ahí en Boca de Batoví ... ažа tá la tapera todavía
33	Doc:	e seus pais em que língua falavam com o senhor?
34	L1:	eu ali me criei até sete oito anos cum um padrinho meu
35	Doc:	e ele em que língua falava em português ou espanhol?
36	L1:	mas que sei žo... y aprendí lá nu campo
37	Doc:	e quantos anos tem o senhor?
38	L1:	tenho oitenta e um
39	Doc:	nasceu aquí em Rivera?
40	L1:	nasí... não sei como era lá na Boca de Batoví ansim... sobre a

linha divisoria
Doc: e seus pais?
L1: meus pais se forom pra Dom Pedrito por lá
Doc: eram brasileiros?
L1: não eram uruguažo us dois... se forom trabaiá en ... ( ) un cunhado dele que trabaiaba lá e::: e levó ele...
Doc: o que senhor pode me dizer sobre a vida aqui na fronteira ... gosta do Brasil?
L1: eu tenho una vida que nunca entrei nu Brasil... agora mesmo despós de... ( ) u trabaio trabaiaba y não gostaba de ( ) não ( ) manda otro procurá ... é uma cosa que não me entraba não pudía ... da linha pra lá nunca tibe nada neim aquí neim ali... non me animaba entrá nu Brasil... que sei eu uma locura que um teim na cabesa ... de não gostá ... nunca nunca gostei du Brasil
Doc: mas o senhor fala português?
L1: sim... ah falo... mas pobre veio ( )saí muin piqueno... me deron ... tempo daquelas guerra dus Flores y Honório Lemos... no sé ... agarraban tudo cavalo y žente y levaban pra guerra... y os veios(...)
Doc: mas a guerra era no Uruguay?
L1: não nu Brasil era y eu me deišaron eu... eles forom emigraron pra lá y eram lindo y eram lindo y foi o veio ese y dise ( ) tá feio nu Brasil pra voses trabaiá tá feio... esperem uns días y me conseguiron nasé ali ... na casa du veio ... "me den ese gurí voses tão mal" y ali nasí ali y ali me deron y ali me criei... meioró a vida du du Brasil y se forom y tinha un cunhado dele... y man/dis que foi ele... me contó iso vou le contá o qui me contaron ... u veio ese me contaba "teus pais se forom pra pra Dom Pedrito"dise "e agora se voltaram ou não voltaram más... tú teim que sé companhero noso... agora"... ( ) fui embora ...
Doc: e o seu padrinho era brasilero?
L1: no uruguažo
Doc: ah:: e que guerra era essa?
L1: que sei eu Flores y Honorio Lemos vivían se tiroteando y comendo carne...
Doc: *((a seguir transcrevemos a conversa com o vizinho))*
Viz. cómo anda?
L1: pero mais ou menos... não poso caminhá... ( ) me paro na žanela
L1: me paro na porta ... mas não me animo parese que ža vó me quebra de novo ...
Viz: ta con recelo?
L1: pa arrasado ( ) entre nomás e empurre a porta y ...
Doc: *((o informante continua falando com a entrevistadora)*
L1: fui mal criado... não fui na escola... ( ) mas não... teim que aprendé porque a escola ensina não vó disé que vão ensiná una barbaridade mas é pra aprendé a lé e a escrevé e a tratá cum u pesoal ža é uma gran cosa ...
Doc: claro... tá bem ... muito obrigada

Entrevista No 16

Grupo C
INF. C4
Nome: L1 (IR)
Idade:72 anos
Profissão: Profissão: do lar
NSE: D
Escolaridade: 0

Grupo A
INF.A16
Nome: L2 (N)
Idade: 15 anos
Profissão: estudande
NSE: C
Escolaridade: secundaria incompleta

Tipo de entrevista: diálogo entre informantes e entrevistadora

Doc: onde morava a senhora em campanha?
L1: nu Cerro Trindade
Doc: passou muitos anos lá fora?
L1: ah... sim eu me criei en campanha cum a mía mãe... me casei tudo lá en campanha depós que nós viemo pra acá... eu tinha uns trinta e pocos ano cuando eu vim pra cá pra este lugar que compremo aquí viemo pra cá
Doc: e a senhora aprendeu a falar primeiro o espanhol ou o potuguês?
L1 a mía mãe ela era uruguaia mas ela falava brasilero... portugués como dise
Doc: e com os seus filhos em que língua a senhora falava?
L1: ah... eu falava asim como eu falo
Doc: nunca falou em espanhol com eles?
L1: ah não
Doc: e eles com a senhora?
L1: eles cuando tavam na escola falariam u o uruguaio na escola não é? ésta tá nu liseu ... ésa é neta
Doc: e a neta fala com a senhora em português ou espanhol?
L1: ela fala en brasilero
Doc: a senhora gosta mais de falar em português brasilero ou espanhol?
L1: sempre falei en brasilero né? agora sendo/cuando eu ia nu hospital consultá cum as criansa cum u Dotor Guadalupe que ele não gostaba que falase em brasilero né? AH::: mas me retaba ((risos))
Doc: não deixaba falar?
L1: ah ele não deišaba ele não gostaba o pobre que ( )... ele era bom Dotor pero era maNIAticu... ah::: não gostaba que falase en brasilero cum ele ...
Doc: e a senhora falava en espanhol com ele?
L1: eu falava tudo entreverado mas falava ... claro
Doc: ele obrigaba a senhora a falar?
L1: claro
Doc: tá bem ... *((a seguir a entrevistadora dialoga com a neta da informante))* como você chama a essa língua que falam na tua casa?
L2: como a žente fala? ... bueno a šente fala en portunhol ... porque não é neim espanhol neim brasilero... porque... bueno a šente fala asim nomás dependendo
Doc: e tu acha que o teu portunhol é igual ao dela?
L2: eu ašo que sim
Doc: e com a tua mãe tu fala também em portunhol?
L2: sim
Doc: quantos anos tu tem?
L2: quinse
Doc: e no liceu em que língua tu falas?
L2: espanhol ... um poco espanhol ... um poco portugués porque neim todos falam espanhol não só na hora do recreo ... porque en clase

47		temo que falá en espanhol
48	Doc:	e tu teve dificuldades para aprender espanhol quando entrou na
49		escola?
50	L2:	ašo que sim não sei não me lembro
51	Doc:	não lembra? mas hoje pra te expressa em espanhol (...)
52	L2:	ah agora é más fásil ... porque seis ano na escola y agora za
53		za to pasando pra cuarto ... agora é más fásil ... bueno neim todas
54		as palabra asim ... porque:: ... falando en portunhol as vês fica
55		difísil algumas palabras qui teim

Entrevista No 17

Grupo C
INF.C 5
Nome: L1 (CV)
Idade 52 anos
Sexo: feminino
Profissão: do lar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo C
INF.C 6
Nome: L2 (EF)
Idade: 60 anos
Sexo: masculino
Profissão: enfermeiro militar
NSC: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo C
INF.C 7
Nome: L3 (CN)
Idade: 52 anos
Profissão: enfermeiro militar
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

Grupo C
INF. C 8
Nome: L4 (DA)
Idade: 72 anos
Profissão: aposentado
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

1	Doc:	em que língua vocês falam normalmente?
2	L2:	aquí somo todos rompidiomas
3	L1:	si temo que falá en espanhol falemo espanhol y si temo que falá ...
4		en portugués falemo en portugués ...
5	Doc:	e em que língua vocês falam com seu filhos?
6	L1:	bueno eu falo::: por ejemplo si tenho que falá... cuaše sempre
7		en espanhol ... falemo en portugués... pero si vamo disé una
8		palabra o algo pra eles en espanhol ... y eles falam
9		perfeitamente espanhol ... claro porque pasa que se criaron
10		... entonse vão na escola y é espanhol y (...)
11	Doc:	e vocês fizeram a escola ... primaria?
12	L1:	sí
13	Doc:	aprenderam o espanhol e depois... continuaram falando o
14		espanhol?
15	L1:	cuando presisemo é espanhol ... cuando temo que falá cum
16		uma persona que é espanhol pero si veim en portugués e
17		falemo en portugués pero si vamo nun lugar asim qui é
18		espanhol tá ... nós se ubiquemo según ... a idioma pero
19		falemo en espanhol perfeitamente qui é nossa idioma
20	L2:	pero na linha vu/vou na linha e digo me dá un quilo de batata
21		como andás bien y bo ...
22	Doc:	e fala em espanhol ou em português na linha?
23	L2:	brasilero... Brasil falo brasilero e uruguaio
		[

L1: eu as ves vo lá ensima e falo en espanhol no me do conta
L2: se aquí se fala cum a persona brasilera e uma castiana não pode té idioma... teim que se adatá a frontera
Doc: e o que vocês acham dessa forma de falar aqui na fronteira?
L3: ta beim é lindo ...
L1: é lindo porque a šente entende todo mundo... claro... se veim espanhol en espanhol e si... en portugués en portugués
Doc: e o senhor que acha ... dessa forma de falar daqui da fronteira?
L4: porque semo fronteriso e nós criemo aquí
Doc: e que língua aprendeu primeiro?
L4: como um uruguaio não? espanhol espanhol ... no tempo da escola era:: "si senhora o no senhor" pero vosê saia du colésio y era asim como temo conversando temo que practicamente conversemo más en ... portugués que... porque sinão não ... cuando é presiso falá en espanhol se fala ... cuando não cum/ numa cunversa cum todo que a žente conversa que mais e que menos é tudo ...portugués
Doc: ta bem ... mas eu gostei do que ele falou "rompidioma"... por quê o senhor falou "rompidioma"?
L2: eu... porque no se habla ni ni en espanhol ni en portugués é entreberao ...
Doc: foi o senhor que deu esse nome ao ...
L2: ao idioma daqui?
Doc: aha
L2: sí
Doc: ou muitas pessoas falam também?
L2: não:: é žénerico... rompidioma porque no habla ni en brasilero ni en uruguažo (...) entreberado
[
L1: fala entreberado porque estás hablando en espanhol y se sigue en portugués (...)
L2: al final no hay idioma ninguno... y yo uso más el brasilero cuando voy a comprar fiado en Santana (...)
[
L3: cosa não é brasilero... coisa sim ... é rompidioma por iso
L2: porque uno vai dise uma cosa y não é coisa ni cosa
L3: este eu vo nu Brasil ahí pa dentro du Brasil... eu converso asim como to o mesmo brasilero não me entendem a mim ... y eu não entendo eles... não? o muinta žente que tamo aquí não sabe muinta cosa o nome de verdura brasilera... que teim um nome y aquí teim otro... não entendem neim o que que tão vendendo... é como vendé u "pansšo"... el pancho uruguažo ... un cašorro quente ... eu não como cašorro Deus me perdoe ... ((risos))
L2: una vuelta ... hace veinte años atrás cuando me vine pa Rivera de aša del sur(...)
Doc: morou em Montevidéu?
L2: uf ... veinte y pico de años... este:: y vine aquí en Santana y entré num mercado ahí ... taba parao mirando ahí y de repente una persona de atrás me dice: "com lisensia" y digo sí toy con licencia sí"... pero no sabía que com lisensia era con permiso... ((risos))
Doc: ah::: e o senhor n asceu aqui em Rivera?
L2: sí ahí en campanha
L3: mas o trabaio do pobre é milico
Doc: quem é militar aqui ? o senhor?

L3: us dois
L2: eu so enfermero militar... jubilado né?
Doc: e o senhor?
L3: militar retirado ( )
Doc: e o senhor qual era a sua profissão?
L4: trabaiá... trabalhá nada más de que trabalhá... porque::..pra:: (...)
L2: en lo que venga
L4: pa pulisia só pa me levá ... tuve oportunidade de ingresá y ta retirado como eles... nunca gostei da pulísia viu ...
Doc: olhe que tem dois aqui militar ((risos))
L4: tem dois y eu que tenho que vé cum eles... por mim pode té dois o tres... mas eu não gostei ...nun/... aunque tuve oportunidade ... oia vou le vou le fasé uma historia... eu fis um casamento pra um homem ... finado Trota ... não era neim subcomisario ... viste? eu casei ele ... ( ): "vamo entrar de milico Domin/" eu não tinha desoito anos... sacó os documento... vo i de milico dele... digo pero digo: "Trota perdóneme el milico es solamente para conducirme lleVARme preso"... pero no puedo ni mirar si aparecian no po( ) ni verlo (...)
Doc: não entendi como o senhor casou ele?
L4: eh...
L3: matrimonio fes o matrimonio dele
Doc: quer dizer que o senhor fez que eles se gostassem?
L3: claro ahí va
L4: y o homem šegó ao ponto de::. ((pergunta a L3)) de que ele morreu?... com que categoria...Trota?... Subcomisario?... bueno não sei não me lembro... olhe vo le disé a última... eu tenho um fio com vintesinco ano ahí fas cuatro ano "pai eu vo entrá de milico"... tu entra meu fio más te manda daqui ... porque milico pra mí é só pra me prendé (...)
L3: não vai te levá ((risos))
L1: teim medo que levem ele
L4: y eu não não ele non di/bueno entón pai si é ansim eu não entro de milico... tu no não vai perdé de entrá de milico rapás por tá morando cumigo ... ( )
Doc: e o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
L3: ese é um hábito de trabaio daqui du Uruguai y du Brasil ... hábito de muintos anos de muintos anos ...
[
L4: y de muinta žente
L3: y nós não podemo opiná porque eu não vivo du contrabando porque a parte que que eu sei um tema (...)
L2: ( ) é a represión de contrabando
L3: pero nós contrabandeando ža temo pateando contra o prego porque nós memo sabemo o delito... pero sabemo que é o hábito de trabaio du pobre que vevem diso agora não podem vivé más... praticamente ža não podem vivé más com presidente noso ese... cortó as pata de todo pobrerio aquí e du Brasil tambéim ...
L4: mas contrabando qui ( ) não había otro
L3: clARro pero qué disé que iso não é uma cosa... misterio iso é um trabaio du pobre... da muita mažoria... žente que não teim neim que comé ... hay muito retirado que tambéim trabaia de:: de paquete de 131 bagažo... pero... practicamente ža hože ža tá as pata cortada e cada ves vai sé más... entonse no hay venta ni lá ni venta aquí ... neim trabaio ni (...)
L2: no hay trabajo

L3: si entrá lá não se pode entrá nu Brasil ... si si trás cosa brasilera não podem pasá aquí... porque é ansim si agarram lá correm pa acá y aquí hay que aguentá toda toleransia de lá (...)

L4: ese alma/ ese bulišinhos que teim por aquí ... não podim té nada brasilero como ( ) galinha ...

Doc: produto brasileiro não entra mais

L4: NADA

Doc: vocês tem aqui um "almacén"é?

L1: temo um quiosco...

Doc: e tem algum produto brasileiro?

L1: ah alguma cosa teim sí ... pero que pasa que nós temo que fasé surtido y pra cumida teim que comprá en Santana supermercado porque cum soldo que pagan aquí não comemo des día... agora si pagasen beim ... soldo sí pero eles pagan muito poco pa queré prohibí ... pagan muinto u soldo é muinto poco agora se pagasen beim sim daría pra comprá aquí porque aquí é carísimo ... claro um sabão líquido que compremo alí de de cosina a cuatro peso tá desoito peso aquí nu Uru/aquí ... u soldo e beim poquinho o soldo é poco no não dá::... ah:: se não fose comprá nu supermercado en Santana não no daría pra vivé... s de Montevidéu andan locos da vida porque não teim... u soldo é poco não... e lá vai nu almasén com seim peso e compra duas tres cosa un litro de leite un quilo de pão y e:: é seim peso ...

Doc: é né?

L1: horrible... teim que trabaiar en dois tres lugar diferente y as muier teim que trabaiarem todo día... não é? qué dise que é só o homem que trabaia a muier tambéim teim que trabaiá porque se não não dá

Entrevista No 18

GRUPO C
INF.C9
Nome: L1 (HA)
Idade 54 anos
Sexo: masculino
Profissão: peão rural
NSE: C
Escolaridade: 1o grau completo

GRUPO B
INF. B 9
Nome: L2 (SAL)
Idade: 43 anos
Sexo: masculino
Profissão: mecânico
NSC: D
Escolaridade: 1o grau completo

Doc: que língua fala mais atualmente o português o espanhol ou ambas?

L1: ah eu falo mais asim como to falando en brasilero... porque meu patrón é brasilero

Doc: ah o patrão é brasilero?

L1: é o dono da Tesaco... ( ) qui é beim brasilero agora o patrón sendo como P. nomás ( ) o patrón era beim urugua□o eu falaba beim uruguažo cum ele

Doc: e que língua aprendeu primeiro espanhol ou português?

L1: as duas

Doc: e você que língua fala mais o espanhol ou o português?

L2: este... entreberado por/haber por ejemplo... cum us gurí nós agarremo e falemo só en espanhol pero entre a Mabel ... este ( ) a mía šente sempre falemo portugués... agora cum as criansa que tão indo na escola en espanhol

Doc: e que língua aprendeu primeiro?

L2: ah não u portugués... fuimo agarrá y falá en espanhol cuando entremo na escola ((risos))
Doc: e o senhor também?
L1: tambéim
Doc: e como vocês chamam a esse português que falam aqui?
L1: pra nós é brasilero
L2: porque šaman como é... portunhol não é?
Doc: portunhol também
L2: ( ) porque cuando nós taba na escola entonse a maestra ficaba braba e disia "niños no hablen en portugués"( )
Doc: claro... vocês acham muito diferente do português que se fala em Livramento?
L2: es bastante diferente não é? teim uma bruta diferensia
Doc: é... por quê?
L2: eu ašo que por ejemplo este eu ašo o tipo... brasilero y um portugués asim como o noso eu ašo más lindo u brasilero ...u brasilero deles
Doc: e o brasilero daqui de vocês?
L2: porque é meio entreberado né?
Doc: vocês gostam? como você se sente falando esse português?
L1: eu ašo eu ašo más lindo u espanhol
Doc: o espanhol e o dialeto?
L2: eu... por ejemplo este:: a donde tenha otra persona falando asim como um... ašo até lindo ( ) igual ...
Doc: se sente bem falando
L1: porque eu fui criado aquí na frontera pero muintas cosa daí du Brasil eu não entendo o qui é eu não sei o qui é... uma ves me pidiron "me alcansa uma šave de fenda daí" eu que sabia o que era šave de fenda não? ((risos))
Doc: e como vocês se sentem com pessoas que não falam o dialeto?
L2: si beim uruguazo nós agarremo e falemo por ejemplo uruguažo nomás en espanhol ...pero agora si ele beim brasilero si é por ejemplo si u tipo agarra y beim brasilero mesmo y nós semo portunhol ( ) y conversemo asim en portunhol nomás com ele
L1: aqui šega una persona y é uruguažo eu falo en uruguažo como ela não?... não falo en brasilero não... agora si veim um brasilero asim como šegó u M. aquí ... nós falemo no noso idioma cum o M.não?
Doc: claro... qual das línguas vocês acham que falam melhor?
L2: ah u espanhol... porque cum uma persona que fale beim espanhol é lindo né? eu ašo lindo sim... se expresá (...)
Doc: e vocês têm alguma dificuldade para se expressar somente em espanhol?
L2: más o menos... digo por falta de costume
Doc: que progamas de televisão vocês olham mais?
L1: ah eu olho fútbol... é só o fútbol
Doc: e quais canais uruguaios ou brasileiros?
L1: argentino
L3: ele olha qualquer um brasilero uruguaio castiano... o que seža
L2: porque a maioria aquí olhemo os canal brasilero
Doc: e programas de rádio?
L2: e::: ...bastante música brasilera também
L1: a mí me gusta a música daqui ... sí em espanhol kumbia
Doc: e lá fora em campanha que música se escuta?

L1: lá é cuaše só kumbia... lá se agarra cuaše só kumbia
Doc: o que vocês acham da forma de vida aqui na fronteira dos uruguaios e dos brasileiros?
L1: pra mim... aquí ta beim não?
L2: aqui tá beim porque nós temo a frontera não é? por ejemplo ... agora vivemo más barato aquí o más barato lá
L1: ( ) mas pra fora ali pro lado de Tacuarembó ahí é::: é brabo ahí ...
Doc: pra lá tá mais difícil?
L2: porque a maneira de se sustentá se compra ... aša en Santana
Doc: vocês gostam de morar aqui na fronteira?
L1: toda a vida não?
[
L2: sim
L1: si vou si vou ahí pru sentro ...
Doc: pro centro de onde?
L1: aquí du Uruguay... ahí é brabo de vivé não?
Doc: e o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
L1: a iso tá beim du contrabando tá beim
Doc: por quê tá bem?
L1: sí porque ...hay šente que não presisa y anda contrabandeando não? y uns... como nós é filho de um pobre nos sacan e deišan us rico ... iso tá beim esa ley du contrabando
Doc: de cortar os contrabandos grande?
L1: ( ) é o único šeito que esa šente du sentro agora vai arrumá e vão trabaiá ( ) us mercado e isso...
L2: bueno este eu ašo que:: que tá beim porque según as autoridade disem que cortando u contrabando vai aumentá u trabaio ... si é asim... temo loco de contento
L1: ... uma otra cosa que tá beim também qui é limpá eses mercado que tá ženo de mercados que teim... teim verdura por/enté por as veredas u caišão... que a žente teim... u peatón que veim de a pé teim que::: šegá en frente deses mercado e teim que saí pra caže ( )
Doc: ah... eles vão fazer isso?
L1: vão fasé sim limpá eses tudo que teim nu mercado u buliše vai sacá tudo da vereda ... levá tudo pa dentro ( ) vão fasé sim não é?
L3: sim que vão limpá as vereda sim... us treiler... ahora cuando entrase u novo prefeito que não sei si ža entró o novo Prefeito ... cuando entrase u novo Prefeito vão retirá todo us treiler daqui ... das calsada porque tão ocupando lugar (...)
L1: aqueles treiler que tão na Plasa Internacional ali aqueles que tão na vereda ali ... parese que vão botá pa dentro da plasa ali ... pa deišá o... pa dešá as vereda pa u peatón de a pé... eles enšem de sia y de mesa ali y não pode pasa ningueim... por iso que se dá us asidente no es?... tão as vereda tapada de caišão de verdura y mercado... veim um:: uma persona ou uma mulher veia... uma persona veia y y sai pa pa pra caže y não oia prus lado y veim um auto y levanta pra arriba no?
Doc: é um perigo
L1: seguro qui é... por iso que vão fasé esa... esa limpesa asim não ter más nada en las veredas nunca só pra šente pasá
Doc: ah tá e a situação económica aqui em Rivera como está?
L2: ah bastante braba tá... eu digo asunto da mercaderia brasilera como estaban sacando dus comersio aquí de Rivera... iso ... este si eles sacam este... por ejemplo us comersiante daqui de Rivera não vão vendé nada ... porque por ejemplo cuantas familias que nós temo/ que moram aquí entonse vão ali em Santana y compram y

128		sustentan ( ) agora só unicamente vai peršudicá os que não podem
129		pasá a Aduana ... ahi si não vão (...)
130	L3:	pero aquí o Presidente dise que mientras não estabilisasen us presio
131		que más o meno igualasen us presio daqui de Rivera ele não ia ...
132		este... perjudicá u povo de Rivera... al meno foi oque o
133		Presidente dise... que ele ia tomá medida cuando estabilisasen us
134		presio
135	Doc:	mas a gente agora vê nos "almacén" produtos só uruguaios?
136	L1:	todo uruguažo... u otro día acá na Presidente Viera tinha uma
137		pobre muier veia ... veio faló cum a televisão ahí ... teim deš
138		fio ... y ela trabaia cum požo al espiedo... u otro día vieron
139		us da inspesão sacaron y levaron oito požo asado que ela tinha e
140		žegaron y levaron nomás os oito požo asado porque eran požo
141		brasilero ((risos))
142	Doc:	ah:: e levaron assado?
143	L1:	levaron asado sim ela tinha feito pa mediodia pa pa vendé não?oito
144		pošo al espiedo sacaron ...y taba beim braba esa muier veio faló na
145		televisão ahí que tinha oito fio pa mantener tá beim que::... que não/
146		que disesem pra ela que não vendese más pošo mas que deišasen
147		us pošo para dá prus fio comé com ela e levaron (...)
148	L3:	pero esos son probalesidos us aduanero como taban brabo cum u
149		Presidente ...
150	Doc:	mas quem é que faz isso ... os "aduaneros"?
151	L2:	os que taban sacando eram os da Aduana porque o Presidente dise
152		que iso era cosa da Aduana pra resolvé...
153	L3:	não era cosa da Aduana sim... não era cosa du Presidente... pero
154		agora fas dois o tres dias que diseron que taban por ahí
155		desbalijando tambeim não é?
156	Doc:	e as pessoas que viajam?
157	L1:	ah não pode levá nada... sacan tudo tudo
158	L3:	ay alguns quilos de cosa que eles deišam pasar não sendo muinta
159		cosa...
160	L2:	este us onimu taméim... us onimu taméim...dus onimu teim sacado
161		cualquer cantidade... por ejemplo este os que vão pra Montevidéu
162		sacan en Manuel Díaz ou sino aquí en Curticeira ...y os que vão pa
163’		Vichadero agarran y sacan aquí na vintesete no quilometro um

Entrevista No 19

GRUPO B

INF. B 9

Nome: L1 (OF)
Idade 44 anos
Sexo: masculino
Profissão: mecânico
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

1	Doc:	que língua fala mais português espanhol ou ambas?
2	L1:	as duas
3	Doc:	que língua aprendeu primeiro português espanhol ou ambas?
4	L1:	ah... o espanhol
5	Doc:	o espanhol na escola?
6	L1:	sí sí
7	Doc:	que língua fala com a sua esposa?
8	L1:	eh::... portugués

Doc: e a sua esposa com você?
L1: tambéim fala en portugués
Doc: com os parentes?
L1: bueno a mitad en portugués y a mitade espanhol
Doc: e os parentes contigo?
L1: tudo en portugués... que pasa que tengo muinta subrinha... piquena y falam espanhol
Doc: com as sobrinhas então em espanhol?
L1: sempre em espanhol
Doc: e como os vizinhos?
L1: portugués
Doc: com os colegas de trabalho?
L1: todo portugués
Doc: o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira?
L1: pra nós é bom porque nós temo acostumado né? nós... practicamente se criemo falando ese idioma ... eu ašo bom
Doc: como tu te sente falando com pessoas que não falam o dialeto?
L1: eu me sinto beim... eu entendo as pesoa e tudo...
Doc: omo tu chama ao dialeto falado na fronteira?
L1: iso é uma mescla de portugués cum espanhol
Doc: como tu chama a essa mescla?
L1: un portunhol... claro seria un portunhol
Doc: e com quem aprendeu?
L1: cum us amigo ((risos)) na caže sí cum us pai prinsipalmente não?
Doc: já teve algúm problema na escola por falar o dialeto?
L1: no nunca nunca
Doc: para se expressar somente em espanhol tem algum problema?
L1: no no tengo problema ninguno... as duas beim de beim
Doc: qual das línguas acha que fala melhor?
L1: bueno como tó acostumado pra mí é o dialeto
Doc: e fala o português?
L1: sí si teim que falá eu falo entendo y si tengo que falá espanhol não tenho problema ningún... tampoco
Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência, brasileiros ou uruguaios?
L1: brasilero
Doc: você acha parecida a sua forma de falar com algum tipo de programa que você assiste na TV brasileira?
L1: du Brasil?
Doc: sim
L1: no no é diferente
Doc: por quê?
L1: y não sei ... porque eles teim u sutaque deles não é? y nós temo o noso sotaque
Doc: ue programas de rádio escuta com mais freqüência brasileiros ou uruguaios?
L1: ah... cuando escuto é futibol nomás... los partido de fútbol
Doc: que tu acha da forma de vida dos brasileiros e uruguaios?
L1 aquí na frontera?
Doc: sim
L1: uma boa amistad tambéim não?
Doc: em muintos amigos?
L1: tenho muintos amigos brasileros tenho... trabalhei muito tempo no Brasil tambéim... sí pa mí somo igual
Doc: e o que tu acha do tema do contrabando atualmente?
L1: ah... BUEno ((risos)) ahí ese não... nesa parte ahí eu não... não me

65		meto nesa parte ...((risos))
66	Doc:	não opina
67	L1:	não opino
68	Doc:	bem ... tu achas que é bom morar aqui na fronteira... ser fonteiriço?
69	L1:	u ašo que sí
70	Doc:	por quê?
71	L1:	porque aquí é um paraíso... por la fronteira e pelos dois países
72		žunto né?

Entrevista No 20

GRUPO B

INF. B 10

Nome: L1 (AS)
Idade 33 anos
Sexo: masculino
Profissão: mecânico pintor de carros
NSE: C
Escolaridade: 2º grau completo

1	Doc:	que língua tu fala mais em casa o português o espanhol ou
2		ambas?
3	L1:	be eu e a minha senhora falemo en... en portunhol que não é
4		portugués neim espanhol... pero cum us gurí sempre se fala en
5		espanhol cum eles... eles todos falam espanhol
6	Doc:	com teus filhos?
7	L1:	sí
8	Doc:	por quê tu não fala portunhol com eles?
9	L1:	porque::: por a escola y tudo favorese que eles falem espanhol
10		porque eles...( ) na escola y podem se desenvolvé meior... ( )
11		porque nós cuando era por ejemplo... cuando fumo nu/co na escola
12		...tivemos muinto problemas por o portunhol...não se entendía y
13		então entonse agora se presisa ( ) falá espanhol cum eles...( )
14	Doc:	e tu lembra de alguma coisa que te aconteceu na escola?
15	L1:	ah muintos error por ejemplo... palabras que eu confundía...( ) por
16		... por u portunhol... porque en casa se falaba y šegaba na escola
17		falaba espanhol... y:: se falaba mal ...
18	Doc:	e os teus pais falavam em portunhol?
19	L1:	sim mia mãe e meu pai todos falaban ... en casa sempre se faló
20		portunhol
21	Doc:	e continuam falando?
22	L1:	agora cum cum us neto eles tão más falando en espanhol...( )
23		todos os neto falam em espanhol
24	Doc:	o que tu acha do dialeto falado aqui na fronteira?
25	L1:	é:: bom porque todo mundo fala pero... não é neim brasilero...
26		neim é portugués ni espanhol eh:::...pero todo mundo fala é bom
27		... todo mundo se entende
28	Doc:	tu acha que é bom... e tá bem que continue assim?
29	L1:	no serviría nu nu colésio... así no nos serviría
30	Doc:	qual das duas línguas tu acha que fala melhor o espanhol ou o
31		dialeto?
32	L1:	ah espanhol
33	Doc:	qual língua tu acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira?
34	L1:	pa na frontera no hay problema porque se fala geralmente

us tres idioma aquí ((risos)) cualquer um se entendería... não tería problema nus tres idioma aquí na frontera não sentiría problema nenhum

Doc: tu acha que os três são uteis então?

L1: não se um pudese falá espanhol beim falado y portugués beim falado sería meior né? pero u portunhol se entendería us dois igual

Doc: mas pra trabalhar hoje qual é mais necessário?

L1: pra trabaiá? según o trabaio no... por ejemplo nós aquí não temo problema pero... se fose trabaiá.nu:: Free Shoop o nu comersio ahí nu sentro debería falá beim espanhol... depende da profisão

Doc: que língua tu acha mais bonita?

L1: ah espanhol

Doc: que programas de televisão tu vê mais... brasileiros ou uruguaios?

L1: no ... cum us cable agora se ve más programa uruguaio... sim porque hay más diversidá de canal uruguaio que cum língua espanhola que língua portuguesa

Doc: e tu acha que isso está favorecendo às crianças?

L1: ah tá favoresendo sim sim as criansas agora geralmente todos oian ... canales cum... língua espanhola... e antes cuando não tinham cable aquí... se via muinto a Globo era só a Globo prácticamente ... agora teim uma cantidade ahí

Doc: o que tu acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros aqui na fronteira?

L1: ah tudo... isto aquí... é tudo en amistad porque brasilero e uruguaio aquí no hay diferensia neiuma por uruguaio entrá pra lá beim e brasilero fica pra acá beim tranquilo que não sabe se é uruguaio o brasilero só cuando ele fala ((risos)) ... sólo futibol ((risos)) só na hora de futibol que ahí sim ( ) desavensa...pa ahí teim problema ahí sí

Doc: estão bem integrados

L1: tão beim integrado sim us dois... as dua sidade tão beim integrada todos se dão beim

Doc: e o que tu achas do contrabando aqui na fronteira?

L1: o contrabando... pa eu ašo que o goberno teve beim porque u contrabando tinha um pre□uiso tremendo para u Uruguai favoresia a pocos... favoresia a pocos y:: pero é um grande problema que teim u Uruguai com contrabando...porque cuanta industria y tudo não trabaia aquí nu Uruguai por u contrabando

Doc: então tu achas que as medidas são boas

L1: são boas sim

Doc: e com relação as medidas aqui com os comercios?

L1: para a frontera?

Doc: sim

L1: pero ( ) medida comersio aquí na frontera não não hove grandes medida... us comersio estão trabaiando todos normal como trabalhaban antes nomás

Doc: mas não estão deixando mais vender produtos brasileiros nos comercios

L1: más nos du sentro... porque os daqui du bairro aquí trabaian todos beim todos trabaian beim ... nu sentro ( ) nu bairro não pasa nada

Entrevista No 21

Grupo B
INF.B 11
Nome: L1 (ES)
Idade 37 anos
Sexo: masculino
Profissão: pintor de carros
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

Grupo A
INF.A 15
Nome: L2(PS)
Idade: 20 anos
Sexo: masculino
Profissão: pintor de carros
NSC: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

Grupo C
INF.C 10
Nome: L3 (HDS)
Idade 53 anos
Sexo: masculino
Profissão: pedreiro
NSE: C

1	Doc:	tinha que parar o contrabando? por quê?
2	L1:	tinha que parar porque lá nu sentro du sentro ningueim trabaiaba
3		prácticamente (...)
		[
4	L2:	não contrabando en grande escala ...us camião que pasan
5	L1:	as grandes fábricas (...)
6	L3:	contrabando furmiga não...
7	L2:	pero us camião que levan ... camião cum coca cola camião cum...
8	L1:	as empresa...que empresa no Uruguai vos ( )que funcionó? todas
9		se fundían ... Montevidéu e o sentro todas se fundían trabaiaban ( )
10		pero no no não podem trabaia si practicamente (...)
11	L3:	u cara que leva deš quilo de asúcar ... sinco quilo de erva ...deš
12		quilo de feizão pra Tacuarembó pra fašer un peso ... ese é u
13		contrabando furmiga ese não ... agora o que leva (...)
14	Doc:	mas tão pegando a esse também não?
15	L2:	sim ta ese sim
16	L1:	agora tão deizando ... liberaron un poco sí
17	Doc:	((a continuação os informantes respondem ao questionário
		sobre a língua que falam)) que língua vocês falam mais em casa?
18	L1:	portunhol
19	L2:	eu espanhol
20	Doc:	e o portunhol onde tu falas?
21	L2:	aquí nu trabaio
22	Doc:	só no trabalho?
23	L2:	sí no trabaio na caže por ahí
24	Doc:	na tua casa os teus pais não falam em portunhol?
25	L2:	falam sim mas nas casas sempre falemo en espanhol
26	Doc:	que língua aprenderam primeiro?
27	L1:	o::.. portunhol ese ... desde dus pai ža aprendemo a falá en
28		portunhol ... desde piqueno foi o portunhol ese
29	L2:	eu espanhol
30	Doc:	ta bem... e com os vizinhos?
31	L1:	en portunhol tambéim porque us višinho a maioria en portunhol
32		só algún espanhol
33	L2:	depende o višinho ... teim višinho qui é espanhol... teim višinho
34		portunhol ... depende depende a pesoa
35	Doc:	e com os parentes?
36	L1:	cum os parentes ums en portunhol otro en espanhol

L2: espanhol generalmente espanhol
Doc: nas lojas?
L1: si é aquí si é nu nu Uruguai en espanhol si é nu Brasil en portugués
L2: aquí en Rivera ... espanhol y lá en Santana ... portunhol
Doc: e com os colegas de trabalho?
L1: portunhol
L2: portunhol
Doc: bem ... o que vocês ašam du dialeto falado aqui na fronteira?
L2: eu ašo qui é fásil de se expresá né?... é más fasil aquí na frontera de se expresá aquí na frontera é u dialeto
L1: si desde piqueno um aprendemo a falá ese idioma:: é:: comum falá iso ahí ... não saberia como compará ele cum otro
L2: claro generalmente ... u.portunhol dialeto é não é?
Doc: uhn
L1: é más fásil pa por ejemplo para mí é más fásil falá portunhol que u o propio espanhol ...más difisil falá u espanhol para mim que u portunhol ese
Doc: ah:: tá então tu tem problemas pra te expressa em espanhol
L1: sim teim que ... não ve que teim que::... traduší mentalmente teim que traduší o que tu vai falá o... espanhol teim que pensá antes de falá espanhol (...)
L2: so por influensia do idioma brasilera no?
L1: claro... non y se criemo así... só que teim antes de falá teim que pensá antes de dišé para não para não dišé u para não falá u portunhol
L2: falá mal o meio ... portunhol y espanhol meio atrabesado
Doc: vocês já sairam daqui de Rivera e foram paro o interior?
L1: só a paseá nomás
Doc: e em que língua falavam?
L1: ah lá espanhol no? ... trataba de falá o menos posível então falaba u necesario mesmo sinão ((risos))
L2: claro por más que se esforsa más por falá o espanhol beim ...claro de ves en cuando sale algo meio meio (...)
Doc: e as pessoas reconheciam que vocês eram daqui?
L1 e L2 reconhesiam
L1: u asento ficaba igual u asento fica ese portunhol
Doc: e sentiam vergonha?
L1: não
L2: no eso no
Doc: bem ... então vocês se sentem bem falando o dialeto?
L1: sim ... mas na verdade eu si pudiera yo gustaría de té aprendido a falá u espanhol ... não u portunhol ... beim de beim o espanhol porque o espanhol é o idioma du de um ... semo uruguaio é ser espanhol ... seria bom porque adonde fose taba falando o teu idioma e ta falando beim e ese portunhol um não fala muinto beim
L2: não é um idioma é um dialeto
Doc: teus pais nunca falaram portunhol contigo?
L2: entre eles falam pero asim é entre eles nós asim não
Doc: qual das línguas vocês acham que falam melhor?
L2: y eu acho que u dialeto no? u dialeto y despós u::... espanhol portugués não é ... é ese dialeto mas portugués en si no não falemo beim
Doc: qual das línguas vocês acham que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
L2: ah eu ašo que u dialeto né? dialeto porque um fala cum us brasilero e fala cum us uruguaios y é o que tudo mundo entende

L1: aquí tudo mundo entende ese portunhol
Doc: têm brasileiros que falam em espanhol com vocês?
L1: muinto pocos
L2: muy difísil muy difísil ...eu ašo que fica muy difísil pra eles falá em espanhol não sei si será ... u idioma difísil
L1: eu ašo pru pru us brasileros más difísil falá em espanhol ou eles não se importam por falá espanhol ... é más nós us uruguaios daqui de de Rivera que ... que falam que teim que falá em portugués do que eles dus portugués tentarem falar espanhol
L2: eu tenho visto u brasilero tentá quere tentá falá en espanhol y no no... sai tudo mal non consegue nada...se ve não sei no sé si será más difísil
L1: portugués mesmo nunca se viu um portugués falando ese portunhol o que é de Livramento ele só fala em portugués memo ... não fala o portunhol... aquí em Rivera que falam o portunhol ese ... pero em Livramento só falam em portugués
Doc: e sobre o contrabando aqui na fronteira ... o que vocês podem me dizer?
L2: sobre o contrabando?
L1: o contrabando ... la verdad como eu le diše ... foi bom pru país foi bom né? pru país é bom porque (...)
L2: mas na frontera afetó muito
L1: na frontera até agora ta afetando... pero tinha que seguí así e haša uma manera otra manera pa arreglá a frontera pero... diría que tinha que seguí trancando u contrabando memo porque é uma manera de du país podé ir pra frente senão?
L2: trancando u contrabando fašé fuente de trabaio... aquí na frontera teim muinta familia que que se manteim com iso... contrabando ...contrabando poco no? não é camião... contrabandista piqueno
L1: sim o que ta mal é eses camião eses camião que levam ... ou esas camioneta šeia de cosa iso tá mal ... agora ese contrabando como ele disia de bolso... du bolso ese teim que deišá porque... iso é uma cosa que a žente veve diso y o qui é não vai ficá rico levando de un bolso u algo contrabando...
L2: ( ) só pra sobrevivé porque... nada más que iso

Entrevista No 22

Grupo C
INF.C 10
Nome: L1 (HLS)
Idade 53 anos
Sexo: masculino
Profissão: pedreiro
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

Doc: o que o senhor acha do dialeto falado aqui na fronteira?
L1: por iso le digo pra comunicasão... este:: é mior u dialeto...porque tanto nas lo□a lá nu Brasil y falemo cum u dialeto eles nos entendem...y eles veim aquí y nos falam dialeto y nós entendemo eles...
Doc: como o senhor chama a esse dialeto?
L1: portunhol

Doc: com quem aprendeu esse dialeto?
L1: mire más bien en el trabajo y:: na caže con los otro compañero con los amigo
Doc: em que língua falava quando era pequeno?
L1: espanhol ...sí porque yo aprendí a hablar en Montevideo
Doc: teve dificuldades para aprender espanhol na escola?
L1: não não ... não porque como eu cuando entrei na escola eu falaba só espanhol...
Doc: veio de Montevidéu
L1: claro... u portugués aquí portunhol não entendía nada...tinha catorse ano y não sabía uma palabra... inté que fui trabalha lá... en Santana nu Palasinho... y ahí tibe que aprendé u dialeto... mais ou meno...porque na mía casa...bueno a mía mãe é viva y o finado meu pai ...bueno y todos nós...des irmão sempre espanhol
Doc: qual das línguas acha que fala melhor?
L1: ah el espanhol no?
Doc: qual delas acha que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
L1: oia... mais útil aquí na frontera é::... o dialeto né? portunhol é más útil más comunicasão
Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em Livramento e o dialeto falado na fronteira?
L1: ah hay diferencia... principalmente de pronunciación...porque nosotro e:::en el dialeto... este:: ... muchas palabras en español la traducimos en brasilero pero no la traducimo bien...por ejemplo aquí el gasoil ... lá es diesel y aquí nós vamo disé disel não disemo... disemo gasoil... é uma palabra que não existe só aquí nu dialeto mesmo entendeu?
Doc: o que o senhor acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros aqui na fronteira?
L1: mire... pra mim ... é algo que existe só nesta frontera uma integrasão total... tanto cultural como sosial...porque não teim não teim um ... uruguaio que não tenha um parente brasilero y não teim um brasilero que não tenha um parente uruguaio... integrasão total pra mí é...
Doc: ta bem ... e sobre o contrabando aqui na fronteira?
L1: y o contrabando é como eu le dise... contrabando teim que cortá u contrabando em grande escala poque fas mal pru país ... pero contrabando furmiga ansí... que levam por ejemplo pra un surtido pra se ( ) o levam de des vinte quilo pra sobrevivé... iso não podeim cortá nunca ... porque ahí tão cortando uma fonte de trabaio y::... tambéim ... por esemplo... aquí em Rivera por esemplo... cortam u u contrabando furmiga ese...Tranqueras Vichadero y Corrales que vevem dis/da mercaderia que vai daqui...é um tremendo problema social pra eles... porque mientra venha de Montividéu vai pasá um mes o dois mes y ahí Ø que descontam viste? teim que i pra esas localidade... mercaderia brasilera

Entrevista No 23

GRUPO C

INF. C 10

Nome: L1 (ES)
Idade 71 anos
Sexo: masculino
Profissão: pintor de carros
NSE: C
Escolaridade: 1o grau incompleto

Doc: que língua fala mais na sua casa o português o espanhol ou ambas?
L1: ambas
Doc: que língua aprendeu primeiro?
L1: portugués
Doc: em que língua fala com seu filhos?
L1: ambas ...espanhol y:: portugués
Doc: e seus filhos com o senhor?
L1: más beim falemo portinhol
Doc: e com a sua esposa?
L1: igual
Doc: e com outros parentes?
L1: ums este::..teim ums cuantos falam só este castiano y otros falam este::... portinhol inclusive eu tenho uma fia qui é casada cum brasilero... tenho uns neto que son brasilero y ela fala en brasilero... eža taba aqui areseim... ela mora nu Brasil né?...este eu tenho... eu tenho familiar meu qui são brasilero né? meus avo eram brasilero...
Doc: ah é? de onde eram seus avôs?
L1: eles eram du Rio Grande mas este:: não... eu não poso dá a data não me lembro por causa que eu::: cuando eu cunhesí eles eles ža eram... cuando eu tive cunhesimento de eles eles ža eram veinhos y algum inclusive tinha o meu avo y dois ermão... eles vierum du brasil... vierum pra pra para Rivera pero pra u interior né? de Rivera campanha y o::::... mas não teim nenhum teim... só esiste da mía famia uns primos... que eram fios de uma um primo da mía mãe y fica uma ermã da mía mãe só da mía famia... era uma famía grande também... tenho uns primos moram em Montevidéu...
Doc: ah... então o seus pais aprenderam a falar português com seus avôs?
L1: é sim... aquí na mía sona que é da cuarta sesão de de da du departamento de Rivera e... falam más em portinhol né?
Doc: e o que acha do dialeto falado aqui na fronteira ... é bom é ruim?
L1: não é bom né? a žente se habituó a ele... nós este se se econtremo cum si fala en castiano este en... vou falá en portinhol o sea en brasilero pra nós é o mesmo... é o mesmo não não neim diferensiemo no hay diferensa de um a outro no? porque eu falo este em brasilero trato cum us brasilero diariamente eu faso negoseio compro lá... todos us dias y::: mas também cuando toca a falá aquí eu troco u idioma num pasá... neim conta a žente se dá né? é normal... é asim como to falando ahí... é::: é o mesma cosa de que disé toy hablando aquí ... no es? porque es lo mismo...
Doc: dependendo a pessoa... troca
L1: ( ) às ves se ta falando cum cum tres pesoa que tão žuntas uma fala

im portugués ou duas y as otra falam este:: im castiano y a žente fala cum um y cum otro no é? nós semo así aquí y neim se dá conta dá diferensa não? é normal natural

Doc: e quando fez a escola teve alguma dificuldade para aprender o espanhol?

L1: cuando eu impesei a ir nu colé/ na escola o nu coléžio eu tive alguma serta dificultade por causa que se falaba na sona que eu moraba se falaba muinto poco in castiano... lá na cuarta sesón... lá šamabam La Calera... inclusibe eu nasí ahí... eu morei até onse anos... despós eu vim pra acá

Doc: fez escola lá então?

L1: não impesei lá y terminei aquí...

Doc: qual das línguas acha que é mais útil conhecer na fronteira?

L1: bueno pra nós que semo cast/ este uruguaio é lóžico que teim que sé u uruguaio no é? u uruguaio porque que disé nós temo más os noso familiar ža tão morando más nu Uruguai mas como eu tenho familiar nu Brasil as duas línguas son boa... pra mim son boas as duas no?

Doc: o que acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros?

L1: pra mí modo de pensá é bom...não é? porque a žente... este trabalhando tanto lá nu Brasil o tanto aquí a žente veve igual... sempre:: a žente procura como im todo lugar em todo lado... procura donde convéim donde está más más económico donde é más barato

Doc: e o que acha do contrabando aqui na fronteira?

L1: o contrabando aquí... eh a nosa sidade aquí não teim industria y::: a não sé a:::... Intendencia que sería a Prefeitura y alguma trabaio de construsão este::... depóis é tudo trabaio é trabaio de campo de šacra não é? este não é não é não teim industria... entonse que dišé que teim mUINta žente... que ve/ mora veve du du de comprá a ves teim queim pasá contrabando grande mas a maioria da žente veve vendendo é poca cosa... levam más pra u interior du Uruguay o o trasem os comersio daqui mesmo tudo é... us armasém daqui cuaše tudo vende más cosa brasilera que uruguaia não é? até que nós taba desacostumado de té muinta cosa uruguaia...

Doc: e agora tem né?

L1: agora teim mas é:: mas a žente não se habitua igual por causa que nós temo acostumado a comprá im Livramento que:: eu como eu sempre comprei... fis o meu a mía compra de fim de semana u ranšo né? im Livramento sigo comprando a mesma cosa... eu sigo comprando o mesmo

Entrevista No 24

GRUPO C

INF. C11

Nome: L1 (WD)
Idade 54 anos
Sexo: feminino
Profissão: professora aposentada
NSE: B
Escolaridade: Estudo superior completo

Doc: que língua fala mais em casa... o espanhol o português ou ambas?
L1: portunhol portunhol ambas
Doc: que língua aprendeu primeiro?
L1: primero portunhol...
Doc: que língua fala com seus filhos?
L1: espanhol
Doc: com outros parentes?
L1: portunhol
Doc: com seus vizinhos?
L1: portunhol
Doc: nas lojas com os empregados?
L1: depende si:: falam portunhol portunhol si hablan espanhol espanhol
Doc: com as colegas de trabalho com as "maestras"em que língua falava?
L1: ah:::...depende si las maestras eran ... conocidas y del barrio...era portuñol aun en la escuela y aun con los inspectores sabés?
Doc: ah os inspetores também falavam?
L1: sí::...este:: por ejemplo Silvio Cabrera empezábamos en español y terminábamos en portuñol...porque como es la lengua materna de acá ...este uno empieza pero llega un momento que como sabés que aquel otro habla en portuñol y si es posible te dice algo brasilero... "vamo seguí falando en portunhol"...
Doc: claro ... é mais familiar ... integra mais as pessoas
L1: claro claro sí sí ... es integradora
Doc: e o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira?
L1: bom ... é/es la lengua é a língua materna não é? du du lugar é a língua que nos aprEndemos a falar desde que nasemos...este é uma cosa que:::... é como uma cosa carinhosa é uma cosa que um leva adentro que teim que falá porque:: ...é o que tu aprendeu...
Doc: então acha bom?
L1: ah eu ašo EXElente não ašo bom ... eu ašo qui é uma cosa qui um teim que defendé... porque muintas criansas nasidas aquí falam asim... en portunhol ...y šegam na escola y:: ... querem que fale u espanhol y EU cum meus alunos... muintos deles comesaba falando portunhol porque era como eu podia šegá más neles ... está más en contato cum eles e pra que eles tivesem a liberdade também de pode falá e se expresá ...du contrario se cerraban y no hablaban nada ...
Doc: uhn ... e chegou a alfabetizar a muintos deles... a trabalhar com os primeiros anos?
L1: cuaše todos/casi todos los años que trabajé tuve primero y segundo... cuaše todos os anos que eu trabalhei que forom vinte e sete trabalhei espesíficamente com primero y segundo...y o meus alunos... meus alunos eram excelentes lectores... excelentes contadores muinto a leitura...
Doc: não discriminava o portunhol então

L1: lóšico... y trataba de::... usando u espanhol corre□í aqueles términos que eles não falaban beim en espanhol

Doc: claro... muitos dos entrevistados falaram dos problemas que tiveram na escola

L1: claro as criansa teim pero si um... toma o problema como uma cosa que não pode sé que teim que deiša de lado...então não pode té oportunidade de corre□í

Doc: claro... não da pra reprimir a criança

L1: claro não dá pra reprimí... ao contrario teim que insentivá que ele use aquela língua que ele se sinta más cómodo pra que ele posa se expresar y ahí tomá como base pra corre□ir...

Doc: claro eles entram e têm como língua materna o portunhol e o espanhol nem conhecem são pequininhos...

L1: claro é como um idioma novo que eles teim que comesá a aprendé

Doc: e você se sente bem falando o portunhol com pessoas que não o falam?

L1: ah sim perfeitamente sem problemas... es una língua que yo aprendí y hablar desde que nací pero también cuando incorporé el español lo incorporé en forma así ... se ve que bien porque nunca tuve ningún problema y ni para enseñar ni para hablar ...así como una persona aprende bien el inglés y se siente bien hablando el inglés o el español... también uno se siente bien hablando el español y el portuñol... porque portugués portugués nunca lo aprendí bien

Doc: e quando entrou na escola teve problemas para aprender o espanhol?

L1: pienso que no... porque una cosa que yo recuerdo... un niño que tiene problemas en en usar el español... en cuarto año cuando el niño empieza a escribir y redactar solo... yo me acuerdo que cuando estaba en cuarto año ... yo hacía mis... redacciones y hacía las de mis compañeros tres o cuatro siempre me pedían que les escribiera algo entonces siempre cosas diferentes... entonces quiere decir que nunca tuve problemas

Doc: bem já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam ?

L1: ah sim... sí principalmente los montevideanos... cuando vienen a la frontera y dicen "que horror esa lengua" y muchos este inspectores inclusive... cuando venían a visitarnos que venían de Montevideo decían "no se debe usar... un maestro no puede hablar en portuñol"... pero yo nunca les hice caso porque yo veía que la necesidad de mis alumnos... era de que yo puDIEse conversar con ellos en la forma que ellos se comunicaran ... inclusive había niños que llegaban a la escuela y llegaban y decían "maestra yo quiero que tú me enseñes"... porque ellos sienten como que hay... puede haber algún rechaso no?

Doc: claro claro isso é muito bom... e chegou a falar com algum inspector" sobre isso?

L1: ah sí yo siempre defendí el dialecto

Doc: sempre chamou de portunhol ao dialeto?

L1: não eu... eu pensaba que falaba u portugués... pero despós cuando eu fui cresendo que eu um enfrentá situasões de conversá com otras pesoas que falam portugués um se dá conta que fala cantidade de palabras que não teim nada que vé cum... então ahí me di conta que não era um portugués era um dialeto... uma língua espesial... uma mescla querida...

Doc: e com que língua se identifica mais... com o dialeto ou o espanhol?

L1: no meu corasão tá u dialeto pero cualquiera de los dos
Doc: que língua acha que é mais importante conhecer hoje na fronteira?
L1: sempre é bom conheser beim uma língua né?... um se dá conta cuando vai falá cum otra pesoa que fala beim u portugués que um não sabe o portugués neim escrevo o portugués seria bom conhesé beim pra:: podé falá y escrevesemos
Doc: mas qual seria hoje de maior utilidade para a fronteira?
L1: penso que u dialeto nunca vai ser substituido... não?
Doc: que programas de televisão vê com mais freqüencia?
L1: bueno eu gosto de oiá este de vé programas este ao vivo tanto em portugués como em espanhol ...
Doc: vê programas brasileiros e uruguaios
L1: ah sí brasileros e uruguaios
Doc: identifica a sua forma de falar com os programas brasileiros?
L1: não é como qui ve y esqueseu ... ((risos)) não incorporou nada
Doc: o que acha da forma de vida dos brasileiros e uruguaios aqui na fronteira?
L1: ...u uruguaio este::...fala más u portugués qui u brasilero u espanhol parese que si eles fosem falá u espanhol eles... só falam si estão siguros... nós falamos porque... ža estamos acostumados
Doc: e que o dialeto existe aqui e todo mundo está acostumado a falar... né? tá bem... e que me pode falar sobre... o que acha do o contrabando aqui na fronteira atualmente?
L1: ah u contrabando é um mal que teim uma raís muinto profunda não?... este sempre se dis que o mal hay que cortar por a raís... pero é um mal ... que não deveria existir ... pero asim como existe o dialecto sempre existiu penso que u contrabando vai sé muinto difísil de (...)
Doc: é e mais numa fronteira ...
L1: aberta com tantos ( ) frontera seca
Doc: e as medidas que o presidente está adotando?
L1: eu ašo que tá/teim que aplicá porque é uma cosa que... u país perde ... pierde su identidad a travéz del contrabando... pierde pero:::...es es dificil va a ser difícil
Doc: tá bem... e o que acha da integração aqui na fronteira?
L1: o mior qui teim não? não teim otra cosa mior... nós amamos us brasilero y tó sigura qui eles nós amam... este eles são simpáticos são... nós cum eles... temos familiares que moram em Livramento familiares brasileros que moram aquí ... que trabaim lá que eles moram lá trabaim aquí... é uma integrasão grande
Doc: você acredita que existe uma identidade fronteiriça?
L1: ah sim... claro hay sim... cuando uno viaja para...otros lugares por ejemplo para Buenos Aires y dicen "y ustedes de dónde vienen son del Brasil?" no somos de la frontera con Brasil ... y si viajamos a Brasil vamos a San Pablo por ejemplo "y voses de onde são... são este de:::... baiano... voses são baiano"... nós somos uruguaios...
Doc: ah:: baianos... e por quê será que baianos? será pelo sotaque acharam ... acham diferente
L1: sotaque puede ser
Doc: tá bem então... muito obrigada

Entrevista No 25

GRUPO C

INF. C 12

Nome: L1 (CB)
Idade 60 anos
Sexo: feminino
Profissão: empregada doméstica
Escolaridade: 1o grau completo

1	Doc:	*((a informante começa contando como era a sua vida quando morava em campanha))* me tava contando hoje da sua vinda para aquí e que os tempos eram outros...
2	L1:	claro claro eram otros sim...
3	Doc:	sim... e como eram os tempos?
4	L1:	eram lindos eram na campaña pero era lindo biste?
5	Doc:	uhn
6	L1:	a šente pasaba lindo tranQUIlo ... agora un veio pra perto é uma
7		correría de loco ((risos))
8	Doc:	trabalha muito aqui?
9	L1:	trabaio bastante ... y depois não é qui é uma coisa y otra biste? sempre ...
10	Doc:	uhn
11	L1:	com a gurisada me vežo loca ...
12	Doc:	sí... tiene muchos (...)
13	L1:	se fose só nós os dois não era nada pero tenho os dois
14		dois guri ...
15	Doc:	uhn
16	L1	os gurí grande ... nas casa é...
17	Doc:	tiene que cuidar
18	L1:	y a piquena se me vai os viernes pa lá
19	Doc:	queda queda toda la semana aquí con usted o ella va a visitarla?
20	L1:	claro vai sábado o viernes de tarde y se vai domingo cuando
21		fas calor ela se vai viernes de tarde
22	Doc:	aha
23	L1:	y domingo se veim
24	Doc:	y los viernes ... por qué va va a pasear? se queda todo el fin de
25		semana? ... la extraña bastante?
		[
26	L1:	claro ... ah me extraña horrible ela šega y se me pega
27	Doc:	y la madre qué dice?
28	L1:	nada ... ela deša que važa nomá
29	Doc:	ella descansa
30	L1:	claro fica tranquila ... a Paola é grande a Paola se fas as cosa
31		sai não teim que repará tanto ela como a piquena
32	Doc:	ah porque a Paola queda con ella
33	L1:	claro
34	Doc:	Paola que edad tiene?
35	L1:	catorse
36	Doc:	ah y la chica?
37	L1:	nove ( ) nove ašo que é ( )
38	Doc:	están en el liceo? Paola está en el liceo?
39	L1:	ta em segundo
40	Doc:	ah:: y le va bien? es estudiosa como la madre?
41	L1:	ah é estudiosa mesmo sabe que... que tá bien adiantada
42		não teim neim uma materia parese ...

Doc: sí
L1: uhn
Doc: a qué liceo va ?
L1: o tres
Doc: aha ... y la chiquita?
L1: tá na escola alí ( ) perto da casa dela ... uhn
Doc: o sea que los varones están con usted
L1: tão... o grande tá no liseu y u otro ta ( )
fasendu sexto de escola
Doc: claro ... hace mucho que se vino para aquí entonces? cuántos
años hace que está ... aquí en Rivera ... en la ciudad?
L1: em Rivera sim ... a guría tinha cuatro anos y tá com trinta e sinco
vai faser agora em diciembre
Doc: ah:: *((a* informante conta um roubo que ocorreu na casa onde
trabalha))
L1: eram as seis da tarde terminei de hacer... e ela se paró de conversa...
Doc: eso era cuando le robaron aquí?
L1: sim as tele... y ahí eu fui... dis pra ela me voy porque voy a mojar las
planta... y ela dise... temprano Clotilde...bueno... šeguei aquí eram as seis
da tarde tinham robado as cuatro da tarde robaram as televisão ...
Doc: y las dos tele?
L1: las DOS de color...
Doc: y ahí?
L1: fiquei ... loca de vergonha capás que digam que é a žente pero no...
me robaron nomás ...y ahí tibe que šamá... fui no serradero não taba
meu irmão... era sábado... agarrei y šamei daí da casa do lado šamei
a Marta que taba lá nos/ na pisina Oriental... ahí ela veio correndo
y Don Luís ( ) cum toda a milicada... bueno ahí empesaron a buscar
pero nunca más ašaron nada
Doc: nunca encontraron
L1: nunca nunca nunca... y agora a poco... poco não depós
diso... pero debe faser um ano y algo eles sairum as seis da
tarde mes de enero... forum na casa da irman dele y vierum as sete...
pra moiá as planta šegarum aquí havian romp/roto a porta do fundo dalí
du du sala de estar y a da cusinha...
Doc: aha
L1: y revolcarum tudo inté ( ) rua pero não levaram aquí ah:: levarum
seim pesos que ela tinha dešado pra eu pagá o gás pra mim pagá
Doc: ah::
L1: só
Doc: y entraron por dónde? por el fondo?
L1: claro rompieron la puerta... por el muro capás que fue
Doc: saltan el muro
L1: CLAro... no ve que... ah não eles buscam um eito sim
Doc: ellos si ven que no hay nadie controlan
L1: claro claro controlam sim as ves tenho um medo inté cuando
venho entrá di noite aquí qui eu venho di lá dos guri... ( )
mas agora tenho dešado esta lus prendida cuando eu venho
tá prendida ahí eu entro... bruto caserón dese né?
Doc: claro sí?
L1: y eu solita aquí dentro
Doc: y de noche así cuando se va nunca le pasó nada cuando va para
casa? perto de casa toda a šente semo conhecida y teim lus teim tudo
Doc: claro
L1: entonse não pasa nada
Doc: ah ellos vienen a buscar donde ellos saben que hay alguna

101		cosa...
102	L1:	mas claro que sim cosa poca não levam pra lá más que algum
103		animal u algo uma oveia iso sim pero demás no...( )
104	Doc:	es tranquilo allá el barrio entonces?
105	L1:	beim tranquilo ... por agora não?
106	Doc:	ta bien entonces...
107	L1:	porque com esas... com esas política empesa a vim... šeinte de
108		toda laia de lá...
109	Doc:	ah ¿sí?
110	L1:	otra volta que fiserum... a caravana de queim foi não sei si foi dos
111		blancos...
112	Doc:	aha
113	L1:	sabe que... nós taba na parada do bonde alí y uma visinha contó
114		cuarENta y sinco bonde
115	Doc:	ah::
116	L1:	fora os de a cabalo y os auto y moto que vinham
117	Doc:	aha
118	L1:	y não sei si veio más porque veio o bonde y nós se fumo... y ahí no
119		meio desas para faserem número eles trasem cualquer um...
120	Doc:	ah::
121	L1:	y entonse veim tudo que serve y o que não serve...
122	Doc:	para juntar gente
123	L1:	claro y queim gosta fica aquí ža depos que ve que é bom aquí
124		pra ... y é asim tão dando toda hora no radio... .
125	Doc:	robo y eso
126	L1:	claro

Entrevista No 26

Grupo B

INF.B 13

Entrevista realizada na cidade de Rivera.
Nome: ES
Sexo: feminino.
Idade: 35 anos.
Profissão: Do lar
NSE: C
Escolaridade: 2º grau incompleto

1	Doc:	¿qué cursos tenés... primaria?
2	L1:	¿terminé primaria y fui un año nomás a secundaria
3	Doc:	secundaria incompleta entonces... trabajás?
4	L1:	no no en labores nomás
5	Doc:	ta bien... labores... en tu casa en qué idioma hablás?
6	L1:	portuñol nomás
7	Doc:	en portuñol... entonces hablás en portuñol... con tu padre...
8		con tus hermanos ... todos falam portunhol?
9	L1:	sim portunhol
10	Doc:	qué es eso de portuñol ... cómo es el portuñol?
11	L1:	portuñol que... que hablamos es es todo entreberado asim ((risos))
12	Doc:	como fala com a Mabel?
13	L1:	como falo com a Mabel
14	Doc:	e no bairro com as pessoas?
15	L1:	tambéim tudo igual tudo a mesma cosa ((risos))

Doc: e os vizinhos contigo?
L1: tambéim tambéim tudo entrebera... tudo entreberado não sei ...o sea que no acostumo falar espanhol porque hay cosas que não não me sAi...
Doc: não te sai .. en español?
L1 claro falo nomás o portunhol inclusibe na escola liseu tinha problema por iso
Doc: ah é?
L1: claro
Doc: por quê ... que problemas tu tinhas?
L1: porque em idioma español mismo eu tinha ... baŠisimo porque ( ) confundia as letra e:: por não sabe fala né::? o espanhol direito ... nunca sempre desde piquinininho falemo asim y na escola é uma tri/ trabaio
Doc: claro
L1: não é?
Doc: e as "maestras"?
L1: y claro cum as maestra tambéim problema porque ... cum os companheiro a žente fala asim pero cum a maestra ža teim que empesá a falá espanhol y cosa y as ves num as ves/ pra escrevé y tudo sacaba mal ... não é?
Doc: tu falava em português portunhol?
L1: claro
Doc: porque não sabia como era em espanhol
L1: clAro
Doc: ah::
L1: biste que por esemplo silla... biste a žente... não sei porque dis cadera... né::? que eu neim sei si lá disem cadera
Doc: cadeira dizem
L1: bueno hay cosas que lá que lá não é como aquí a žente inbentó hay palabras que uno inbentó não é ?
Doc: claro misturou y saiu outra cosa
L1: y saiu otra cosa que as ves não é... muitas cosa são asim ... entonse es el problema biste?
Doc: esse foi o problema/
L1: claro pra mí tibe ese problema de não sabe:: este me espresá direito... no idioma .
Doc: y tu recebias alguma pressão forte por parte das maestras?
L1: das maestras as maestra sempre estão insinando que a žente tEim que falá este... o espanhol... né? inclusibe agora cum as criansas mesmo a maestra me dis que teim que falá espanhol com com meu filho... porque ( )
Doc: que idade tem?
L1: teim onse anos?
Doc: e ele fala em que língua contigo?
L1: ele fala cumigo ele fala... mesmo portunhol ese...
Doc: e na escola?
L1: na escola ... cum us companheiros se são/ se falam espanhol ele fala espanhol se são asim... que a maioria é asim como um né?
Doc: claro... sim ... a que escola ele vai?
L1: na nove
Doc: y aquí en tu casa ... aprendieron el portuñol con los padres?
L1: claro ((risos)) pero eu sempre eu sempre tibe que fasé forsa asim pa falá o espanhol... biste que... si tu vamo suponer agora tu veim falando espanhol cumigo eu falo pero hay cosa que... não é beim así o mesmo que as ves eles se rim meu que eu falo no teléfono que as ves te

75		falam em espanhol y eu empeso o espanhol mas ža sai o portunhol
76	Doc:	o portunhol
77	L1:	clAro ža sai porque é uma coisa não sei... y tudo semo asim
78		((risos)) empesemo muy beim espanhol y depos...
79	Doc:	qué lengua es para ti más cómoda?
80	L1:	o entreberado ... esa língua que inbentemo aquí ...
81	Doc:	y cuando salís a hacer compras... en qué lengua hablás?
82	L1:	a mesma cosa porque é más lá pro lado de lá de Santana ((risos))
83	Doc:	e na escola com a maestra do teu filho?
84	L1:	cuando eu vou falar cum a maestra ahí sim eu falo ... espanhol ..
85		biste?
86	Doc:	que língua achas mais bonita? espanhol ou português?
87	L1:	eu ašo linda as duas espanhol e portugués... bem falado é lindo
88		né?
89	Doc:	que língua acreditas que é mais útil conhecer?
90	L1:	eu ašo que tein que ser as duas né?... eu ašo... prinsipalmente
91		aquí né? que que uno usa um pouco tá lá um pouco tá aquí y escuta
92		muito programa de lá y tudo né? as duas né? sabé beim... porque
93		isto que nós falemo aquí não é... é um inbento não sei... ((risos)) ...
94		porque hay palabras mesmo que a žente fala pero as veses não é... pra
95		escrever não é ... ese el problema
96	Doc:	que programas de televisão olhas mais brasileiros ou uruguaios?
97	L1:	mais brasileiro
98	Doc:	que programas?
99	L1:	eu olho novela ... é ... agora to oiando a:: suave veneno
100	Doc:	ta boa? que aconteceu ontem ... na novela?
101	L1:	((risos)) que foi que aconteseu ontem? ah:: a Regina que foi presa...
102		que mais foi que pasó... a Regina foi presa por causa que taba
103		cum ... taba cum u motorista:: lá na cažе y no sé que y levarum ela
104		presa... por desacato a autoridade ((risos)) este::... y o... como é ...
105		o Renildo é né? Renildo que taba žogando em::: Argentina parese
106		que foi... ganho né? foi iso mais ou meno iso que aconteseu
107	Doc:	te gusta?
108		gosto gosto de oliá novela ((risos)) é que más nesa hora que eu
109		tenho tempo de olia e eu olio... é o programa que eu gosto né?... e de
110		tarde ... eu olio asim... de ves em cuando cuando me da tempo tambéin
111		..no canal argentino... que eu olio este... coisa de entrevista ambéim de
112		e::...da Lya... Lya... este... que es entrevista biste? de familias asim que
113		veim com problemas biste?... eu gosto
114	Doc:	te considerás una persona bilingüe?
115	L1:	como é... más ou menos ((risos)) um pouquinho de cada uma
116	Doc:	cuál de las dos crees que hablás mejor? el español o el portugués o
117		el portuñol?
118	L1:	el portunhol
119	Doc:	conocés alguna familia que impida el uso del portugués en la casa?
120	L1:	asim que tenha esa regla aquí nunca... não vi... não sei
121	Doc:	e a Mabel?
122	L1:	a Mabel não deiša as criansas falar em brasilero... a Mabel não
123		deiša agora me do conta ašo que a Mónica tampoco não deiša a ( )
124		em brasilero... e eu tenho uma amiga que não deiša que a gurisinha fale
124		... reta ela cuando ela tá falando...
126	Doc:	e ela fala?
127	L1:	cum a guriasinha ela fala ... este em espanhol pero claro entre nós
128		asim ... falemo e claro a criansa pega tudo
129	Doc:	claro tá aprendendo
130	L1:	sim por iso

Doc: considera correta essa atitude?
L1: SIM eu ašo que sim teim que sé asim

Entrevista No 27

Grupo C
INF. C13
Nome: IM
Idade: 65
Sexo: femenino
Profissão: cabelereira
Escolaridade: 1º grau completo
NSE: B

Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
L1: portunhol
Doc: e por quê chama de portunhol?
L1: porque tá entreverado misturado u brasilero cum uruguaio... eu por esemplo eu non consigo falá um espanhol perfeito y non consigo falá um portugués perfeito... então eu ašo que é o portunhol
Doc: e com quem aprendeu o dialeto esse portunhol?
L1: na sosiedade em que vivo porque é asim porque meu pai era brasilero e a mía mãe era uruguaia y:: a convivencia te fas.... pra mim a convivencia cum os otros te fas... ficá nesa manera que é não é uma cosa neim otra... mas eu trato de me expresar según cumu me me fale a pesoa eu trato de me expresá o espanhol o brasilero o melhor qui poso... mas sei qui non consigo beim direitinho
Doc: mas o seu pai falava em português ou no dialeto?
L1: portugués... portugués... não portunhol era porque tambéim foi criado aqui na frontera... eu ašo que es um problema da frontera tá
Doc: e ele nasceu onde aqui o em (...)
[
L1: ( ) mas foi criado por aquí
Doc: e que língua falava quando era pequena... portunhol também?
L1: só asim nomás
Doc: e a sua mãe que língua falava?
L1: ah o portunhol
Doc: já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não falam o dialeto?
L1: NÃOmh:: ora a pesar de que uma ves em Montevidéu não sei quem me ouviu conversá e me dise me me perguntou se eu era da frontera
Doc: e aí sentiu alguma (...)
[
L1: não não porque eu ašo que a pesoa vale por o que vale não por o que fala o por a manera que conversa... trato de comportá o milhor que poso mas não:: nese sintido não me sinto discriminada
Doc: mas não sentiu que outras a discriminassem
L1: não ah sim não... não porque eu me considero... que só por o que só tenho um poco de complexo de/por não ter podido fasé uma carrera por não té podido estudá mas não por iso me sinto menos porque hože em dia eu tó em milhor situação de que muitas que teim uma carrera... entendeste?... eu sube levá a mía casa adiante eu:: pude me agarrá num trabalho como tu viu seim seim preparasão nenhuma... nunca esperei por

dinhero de marido... eu ažudo muito meus neto esconómicamente que disé que eu me sinto uma pesoa que tenho sertos valores que muintas não... não conseguiram não é? y dentro da sosiedade sei que só apresiada de serto não só::: não tenho porque té::: problema nese sentido por não não podé conversá dereito...

Doc: ah mas fala as duas línguas né? fala o portunhol e fala...

L1: falo me faso entendé... segúm como me falarem é como eu respondo viste? ( ) porque onté taba numa reunião em Santana em um aniversário y tinha um matrimonio brasilero totalmente brasilero ele é um enženhero agrónomo y tinha a filha da cumpleanhera que... uma profesora daqui que tu teim que conhesé a P.

Doc: aha

L1: A . e taba um de cada lado y um me disia cum que tinha que conversá era como me expresaba como correspondia viste? y tanto que eles ašaron raro que eu não me atrapalhaba... mas muintas palabra não sei te disé viste?

Doc: claro de repente não sai

L1: inclusive continuava lá diseRRo eles disiam eu dis disé pero eu to disendo uma palabra mal mal

Doc: disé?

L1: diseR falaR... eu não completo a palabra no?

Doc: aha é mas isso é normal até no Brasil eles cortam o r final não é só do dialeto... onde aprendeu o espanhol?

L1: na escola... y lendo muito lendo muito

Doc: tem problemas pra se expressar somente em espanhol?

L1: NÃO não... nenhum problema

Doc: sabe falar o português?

L1: corretamente não

Doc: você se considera uma pessoa bilingüe?

L1: não porque não falo corretamente as duas...se falase corretamente posívelmente me considera-se pero não...

Doc: aša que não

L1: ašo que não ašo que não

Doc: qual das línguas você acha que fala melhor o espanhol o português ou o dialeto?

L1: espanhol espanhol

Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?

L1: como eu moro no lado uruguaio considero que uruguaio... e so uruguaia

Doc: que língua acha mais bonita?

L1: espanhol

Doc: com que língua você se identifica mais?

L1: o espanhol

Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em Livramento e o dialeto falado na fronteira?

L1: ah existem diferensas sim como não... é que o brasilero que é brasilero mesmo te fala beim dereitinho fala o normal y o daqui fala como eu

Doc: ve programas de televisão brasileiros?

L1: sim vežo vežo

Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou uruguaios?

L1: não uruguaios

Doc: o que você acha do contrabando aqui na frontera atualmente... a situação atual?

L1: a situasão atual u contrabando piqueno ese que a žente ta fasendo pra uma milhor alimentasão o pra ganhá algum peso eu ašo que é uma

žudiaria... agora us contrabando grande eses que fasem dinhero y eses que fasem iso sim eu ašo que ta mal eses é o que devem de correží...porque eu na cualidade eu morando aquí eu cruso pra Santana e vo comprá o que me serve então qué disé que ese que ta em Tacuarembó em nos otros lados de Montevidéu e de de du Uruguai aí diviam de té ese mesmo dereitinho viste? deviam de té o que comé o alguma coisinha com que fasé argum peso... eu não não porque não teim trabalho no é? não teim y quem teim filho pra manté que teim que pagá aluguél de casa que teim que pagá agua que teim que pagá lus y que teim que pagar tudo... si pode fasé um rebusque agora este que tá fasendo dinhero que fiserum mansãos y cosas asim iso sim ( ) inclusive eses empregado da Aduana... tu te deu conta de que fiserum?

Doc: sim sim tem um monte

L1: por coima... iso tudo foi coima então esa parte eu ašo que ta mal

Doc: o resto...

L1: o resto ašo que não éste que vai cum um saquinho alí comprá

Doc: que toda a vida a gente...

[

L1: que toda a vida sim inclusive žente que teim um bulišinho na beira da estrada que leva pra revendé as mercaderia brasilera uma žudiaria que não deižem

Doc: é... deveriam de fazer outras coisas antes de cortar

L1: TÁ... é o que eu penso mas não

Doc: é o que acha da integração aqui na fronteira?

L1: integrasão em que sintido?

Doc: a integração dos brasileiros e dos uruguaios

L1; ah eu ašo que é boa eu ašo que é boa

Doc: tem muitos brasileiros aqui?

L1: tenho tenho...y considero que son umas pesoa nor/igual que nós... nese sintido ašo que son igual pode sé que os demás do du du sentro du Brasil que tenham diferensas nosotro eu ašo que nós aqui é tudo a mesma coisa

Doc: se identifica com os brasileiros...

L1: SIM SIM não tenho nada... nada me integro cum eles beim incluso nus comersio inclusive nus comersio y na rúa a žente que eu cunheso como esa pesoa que cunhesi o otro dia ese matrimonio que adorei eles ah não...

Doc: a integração é boa aqui

L1: a minha é boa

Doc: e teim vantagens morar aqui na fronteira?

L1: teim... muita

Doc: quais seriam?

L1: žustamente o que taba te falando...quando tu presisa comprá uma coisa brasilera tu vai alí y compra si os brasilero presisam de vim comprá uma coisa aqui nu Uruguai compram y::: não esiste problema nese sentido eu ašo que teim vantažem sim muita vantažem

Doc: que língua fala mais em casa I... o espanhol ou o dialeto?

L1: co a minha familia? na atualidade eu ašo que cum:: espanhol pelos netos... pur por causa dos neto

Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos o netos?

L1: espanhol

Doc: e seus netos com você?

L1: espanhol porque žustamente falo espanhol cum eles porque eles foi cum quem naseram aprenderam falavam espanhol agora teim um neto de sete ano que te fala portugués correto correto correto

Doc: ah é? e ele é brasilero?

L1: eh:: não é uruguaio mas us pai trabalhavam lá du otro lado eles moravam lá ele escutava us pais falá por telefone e ele te fala erfeito ele

conversa cum a žente perfeito cum dialeto y tudo viste como é?
Doc: não é o dialeto daqui é o português de lá
L1: não não y u espanhol dele é perfeito também...mas eu ašo que é porque ele aprendeu de pequeninho e eu de pequena foi só o portunhol ese o entreberado... tá y este minino quando žá aprendeu a escutá u u portuguéis foi beim falado porque era lá nu Brasil morava lá... ele te pega o telefone e fala cum algum amigo brasilero mas perfeito... tu olha pra ele y não te parese que é ( ) uma criansa... mas desde piquininho ele foi escutando as duas cosa y o inglés dele que ele tá reseim aprendendo também teim uma fasilidade... y eu não eu cuando vim tratá de falá u espanhol o melhor que pude žá era grande
Doc: em que região de campanha era?
L1: sim a vinte quilometros daqui na::::... aí na parada Barón
Doc: aí todo mundo falava em dialeto?
L1: todo mundo falava todo ansim ese portunhol todo mundo
Doc: então... e com o seu esposo em que língua fala?
L1: ah espanhol
Doc: e os seus netos com ele?
L1: espanhol sim sim... nós tratamo de falá o espanhol por causa deles...
Doc: pra que não misturem
L1: pra que não misturem... además a žente habitua tu não sabe falá portugués cum uma criansa ( ) e ža te digo este mínino fala cum tras pesoa não cum nós em espanhol não nos sai nenhuma palabra portugués
Doc: e com a empregada?
L1: ah portunhol e falemo igual as duas
Doc: e com os parentes?
L1: espanhol porque quase todos meus parente son espanhol
Doc: com as suas irmãs assim?
L1: ah cuas irmãs elas tão mas pro espanhol sim mas atualmente moram em Montevidéu ela ža fiseram um hábito falando
Doc: las perderam o portunhol?
L1: não que perdese o portunhol mas o hábito...muintas veses nós sai o portunhol ( )
Doc: com os vizinhos?
L1: não espanhol meus visinhos espa... e as freguesa metade brasilera e metade espa/uruguaio
Doc: algumas freguesas...

L1: algumas sim teim muita freguesa brasilera mesmo
Doc: brasilera aí... falam bom...
L1: sim sim como como ela teža cunversando trato de me expresá
Doc: o que acha do dialeto falado aqui na fronteira?
L1: ah um poco desprolijo um poco deso
Doc: não gosta
L1: não nós diviamos de té uma coisa más hum::: más correta... mas iso eu ašo que é cuestión de hábito que a šente tinha que se corriží a um mesmo ...y como é coisa que vai pasando que tu tu não dá bola viste?
Doc: mas então acha que é bom é ruim ou mais ou menos?
L1: é bom porque tu entende as duas coisa y tu te expresa das duas coisa...eu ašo que é bom
Doc: defenderia o dialeto?
L1: defendo aqui na frontera defendo sim porque é necesário eu vo num comersio im Santana sei me expresá y sei escutá o que qui me disem y que eles veim aqui sabem também
Doc: *((a seguir a informante ao falar sobre as vantagens de morar na fronteira relata a história de uma senhora que veio de Montevidéu para morar em*

Rivera))

L1: ah esa sinhora vinha de Montevidéu acompanhá o esposo dela reséim casado não sei... ele vinha a ganhá seu dinhero aqui não é? crusavam pra u lado de lá pra comprá porque les resultava tanto que se mudaron aqui pra Rivera porque era tudo barato porque compraron želadera barata porque compraron tud montaron a casa barato y estando aquí na minha casa um dia ela relažó todos brasilero...

Doc: e ela era de Montevidéu?

L1: ela era de Montevidéu y que era horrible que a manera de falar y que eh:: muintas ( ) y eu ašei que ela era uma mala educada porque se ela tinha vindo se serví du da frontera aqui ela tinha vindo vivé milhor na frontera... alugaram pra lá cuma casa em plena Sarandí porque u salário dele daba pra iso que lá em Montevidéu não daba intão eu ašei que era uma pesõa mal educada y desagradesida... então porque que eu ašo bom tu morá aquí... porque žustamente eu tenho a mía casa as mías cosa que te di/iso que tu me perguntaste as cosa que eu tenho ma a metade é brasilero as vantažé que eu te tenho... y ža te digo não não faso desperdisio não faso na/mas eu vivo cómoda eu vivo beim eu tenho de tudo dentro da mía casa... mas porque vivo aquí na frontera se eu/ tenho uma irmã que mora em Montevidéu não consegue... A ta beim mas cada ve que ela veim é iso “mas como se vebe más barato aquí... como se vebe milhor... que boba que eu fui té ido me embora pra lá ” entendeste? intão eu ašo que teim vantažé aquí y eu quero muito u Brasil eu a pesar de que só uruguaia que moro deste lado mas eu quero muito u Brasil

Doc: mas nós aqui temos as duas patria né? eu me sinto...

L1: as duas patria por iso mesmo

Doc: eu acredito que o fronte/ o ser fronteiriço já é uma nacionalidade

L1: ža iso mesmo

Doc: porque nós somos as duas coisas... tem momentos que a gente puxa pra lá...outros...

L1: iso mesmo... cuando tu presisa de lá tu teim lá ... porque tu crusa a rúa y tu ta alí... que iso.. nu pra u sentro du Brasil no acreditam que é uma rúa que te separa... tu te das conta que tu crusá pra lá caminha meia cuadra tu averigua um um preso dum uma mercadoria lá y veim meia cuadra pra aquí tu vai comprá donde te conveim dóndi é que tu consegue iso?

Entrevista Nº 28

Grupo C

INF. C14

Nome: SC

Idade: 59

Sexo: masculino

Profissão: Delegado de educação

Escolaridade: 3º grau completo

NSE: B

Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?

L1: nós šamamos portunhol porque::: é uma mistura de::: portugués com espanhol... entonses šamamos portunhol

Doc: ay tá... tá bem e com quem aprendeu o dialeto?

L1: y aprendí... em casa com mía mãe porque eu fui criado na sona rural do departamento de Rivera... só cum cara porque meu pai

trabalhava fora ele:: era pu/da pulisia... y tinha sonas pra saí a trabalhar recorré e nós ficaba im casa com a:: a nosa mãe... com a mãe... ela falava só:: im portunhol e bom nós também... fuimo criado a falá em portunhol

Doc: e o espanhol? aprendeu o espanhol de pequeno ou aprendeu (...)

L1: então o espanhol eu vim cunhesé ele cuando entrei nu coléžio... que:: me truserom da sona da sona rural pra sidade y:::.. aí foi donde eu fui/ eu vim cunhesé o idioma espanhol não cunhesia pra nada

Doc: ay tá... e teve alguma dificuldade na escola?

L1: ah muita muita dificuldade... éh no primer ano que eu cursei na na nu coléžio aquí na sidade... eu não falaba com a profesora ni com os colegas... porque tinha::: não não sabia falá... tinha vergonha de de abrí a boca y me expresar enm::: portunhol intonse não falaba... pra nada

Doc: tinha vergonha por não falar...

L1: não... eu tinha vergonha de errá no? tinha vergonha de errá y não falaba mesmo

Doc: e aí as dificuldades foram no início assim...

[

L1: sim os primeros ano...despós nu coléžio por esemplo eu falaba poco no não era daqueles alumnos que... que se expresaban constantemente em forma:: oral... nas parte escrita sim me defendia beim pero na parte oral não falaba de/tinha medo sempre de dá uma errada não é? ((risos))

Doc: e já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam?

L1: não de parte das pesoas não porque eu šegaba du coléžio šegaba em casa que era na casa dos meus avó que eu moraba cum us avó y:: era todo portunhol im casa... y šegaba nu coléžio y era otra coisa no? entonses ma::s:::... não despóis não fui aprendendo fui fui fui... despós vendo que... dificultades não pe/mas...uma certa burla... da du dus colegas cuando fui fasé curso im Montevidéu

Doc: ah é... fez facu/magistério lá em Montevidéu?

L1: não eu fis... não u magistério fis aquí... mas cuando fui fasé us curso de posgrado... todo o mundo falaba beim u espanhol y se expresabam beim eu falaba o espanhol mas cum um asento... de frontera da frontera entonse iso šamaba atensão... mas eu não eu neim...

[

Doc: se sintia mal por isso?

L1: não não não seguía pra adentro/pra frente ((risos))

Doc: pra frente nomás... pois é... você se considera uma pessoa bilíngüe?

L1: não eu ašo que bilíngüe não purque pra sé bilíngüe eu tinha que cunhesé beim o conhesé o portugués beim não cunheso... não cunheso o portugués... por iso penso que bilingüe não

Doc: mas pode sé bilingüe no dialeto e no...

[

L1: ah sim no dialeto sim no dialeto não teim problema bilíngüe é dialeto sim

Doc: qual das línguas acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?

L1: eu penso que as duas no é? as duas línguas portugués y o espanhol purque::...eu como pasei dificultades em sim... ao meu meus filhos... eu fis eles estudarem portugués... eles eles estudaram us dois estudaram portugués...

Doc: ah é? onde eles estudaram?

L1: aquí em Livramento foi o:: ra/ o minino fes em Livramento na:: no Institiuto Livramento ele fes portugués...

Doc: português pra estrangeiros... curso de português?
L1: ele fes curso de portugués sim fes aí y y a mia filha na facultade lá que ela faz este:: comunicasão teve este um ano teve portugués
Doc: ah que bom
L1: sí y aprovó cum exselentes calificasões ((risos)) claro viste... eles sabim falá corretamente y sabim escrevé que eu não sei escrebé...
Doc: claro que tu não passou pela escrita né?
L1: não... não fis iso
Doc: tem vontade de aprender hoje de de...
[
L1: não hoje eu ašo que ža não...
Doc: não dá
L1: não não
Doc: qual das línguas acha que fala melhor o espanhol o português ou o dialeto?
L1: eu ašo qui... eu não sei porque o espanhol eu falo beim o espanhol não tenho errores de ortografia... y::: u:: dialeto... tambéim me defendo no?((risos)) as duas
Doc: e que língua acha mais bonita o espanhol ou o dialeto?
L1: ah eu gosto más do dialeto eu fui criado cum dialeto ((risos)) entonse ... gosto más né? muito más
Doc: e com qual das duas você se sente mais a vontade falando?
L1: ah cum dialeto cum dialeto gosto muito más
Doc: ele flui facilmente?
L1: fasilmente porque cum o espanhol eu teim que/ falo beim mas me cuido teim que cuidá no é? cuidar... sendo que eu tenho que dá um exsemplo... ma::s nos culéžios por esemplo...de sonas apartadas u sonas limítrofes cum cum Brasil... um šega y as criansas as veses não não falam não te intendem y te tão olhando... porque um falando espanhol eles não não intendem muito... entonse enseguida troco falo im portunhol cum eles y...
Doc: e eles?
L1: ca/cambiam totalmente no? cambiam totalmente totalmente
Doc: imagino
L1: qué disé/eu tenho uma cosa... por esemplo na no meu... meu trabaio que eu so inspetor de escola... tanto no trabaio na inspesão nas escola eu falo se teim que falá portunhol eu falo não tenho vergonha até cum as autoridade si tão cum... que as ves querendo saber alguma cosa o donde comprá isto pron insiguida troco vai vai o portunhol beim de beim ((risos))
Doc: isso... mas éh:: tem uma coisa S. eu soube que as autoridades daqui de educação reprimem o uso do portunhol ou reprimiam antes... atualmente como está a situação?
L1: sim sim... não eles seguem reprimindo porque eles... quiserum y tão fasendu um estudo pra::: pra incluir... não sei como se šama não pra::: que na na nos programa de estudo ha□a/tenha portugués u u portugués beim falado no é? este::
Doc: como segunda língua
L1: como segunda língua o espanhol u u que as criansas fasam a opsão por inglés ou por portugués... é o que eles tão querendo implantar agora viste? em em Montevidéu ža teim coléžios que::: que a segunda língua é o portugués em forma experimental
Doc: e agora... mas já está isso?
L1: não não não tá reglamentado ofisialisado ainda não
Doc: porque eu soube também de um projeto que queria fazer isso mesmo implantar o bilinguismo né?

L1: o bilinguismo sim portugués e espanhol aqui na frontera eu vi muitos profesores que fiseram prožetos pra::: implantá as duas línguas y não teve::: andamento não ficó

[

Doc: a política né?. ..

L1: da política não permitšiu ((risos))

Doc: tá bem... com que língua você se identifica mais com o dialeto ou com o espanhol?

L1: ah eu penso que:: eu me sinto más a vontade cum o dialeto no? cum u dialeto más a vontade ( )

Doc: e com as maestras fala em dialeto?

L1: ah com algumas sim com algumas que eu sei que que elas... q'habituam a falá eu falo com elas tranquil/muito beim y cum us colega na inspesão eu tenho colegas alí que são amigos que antes de de nós sé profesores nós ža era amigos y falaba em dialeto y cada ves que nos vemos siguimo falando dialeto

Doc: não têm problemas diante de outros inspetores... eles nunca falaram pra vocês nenhuma coisa assim contra?

L1: não não não de žeito nenhum não não... eu eu entrei na inspesão de escola por esemplo no ano oitenta e sinco... reséim tinha terminado o proseso::: militar o::: a ditadura militar... uma y todo mun/ todas as profesoras que taban us inspetores eram se cuidavam falavam todas finas todas na vestimenta na na na língua tudo tudo tudo... y eu taba acostumado a usá u ean não é? u mocasin u žean y siguí usando fui nu trabalho ansim primero me olhabam de sima pra baišo... y entre elas se cutucabam porque viste? y eu eu me daba conta y não deišei de usá ah não deišei de usá... siguí usando tranquilamente bue se acostumaron né?

Doc: claro sem dúvida... continua até hoje?

L1: continuo até hože de žeans ((risos)) y mais agora que eu uso este::: championes como é us:::...

Doc: tenis

L1: tenis também vó de tenis

Doc: e com o dialeto lá dentro?

L1: não teim problema falo também falo falo... y acontese que::: pesoas que não falam dialeto eu falando dialeto elas me contestam as veses...

Doc: ah é? que programas de teve ve mais? brasileiros ou uruguaios?

L1: indistintamente temo olhando us da Globo da SBT y programas aržentinos também temo cable o vidéo cabo...tv a cabo bom ao té ah::: na atualidade temo olhando aržentinos também programas que nós veim... continuando a ver no é? aržentino da SBT y da Globo

Doc: acredita que tem melhorado o espanhol aqui em relação... antigamente se falava mais o dialeto do que agora ou não?

L1: sim se falava muito más o dialeto...agora... se falava más... eu que re/que vó por distintos partes do departamento teim varias sonas de de povos tanto como do interior do departamento que siguen falando... falando beim fešado u:: dialeto...

Doc: Vichadero?

L1: sim Vichadero não tanto más otras sonas y y u gra/a grasa que eu ašo ambéim que departamentos du Uruguai ... que não não teim sona de frontera como Tacuarembó este::: parte de Salto...que tu aša lugares que falam só dialeto

Doc: ah é? isso atualmente

L1: é... atualmente... falam dialeto dialeto

Doc: e é parecido ao dialeto daqui ou tem alguma diferença?

L1: não é parisido cu daqui... penso que es más deformado más deformado que o noso

Doc: claro porque eles não têm...
[
L1: não o contato com o portugués... más deformado...de nos ver u::s alunos du coléio falando palabras que tu não/ que não é comum aquí... no nosso dialeto no é comum
Doc: e não sabem nem o que é?
L1: a veses não temo que perguntar pro profesor o que é tal cosa porque::
Doc: que interessante
L1: rarísimo no eu pensei sempre qui era que era em Artigas Rivera šuí...Cerro Largo toda esa sona mas não sonas du Uruguai que stão beim dentro du país falando portunhol
Doc: e aí seriam que... zonas rurais?
L1: sonas rural sonas rural... área rural
Doc: que língua fala mais o espanhol ou o dialeto?
L1: más más u espanhol por u tipo de pesoas com queim eu me relasiono no é? eu só:: supervisor du coléio por iso tenho que falá más u espanhol que o portunhol
Doc: que língua aprendeu primeiro?
L1: o portunhol
Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos?
L1: com meus filhos em espanhol
Doc: e seus filhos com você?
L1: em espanhol tambéim
Doc: com sua esposa?
L1: espanhol
Doc: seus filhos com sua esposa?
L1: espanhol sim... porque mía esposa não foi criada falando portunhol ela é de uma sona de Tacuarembó donde falabam só espanhol
Doc: e com outros parentes?
L1: ah im portunhol... incluso a:: ainda cum os parentes que moram im Montšidéu falemo/falamos em portunhol ((risos))
Doc: ah é?
L1: é ah sí ((risos)) beim de beim
Doc: e eles gostam?
L1: e eles comigo tambéin... gostam gostam muito
Doc: com os vizinhos?
L1: sigún us visinhos sigún é com algums em portunhol com otros em espanhol
Doc: tem de tudo
L1: teim de tudo sí
Doc: nas lojas em Santana?
L1: ah em portunhol
Doc: no seu trabalho com seus colegas?
L1: sim depende dus colegas falo eu falo só espanhol entonse os que veim de Montevidéu entonse falamos em espanhol cum eles
Doc: o que você acha do dialeto falado na fronteira?
L1: eu ašo bom...eu gosto sim é bom é bom
Doc: você acha que se deveria erradicar o dialeto?
L1: não... eu penso que u dialeto tinha que ser admitido não é? es desir tomar como uma tersera língua porque tanto tá a pesoa que fala espanhol que fala u portugués e o que fala o dialeto asept/aseitar como uma terseira língua... não tinha no hay porque::: eliminar este šamar atensão das pesoas que falam
Doc: discriminar
L1: discriminá não não qui esperansa
Doc: o que você acha do contrabando atualmente aqui na frontera? ta muito

bravo?

L1: ay u contrabando... ta tão reprendendo a represão é grande... mas ainda nosa sona de frontera sempre houve contrabando no é? sempre hove... eu antes moraba nua sona rural donde é beim no límite com Brasil eh:: y Uruguai perto de Bagé y sempre veia veia pasaba us contrabando mas agora que pasa que a represão foi muito grande por a sona esta nova sona franca de de importasão de coisas importadas do exterior que trasem pra cá y as ves fasm um negosiado muito grande entonses...aí tiveram que... porque u robo era muito grande ((risos))... mas u otro tipo de contrabando que sempre hove de Uruguai pro Brasil de Brasil pra Uruguai de de cosas este:: eletrodomésticos e iso iso não teim problema não teim que privar não é?

Doc: é mas atualmente tão...

[

L1: tão tão reprendendo sim tá em represão

Doc: e pra passar coisas assim... encomendas

L1: não não nós todas todas as semanas mandamos encomendas pros filhos qui tão em Montividéu... y uma caiša caiša grande de comestible y vai otras cosa que não son comestibles y não temos problema de mandar... porque eles consideram que iso não é pra revenda que é pra uso doméstico entonses não tiram nada

Doc: ainda bem se não os estudandes não iam estudar mais

L1: ah sim y comprar tudo im Montevidéu tá carísimo tá muito caro temo que mandar daqui sempre

Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros... a integração?

L1: penso que é boa a integrasão teim que habé integrasão porque como te digo nu meu caso que pai uruguaio y mãe brasilera y hay tantos casos na frontera que son mãe uruguaia y pai brasilero... o o uruguaios que tão morando im Livramento y brasileros que tão morando im Rivera teim que té uma integra teim que haber uma integrasão não é? é necesario

Doc: e é boa aqui a integração?

L1: sim teim boa integrasão sim sim

Doc: só no futebol né?

L1: não quando problema de futžibol cambi/troca tudo ((riso)) não teim frontera aberta não

Doc: e tem vantagens morar aqui?

L1: teim teim sim pro tipo de cambio da frontera no é? das compra que nós fisemo im Livramento que disé com noso::: soldo no como é que tu šama noso salário... aqui rende más u salário... na frontera rinde mais na frontera rinde mais na frontera... nós temos colegas que moram notros lugares du Uruguai que ganham o mesmo que nós y não teim o que nós podemo comprar y:: té no es? us ventažes que um teim que eles não teim por aí

Doc: voltando ao dialeto se fala que o uso do dialeto trazia problemas no processo de aprendizagem das crianças... atualmente continua?

L1: claro tras...bue/ falabam muito que teim que us as criansas este::: tinham dificultade na escritura por por falar u dialeto... mas eu ašo que não... não não a criansa que teim dificultade teim us que estudam inglés u que estudam fransés tambéim é otra língua que tão aprendendo mas eles quando vão escrevé im espanhol escrevem im espanhol no hay confusão de:: com inglés o com o fransés y o mesmo com o otro no? a cosa beim orientada/as criansa sabem discriminá šega um momento que eles sabeim discriminá o que o portunhol e o que é o espanhol... no inisio um poquinho em primer ano asim hay probleminha mas depós šá não

Doc: quer dizer que atualmente não é visto mais porque antigamente se falava

		muito desses problemas que repercutiam ...
	L1:	sim sim falaba y vinha šente de Montevidéu fasé conferensias y vinham ditá cursos y fasiam investigasão sobre...
	Doc:	e atualmente como é que ta? tem vindo gente...
	L1:	não não agora não
	Doc:	agora ta mais livre então.. ou seja que até pros maestro ta mais...
	L1:	ta ta mais libre...até pros profesores tambéim ta más libre
	Doc:	eles se sentem mais a vontade em falar o dialeto
	L1:	podim falá tudo y com as criansa mesmo que nós a nivel de inspetores tamo aconselhando... quando a criansa não fala que tu ve que não fala que a criansa:: é intelišente capas tro/fala u:: que eles falam važan falá u:: portunhol [
	Doc:	a língua materna deles
	L1:	a língua materna y y hay um cam/uma diferensa na criansa... sim se sente más a vontade y vai falando... porque aos pocos ele vai adquirindo u espanhol...claro não teim problema

Entrevista No 29

Grupo B

INF.B14

Nome: JS
Idade: 37
Sexo: masculino
Escolaridade: 2º grau completo
Profissão: Auxiliar contável
NSE: C

Doc: como tu chama o dialeto falado na fronteira?

L1: u::: dialectos que:: que se fala na frontera pra mí é a mistura du:: espanhol cum o portugués... só que não é beim o espanhol neim tampoco beim o portugués... asim de simple

Doc: mas tu chama da algum nome pra esse...

L1: portunhol

Doc: portunhol

L1: não por mim sinão por u que eu escuto falá escuto falá o que as otras pesoas disem

Doc: aha e já escutou outros nomes a não ser o chamado portunhol... as pessoas chamam de alguma forma diferente?

L1: sim...ehm:::: gaúšo ... brasilero este:: tu é de Rivera...seim saber que muitas veses a pesoa pode sé de Livramento entonses este é por aí

Doc: bem... com quem aprendeu o dialeto?

L1: na rúa...cum us amigos cum us visinhos com este:: cum pesoas que simplesmente forom:: falando y eu fui:: siguindo

Doc: e na tua casa... falavam?

L1: na mía casa sempre se faló o que siria o dialeto u::: portunhol

Doc: aha então quer dizer que a tua mãe falava contigo em dialeto?

L1: exatamente o meu pai ža era o que levaba a vos cantante no tema du: de que ali teria que sé falado espanhol

Doc: ah:: o teu pai não queria que falassem...

L1: mais ele falaba... ele não quiria que nós os filhos falase o portunhol mas ele falaba o portunhol y: este pra nós taba como que proibido... y eu ašo que como mais proibia mais a žente falaba... porque a nesesidade de se comunicar era muito más fásil este cum o dialeto

Doc: mas você já taba na escola nessa época... quando proibia?

L1: sim sim... não taba na escola... žustamente capás que uma das das rasões fose esa que como um estaba na escola nu Uruguai falando u espanhol como nós ia tá... falando portugués

Doc: claro e:: a tua mãe falava contigo em em dialeto... sempre falou?

L1: em dialeto... sempre sempre falo em dialeto... tanto é asim que era na:: dificuldade de ela falá espanhol ela imediatamente voltaba a falá o dialeto porque era a manera de nós entender

Doc: claro... e já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam?

L1: prinsipalmente das pesoas que:::... eh:: que::: elas supõem porque eu não elas supõem que teim um nível intelectual maior entonse elas disem que um que um tá falando não é o portuguéis y este mais só que eu:: perto dela eh:: com toda a intelectualidade desa desa pesoa que se dis ser superior eu me faso entender y ela não

Doc: claro... porque eles não aceitam o dialeto

L1: eles não aseitam o dialeto... mais son pocas esas pesoas mas se da em:: algum lugares espesíficos

Doc: aqui em Rivera se dá isso?

L1: e se dá eu tenho estado eh:: eu tenho estado em algumas ofisinas por exemplo que eu me comunico muito melhor cum u dialeto do que cum espanhol mais teim pesoas que simplesmente este::: falta só por um cartel na porta disendo que:: “aqui sólo se habla en español”...

Doc: ah::: não querem não aceitam

L1: não quereim neim... esatamente

Doc: mas tu acha que isso é agora... atualmente ou era mais antigamente e não era tão assim como é que tão as coisas?

L1: eu eu ašo eu ašo eu separo um pouco porque de oitenta e cinco pa atrás por esemplo eh::: nós tivemos aqui pra não disé sofremo um ré□ime militar muito forte entonses toda a cuestão patriotismo y entre eles u:: asunto du:: u asunto du:: du idioma eh u espanhol tinha que sé falado... beim si nos pegabam eu vo te dá um exemplo de segundo ano de secundaria que son oito anos né? seis de primária más dois de secundaria por esemplo uma ves a profesora de idioma espanhol me encontró falando im portugués y paso iso com otros colegas de de de::: aula este:: eu estaba falando portugués ela me mandó escreber seim veses “não debo falar em portugués” quando eu ašaba que não debo falar u dialeto porque nu caso seria u dialeto neim portugués eu taba falando entonses nós falabamos escondido nu horario du que nós šamábamos u recreio que é u horario entre uma aula y a otra nós tinha sinco minutos pra conversá... entonse ningueim ningueim conversaba im:: espanhol

Doc: nu recreio

L1: nu recreio nu nu ningueim

Doc: [ningueim falava... todo mundo falava em dialeto

L1: ah não...eles falava u dialeto... qui era uma maneira muito simple muito fásil de a žente se entendé y não tinha rodeio não fasia nenhum esforso em pensar o que tu taba falando

Doc: claro e atualmente como...

L1: atualmente iso existe ma::s o que eu tenho notado se beim eu não tenho uma vida:: sosial muito... que que važa a eh como é que vo te disé...tenho comunicasão com a žente sim mas foi na época este:: eleitoral com a política a žente mas a žente ta atrás de um voto y não ta atrás ( ) mas o que eu noto agora é que u a ... na minha idade a diferensia entre quando eu estive nu coléžio com:: a žente que tá nu coléžio us rapases y mosas que tão nu coléžio agora eles utilisam muito ža ni o dialeto ža son žirias o que nós šamamos aqui de žirias y não é neim u dialeto qué disé que pra mim ainda té uma piquena deformasão no dialecto não falam espanhol não falam portugués não falam u dialecto y utilisam žirias que é uma maneira de eles se comunicarem sem argum por esemplo... que teim ums anos este pra sima entender o que eles falam

Doc: mas essas gírias são daqui da fronteira ou são gírias que provêem do português... que escutam na teve por exemplo?

L1: esatamente y não son žírias inventadas por eles son žírias que eles escutam por esemplo na:: na teve prinsipalmente que é um meio de comunicasão muito forte que entra muito direto neles né? exemplo “Maurisinho” y asim vai né?

Doc: claro claro e na escola teve alguma dificuldade quando entrou na escola pra aprender o espanhol ? teve alguma dificuldade nos primeiros anos?

L1: não não tive eu u que::: este eu separava eu separava este seim muito sforso y seim me dar conta eu este:: falava u espanhol na escola porque sabia que tinha que falá na escola u espanhol mas imediatamente eu saia da escola eu voltava ao dialecto era como se fose uma pesoa cuando taba na escola enquanto ao idioma se refere y otra quando saia da escola

100 como que había uma presão subžasentes este:::que que fasia com
101 que um tivese cuidado tinha que falá u espanhol bom ( )
102 Doc: e a maestra reprimia... o uso do português?
103 L1: antes sim antes sim era um::a coisa este:: como te contei como acontesia
105 nu li/em secundaria também y em primaria este era uma coisa que u
106 portugués numa escola... este não... en/eu asimilaba muito iso a bandeira
107 uruguaia u que a::: a a maestra ... este nos disia que nós tinha que falá u
108 espanhol y que pobre de nós que nós falase u:: u portuguéis elas nos
109 falavam nos disiam não falem u dialeto que não falasem u portuguéis
110 entonses asosiaba a bandeira uruguaia a iscola a túnica a
111 maio/uniforme todo ia falando nu nu dialeto o u portugués que elas
112 disiam entón no...
[
113 Doc: tu não associava o dialeto com os símbolos
114 L1: exatamente exatamente
115 Doc: são bastante fortes
116 L1: son bastante fortes y::: eu ašo qui::que iso se:: é muito arraigado nas
117 pesoas que que se a pesoa leva...
[
118 Doc: nu Uruguai
119 L1: nu Uruguai a leva muito adentro... eles u uruguaio é tão ansim que ele
120 é... nu: numa partida de fútibol ele pode grita no dialecto... mais ele é
121 uruGUAIO... eu fui fas beim poquinho oiá um jogo Brasil y Uruguai y foi
122 muita šente de Rivera por esemplo entonse a žente de Rivera falaba u
123 dialeto... em Montevideu... entonse a žente nós gritaba pru Uruguai y as
124 pesoas de Montevidéu pensabam que nós era brasilero... não entendiam
125 brasilero inšando por um:: torsendo pru um uruguaio entonse não
126 entendiam eles “não nós semo de Rivera... frontera cum Brasil teim uma
127 rivalidade muito grande” entonse pra aqueles brasileros que tabam perto
128 noso escuta/ y nós fasia eles entender eles y foi žustamente cuando u u
129 Brasil tomó um gol y um irmão meu pergunto “Deus é brasilero” se é
130 brasilero tomarom gol ((risos))
131 Doc: incrível né? beim tu te considera uma pessoa bilíngüe?
132 L1: não porque eu não tenho beim qual é u:: conseito este por esemplo du
133 que se eu to falando ( ) / primer lugar eh:: conseptualmente este
134 bilingue pra mim seria falar perfeitamente beim um idioma y outro
135’ seriam dois y eu ašo que eu não falo beim... este perfeito u u espanhol
136 um u portuguéis entonses eu não me considero bilingüe... eu ašo qui eu
137 me faso entendé que iso é importante mas do que sé bilingüe
138 Doc: hay tá... qual das línguas acha que fala melhor?
139 L1: eu ašo que u dialecto porque é muito más natural...pur por a rasão
140 anterior que era este que ums se fasen entendé melhor também este y
141 porque quando eu falo espanhol eu tenho que fasé todo um proseso este
142 interior de:: será que o que eu to disendo ta serto não ta este mas tudo
143 iso em fracson de segundos antes de eu disé
144 Doc: pensa mais em espanhol
145 L1: penso exatamente
146 Doc: y agora tu ta pensando?
147 L1: to
148 Doc: falando... quando tu fala u dialeto tu não pensa tanto não te preocupa
149 L1: ah não agora não exatamente não não me preocupo y não me preocupo
150 pur mais que a palabra que eu esté:::disendo seža lá u maior disparate até
151 nu mesmo dialeto mas eu sei que si a otra pe/porque eu to mais
152 acostumado a falá cum pessoas que falam também u dialeto ... porque eu
153 moro num bairro moro este:::
154 Doc: tu mora em Pueblo Nuevo?

155 L1: não eu moro num bairro que se šama Inchausti mas que é um:: uma uma
156 fotocópia du Povo Novo este mas eu me criei vinte anos eu morei no no
157 Novo Novo y eu tenho ta
158 Doc: e me diz uma coisa... tu tem falado com outras pessoas de outros bairros
159 por exemplo do Rivera Chico?...
160 L1: sim
161 Doc: é diferente o dialeto... tu acha diferente?
162 L1: não digo que seža diferente o dialecto eu digo que nu Rivera šico se fala
163 más hay más žente falando espanhol que dialeto... ža por esemplo nu
164 Povo Novo tu encontras este pesoas que falam más u dialeto que este:: u
154 espanhol
166 Doc: mas tu não acha diferenças assim palavras que sejam diferentes?
167 L1: não
168 Doc: não acha... acha que é a mesma coisa?
169 L1: é a meisma coisa eles este eu me entendo perfeitamente ( ) não diferensa
170 tão grande ansim no podrá haber deTAlhes piquenos detalhes
171 Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-
172 brasileira... português espanhol ou o dialeto?
173 L1: bom...este partindo da premisa porque si não vo entrá em contradisão
174 partindo da premisa que eu me sinto melhor falando u:: dialeto... que eu
175 tenho como língua este::: minha pela nasionalidade u espanhol eu ašo
176 que eu deveria profundisá y aprendé a falá melhor o portuguéis pero o
177 portugués mesmo... ta quando digo mesmo o portugués mesmo porque eu
178 ašo que o portugués que falam em Santana do Livramento não é
179 portugués é tambéim uma mistura e só o que eu ašo tambéim EU este em
180 primera pesoa no? este eu ašo que u noso dialecto aquí du du de Rivera
181 da da frontera pra u para u Uruguai é muito más rico du... eu eu ašo...
[
182 Doc: tu acha aqui disculpa que o dialeto da fronteira é mais rico que o
183 português falado na...
[
184 L1: não o dialeto eh:: se nós fosemos marcar um linha
185 imažinaria divisória que seria a propia frontera... u dialeto que se fala nu
186 Uruguai é mais rico que u dialeto se fala nu Brasil... porque nós temu
187 muito mais este:: palabras términos este::: que sei eu muito más medios
188 de saí adiante porque porque como nós sabemos espanhol y sabemo
189 muita cosa de portuguéis eu ašo que us portugués sabem muito
190 portuguésmas poco espanhol
Doc: ou seja que a própria mistura das duas línguas enriquece e o lexico é
191 maior...
192 L1: deste lado aqui exatamente
193 Doc: eh::: que língua acha mais bonita o espanhol o
194 português ou o dialeto?
195 L1: eu ašo asim não por uma cuestão de de estética porque u brasilero eu
196 poiso por este comentário sempre de fora que um a žente este re/se
197 interesa não só sabé da sidade de otras partes ma sinão como fala como
198 son como é que vebe a pesoa... eu ašo que u portugués beim falado ele é
199 muito lindo inclusive de::: de ouvir das pesoas... u espanhol tambéim y
200 prinsipalmente eu:: este tomo como referensia iso este... a música... a
201 música brasileira este cantada não importa que sea du Nordeste não
202 importa que sea gaúša não importa que sea carioca mais a música
203 cantada ža nos seus diferentes este:: lugares com as suas diferentes
204 asentuasões este que sei eu... é uma cuestão de:::
205 Doc: regionais
206 L1: regionais no importa ela é::: é tão lindo tão eica como a que se hay
207 cansão muito lindas aqui de Rivera como teim de Tacuarembó como teim

de Montevidéu y por ejemplo de:: Treinta y Tres como é os Olimareños que els teim orižem de Treinta y Tres tambéim... entonses eu vo muito este si ela é beim falada pronto eu eu ašo elas linda ašo bunita

Doc: acha linda qualquer

L1: qualquer... qualque uma

Doc: qualquer uma bem falada

L1: beim falada... nu dialeto não ašo linda mas si intende milhor

Doc: não acha linda por quê pela mistura?

L1: pela mistura sim y que muitas veses soa más mal aos aos ouvidos

Doc: mas soa mal porque tu compara com outras com as outras duas a mistura né?

L1: exatamente se eu não tivese este como comparar eu não pudia disé que uma era mais que a otra

Doc: ta bem.... e qual acha mais “cómoda”?

L1: ah u espanhol

Doc: da do:: o dialeto?

L1: ah no u dialeto primero tá neste ordem dialeto espanhol y portugués

Doc: e português tu acha que fala bem... tu tenta falar u português?

L1: eu tento que faso um esforso tremendo porque eu quero falá u portugués u u este:: na sua máxima extensão cumu u disionario Aurelio este y eu não vo conseguir y entonses este eu ža fica mais lenta a minha velosidade de de diser as as palabras este y::: é totalmente diferente ao espanhol... du espanhol eu dise há ums minutos atrás que se beim eu tinha que pensá ele eu não tenho tantos problemas mas só tento pensá um poquinho u portuguéis ža eu eu não sei se o que to disendo tá serto

Doc: mas no dialeto é diferente

L1: nu dialeto eu me sinto... como em casa

Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência? brasileiros ou uruguaios?

L1: bom... este eu vežo mais este programas este brasileros só que agora eu to:: um poquinho emparelhando eles cum... primero u::: eu via antes cum uma cuestão de::: era bunito olhá us programas brasilero é muito tinha muito né?... entretenimiento... eh:: este y u žornal brasilero pero agora us žornal uruguaio eles teim levantado muito u nivel u nível entons entonses eu tenho agora pasado a olhar muito us uruguaios y tenho visto que eles im muita coisa as ves ža não tão tão lonže du:: por esemplo em materia žornalística du brasilero mas tambéim veim aí otra coisa que ta eu ašo que tá influindo tambéim poquinho mais eles tão se que é por exemplo... a CNN através da teve a cabo ela ta entrando... y a CNN fala us us este us:::... us periodistas da da teve eles falam u:: espanhol cum sotaque americano y aí tambéim de a poquinho a žente vai pegando algumas coisinhas que não tão no esquema né?

Doc: quer dizer que agora estão olhando mais os canais urugua/em espanhol?

L1: us uruguaio sim porque eu ašaba eu ašaba que por uma cuestão de cultura como é que eu sei o que ta pasando eh::: na Bahia y eu não sei o que ta pasando a sem quilometros aquí no meu país entonse esa é a propia este::: y querendo impor uma disiplina de ordem mas que teim conhesimento de žeral este do que ta pasando nu mundo porque antes por esemplo: hay personas en Rivera que sabiam quem era que sabem quem é o presidente e os ministros du Brasil y não sabim queim son do Uruguai y eles vebem no Uruguai ... entende... eles falabam muito antes nu Fernando Collor de Melo y nu PC Farías y não falabam não sabiam quem era o vise presidente du Uruguai pra mí iso é um...

Doc: e agora como ta?

L1: não não eu ašo que é asim...porque...

[

Doc: a teve a cabo ajudou muito então?

L1: a teve a cabo ažudo muito mais tambéim hay otros factores y um dos actores por esemplo é a dificuldade de vida a crise que nós estamos atravesando y que inclusive pra žingá o cara nós temo que se lembra do nome do cara

Doc: o que tu pode me falar sobre a integração aqui da fronteira?

L1: eh::: eu ašo que deša muito a desežar nós podia se integrá realmente... mais está faltando muita cosa y eu ašo que ta faltando muito nu aspecto mais que otra cosa é pulítico porque si si se solusionara u problema pulítico como resultado nós vamo ter eh nós vamo solusioná u problema cultural tambéim... porque... porque si as cabesas que tão a frente dus Ministerios por esemplo de Educasão y Cultural nu Brasil y du Uruguai ašam que debe haber realmente uma integrasão ela vai existí... de hecho y de derecho tá? mas mentras esté::: eh eles pasem iso para um sigundo plano este::: y nós este::: na teoria y na dialéctica nós teža integrado/nos estéžamos integrado iso não existe realmente... sabe por quê? eu te do um esemplo beim fásil... eu... deišo trabalhar aqui e vo queré trabalhá nu Brasil eu não trabalho nu Brasil... eu vo estudá nu Brasil eu tenho ivalidá tudo y eu sei qui uma desa o meu maior problema a pesar de que eu debo estar falando contigo agora nese dialecto eu vo perdé o examem de portugués... to siguro diso... entonses esa integrasão teim varios pontos... eu te sitei algums são são muitos y é um tema muito profundo tambéim entende?... entonses eu ašo que falta muito y iso não vai acontesé de um dia pro otro

Doc: e atualmente tem esse tema do contrabando que também ta custando muito né?

L1: tambéim tambéim eu:: te sito uma frase du ex Ministro de du Interior que é o de que teim que ve cum a pulisia né? ex diputado ex senador y atual Vise Presidente da República Oriental du Uruguai šamado... um avogado LHG... que disé que::: u:: portugués tinha que sé eliminado da frontera... iso ele dise iso ta escrito y está gravado

Doc: m relação à forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros... com qual delas tu te idenfica mais? em relação a à fronteira aqui te sente fronteiriço?

L1: tu sabes que a:: acontese isto aqui que a nosa dependensia prinsipalmente us que vebem vamo vamo botá num radio de des quilometros na redonda porque depóis eu não sei... ža o que acontese... nós temo uma dependensia...cuaše que total du du Brasil nós sabemos nu Uruguai é pagá imposto ta? mandá us gurí na escOla nós temos a nosas coisas ( ) tudo beim saúde este y tá... ponto mas nós temos a dependensia total du Brasil tanto é ansim que a dependensia šega a sé nu caso do que nos temo falando cultural é que... u cara o::: prinsipalmente du sexo feminino não olha novela ele ta desactualisado ( ) ele teim que ta sabendo da novela... entendeste? entonses eu ašo que:: u este... no subžetivo ašo que u Uruguai ta mais integrado ao Brasil porque este žustamente nós falamos iso de que é uma potensia y de que us meios masivos de comunicasão du Brasil eles entram aqui pru Uruguai por u Uruguai é muito poco qui u brasilero sabe...

Doc: ta bem... e pra ti o que significa ser “fronteiriço”?

L1: bom ser fronteiriso pur uma cuestão de de da palabra mesmo ta relasionado cum a fronteira mais pra mim este::: a mim a fronteira une é uma porta que une y não uma porta que separa só que ela ta sendo muito mal explotada neste momento... eu ašo que cada um ta querendo fasé a y não tão fasendo nada pra que a žente sea auténtico fronteriso

Entrevista No 30
Grupo B
INF. B15
Nome: WDM
Idade: 48 anos
Sexo: masculino
Profissão: médico
Escolaridade: 3º grau completo
NSE: B

Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
L1: brasilero... aqui u nome é brasilero eu falo brasilero
Doc: com quem aprendeu o dialeto?
L1: na rúa na escola nu liseo u liseo pra nós é u::: a secundaria no? y na rúa nu liseo y no clube
Doc: os seus pais não falavam?
L1: não falabam... não falabam qué disé não falabam com nós... conmigo em particular não falabam mas falabam cum otras pesoas sí
Doc: entre eles falavam?
L1: entre eles falabam espanhol... cum otras pesoas podiam falá::: u brasilero te problema mas com nós no com nós era::: em espanhol
Doc: e eles permitiam que vocês falassem u:: dialeto?
L1: sim... não sensurabam não sensurabam
Doc: já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam?
L1: sim sim ah::... sensura sensura inclusive até de colegas ao tá falando esta língua... de profesores nu liseo sentia sensura eh discriminasão cuando taba im Montšividéu porque falaba um::: nesa língua porque::: era como perder a nasionalidade y::: sim y sintia a discriminasão
Doc: e se sentia muito mal nessa época o:::: como se sentia?
L1: não beim pelo contrário bos sab é uma cosa sempre fis forsa pra pra falá asim
Doc: continua a falar
L1: sim sim porque é a minha língua minha língua mãe é
Doc: onde aprendeu o espanhol?
L1: coléžio nu Uruguai cums pais
Doc: teve alguma dificuldade na escola quando estava aprendendo o espanhol por falar o dialeto?
L1: eu ašo que não eu ašo que não... poso disé uma mentira mas ( ) por falá iso y teim dificuldade eu ašo que não tinha
Doc: tem problemas para se expressar somente em espanhol?
L1: ah no no no tenho u sutaque diferente que tudo mundo sabe que eu so daqui mas
Doc: sabe falar o português?
L1: bastante
Doc: onde o aprendeu?
L1: na rua y melhorando portunhol comparando as duas línguas y aí vai melhorando só pero curso nenhum
Doc: você se considera uma pessoa bilíngüe?
L1: sim sim
Doc: em que línguas?
L1: portugués espanhol y portunhol ((risos)) trilingüe
Doc: qual das línguas você acha que fala melhor o espanhol o português ou o dialeto?
L1: melhor... espanhol y o portunhol

Doc: e qual acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-brasileira?
L1: útil? uma só?
Doc: qual delas acha mais útil?
L1: ah todas todas porque son muito útil todas... ah sim
Doc: qual acha mais bonita?
L1: portunhol
Doc: o portunhol por quê?
L1: porque se identifica conmigo no? hay um/existe uma identificasão conmigo com esa língua... a minha infansia a minha adolesensia u u a escola u liseo tudo tudo iso pur iso
Doc: sempre cum us amigos na turma de amigos sempre falavam
L1: sempre sempre sí sí
Doc: e atualmente também?
L1: sí sí sí
Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou uruguaios?
L1: no en žeral só a Globo en žeral é a Globo vira vira pasa como é? o sapping vira vira e termina na Globo... pero é de boa qualidade y im comparasão com o resto da televisão
Doc: que programas de rádio escuta com mais freqüência?
L1: agora aqui no onde to não se escuta mais rádio mas en toda a mia infansia e adolesensia escutaba Rádio Guaiba de Porto Alegre
Doc: ah se escutava?
L1: sim y em Motšividéu tambéim onda curta quarenta y nove metro eu pasei toda a mia carrera escutando a Guaiba
Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros na fronteira... a integração como é que é?
L1: de que ponto de vista?
Doc: do ponto de vista da integração... tem relações com brasileiros?
L1: sim sim eu sempre ( ) sim sim existe iso uma relasão bastante... de tudo no é?
Doc: e em relação à língua os brasileiros falam em espanhol com os uruguaios?
L1: não... difisil agora aquele aquele eh::: entre aspas menos ignorante ese tenta falá u otro medio ese não que falá porque aša que é uma de gradasão falá otra língua o falá a mistura... pero éh::: baišo
Doc: então acha que é uma questão cultural então que não falem?
L1: ah sim ...sim ( ) y otra é a penetrasão porque que nos falamos portugués y eles não falam porque nós fomos conquistados pelos brasileros a potensia brasilera foi aqui eles forom donos du do:: da metade do norte du Uruguai foi brasilera us patrão falabam brasilero y us empregado tinham que falá a língua dus patrão...daí é que ficó
Doc: claro é histórico né? bem e o que acha do contrabando hoje na fronteira?
L1: sim sim sempre foi igual... enquanto a limitá?
Doc: e as medidas novas do Presidente
L1: teim que limitá é u:: grande contrabando piqueno não da pra limitá não da y não deve u grande sim
Doc: e a situacão hoje como ta aqui em Rivera por isso?
L1: mas não é pur contrabando que muda a coisa e pela crise económica žeral na Aržentina nu Brasil nu Uruguai e iso que ta dificultando ma não é pelos piqueno contrabando... é pela crise
Doc: mas as medidas novas tem prejudicado aqui o comercio uruguaio aqui de Rivera?
L1: não não muda niso não vai niso... não vai im:::...pegá u piqueno contrabando ese comum corrente que esite aqui não muda nada... aqui o

problema é da crise económica qui é aqui y do lado de lá... é ese o problema não é o problema do contrabando... a não ser o grande contrabando... contrabando de gado contrabando de de ropa contrabando de desas cosas así no

Doc: bem o que acha que significa ser fronteiriço? tem vantagens morar aqui?

L1: sim sim super... culturais... económicas... mh:::... sí y eu ašo que é são esas no? económicas e culturais

Doc: bem agora para acabar eu vou fazer umas perguntinhas em relação à língua que fala mais então que língua fala mais?

L1: nu trabalho de espanhol pelo trabalho espanhol

Doc: que língua aprendeu primeiro?

L1: espanhol

Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos?

L1: espanhol

Doc: seus filhos com você?

L1: espanhol

Doc: com a sua esposa

L1: espanhol

Doc: sua esposa com você

L1: espanhol

Doc: com outros parentes

L1: a é variado depende depende do parente

Doc: com os vizinhos?

L1: mh:: tambéim ta dependendo de queim seža

Doc: aqui no prédio tem vizinhos que falam?

L1: falam falam... aqui nu prédio... eu falo cum por cum como é que šamam portero pra nós é o:::

Doc: zelador

L1: selador ehm::: y queim más sim eu ašo que no hay más

Doc: é porque há poucas/ antigamente me falava o seu irmão que as pessoas daqui du bairro que vocês moravam...

L1: desa sona?

Doc: é dessa zona falavam mais o dialeto mas atualmente já não se encontra né?

L1: sim ele... esa é a teoria dele ele fala que ta... ta saindo pra fora vivendo na maržem na periferia... sim é beim posível

Doc: e nas lojas com os empregados?

L1: sempre comeso em espanhol si é uruguaio comeso em espanhol depós vo

Doc: e do lado brasilero?

L1: portugués portugués

Doc: com os colegas de trabalho?

L1: com pocos em:: portunhol u resto em espanhol

Doc: mas tem alums médicos que falam em portunhol

L1: sim sim hay/teim algums com queim eu não poso falar em espanhol a pesar de que tamos tratando um tema médico y que muitas veses eu não domino u:: us termos médicos do portuguéis no entanto falamos a mistura... son tres o cuatro médicos son

Doc: mas são riverenses?

L1: sim son son daqui

Doc: o que acha do dialeto falado na fronteira?

L1: bom bom... iso neim não não da pa disé que é bom o ruim é é ele esiste ele é y portanto não é bom neim é ruim no é nada ele é

Doc: mas é que tem pessoas que falam mas não aceitam não é? e como se sente falando com pessoas que não o falam?

L1: se a pesoa não fala eu não falo... se ela não fala u dialeto eu não falo

Doc: tá bem

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo